



CONVERSAS COM DEUS 3

A Verdadeira Cosmologia do Universo

-Livro 3-



Digitalizado, Corrigido e Adaptado
por

Gullan Grey

www.gullangreyl.pt

1ª Edição, 1998

27-03-2015

SINTESE

A CONVERSA CONTINUA...

Quero falar-te de Quem Realmente Sou, em vez do que dizem que Eu sou nas vossas mitologias. Quero descrever-te o Meu Ser de forma a que prontamente substituas a mitologia pela cosmologia. Dar-te a conhecer a vida, como funciona, e porque funciona assim.

(...)

Quando se sabe essas coisas, pode-se decidir o que se quer rejeitar daquilo que a vossa raça criou. Porque esta terceira parte da nossa conversa, este terceiro livro, é sobre a construção de um novo mundo, a criação de uma nova realidade.

Vivem há demasiado tempo, Meus filhos, numa prisão que vocês próprios criaram. É tempo de se libertarem.

Neale Donald Walsch

CONVERSAS COM DEUS

Um Diálogo Invulgar

A VERDADEIRA COSMOLOGIA DO UNIVERSO

NEALE DONALD WALSCH

Para

SAMANTHA

NANCY FLEMING WALSH

Melhor amiga, querida companheira,
Amante apaixonada e mulher maravilhosa,
que me deu e ensinou mais
do que qualquer outro ser humano
sobre a Terra.

Contigo fui abençoado
para além do meu sonho mais grandioso.
Fizeste com que a minha alma voltasse a cantar.

Mostraste-me o amor
sob a forma de milagre.

E restituíste-me
a mim próprio.

A ti dedico humildemente este livro,
minha grande mestra.

Índice

AGRADECIMENTOS	1
INTRODUÇÃO	3
CAPÍTULO 1	5
APRESENTAÇÃO	5
A VERDADE É O QUE É	7
MEDO E CULPA, AMOR E CONSCIENCIALIZAÇÃO	9
DICOTOMIA DIVINA	13
PARADIGMA SER-FAZER-TER	19
VOCÊS NÃO PODEM “FAZER MAL” A VÓS PRÓPRIOS	26
DIFERENTES NÍVEIS DE DECISÃO	27
AS CINCO EMOÇÕES NATURAIS	31
PAIS JOVENS E DISTORÇÃO DA ENERGIA SEXUAL	35
INEFICÁCIA SOCIAL	43
CAPÍTULO 2	47
LIBERTA O PRISIONEIRO EM TI	47
O MITO DO DIABO E DO DEUS CIUMENTO	48
O PROPÓSITO DA ALMA	57
EU SOU O QUE EU SOU	59
O CRIADOR EM NÓS E A RAZÃO SECRETA DA VIDA FÍSICA	61
MISTURAR O SAGRADO COM O SACRÍLEGO	65
CAPÍTULO 3	69
MORTE, TEMPO, ESPAÇO E PERSPETIVA	69
CAPÍTULO 4	81
AINDA, A VIDA DEPOIS DA MORTE	81
DESEJO E CRENÇA, CRENÇA OU CONSCIENCIALIZAÇÃO	93
NADA TEM IMPORTÂNCIA EXCETO A IMPORTÂNCIA QUE SE LHE DÁ	97
CAPÍTULO 5	105
RECRIAR O EU INDIVIDUAL	105
O ETERNO PROCESSO	112
CAPÍTULO 6	119
TODOS OS DESPECHOS JÁ EXISTEM	119
A DÚVIDA E O PODER PSÍQUICO	124
EXPERIENCIAR O PARADOXO	131
CAPÍTULO 7	141
REENCARNAÇÃO	141

CAPÍTULO 8.....	155
A VIDA É ETERNA	155
O SUICÍDIO	160
A SEXUALIDADE	168
CAPÍTULO 9.....	175
A VUDA NÃO É UMA ESCOLA	175
CAPÍTULO 10.....	185
EXPRESSA O QUE SENTES	185
CAPÍTULO 11.....	187
A ALMA E A AMNÉSIA CÓSMICA	187
DUAS VERDADES APARENTEMENTE CONTRADITÓRIAS.....	194
CAPÍTULO 12.....	201
EU SOU VÓS E VÓS SOIS EU	201
NEGAR TRÊS VEZES, CRIA-SE O QUE SE DECLARA	205
PROCURANDO ENTENDER O INFINITO	212
QUEM EU SOU, E QUEM ESCOLHO SER?	219
O QUE O AMOR É	226
CAPÍTULO 13.....	231
DIZ E VIVE A TUA VERDADE	231
TENTATIVA DE ETERNALIZAR O AMOR.....	240
O PRIMEIRO MITO CULTURAL	248
DECLARAÇÕES MATRIMONIAIS	257
CAPÍTULO 14.....	267
A VIDA NÃO TEM PRINCÍPIO, PORQUE A VIDA NÃO TEM FIM.....	267
CAPÍTULO 15.....	279
VOCÊS ESTÃO A CRIAR DEUS	279
CAPÍTULO 16.....	283
SEPARADO DA SUA PRÓPRIA VERDADE	283
CAPÍTULO 17.....	299
A JUASTIÇA É UM ATO, NÃO O CASTIGO DE UM ATO	299
CAPÍTULO 18.....	313
ESPÉCIOSISTEMA SUSTENTA TODA A VIDA	313
CAPÍTULO 19.....	335
SERES DE OUTROS PLANETAS.....	335
CAPÍTULO 20.....	351
SE EU SOU TUDO O QUE É, ENTÃO, EU SOU TU	351

CAPÍTULO 21.....	371
ESTÁS A VIVER UMA ILUSÃO	371
A FECHAR.....	398

AGRADECIMENTOS

Como sempre, desejo agradecer, em primeiro lugar, ao meu melhor amigo, Deus. Espero que um dia todos possam vir a ter uma amizade com Deus.

A seguir, agradeço à minha maravilhosa companheira na vida, Nancy, a quem este livro é dedicado. Quando penso em Nancy, as minhas palavras de gratidão parecem insignificantes em relação às suas ações e sinto-me embaraçado por não conseguir encontrar uma forma de expressar como ela é verdadeiramente extraordinária. Uma coisa é certa. O meu trabalho não teria sido possível sem ela.

Depois, desejo agradecer a Robert S. Friedman, editor da Hampton Roads Publishing Company, pela coragem de apresentar ao público este material pela primeira vez em 1995, e de publicar todos os volumes da trilogia **Conversas com Deus**. A sua decisão de aceitar um manuscrito que foi rejeitado por outros quatro editores mudou as vidas de milhões de pessoas.

E não posso deixar passar o momento desta última parte da trilogia das **Conversas com Deus** sem agradecer a extraordinária contribuição prestada à sua publicação por Jonathan Friedman, cuja clareza de visão, intensidade de determinação, profunda compreensão espiritual, infindável entusiasmo e monumental dom de criatividade foi, em grande medida, a razão pela qual as **Conversas com Deus** foram colocadas nas estantes das livrarias quando e como foram. Foi Jonathan Friedman que reconheceu a imensidão desta mensagem e a sua importância, prevendo que seria lida por milhões de pessoas e vaticinando que se tornaria um clássico da literatura espiritual. Foi a sua determinação que estabeleceu o tempo e a conceção das **Conversas com Deus**, e a sua distribuição inicial. Todos os amantes das **Conversas com Deus** estarão para sempre em dívida para com Jonathan, tal como eu.

Desejo agradecer também a Matthew Friedman pelo seu incansável trabalho neste projeto desde o início. Não é demais reiterar o valor do seu esforço criativo na sua conceção e produção.

Finalmente, quero referir alguns dos escritores e professores cujo trabalho tanto alterou o cenário filosófico e espiritual da América e do mundo, que me inspiram diariamente no seu empenho em divulgar a mais sublime verdade, independentemente das pressões e complicações pessoais criadas por essa decisão.

A Joan Borysenko, Deepak Chopra, Dr. Larry Dossey, Dr. Wayne Dyer, Dra. Elisabeth Kübler-Ross, Barbara Marx Hubbard, Stephen Levine, Dr. Raymond Moody, James Redfield, Dr. Bernie Siegel, Dr. Brian Weiss, Marianne Williamson e Gary Zukav – com quem travei conhecimento pessoal e a quem respeito

profundamente – transmito os agradecimentos de um público grato, bem como o meu apreço e admiração pessoais.

Estes são alguns dos guias dos tempos modernos, são os batedores do caminho e, se consegui embarcar numa viagem pessoal como proclamador público da verdade eterna, foi porque eles, e outros como eles a quem não conheci, o tornaram possível. O trabalho das suas vidas é testemunho do extraordinário brilho da luz de todas as nossas almas. Eles *demonstraram* aquilo de que eu apenas falo.

INTRODUÇÃO

Este é um livro extraordinário. Digo-o como alguém que teve muito pouco a ver com a sua redação. Fudo o que fiz, na verdade, foi “aparecer”, fazer umas perguntas e escrever o que me foi ditado.

É o que tenho feito desde 1992, quando começou esta conversa com Deus. Foi nesse ano que, profundamente deprimido, gritei na minha angústia: O que é preciso para que a minha vida funcione? E que fiz eu para merecer uma tal vida de luta contínua?

Escrevi essas perguntas num bloco amarelo, numa carta colérica a Deus. Para minha grande surpresa e choque, Deus respondeu. A resposta surgiu sob a forma de palavras segredadas ao meu pensamento por uma Voz Sem Voz. Tive a sorte de escrever essas palavras.

Há mais de seis anos que o faço. E, desde que me foi dito que esse diálogo pessoal um dia se tornaria um livro, enviei o primeiro conjunto dessas palavras a um editor em finais de 1994. Sete meses depois encontravam-se nas prateleiras das livrarias. No momento em que escrevo, esse livro figurou na lista de livros mais vendidos do *New York Times* durante noventa e uma semanas.

A segunda parte do diálogo também se tornou um *best-seller*, figurando igualmente na lista do *Times* durante vários meses. E agora, eis a terceira e última parte desta conversa extraordinária.

Este livro levou quatro anos a ser escrito. Não foi fácil. Os intervalos entre os momentos de inspiração foram enormes, durando até meio ano por mais do que uma vez. As palavras do primeiro livro foram ditadas no decurso de um ano. O segundo livro ficou concluído em pouco mais que o mesmo tempo. Mas este segmento final teve que ser escrito quando já me encontrava na mira do público. A toda a parte onde fui desde 1996, só ouvia, “Quando sai o *Livro3?*” _ “Onde está o *Livro3?*”, “ Quando podemos contar com o *Livro3?*”

Podem imaginar o que isso me causou e o impacto que teve no seu processo de realização. Foi como se estivesse a fazer amor no posto do lançador no *Yankee Stadium*.

Na verdade, teria tido mais privacidade nesse ato. Enquanto escrevi o *Livro3*, de cada vez que pegava na caneta, sentia cinco milhões de pessoas a observarem-me, à espera, suspensas de cada palavra.

Tudo isto não é para me congratular com a conclusão deste trabalho, mas simplesmente para explicar por que levou tanto tempo. Os meus momentos de solidão mental, espiritual e física foram, durante os últimos anos, muito poucos e muito espaçados.

Comecei este livro na Primavera de 1994 e a parte inicial da narrativa foi toda escrita nesse período. Depois, passaram-se muitos meses, e até um intervalo de um ano, culminando por fim com os capítulos finais escritos na Primavera e Verão de 1998.

De uma coisa podem ter a certeza: este livro não foi forçado, de modo nenhum. Ou a inspiração surgia claramente ou me limitava a pousar a caneta e recusava-me a escrever - num dos casos durante mais de catorze meses. Estava decidido a não produzir livro nenhum, se a escolha fosse entre isso e um livro que *tinha* de produzir porque *tinha* dito que o faria. Apesar de o meu editor ficar um bocadinho nervoso, serviu bastante para me dar confiança no que ia surgindo, levasse o tempo que levasse. Apresento-vos-lo agora, confiantemente. Este livro resume os ensinamentos das duas primeiras partes desta trilogia e condu-los até à sua conclusão lógica e arrebatadora.

Se leram o Prefácio de qualquer um dos primeiros dois livros, sabem que em cada um dos casos me sentia um pouco apreensivo. Receoso, na verdade, quanto à reação a esses escritos. Agora não estou receoso. Não tenho qualquer espécie de medo quanto ao *Livro3*. Sei que irá tocar muitos dos que o lerem com a sua perspicácia e a sua verdade, o seu calor e o seu amor.

Acredito que este é material espiritual sagrado. Agora vejo que isso se aplica a toda a trilogia, e que estes livros serão lidos e estudados durante décadas, por várias gerações até. Talvez durante séculos. Porque, em conjunto, a trilogia abrange um leque espantoso de tópicos, desde como fazer com que as relações resultem, até à natureza da realidade suprema e à cosmologia do Universo, e inclui observações sobre a vida, a morte, o romance, o casamento, o sexo, a paternidade, a saúde, a educação, a economia, a política, a espiritualidade e a religião, o projeto de vida e o meio de vida adequado, a física, o tempo, as tradições e os costumes sociais, o processo da criação, a nossa relação com Deus, a ecologia, o crime e castigo, a vida nas sociedades evoluídas do cosmos, o certo e o errado, os mitos e éticas culturais, a alma, as almas gémeas, a natureza do amor genuíno, e o caminho para a expressão gloriosa da parte de nós que reconhece a Divindade como nossa herança natural.

Rezo para que colham benefícios deste trabalho.

Benditos sejam.

*Neale Donald Walsch
Ashland, Oregon
Setembro de 1998*

CAPÍTULO 1

APRESENTAÇÃO

É Domingo de Páscoa, de 1994, e aqui estou, de caneta em punho, de acordo com as instruções. Estou à espera de Deus. Ela prometeu aparecer, tal como fez nas duas últimas Páscoas, para iniciar outra conversa de um ano. A terceira e última - para já.

Este processo – esta comunicação extraordinária – começou em 1992. Ficarà concluído na Páscoa de 1995. Três anos, três livros. O primeiro tratou de assuntos de carácter pessoal - relações amorosas, descobrir o trabalho certo, lidar com as poderosas energias do dinheiro, amor, sexo e Deus; e como integrá-los na nossa vida de todos os dias. O segundo expandia os mesmos temas, alargando-se a considerações geopolíticas mais amplas – a natureza dos governos, a criação de um mundo sem guerra, a base de uma sociedade internacional unificada. Esta terceira e última parte da trilogia focará, segundo me foi dito, as questões maiores com que o homem é confrontado. Conceitos que tratam de outros domínios, outras dimensões, e como toda essa intrincada teia se ajusta.

A progressão tem sido.

- Verdades Individuais
- Verdades Globais
- Verdades Universais

Tal como com os primeiros dois manuscritos, não faço a mínima ideia de até onde isto vai. O processo é simples. Começo a escrever, faço uma pergunta – e vejo que pensamentos me vêm à mente. Se não houver lá nada, se não me forem dadas palavras, arrumo tudo até outro dia. O processo completo levou cerca de um ano para o primeiro livro, mais de um ano para o segundo. (Esse livro ainda se encontra em processo ao iniciar este.)

Prevejo que este será o livro mais importante de todos.

Pela primeira vez desde o início deste processo, sinto-me posto em causa. Passaram dois meses desde que escrevi os primeiros quatro ou cinco parágrafos. Dois meses desde a Páscoa e nada aconteceu – nada, exceto sentir-me posto em causa.

Passei semanas a rever e a corrigir erros do texto impresso do primeiro livro desta trilogia – e esta semana recebi a versão final corrigida do Livro1, para ter

que a devolver à tipografia com quarenta e três erros por corrigir. Entretanto, o segundo livro, ainda em manuscrito, ficou concluído apenas na semana passada – com dois meses de atraso. (Era suposto estar pronto na Páscoa de 1994). Este livro, começado no Domingo de páscoa apesar de o Livro2 não estar acabado, jaz desde então na pasta e - agora, que o Livro2 está terminado - reclama atenção.

No entanto, pela primeira vez desde 1992, parece que estou a resistir a este processo, talvez mesmo a ressentir-me contra ele. Sinto-me armadilhado pela incumbência, e nunca gostei de fazer nada que tivesse de fazer.

Além disso, depois de ter distribuído por algumas pessoas cópias não corrigidas do primeiro manuscrito e de ter ouvido as suas reações, estou convencido de que os três livros serão amplamente lidos, minuciosamente examinados, analisados quanto à relevância teológica e apaixonadamente debatidos durante dúzias de anos.

Isso tornou muito difícil chegar a esta página; muito difícil considerar esta caneta uma amiga – porque, sabendo que este material tem de ser trazido à luz, sei que me estou a expor aos ataques mais insidiosos, a ser ridicularizado e talvez até odiado por muitas pessoas por me atrever a revelar estas informações - quanto mais por me atrever a proclamar que me chega diretamente de Deus.

Penso que o meu maior medo é que se venha a verificar que sou um “porta-voz” incompetente e inapropriado de Deus, dada a aparentemente interminável série de erros e más ações que marcaram a minha vida e caracterizaram o meu comportamento.

Os que conhecem o meu passado – incluindo as minhas anteriores mulheres e os meus próprios filhos – teriam todo o direito de denunciarem estes escritos, com base no meu fraco desempenho como ser humano nas funções simples e rudimentares de marido e pai. Falhei miseravelmente nesses e noutros aspetos da vida que têm a ver com amizade e integridade, diligência e responsabilidade.

Tenho, em suma, a perfeita noção de que não mereço apresentar-me como homem de Deus ou mensageiro da verdade. Devia ser a última pessoa a assumir esse papel. É uma injustiça para com a verdade que eu presuma transmiti-la, quando toda a minha vida tem sido um testemunho das minhas fraquezas.

A VERDADE É O QUE É

Por estas razões, Deus, peço-Te que me libertes dos meus deveres como Teu escriba, e que escolhas alguém cuja vida o faça merecedor de uma tal honra.

Gostava de acabar o que começámos – apesar de não teres obrigação de o fazer. Não tens “deveres” para Comigo ou para com qualquer outra pessoa, embora Eu veja que o facto de pensares que os tens te levou a sentires-te muito culpado.

Desiludi as pessoas, inclusive os meus próprios filhos.

Tudo o que aconteceu na tua vida aconteceu em perfeita ordem para que tu – e todas as almas contigo relacionadas - crescessem precisamente da forma que precisavam e como queriam crescer.

Essa é a “saída” perfeita de toda a gente da *New Age* que quer escapar-se à responsabilidade pelos seus atos e evitar desfechos desagradáveis.

Acho que tenho sido muito egoísta – incrivelmente egoísta - durante a maior parte da minha vida, fazendo o que me agrada, independentemente do impacto que isso tem nos outros.

Não há nada de errado em fazeres o que te agrada...

Mas tantas pessoas ficaram magoadas, desiludidas...

Põe-se apenas a questão do que mais te agrada. Parece que estás a dizer que agora o que mais te agrada são comportamentos que poucos ou nenhuns danos causam aos outros.

É uma forma simpática de o dizer.

De propósito. Tens que aprender a ser delicado contigo próprio.

E pára de te julgares.

É difícil - especialmente quando os outros estão sempre prontos para fazerem juízos. Sinto que vou ser constrangedor para Ti, para a verdade; que, se insistir em terminar e publicar esta trilogia, serei um embaixador tão fraco da Tua mensagem que a desacreditarei.

Não se pode desacreditar a verdade. A verdade é a verdade, e não pode ser provada nem desprovada.

Apenas é.

A maravilha e a beleza da Minha mensagem não pode ser nem será afetada pelo que as pessoas pensam a teu respeito.

Na verdade, és um dos melhores embaixadores, porque viveste a tua vida de uma forma que classificas de insuficientemente perfeita.

As pessoas conseguem identificar-se contigo – mesmo quando te julgam. E, se virem que és verdadeiramente sincero, até são capazes de te perdoar o teu “passado sórdido”

Mas digo-te: Enquanto te preocupares com o que os outros pensam de ti, pertences-lhes.

Só quando deixares de necessitar da aprovação dos outros é que pertencerás a ti próprio.

A minha preocupação é mais com a mensagem do que comigo. Preocupa-me que a mensagem possa ficar manchada.

Se estás preocupado com a mensagem, então divulga-a. Não te preocupes em manchá-la. A mensagem falará por si.

Lembra-te do que te ensinei. Não se compara a importância de como a mensagem é recebida com a de como é enviada.

Lembra-te ainda que: Ensina-se o que se tem de aprender.

Não é preciso ter alcançado a perfeição para falar da perfeição.

Não é preciso ter atingido a mestria para falar de mestria.

Não é necessário ter alcançado o mais alto nível de evolução para falar do mais alto nível de evolução.

Procura apenas ser verdadeiro. Esforça-te por ser sincero. Se queres desfazer todos os “danos” que imaginas ter causado, demonstra-o nas tuas ações. Faz o que puderes. Depois deixa estar.

MEDO E CULPA, AMOR E CONSCIENCIALIZAÇÃO

Isso é mais fácil de dizer do que de fazer. Às vezes sinto-me tão culpado.

A culpa e o medo são os únicos inimigos do homem.

A culpa é importante. Diz-nos quando fizemos algo errado.

“Errado” é coisa que não existe. Existe apenas aquilo que não te serve; não diz a verdade sobre Quem Tu És, e Quem Escolhes Ser. A culpa é o sentimento que te mantém aprisionado em quem tu não és.

Mas a culpa é o sentimento que, pelo menos, nos faz verificar que nos desencaminhámos.

Estás a falar de consciencialização, não de culpa.

Digo-te isto: A culpa é uma praga sobre a terra - o veneno que mata a planta.

Não evoluirás pela culpa, apenas murcharás e morrerás.

O que procuras é a consciencialização. Mas a consciencialização não é culpa, e o amor não é medo.

O medo e a culpa, digo mais uma vez, são os teus únicos inimigos. O amor e a consciencialização, os teus verdadeiros amigos. No entanto, não confundas um com o outro, porque um matar-te-á, enquanto o outro te dá vida.

Então não devo sentir-me “culpado” de nada?

Nunca, jamais. Para que serve isso? Só serve para que não gostes de ti próprio – e isso liquida qualquer hipótese de gostares de mais alguém.

E não devo ter medo de nada?

O medo e a prudência são duas coisas diferentes. Sê prudente – sê consciente – mas não sejas medroso. Porque o medo paralisa, enquanto a consciência mobiliza.

Mobiliza-te, não te paralises.

Sempre me ensinaram a temer a Deus.

Eu sei. E ficaste paralisado nas tuas relações comigo desde então. Foi só quando deixaste de Me temer que foste capaz de criar uma relação significativa Comigo.

Se Eu te pudesse conceder um dom, uma graça especial, que te permitisse encontrar-Me, seria a intrepidez.

Bem-aventurados os destemidos, pois conhecerão a Deus.

Isso significa que tens que ser suficientemente destemido para pôr de lado o que pensas saber sobre Deus.

Tens que ser suficientemente destemido para pões de parte o que outros te disseram acerca de Deus.

Tens de ser destemido a ponto de ousares iniciar a tua própria experiência de Deus.

E depois não te deves sentir culpado por isso. Quando a tua própria experiência violar o que pensavas que sabias e o que as outras pessoas te disseram acerca de Deus, não te deves sentir culpado.

O medo e a culpa são os únicos inimigos do homem.

No entanto, há quem diga que fazer o que sugeres é traficar com o diabo; que só o diabo sugeriria uma coisa dessas.

O diabo não existe.

Isso é outra coisa que o diabo também diria.

O diabo diria tudo o que Deus diz, é isso?

Só que de uma maneira mais astuta.

O diabo é mais esperto que Deus?

Digamos que mais astucioso.

Portanto o diabo tem a “astúcia” de dizer o que Deus diria?

Com uma pequena “nuance” – o suficiente para nos desviar do caminho; para nos desencaminhar.

Parece-me que temos de ter uma conversinha sobre o “diabo”.

Falámos muito nisso no *Livro1*.

Não foi o suficiente, segundo parece. Além disso, pode haver pessoas que não tenham lido o *Livro1*. Ou, já agora, o *Livro2*. Por isso, bem podemos começar por resumir algumas das verdades que se encontram nesses livros. Isso preparará o caminho para as verdades universais maiores neste terceiro livro. E vamos voltar ao diabo, também, dentro em pouco. Quero que saibas como, e porquê, foi “inventada” essa entidade.

Certo. Está bem. Ganhaste. Já estou em diálogo, por isso aparentemente vai continuar. Mas há uma coisa que as pessoas

devem saber, ao iniciar esta terceira conversa: decorreu meio *ano* desde que escrevi as primeiras palavras aqui apresentadas. Estamos a 25 de Novembro de 1994 – o dia a seguir ao de Ação de Graças. Levei vinte e cinco semanas a chegar até aqui; vinte e cinco semanas desde as tuas últimas palavras anteriores até às minhas neste parágrafo.

Muita coisa aconteceu nessas vinte e cinco semanas. Mas o que não aconteceu foi este livro: não avançou um milímetro. *Por que está a demorar tanto?*

Vês como te consegues bloquear? Vês como te consegues sabotar a ti próprio? Vês como páras exatamente quando estás a conseguir uma coisa boa? Tens feito isso a vida inteira.

Olha lá, espera aí! Não tenho sido *eu* a empatar este projeto. Não posso fazer nada – não posso escrever uma única palavra – a não ser que me sinta impelido, que me sinta... detesto utilizar a palavra, mas parece-me que tem de ser... *inspirado* para regressar a este bloco amarelo e continuar. E a inspiração compete-te a *Ti*, não a mim!

Percebo. Então achas que eu tenho estado a empatar, e tu não.

Mais ou menos isso, sim.

Meu amigo maravilhoso, isso é mesmo teu - e dos outros humanos. Ficas sentado durante meio ano sem fazer nada pelo teu maior bem, chegas mesmo a afastá-lo de ti, e depois pões as culpas em alguém ou alguma coisa que não em ti porque não consegues chegar a lado nenhum. Não vês aqui um padrão?

Bem...

Deixa-me dizer-te isto: Não existe nenhum momento em que Eu não esteja contigo; nenhum momento em que Eu não esteja “preparado”.

Não te disse isto antes?

Disseste, sim, mas...

Estou sempre contigo, até ao fim dos tempos.

Mas nunca te imporei a Minha vontade - jamais.

Escolho para ti o bem supremo, mas acima disso, escolho por ti a tua vontade. É essa a medida mais certa de amor.

Quando quero para ti aquilo que *tu* queres para ti, amo-te verdadeiramente.

Quando quero para ti aquilo que *Eu* quero para ti, estou amar-Me a Mim, através de ti.

Assim, pela mesma medida, podes determinar se os outros te amam ou se amas verdadeiramente os outros. Pois o amor nada escolhe para si próprio, apenas procura tornar possíveis as escolhas do ser amado.

Isso parece estar em contradição direta com o que puseste no *Livro1* quanto ao amor não se importar nada com o que o outro é, faz e tem, mas apenas com o que o *Eu* é, faz e tem.

Também levanta outras questões como... a mãe que grita para o filho, “Sai da estrada!” Ou, melhor ainda, arrisca a própria vida correndo por entre o turbilhão do trânsito para agarrar no filho. Então essa mãe? Não está a amar o filho? No entanto, impôs a sua vontade. Repara que a criança estava na estrada porque *queria estar*.

DICOTOMIA DIVINA

Como explicas estas contradições?

Não existe contradição. No entanto, não consegues ver a harmonia. E não entenderás esta doutrina divina sobre o amor até perceberes que a Minha escolha mais sublime para Mim é a mesma que a tua escolha mais sublime para ti. E isso é porque tu e Eu somos um.

Sabes, a Doutrina Divina também é uma Dicotomia Divina, e isso porque a própria vida é uma dicotomia – uma experiência na qual podem existir duas verdades aparentemente contraditórias, no mesmo espaço e ao mesmo tempo.

Neste caso, as verdades aparentemente contraditórias são que tu e Eu somos independentes, e que tu e Eu somos um. A mesma contradição aparente surge na relação entre ti e todas as outras pessoas.

Mantenho o que disse no *Livro1*: O maior erro que as pessoas cometem nas relações humanas é preocuparem-se com o que a outra quer, é, faz ou tem. Preocupem-se apenas com o Eu. O que é, o que faz ou o que tem o Eu? O que quer, precisa ou escolhe o Eu? Qual a escolha mais sublime do Eu?

Mantenho igualmente outra afirmação que fiz nesse livro: A mais sublime escolha do Eu torna-se a escolha mais sublime de outrem quando o Eu compreende Que não existe mais ninguém. O erro, portanto, não está em escolheres o que é melhor para ti mas sim em não *saberes* o que é melhor. Isto provém de saberes Quem Realmente És, e quem procuras ser.

Não estou a perceber.

Então, deixa-me dar-te um exemplo. Se pretendes ganhar as quinhentas milhas de Indianápolis, conduzir a cento e cinquenta milhas por hora poderá ser o que é melhor para ti. Se queres chegar à mercearia em segurança, pode não ser.

Estás a dizer que tudo depende do contexto.

Sim. Toda a *vida*. O Que é “melhor” depende de quem tu és, e de Quem procuras ser. Não podes optar inteligentemente pelo que é melhor para ti até decidires inteligentemente quem és e o que és.

Agora Eu, como Deus, sei o que procuro ser. Portanto Eu sei o que é “melhor” para Mim.

E o que é? Diz-me, o que é “melhor” para Deus? Deve ser interessante...

O que é melhor para Mim é dar-te o que decidires que é melhor para ti. Porque o que estou a tentar ser é o Meu Eu, expresso. E sou-o através de ti.

Estás a entender?

Sim, acredites ou não, de facto estou.

Ótimo. Agora vou dizer-te uma coisa que podes ter dificuldade em acreditar.

Estou sempre a dar-te o que é melhor para ti... embora admita que nem sempre o saibas.

Este mistério torna-se um pouco mais claro agora que começaste a perceber o que Eu me proponho fazer.

Eu sou Deus.

Eu sou a Deusa.

Eu sou o Ser Supremo.

O Todo de Tudo

Princípio e o Fim. O Alfa e o Ómega.

Sou a Soma e a Parcela. A Pergunta e a Resposta. O Alto e o Baixo. A Esquerda e a Direita, o Aqui e o Agora, o Antes e o Depois.

Eu sou a Luz, e sou as Trevas que criam a Luz e a tornam possível. Sou a Bondade Sem Fim, e a “Maldade” que torna boa a “Bondade”. Sou todas estas coisas - o Todo de Tudo – e não posso experienciar qualquer parte do Meu Eu sem experienciar todo o Meu Eu.

E é isso que não compreendes a Meu respeito. Queres fazer de Mim um e não o outro. O alto e não o baixo. O bom e não o mau. Mas, ao negares metade de Mim, negas metade do teu Eu. E, enquanto o fizeres, nunca poderás ser Quem Realmente És.

Eu sou o Todo Magnífico – e o que pretendo é conhecer-Me experiencialmente. Estou a fazê-lo através de ti, e de tudo o mais que existe. Experiencio o Meu Eu como magnífico através das opções que faço. Porque cada opção é autocriativa. Cada escolha é definitiva. Cada escolha representa-Me – ou seja, representa-Me - como Quem Escolho Ser Agora Mesmo.

No entanto, não posso optar por ser magnífico se não houver outra coisa para escolher. Uma parte de Mim tem que ser menos que magnífica para que eu escolha a parte de Mim que é magnífica.

Assim se passa contigo, também.

Eu sou Deus, no ato de criar o Meu Eu.

E tu és assim, também.

É isso que a tua alma anseia por fazer. E disso que o teu espírito tem sede.

Se eu te impedisse de teres aquilo que escolhes, estaria a impedir o Meu Eu de ter aquilo que Eu escolho. Porque o Meu maior desejo é experienciar o Meu Eu como O Que Eu Sou. E, tal como expliquei cuidadosa e pormenorizadamente no *Livro1*, só o posso fazer no espaço de O Que Eu Não Sou.

E por isso, criei cuidadosamente O Que Eu Não Sou, de forma a poder experienciar O Que Eu Sou.

No entanto, Eu Sou tudo o que crio – portanto Eu Sou, em certo sentido, O Que Eu Não Sou.

Como é que alguém pode ser o que não é?

É fácil. É o que fazes sempre. Observa os teus comportamentos.

Procura entender o seguinte.

Não há *nada* que Eu não seja. Portanto, Sou O que Sou, e Sou o Que Não Sou.

ESTA É A DICOTOMIA DIVINA.

Este é o Mistério Divino que, até agora, apenas as mentes superiores conseguiam compreender. Revelei-to aqui de forma a que outras mentes possam compreender.

Era esta a mensagem do *Livro1*, e tens de entender esta verdade básica – tens de conhecê-la profundamente – para poderes compreender e conhecer as verdades ainda mais sublimes que irão surgir aqui no *Livro3*. Mas deixa-me chegar a uma dessas verdades mais sublimes - porque está contida na resposta à segunda parte da tua pergunta.

Estava desejoso de voltarmos a essa parte da minha pergunta. Como é que o progenitor ama o filho ao dizer ou fazer o que é melhor para o filho, mesmo quando tem de *ir contra a vontade* do filho para o fazer? Ou o progenitor demonstra o amor mais verdadeiro deixando a criança brincar no meio do trânsito?

Essa é uma ótima questão. E é a questão que todos os pais se colocam, de uma forma ou doutra, desde que existem pais. A resposta é a mesma para ti, como progenitor, que para Mim, como Deus.

Então, qual é a resposta?

Tem paciência, Meu filho, paciência. Quem espera sempre alcança.”
Nunca ouviste isso”?

Sim, o meu pai costumava dizê-lo e eu detestava.

Isso posso compreender. Mas tem paciência com o teu Eu, especialmente se as tuas opções não te trouxerem o que pensas que queres. A resposta à segunda parte da tua pergunta, por exemplo.

Dizes que queres a resposta, mas não estás a escolhê-la. Sabes que não estás a escolhê-la, porque não experiencias que a tens. Na verdade, tu tens a resposta e sempre a tiveste. Simplesmente não a escolhes.

Escolhes acreditar que não sabes a resposta – e, portanto, não a sabes.

Sim, também explicaste isso no *Livro!*. Tenho tudo o que escolho ter neste preciso momento – incluindo um entendimento completo de Deus – e, no entanto, não *experienciarei* que o tenho até saber que o tenho.

Precisamente! Disseste-o de forma perfeita.

Mas como posso *saber* que o tenho até *experienciar* que o tenho? Como posso saber uma coisa que não experienciei? Não houve uma mente superior que disse, “Todo o conhecimento é experiência”?

Não tinha razão.

O conhecimento não se segue à experiência - precede-a.

Nisto, metade do mundo pensa ao contrário.

Então queres dizer que tenho a resposta à segunda parte da minha pergunta, e só não *sei* que a tenho?

Exatamente.

Mas se não *sei* que a tenho, então *não tenho*.

Sim, é esse o paradoxo.

Não percebo... mas percebo.

De facto.

Então como é que chego a esse ponto de “saber que sei” uma coisa, se não “souber que sei”?

Para “saberes que sabes, comporta-te como se soubesses”.

Também disseste qualquer coisa sobre isso no *Livro1*.

PARADIGMA SER-FAZER-TER

Sim. Um bom começo seria recapitular o que se passou nos ensinamentos anteriores. E tu “por acaso” estás a fazer as perguntas certas, permitindo-Me resumir no início deste livro os dados que analisámos com mais pormenor na matéria anterior.

Ora no *Livro1*, falámos sobre o paradigma Ser-Fazer-Ter, e como as pessoas o invertem.

A maior parte das pessoas acredita que, se “tiverem” uma coisa (mais tempo, dinheiro, amor – seja o que for), podem finalmente “fazer” uma coisa (escrever um livro, ter um passatempo, ir de férias, comprar uma casa, iniciar uma relação), que lhes permitirá “ser” uma coisa (felizes, tranquilos, satisfeitos ou apaixonados).

Primeiro “sê” a coisa chamada “feliz” (ou “conhecedor” ou “sábio”, ou “solidário”, ou seja, o que for), depois começa a “fazer” coisas desse estado de ser – e em breve descobres que o que fazes acaba por trazer as coisas que sempre quiseste “ter”.

A forma de pôr esse processo criativo (e é isso que é... o processo de criação) em ação é olhar para o que queres “ter”, perguntar a ti próprio o que pensas que “serias” se o “tivesses” e avançar diretamente para o ser.

Desta maneira, invertes a forma como tens utilizado o paradigma Ser-Fazer-Ter - de facto, coloca-lo corretamente – e trabalhas com, e não contra, o poder criativo do Universo.

Eis uma forma resumida de enunciar este princípio:

Na vida, não tens de *fazer nada*.

É tudo uma questão do que estás a *ser*.

Esta é uma das três mensagens que abordarei novamente no fim do nosso diálogo. Encerrarei assim o livro.

Para já, para ilustrar isto, pensa numa pessoa que sabe que, se pudesse ter um bocadinho mais de tempo, um bocadinho mais de dinheiro, ou um bocadinho mais de amor, seria verdadeiramente feliz.

Essa pessoa não entende a ligação entre o “não ser muito feliz” agora e o não ter o tempo, dinheiro ou amor que quer.

Isso mesmo. Por outro lado, a pessoa que está a “ser” feliz parece ter tempo para fazer tudo o que é realmente importante, todo o dinheiro que é preciso e amor suficiente para durar a vida inteira.

Descobre que tem tudo o que precisa para “ser feliz”... “sendo feliz” à partida!

Exatamente. Decidir antecipadamente o que escolhes ser faz com que isso se reproduza na tua experiência.

“Ser ou não ser. Eis a questão.”

Precisamente. A felicidade é um estado de espírito. E como todos os estados de espírito, reproduz-se na forma física.

Aí tens uma afirmação para um íman para o frigorífico:

“Todos os estados de espírito se reproduzem.”

Mas como podes “ser” feliz à partida, ou “ser” seja o for que procuras ser – mais próspero, por exemplo, ou mais amado – se não tens o que pensas que precisas para o “ser”?

Comporta-te como se fosses, e atraí-lo-ás para ti.

Se te comportares de determinado modo, tornar-te-ás desse modo.

Por outras palavras, “Finge até conseguires.”

Sim, é mais ou menos isso. Só que não podes realmente “fingir”. Os teus atos têm de ser sinceros.

Tudo o que fizeres, fá-lo com sinceridade, ou perder-se-á o benefício da ação.

Não porque não “te recompensarei”. Deus não “recompensa” nem “castiga”, como sabes. Mas a lei Natural exige que o corpo, a mente e o espírito estejam unidos em pensamento palavras e obras, para que o processo de criação resulte.

Não consegues enganar a mente. Se não fores sincero, a tua mente sabe-o e não há nada a fazer. Fica eliminada qualquer hipótese de a tua mente te ajudar no processo criativo.

Claro que podes criar sem a mente - só que é muito mais difícil. Podes pedir ao teu corpo para fazer qualquer coisa em que a tua mente não acredita, e se o teu corpo o fizer durante o tempo suficiente, a tua mente começará a desligar-se do primeiro pensamento a esse respeito e criará um Novo Pensamento. Quando tens um Novo Pensamento acerca de uma coisa estás a caminho de a criar como um aspeto permanente do teu ser, em vez de uma coisa que estás a representar.

Isso é fazer as coisas da maneira mais difícil e, mesmo nessas ocasiões, a ação tem de ser sincera. Ao contrário do que podes fazer com as pessoas, o Universo não pode ser manipulado.

Portanto, temos aqui um equilíbrio muito delicado. O corpo faz algo em que a mente não acredita, mas a mente tem que acrescentar o ingrediente da sinceridade à ação do corpo para que ela resulte.

Como pode a mente acrescentar sinceridade se não “acredita” no que o corpo está a fazer?

Retirando o elemento egoísta do ganho pessoal.

Como?

A mente pode não conseguir concordar sinceramente que as ações do corpo te podem trazer o que escolhes, mas a mente parece ter muito clara a noção de que Deus, através de ti, trará coisas boas a outrem.

Portanto, o que escolheres para ti, dá a outro.

Diz lá isso outra vez, se fazes favor!

Claro.

O que escolheres para ti, dá a outro.

Se optares por ser feliz, faz com que outra pessoa seja feliz.

Se optares por ser próspero, faz com que outro prospere.

Se optares por mais amor na tua vida, faz com que outro tenha mais amor na sua.

Fá-lo sinceramente – não porque buscas ganho pessoal, mas porque queres realmente que a outra pessoa tenha isso - e todas as coisas que deres voltarão para ti.

Por que é assim? Como é que isso funciona?

O próprio ato de dares qualquer coisa faz com que experiencies que tens de a dar. Como não podes dar a outro aquilo que não tens, a tua mente chega a uma nova conclusão, um Novo Pensamento, sobre ti – nomeadamente, que tens de ter isso porque *senão não podias estar a dá-lo*.

Esse Novo Pensamento torna-se assim a tua experiência. Começas a “ser” isso. E, quando comesas a “ser” uma coisa, pões em marcha uma das máquinas de criação mais poderosas do Universo - o teu Eu Divino.

Seja o que for que estiveres a ser, estás a criar.

O círculo completa-se e criarás cada vez mais na tua vida. Tornar-se-á manifesto na tua experiência física.

Este é o maior segredo da vida. Foi para to dizer que foram escritos o *Livro1* e o *Livro2*. Estava tudo lá, em muito mais pormenor.

Explica-me, por favor, por que é tão importante a sinceridade ao dar a outro aquilo que se escolhe para si próprio.

Se dás a outro como um artifício, uma manipulação para conseguires algo para ti, a tua mente sabe-o. Acabas de dar um sinal de que não o tens agora. E uma vez que o Universo não é outra coisa senão uma grande máquina copiadora, que reproduz os teus pensamentos sob forma física, será essa a tua experiência. Ou seja, continuarás a experienciar “não o teres” – independentemente do que fizeres!

Além disso, será essa a experiência da pessoa a quem tentas dar. Verá que estás somente a tentar conseguir qualquer coisa, que, realmente, não tens nada para oferecer, e a tua dádiva será um gesto vazio, em que é evidente a superficialidade interesseira de onde provém.

A própria coisa que procuras atrair, estarás a afastar.

No entanto, quando dás alguma coisa a alguém com pureza de coração – porque vês que a quer, que necessita dela e que a deveria ter- descobrirás que a tens para dar. E essa é a grande descoberta.

É verdade! Funciona mesmo assim! Lembro-me de uma vez, quando a vida não me corria lá muito bem, em que deitei as mãos à cabeça, pensando que já não tinha dinheiro, tinha muito pouca comida e não sabia quando iria comer outra refeição a sério ou como

pagaria a renda. Nessa mesma noite encontrei um jovem casal no terminal de autocarros. Tinha lá ido levantar uma encomenda e ali estavam aqueles miúdos, enroscados num banco, servindo-se dos casacos como cobertores.

Vi-os e senti pena deles. Lembrei-me de quando era jovem, de como era quando éramos miúdos, com tudo à justa e a andar com a casa às costas. Dirigi-me a eles e perguntei-lhes se queriam vir até minha casa sentar-se à lareira, tomar um chocolate quente e talvez armar a cama de reserva e dormir um bom sono. Olharam para mim com os olhos muito abertos, como crianças numa manhã de Natal.

Chegámos a minha casa e preparei-lhes uma refeição. Comemos melhor nessa noite do que algum de nós comia já há algum tempo. A comida já lá estava. O frigorífico estava cheio. Tinha apenas de lá meter a mão e tirar as coisas que lá tinha enfiado. Fiz um refogado de “tudo-o-que-há-dentro-do-frigorífico”, e *ficou fantástico!* Lembro-me de pensar, donde veio esta comida toda?

Na manhã seguinte, preparei-lhes ainda o pequeno-almoço e despedi-me.

Meti a mão no bolso quando os deixei no terminal de autocarros e dei-lhes uma nota de vinte dólares. “Talvez isto dê uma ajuda”, disse-lhes eu, abracei-os e disse-lhes adeus. Senti-me melhor em relação à minha própria situação durante o dia todo. Caramba, a *semana* toda. E essa experiência, que nunca esqueci, produziu uma mudança profunda na minha perspetiva e entendimento da vida.

As coisas começaram a melhorar a partir daí e, quando me vi ao espelho esta manhã, reparei numa coisa muito importante. *Ainda aqui estou.*

É uma bela história. E tens razão. *É mesmo assim que funciona.* Portanto, quando queres alguma coisa, dá-a. Nessa altura deixarás de “querê-la”. Experimentarás imediatamente “tê-la”. A partir daí, é apenas uma questão de grau. Psicologicamente, verás que é muito mais fácil “acrescentar a” do que criar a partir do nada.

Parece-me que acabo de ouvir algo de muito profundo. Agora podes relacionar isso com a segunda parte da minha pergunta? Existe alguma ligação?

Repara que o que Eu proponho é que já tens a resposta a essa questão. Neste preciso momento, estás a viver o pensamento de que não tens a resposta; que, se tivesses a resposta, terias sabedoria. Por isso, vens pedir-Me sabedoria. Digo-te, sê a sabedoria e tê-la-ás.

E qual é a maneira mais rápida de “ser” sabedoria? Fazer com que *outrem* seja sábio.

Queres ter a resposta a esta pergunta? *Dá a resposta a outrem.*

Portanto agora vou fazer-te a pergunta a ti. Vou fingir que “não sei” e tu dás-Me a resposta.

Como é que a mãe que arranca o filho do meio do trânsito pode estar a amar verdadeiramente o filho, se o amor significa querer para os outros o que eles querem para si próprios?”

Não sei.

Eu sei que não sabes.

Mas se pensasses que sabias, qual seria a tua resposta?

Bom, diria que a mãe de facto queria para o filho o que o filho queria – que era *estar vivo*. Diria que o filho não queria morrer, apenas não sabia que andar pelo meio do trânsito poderia provocar isso. Portanto, ao correr para lá para agarrar a criança, a mãe não estava de modo algum a privar o filho da oportunidade de exercer a sua vontade – mas simplesmente a entrar em contato com a verdadeira escolha da criança, com o seu desejo mais profundo.

Seria uma resposta muito boa.

VOCÊS NÃO PODEM “FAZER MAL” A VÓS PRÓPRIOS

Se isso é verdade, então Tu, sendo Deus, não devias fazer mais nada senão *impedir-nos de nos magoarmos*, porque fazer mal a nós próprios não pode ser o nosso desejo mais profundo. No entanto, estamos constantemente a fazer mal a nós próprios, e Tu limitas-te a ficar sentado a ver.

Eu estou sempre em contato com o vosso desejo mais profundo, e dou-vos-lo sempre. Mesmo quando fazem alguma coisa que vos leva à morte – se é esse o vosso desejo mais profundo, é o que obtêm: a experiência de “morrer”.

Eu jamais interfiro com o vosso desejo mais profundo.

Estás a dizer que, quando fazemos mal a nós próprios, é isso que *queremos* fazer? Que é esse o nosso *desejo mais profundo*?

Vocês não podem “fazer mal” a vós próprios. Não são passíveis de que vos façam mal. “Fazer mal” é uma reação subjetiva, não é um fenómeno objetivo. Podem optar por experienciar o “mal” em consequência de qualquer encontro ou fenómeno, mas é uma decisão inteiramente vossa.

Em face dessa verdade, a resposta à tua pergunta é, Sim – quando “fizeste mal” a ti próprio, é porque o querias fazer. Mas estou a falar a um nível esotérico, muito elevado, e não é daí que “provém” a tua pergunta.

No sentido que lhe queres dar, como questão de escolha consciente, diria que não, que sempre que fazes alguma coisa que te faz mal, não é porque “querias fazer”.

A criança que é atropelada por um carro porque fugiu para a rua não “queria” (desejava, procurava, escolhia conscientemente) ser atropelada.

O homem que casa sempre com o mesmo tipo de mulher – completamente errado para ele – embalada de formas diferentes, não “quer” (deseja, procura, escolhe conscientemente) estar sempre a criar maus casamentos.

Não se pode dizer que a pessoa que martela um dedo “queria” a experiência. Não foi desejada, procurada, escolhida conscientemente.

No entanto, todos os fenómenos objetivos são atraídos para ti inconscientemente; todos os acontecimentos são criados por ti inconscientemente; todas as pessoas, lugares e coisas na tua vida foram chamados a ti por ti – foram autocriados, se quiseses - para te dar as condições exatas e perfeitas, a oportunidade perfeita de experienciar o que desejas experienciar a seguir enquanto te dedicas a evoluir. Nada pode acontecer – digo-te Eu, nada pode ocorrer - na tua vida que não seja uma oportunidade precisamente perfeita para curares, criares ou experienciases alguma coisa que queiras curar, criar ou experienciar de forma a seres Quem Realmente És.

E quem sou eu, realmente?

Quem quer que escolhas ser. Qualquer aspeto da Divindade que desejes ser - isso é Quem Tu És. Isso pode mudar a qualquer momento. Na verdade, muda muitas vezes, de um momento para o outro. Mas, se queres que a tua vida estabilize, que deixe de te trazer uma tão grande variedade de experiências, há uma maneira de o fazer. Deixa simplesmente de mudar tantas vezes de ideias quanto a Quem Tu És e Quem Escolhes Ser.

DIFERENTES NÍVEIS DE DECISÃO

É mais fácil dizê-lo que fazê-lo!

O que eu vejo é que tomas essas decisões a muitos níveis diferentes. A criança que decide ir para a rua brincar no meio do trânsito não está a

optar por morrer. Pode estar a fazer várias outras escolhas, mas morrer não é uma delas. A mãe sabe isso.

O problema não é que a criança tenha escolhido morrer, mas que tenha feito opções que podem levar a mais do que um desfecho, incluindo o da sua morte. Esse facto não é claro para ela; é-lhe desconhecido. É a informação que falta – que impede a criança de fazer uma escolha clara, uma opção melhor.

Portanto, como vês, fizeste uma análise perfeita.

Ora Eu, como Deus, nunca interferirei nas vossas escolhas – mas saberei sempre quais são.

Portanto, podes assumir que, se te acontece uma coisa, é perfeito que assim seja – porque nada escapa à perfeição no mundo de Deus.

O esquema da tua vida – as pessoas, os lugares e os acontecimentos que dela fazem parte - foram todos perfeitamente criados pelo criador perfeito da própria perfeição: tu. E Eu... em ti, como tu e através de ti.

Agora, podemos trabalhar em conjunto neste processo cocriativo, consciente ou inconscientemente. Podes atravessar a vida atento ou desatento. Podes trilhar o teu caminho adormecido ou acordado.

Tu é que escolhes.

Espera, volta outra vez ao comentário acerca de tomar decisões a muitos níveis diferentes. Disseste que, se eu quisesse que a vida estabilizasse, devia deixar de mudar de ideias quanto a quem sou e quem desejo ser. Quando eu disse que isso não seria fácil, Tu observaste que todos nós fazemos escolhas a muitos níveis diferentes. Podes explicar isso melhor? Que quer isso dizer? Quais são as implicações?

Se tudo o que desejasses fosse o que a tua alma deseja, tudo seria muito simples. Se escutasses a parte de ti que é espírito puro, todas as tuas

decisões seriam fáceis e todos os desfechos felizes. Isso porque... as escolhas do espírito são sempre as escolhas mais elevadas.

Não precisam de ser questionadas. Não precisam de ser analisadas nem avaliadas. Precisam apenas de ser seguidas e aplicadas.

Mas não és só um espírito. És um Ser Triuno composto de corpo, mente e espírito. Essa é a glória e a maravilha que há em ti. Porque muitas vezes tomas decisões e fazes escolhas aos três níveis em simultâneo - e *elas nem sempre coincidem*.

Não é invulgar que o teu corpo queira uma coisa, enquanto que a tua mente busca outra e teu espírito deseja ainda uma terceira. Isto é particularmente verdadeiro nas crianças, que muitas vezes não têm maturidade suficiente para distinguir entre o que parece “divertido” para o corpo e o que faz sentido para a mente - muito menos o que ressoa com a alma. Por isso a criança passeia no meio da estrada.

Como Deus, estou ciente de todas as vossas escolhas – mesmo aquelas que fazem inconscientemente. Nunca interferirei nelas, antes pelo contrário. A Minha tarefa é assegurar que vos são concedidas as vossas escolhas. (Na verdade, vocês dão-nas ao vosso próprio Eu. O que fiz foi instituir um sistema que vos permite fazê-lo. Esse sistema chama-se o processo de criação, como expliquei pormenorizadamente no *Livro1*.)

Quando as vossas escolhas entram em conflito – quando o corpo, a mente e o espírito não atuam como um só – o processo de criação funciona a todos os níveis, produzindo resultados confusos. Se, pelo contrário, o vosso ser estiver em harmonia e as vossas escolhas estiverem unificadas, podem ocorrer coisas espantosas.

Os vossos jovens têm uma frase – “ter tudo no seu lugar” – que pode ser utilizada para descrever este estado do ser unificado.

Também há níveis dentro dos níveis na vossa tomada de decisão. Isto é particularmente verdadeiro ao nível da mente.

A mente pode optar, e opta, por tomar decisões e fazer escolhas a partir de um de pelo menos três níveis interiores: lógica, intuição, emoção - e, por vezes, a partir dos três - produzindo o potencial para um conflito interior ainda maior.

E dentro de um desses níveis – a emoção – existem outros cinco níveis. São as cinco emoções naturais: tristeza, ira, inveja, medo e amor.

E dentro destes há também dois níveis finais: amor e medo.

As cinco emoções naturais incluem o amor e o medo, mas o amor e o medo são a base de todas as emoções. As outras três das cinco emoções naturais são consequência destas duas.

Basicamente, todos os pensamentos são suportados pelo amor ou pelo medo. Essa é a grande polaridade. É a dualidade primária. Tudo, em última análise, se decompõe num deles. Todos os pensamentos, ideias, conceitos, entendimentos, decisões, opções e ações se baseiam num deles.

E, no fim, existe realmente apenas um.

O amor.

Na verdade, o amor é tudo o que existe.

Até o medo é um resultado do amor e, quando utilizado eficazmente, exprime amor.

O medo exprime *amor*?

Na sua forma mais sublime, sim. Tudo exprime amor, quando a expressão está na sua forma mais sublime.

A mãe que salva o filho de ser morto no meio do trânsito exprime medo ou amor?

Suponho que ambos. Medo pela vida do filho e amor suficiente para arriscar a própria vida para salvar a criança.

Precisamente. E aqui vemos que o medo na sua forma mais sublime se torna amor... é amor... expresso como medo.

Da mesma forma, subindo na escala das emoções naturais, a tristeza, a ira e a inveja são, todas, uma certa forma de medo, que, por sua vez, é uma certa forma de amor.

Uma coisa leva à outra. Estás a ver?

O problema surge quando qualquer uma das cinco emoções naturais é distorcida. Então tornam-se grotescas e totalmente irreconhecíveis como evoluções do amor, quanto mais de Deus, que é o que o Amor Absoluto é.

Já tenho ouvido falar das cinco emoções naturais – na minha extraordinária associação com a Dra. Elisabeth Kübler-Ross. Ela é que me ensinou.

De facto. E fui Eu que a inspirei a ensinar isso.

Estou a ver que, quando faço opções, muita coisa depende de “donde venho” e que esse donde “venho” pode estar a várias camadas de profundidade.

Sim, é isso.

AS CINCO EMOÇÕES NATURAIS

Por favor conta-me tudo – gostava de ouvir outra vez, porque já esqueci muito do que a Elisabeth me ensinou – sobre as cinco emoções naturais.

A tristeza é uma emoção natural. É a parte de ti que te permite dizer adeus quando não queres dizer adeus; exprimir – expelir, expulsar – a

mágoa dentro de ti quando experiencias qualquer tipo de perda. Pode ser a perda de um ente querido ou a perda de uma lente de contato.

Quando te é permitido exprimir a tua tristeza, livras-te dela. As crianças às quais é permitido estarem tristes quando estão tristes desenvolvem uma atitude muito saudável em relação à tristeza em adultas e, portanto, normalmente ultrapassam-na rapidamente.

As crianças às quais se diz “Vá lá, não chores”, têm dificuldade em chorar quando adultas. Afinal, toda a vida lhes disseram para não o fazerem. Por isso, reprimem a tristeza.

A tristeza continuamente reprimida transforma-se em depressão crónica, uma emoção nada natural.

Houve pessoas que mataram devido à depressão crónica. Guerras que começaram, nações que caíram.

A ira é uma emoção natural. É o instrumento que possuis que te permite dizer “Não, obrigado”. Não tem de ser abusiva, e nunca tem de ser prejudicial para os outros.

As crianças às quais é permitido exprimirem a sua ira desenvolvem uma atitude muito saudável em relação à ira em adultas e, portanto, normalmente ultrapassam-na rapidamente.

As crianças às quais se faz sentir que a sua ira não está certa – que é errado exprimi-la e que, de facto, nem a deviam sentir - terão dificuldade em lidar adequadamente com a ira quando adultas.

A ira continuamente reprimida transforma-se em raiva, uma emoção nada natural.

Houve pessoas que mataram devido à raiva. Guerras que começaram, nações que caíram.

A inveja é uma emoção natural. É a emoção que faz com que uma criança de cinco anos queira chegar à maçaneta da porta tal como a irmã - ou andar naquela bicicleta. A inveja é a emoção natural que te faz querer repetir; esforçar-te mais, continuar a lutar até conseguir. É muito saudável ser invejoso, muito natural. As crianças às quais é permitido exprimirem a sua inveja desenvolvem uma atitude muito saudável em relação à inveja quando adultas e, portanto, normalmente ultrapassam-na rapidamente.

As crianças às quais se faz sentir que a inveja não está certa – que é errado exprimi-la e que, de facto, nem a deviam sentir – terão dificuldade em lidar adequadamente com a inveja em adultas.

A inveja continuamente reprimida transforma-se em ciúme, uma emoção nada natural.

Houve pessoas que mataram devido ao ciúme. Guerras que começaram, nações que caíram.

O medo é uma emoção natural. Todos os bebés nascem com dois medos apenas: o medo de cair e o medo de ruídos fortes. Todos os outros medos são reações aprendidas, provocadas pelo ambiente que rodeia a criança ou ensinadas pelos pais. O objetivo do medo natural é incutir um pouco de cuidado. O cuidado é um instrumento que ajuda a manter vivo o corpo.

É um resultado do amor. Amor pelo Eu.

As crianças às quais se faz sentir que o medo não está certo - que é errado exprimi-lo e que, de facto, nem o deviam sentir - terão dificuldade em lidar adequadamente com o medo em adultas.

O medo continuamente reprimido transforma-se em pânico, uma emoção nada natural.

Houve pessoas que mataram devido ao pânico. Guerras que começaram, nações que caíram.

O amor é uma emoção natural. Quando se permite que uma criança o exprima e receba, normal e naturalmente, sem limitações nem condições, inibições ou constrangimentos, nada mais é preciso. Porque a alegria do amor expresso e recebido desta forma é suficiente só por si. No entanto, o amor condicionado, limitado, distorcido por regras e regulamentos, rituais e restrições, controlado, manipulado e retido, deixa de ser natural.

As crianças às quais se faz sentir que o seu amor natural não está certo – que é errado exprimi-lo e que, de facto, nem o deviam sentir – terão dificuldade em lidar adequadamente com o amor em adultas.

O amor continuamente reprimido transforma-se em possessividade, uma emoção nada natural.

Houve pessoas que mataram devido à possessividade. Guerras que começaram, nações que caíram.

E é assim que as emoções naturais, quando reprimidas, produzem reacções e efeitos não naturais. E a maior parte das emoções naturais são reprimidas na maior parte das pessoas. No entanto são vossas amigas. São as vossas dádivas. São os vossos instrumentos divinos, com os quais esculpem a vossa experiência.

Esses instrumentos são-vos dados à nascença. Destinam-se a ajudar-vos na travessia da vida.

Por que é que a maior parte das pessoas reprime essas emoções?

Porque foram ensinadas a reprimi-las. Disseram-lhes para o fazer.

Quem?

Os pais. Quem as criou.

Porquê? Por que fariam isso?

Porque os seus pais lhes ensinaram, e os pais deles lhes ensinaram a eles.

Sim, sim. Mas *porquê*? O *que é que se passa*?

O que se passa é que são as pessoas erradas que as criam.

Que queres dizer? Quem são as “pessoas erradas”?

A mãe e o pai.

PAIS JOVENS E DISTORÇÃO DA ENERGIA SEXUAL

A mãe e o pai são as pessoas erradas para criarem os filhos?

Quando os pais são jovens, são. Na maior parte dos casos são. De facto, é um milagre que tantos consigam um trabalho tão bem feito. Ninguém está menos apetrechado para criar crianças do que pais jovens. E, já agora, ninguém o sabe melhor que os pais jovens.

A maior parte dos pais enfrenta a tarefa da criação dos filhos com muito pouca experiência da vida. Mal acabaram eles próprios de ser criados. Ainda procuram respostas, ainda buscam indicações.

Nem sequer se descobriram a si próprios e estão a tentar guiar e alimentar a descoberta noutros ainda mais vulneráveis que eles. Ainda nem sequer se definiram, e são lançados no ato de definir outros. Ainda estão a tentar ultrapassar como foram mal definidos pelos seus pais.

Nem sequer descobriram ainda Quem Eles São, e estão a tentar dizer-vos quem vocês são. É enorme a pressão para que acertem – quando nem sequer conseguem “acertar” a própria vida. Portanto percebem tudo ao contrário – as vidas deles e as vidas dos seus filhos.

Se tiverem sorte, os danos nos filhos não serão grandes. Ultrapassá-los-ão - mas não sem antes passarem alguns, provavelmente, às suas crianças.

A maior parte de vós adquire a sabedoria, a paciência, a compreensão e o amor para serem pais maravilhosos *depois de passada a época de educação dos vossos filhos*.

Por que é assim? Não compreendo.

Vejo que as Tuas observações estão corretas em muitos casos, mas por que é assim?

Porque os jovens progenitores nunca foram destinados a ser educadores. A vossa época de criar os filhos devia começar onde agora termina.

Continuo um bocado perdido.

Os seres humanos são biologicamente capazes de procriar enquanto ainda são eles próprios crianças – o que, para surpresa da maior parte de vós, acontece durante quarenta ou cinquenta anos.

Os seres humanos são “eles próprios crianças” *durante quarenta ou cinquenta anos?*

Numa determinada perspetiva, são. Sei que é difícil reconhecer como verdade, mas olha à tua volta. Talvez os comportamentos da tua raça ajudem a comprovar o Meu ponto de vista.

A dificuldade é que, na vossa sociedade, diz-se que são “crescidos” e que estão preparados para o mundo aos vinte e um anos. Acrescente-se o facto de muitos de vocês *terem sido criados por mães e pais que não tinham muito mais de vinte e um anos* quando começaram a criar-vos, e começarão a ver o problema.

Se os progenitores *estivessem destinados* a serem educadores, a época de ter filhos não se tornaria possível até chegarem aos cinquenta anos!

Procriar é suposto ser uma atividade dos jovens, cujos corpos são bem desenvolvidos e fortes.

Criar os filhos é suposto ser uma atividade dos mais velhos, cujas mentes estão bem desenvolvidas e fortes.

Na vossa sociedade, vocês insistiram em tornar os progenitores responsáveis pela criação dos filhos – com o resultado de não só tornarem o processo de paternidade muito difícil, como também distorcerem muitas das energias em volta do ato sexual.

Hã... importas-Te de explicar?

Está bem.

Muitos humanos observaram o que observámos aqui. Nomeadamente, que muitos humanos – talvez a maior parte - não são verdadeiramente capazes de criar filhos quando são capazes de os gerar. No entanto, depois de o terem descoberto, os humanos arranjam exatamente a solução errada.

Em vez de permitirem aos humanos jovens desfrutarem do sexo e, se este originar filhos, deixar que os mais velhos os criem, dizem aos jovens humanos para não fazerem sexo *até estarem prontos a assumir a responsabilidade de criar filhos*. Fizeram com que ter experiências sexuais antes desse tempo fosse “errado” para eles e criaram assim um tabu à volta do que se destinava a ser uma das celebrações mais jubilosas da vida.

Claro que é um tabu a que os jovens prestam pouca atenção - e por uma boa razão: *é completamente antinatural obedecer-lhe*.

Os seres humanos desejam acasalar e copular assim que sentem o sinal interior que lhes diz que estão preparados. *Essa é a natureza humana*.

No entanto, o seu raciocínio sobre a sua própria natureza terá mais a ver com o que vocês, como pais, lhes disseram do que com o que sentem interiormente. Os vossos filhos esperam que vocês lhes falem sobre o que é a vida.

Portanto, quando têm os primeiros impulsos de se espreitarem uns aos outros, de brincarem inocentemente uns com os outros, de explorarem as “diferenças” entre si, esperarão que vocês lhes deem sinais em relação a isso. Faz parte do lado bom da sua natureza humana? É “mau”? É aprovado? Deve ser reprimido? Contido? Desencorajado?

Verifica-se que o que muitos pais dizem aos seus filhos sobre este aspeto da natureza humana teve a sua origem em todo o tipo de coisas: o que lhes disseram a *eles*; o que diz a sua *religião*; o que a sua *sociedade* pensa – tudo, exceto a ordem natural das coisas.

Na ordem natural da vossa espécie, a sexualidade desabrocha em qualquer altura entre os nove e os catorze anos. A partir dos quinze, encontra-se bem presente e manifesta na maior parte dos seres humanos. Começa assim uma corrida contra o tempo – em que os tilhos se precipitam para a total libertação da sua energia sexual e os pais se precipitam para os impedir.

Os pais precisam de todas as ajudas e alianças que conseguem encontrar nessa luta, já que, como referido, estão a pedir aos seus filhos para *não fazerem* algo que faz parte integrante da sua natureza.

Assim, os adultos inventaram todo o tipo de pressões familiares, culturais, religiosas, sociais e económicas, restrições e limitações para justificar as exigências antinaturais dos jovens. E os filhos habituaram-se a aceitar que a sua sexualidade é *antinatural*. Como pode uma coisa tão “natural” ser assim acusada de vergonhosa e ser tão combatida, controlada, restringida, amordaçada e negada?

Parece-me que estás a exagerar um bocadinho. Não achas que estás a exagerar?

Achas? Que impacto pensas que tem numa criança de quatro ou cinco anos o facto de os pais nem sequer utilizarem o *nome* correto de algumas das partes do corpo? O que estás a transmitir à criança em relação ao teu nível de à-vontade a esse respeito e ao que achas que *deve ser o dela*?

Humm...

É “hummm”, é.

Bom, “isso não se diz”, como dizia a minha avó. É só porque “pipi” e “rabinho” soa melhor.

Isso é porque vocês têm uma carga negativa tão grande ligada aos nomes reais dessas partes do corpo que mal conseguem utilizar as palavras numa conversa vulgar.

Nas idades mais precoces, é evidente que as crianças não sabem por que é que os pais pensam assim e apenas ficam com a impressão, frequentemente indelével, de que certas partes do corpo não são “certas”, e que tudo o que tenha a ver com elas é embaraçoso – se não “errado”.

À medida que crescem e entram na adolescência, podem vir a compreender que isso não é verdade, mas nessa altura dizem-lhes claramente qual a ligação entre gravidez e sexualidade, e como terão de criar os filhos que gerarem, e assim têm mais uma razão para sentirem que a expressão sexual é “errada” – e fecha-se o círculo.

O que isto provocou na vossa sociedade foi a confusão e um caos nada pequeno - *que é sempre o resultado de brincar com a natureza.*

Vocês criaram o constrangimento, a repressão e a vergonha sexual - que conduziram à inibição, à disfunção e à violência sexual.

Como sociedade, sentir-se-ão sempre inibidos quanto ao que vos constrange; terão disfunções nos comportamentos que foram reprimidos, e agirão sempre violentamente em protesto por vos terem feito sentir vergonha do que *sabem, no vosso íntimo, que nunca vos deveria envergonhar de maneira alguma.*

Então Freud tinha razão em dizer que uma grande parte da ira da espécie humana estava relacionada com o sexo – uma raiva profunda por ter de reprimir instintos, interesses e impulsos físicos básicos e naturais.

Mais do que um dos vossos psiquiatras se aventurou a dizer o mesmo. O ser humano revolta-se porque sabe que não devia sentir vergonha de algo que é tão bom – mas sente vergonha e culpa.

Primeiro, o ser humano revolta-se contra o Eu por gostar tanto de uma coisa que é, suposta e obviamente “má”.

Depois, quando percebe que foi ludibriado - que a sexualidade deve ser uma parte maravilhosa, respeitável e gloriosa da experiência humana – revolta-se contra os outros: os pais, por o reprimirem, a religião, por o humilhar, os membros do sexo oposto, por o desafiarem e a sociedade inteira, por o controlar.

Por fim, revolta-se contra si próprio, por permitir que tudo isso o iniba. Muita desta ira reprimida tem sido canalizada para a construção de valores morais distorcidos e mal orientados na sociedade em que presentemente vivem – uma sociedade que glorifica e honra com monumentos, estátuas, selos comemorativos, filmes, quadros e programas de televisão alguns dos atos de violência mais horrendos do mundo, mas que oculta – ou pior ainda, menospreza - alguns dos mais belos atos de amor do mundo. E tudo isto – *tudo isto* – emergiu de um único pensamento: que quem tem filhos também tem toda a responsabilidade de os criar.

Mas, se as pessoas que têm filhos não forem responsáveis por criá-los, quem será?

Toda a comunidade. Com um ênfase especial nos mais velhos.

Nos mais velhos?

Na maior parte das raças e sociedades mais avançadas, os mais velhos criam as crianças, educam-nas, formam-nas e transmitem-lhes a sabedoria, os ensinamentos e as tradições da sua espécie. Mais adiante, quando falarmos de algumas destas civilizações avançadas, abordarei isto novamente.

Em qualquer sociedade em que não seja considerado “errado” ter filhos numa idade precoce – porque os mais velhos da tribo os criam e não existe, portanto, o sentimento de uma responsabilidade e encargo esmagadores – nunca se ouviu falar de repressão sexual, nem de violação, desvio ou disfunção sóciosexual.

Existem sociedades dessas no nosso planeta?

Sim, apesar de estarem a desaparecer. Vocês têm procurado erradicá-las, assimilá-las, porque as consideram bárbaras. Naquelas a que chamam sociedades não-bárbaras, os filhos (e, de resto, as mulheres e os maridos) são considerados propriedade pessoal e, portanto, os procriadores têm de ser educadores, porque têm de cuidar do que “possuem”.

Um dos pensamentos na base de muitos dos problemas da vossa sociedade é essa ideia de que cônjuges e filhos são propriedade pessoal, que são “vossos”.

Analisaremos esta questão da “propriedade” mais adiante, quando explorarmos e discutirmos a vida entre seres altamente evoluídos. Mas, para já, pensem nisto por um minuto. Alguém se encontra realmente preparado emocionalmente para criar filhos na idade em que, fisicamente, está preparado para os ter?

A verdade é que a maior parte dos humanos nem sequer está preparado para criar filhos aos trinta ou aos quarenta anos - e não é de esperar que estejam. De facto, ainda não viveram tempo suficiente como adultos para transmitirem a sabedoria profunda aos filhos.

Já ouvi esse pensamento antes. Mark Twain tinha uma frase sobre isso. Diz-se ter comentado “Quando eu tinha dezanove anos, o meu pai não sabia nada. Mas quando tinha trinta e cinco, fiquei espantado com a quantidade de coisas que o Velho tinha aprendido.”

Ele entendeu perfeitamente. Os anos da juventude nunca se destinaram ao ensinamento da verdade, mas à recolha da verdade. *Como*

podem ensinar aos filhos uma verdade que ainda não adquiriram? Claro que não podem.

Portanto, acabam por lhes falar da única verdade que conhecem - a verdade dos outros. A do vosso pai, a da vossa mãe, a da vossa cultura, a da vossa religião. Tudo e mais alguma coisa, exceto a vossa própria verdade. Essa, ainda a procuram.

E continuarão a procurar e a experimentar, a encontrar e a fracassar, a formar e a reformar a vossa verdade, a vossa ideia sobre vós próprios até terem estado, durante meio século ou coisa parecida, neste planeta.

Então, começam finalmente a estabilizar e a assentar, com a vossa verdade. E, provavelmente, a maior verdade com que estarão de acordo é que não existe nenhuma verdade constante; que a verdade, como a vida, é uma coisa mutável, uma coisa que cresce, que evolui – e que exatamente quando se pensa que esse processo de evolução terminou, não só não terminou como, de facto, apenas começou.

Sim, aí já cheguei. Já passei dos cinquenta e cheguei aí.

Ótimo. Agora és um homem mais sábio. Um dos mais velhos. Agora devias criar filhos. Ou, melhor ainda, daqui a dez anos. Os idosos é que deviam criar as crianças – e estavam destinados a isso. São os idosos que conhecem a verdade e a vida. O que é importante e o que não é. O que significam verdadeiramente termos como integridade, honestidade, lealdade, amizade e amor.

Percebo onde queres chegar. É difícil de aceitar, mas muitos de nós *mal passámos* de “criança” a “aluno” quando temos os nossos próprios filhos, e sentimos que temos de os ensinar a eles. E pensamos: Ensino-lhes o que os meus pais me ensinaram.

Assim, os pecados do pai recairão sobre o filho, até à sétima geração.

Como podemos mudar isso? Como pôr termo ao ciclo?

Colocando a educação dos filhos nas mãos dos vossos respeitados Anciãos. Os pais veem os filhos sempre que querem, vivem com eles se quiserem, mas não são os únicos responsáveis por cuidar deles e criá-los. As necessidades físicas, sociais e espirituais das crianças são preenchidas por toda a comunidade, com a educação e os valores oferecidos pelos idosos.

Posteriormente no nosso diálogo, quando falarmos daquelas outras culturas do Universo, veremos alguns modelos de vida. Mas esses modelos não funcionam, da forma como estruturaram atualmente as vossas vidas.

INEFICÁCIA SOCIAL

Que queres dizer com isso?

Quero dizer que não é só na criação dos filhos que vocês utilizam um modelo ineficaz, mas em toda a vossa forma de viver.

Mais uma vez, que queres Tu dizer?

Afastaram-se uns dos outros. Destroçaram as famílias, dispersaram as comunidades mais pequenas a favor de cidades gigantescas. Nessas grandes cidades há mais gente, mas menos “tribos”, grupos ou clãs cujos membros considerem que a sua responsabilidade inclui a responsabilidade pelo todo.

Portanto, com efeito, não têm anciãos. Pelo menos ao vosso alcance.

Pior que afastarem-se dos idosos, puseram-nos de parte. Marginalizaram-nos. Retiraram-lhes o poder. E até se ressentiram contra eles.

Sim, alguns membros da vossa sociedade estão contra os vossos idosos, alegando que eles são parasitas do sistema, exigindo benefícios que os jovens têm de pagar em percentagens cada vez maiores dos seus rendimentos.

É verdade. Alguns sociólogos preveem uma guerra de gerações, em que as pessoas mais velhas são culpadas por necessitarem cada vez de mais, contribuindo cada vez com menos. Há muito mais cidadãos idosos agora, com os “baby boomers” a chegarem à terceira idade e as pessoas a viverem mais tempo, de um modo geral.

Mas se os vossos idosos não contribuem, é porque vocês não os deixaram contribuir. Exigiram-lhes que se reformassem dos seus empregos precisamente quando podiam trazer algum benefício às empresas, e que se retirassem de uma participação mais ativa e significativa na vida precisamente quando a sua participação poderia dar algum sentido ao processo.

Não só na criação dos filhos, mas na política, na economia e mesmo na religião, onde os idosos tinham pelo menos algum apoio, vocês transformaram-se numa sociedade de adoração da juventude e marginalização dos idosos.

A vossa sociedade tornou-se ainda uma sociedade singular, em vez de plural.

Ou seja, uma sociedade feita de indivíduos, em vez de grupos.

Ao individualizarem e rejuvenescerem a vossa sociedade, perderam muito da sua riqueza e recursos. Agora estão privados de ambos, e demasiados entre vós vivem na pobreza e no vazio emocional e psicológico.

Pergunto-Te uma vez mais, há alguma forma de pôr termo a este ciclo?

Primeiro, admitam e reconheçam que é real. Tantos de vós vivem em negação. Tantos fingem que o que é simplesmente não é. Mentem a vós próprios e não querem ouvir a verdade, e muito menos dizê-la.

Disto falaremos também mais tarde, quando dermos uma vista de olhos pelas civilizações de seres altamente evoluídos, porque essa negação, essa recusa de admitir e reconhecer o que é assim, não é uma coisa

insignificante. E, se querem verdadeiramente mudar as coisas, espero que se permitam escutar-Me.

Chegou o momento de dizer a verdade, nua e crua. Estás preparado?

Estou. Foi por isso que Te procurei. Foi assim que esta conversa começou.

A verdade é muitas vezes incómoda. Só é reconfortante para quem não deseja ignorá-la. Nessa altura, torna-se não só reconfortante como inspiradora.

Para mim, todo este diálogo em três partes foi inspirador. Por favor, continua.

Há boas razões para ser otimista. Verifico que as coisas começaram a mudar. Há uma maior ênfase entre a vossa espécie na criação da comunidade, na construção de famílias alargadas, do que tem havido nos últimos anos. E, cada vez mais, respeitam os vossos idosos, dando significado e valor às suas vidas. É um grande passo numa direção maravilhosamente útil.

Portanto as coisas estão “a dar a volta”.

A vossa cultura parece ter dado esse passo. Agora há que seguir em frente.

Não podem fazer essas mudanças num só dia.

Não podem, por exemplo, mudar toda a vossa forma de educar os filhos, que foi como começou a corrente de pensamento atual, de uma só vez. Mas podem mudar o futuro, passo a passo.

Ler este livro é dar um desses passos. Este diálogo voltará novamente a muitos pontos importantes antes de terminarmos. Essa repetição não será accidental. Destina-se a enfatizar.

Pediste ideias para a construção dos vossos amanhã. Começemos por olhar para os ontens.

CAPÍTULO 2

LIBERTA O PRISIONEIRO EM TI

Que tem o passado a ver com o futuro?

Quando se conhece o passado, pode conhecer-se melhor todos os futuros possíveis. Procuraste-Me para me pedir para tornar melhor a obra da tua vida. Ser-te-á útil saber como chegaste onde te encontras hoje.

Quero falar-te de poder e de força - e da diferença entre os dois. E conversar contigo sobre esta figura de Satanás que vocês inventaram, como e por que o inventaram, e como decidiram que o vosso Deus era um “Ele” e não uma “Ela”.

Quero falar-te de Quem Realmente Sou, em vez do que dizem que Eu sou nas vossas mitologias. Quero descrever-te o Meu Ser de forma a que prontamente substituas a mitologia pela cosmologia – a verdadeira cosmologia do Universo, e a sua relação comigo. Dar-te a conhecer a vida, como funciona, e por que funciona assim. Este capítulo é sobre todas essas coisas.

Quando se sabe essas coisas, pode-se decidir o que se quer rejeitar daquilo que a vossa raça criou. Porque esta terceira parte da nossa conversa, este terceiro livro, é sobre a construção de um novo mundo, a criação de uma nova realidade.

Vivem há demasiado tempo, Meus filhos, numa prisão que vocês próprios criaram. É tempo de se libertarem.

Aprisionaram as vossas cinco emoções naturais, reprimindo-as e transformando-as em emoções antinaturais, que trouxeram infelicidade, morte e destruição ao vosso mundo.

O modelo de comportamento neste planeta tem sido, desde há séculos: não se “entreguem” às vossas emoções.

Se sentirem tristeza, ultrapassem-na; se sentirem ira, reprimam-na; se sentirem inveja, envergonhem-se; se sentirem medo, ignorem-no; se sentirem amor, controlem-no, limitem-no, fujam dele - façam o que tiverem de fazer para se impedirem de o exprimir na totalidade, aqui e agora.

É altura de se libertarem. Na verdade, aprisionaram o vosso Eu Sagrado. E é altura de libertarem o vosso Eu.

O MITO DO DIABO E DO DEUS CIUMENTO

Estou a começar a ficar entusiasmado. Como começamos? Onde principiamos?

No nosso breve estudo de como tudo chegou a esta forma, regressemos à época em que a vossa sociedade se reorganizou. Ou seja, quando os homens se tornaram a espécie dominante e decidiram que era impróprio manifestar emoções - ou, nalguns casos, até mesmo tê-las.

Que queres dizer com “quando a sociedade se reorganizou”. De que estamos a falar?

Numa fase inicial da vossa história, viveram neste planeta numa sociedade matriarcal. Houve então uma mudança e emergiu o patriarcado. Quando fizeram essa mudança, deixaram de exprimir as vossas emoções. Classificaram-no como “fraqueza”. Foi durante esse período que os membros do sexo masculino inventaram o diabo e o Deus masculino.

Os homens inventaram o diabo?

Sim. Satanás foi essencialmente uma invenção masculina. Por fim, toda a sociedade aderiu, mas a rejeição das emoções e a invenção de um “Ser do Mal” fizeram parte de uma rebelião masculina contra o

matriarcado, um período em que as mulheres governavam tudo segundo as suas emoções. Detinham todas as posições governamentais, todas as posições religiosas de poder, todos os lugares de influência no comércio, na ciência, no ensino e na cura.

Que poder tinham os homens?

Nenhum. Os homens tinham de justificar a sua existência, porque tinham muito pouca importância para além da sua capacidade de fertilizar óvulos femininos e transportar objetos pesados. Eram muito semelhantes a formigas e abelhas obreiras. Faziam o trabalho físico pesado e asseguravam a produção e proteção das crianças.

Foram precisas centenas de anos para que os homens criassem para si um lugar maior no tecido social. Decorreram séculos até que os elementos do sexo masculino fossem sequer autorizados a participar nos negócios dos seus clãs; até terem voz ou voto nas decisões da comunidade. Não eram considerados suficientemente inteligentes pelas mulheres para compreenderem esses assuntos.

Bem, é difícil imaginar que qualquer sociedade fosse capaz de proibir de votar toda uma classe de pessoas, com base apenas no género.

Gosto do teu sentido de humor a esse respeito. Gosto mesmo. Queres que continue?

Se fazes favor.

Outros séculos se passaram até poderem sequer pensar em deter as posições de liderança pelas quais finalmente tiveram oportunidade de votar. Eram-lhes igualmente negadas outras posições de influência e poder na sua cultura.

Quando os homens finalmente conseguiram posições de autoridade na sociedade, quando por fim subiram da sua posição anterior como procriadores e meros escravos físicos, há que reconhecer que não inverteram as posições em relação às mulheres e que sempre

lhes atribuíram o respeito, o poder e a influência que todos os humanos merecem, independentemente do sexo.

Lá está outra vez o humor.

Oh, desculpa. Enganei-me no planeta?

Voltemos à nossa narrativa. Mas, antes de prosseguirmos com a invenção do “diabo”, falemos um pouco sobre o poder. Porque é disso, claro, que se trata a invenção de Satanás.

Agora vais levantar a questão de que os homens detêm todo o poder na sociedade atual, não é? Deixa-me adiantar-me e dizer-Te o que penso ser a razão de isso ter acontecido.

Disseste que no período matriarcal os homens eram muito semelhantes a abelhas obreiras que serviam a abelha-rainha. Disseste que faziam o trabalho braçal pesado e asseguravam a produção e proteção das crianças.

E apeteceu-me dizer, “Então o que é que mudou? Isso é o que fazem *agora!*” E aposto que muitos homens diriam provavelmente que não *mudaram* muitas coisas - exceto que os homens cobraram um preço por manterem o seu “papel ingrato”. Têm mais poder.

De facto, a maior parte do poder.

Pronto, a maior parte do poder. Mas a ironia que aqui deteto é que ambos os géneros pensam que têm as tarefas ingratas, enquanto o outro tem o lado melhor. Os homens ressentem-se contra as mulheres que tentam recuperar parte do poder, porque dizem que não admitem que, fazendo tudo o que fazem pela cultura, não tenham pelo menos o *poder necessário para o fazer*. As mulheres levam a mal que os homens conservem todo o poder, dizendo que não admitem continuar a fazer o que fazem pela cultura e continuarem sem poder.

Fizeste a análise correta. E tanto homens como mulheres estão condenados a repetir os mesmos erros num ciclo interminável de

infelicidade autoinfligida, até que uma ou outra parte perceba que o importante na vida não é o poder, mas a força. E até que ambas percebam que não é a separação, mas a unidade. Porque é na unidade que existe a força interior, e é na separação que ela se dissipa, deixando a pessoa fraca e impotente - e, a partir daí, a lutar pelo poder.

Eu vos digo: Eliminem o dilema que vos separa, acabem com a ilusão da separação, e regressarão à fonte da vossa força interior. Aí encontrarão o verdadeiro poder. O poder de fazer seja o que for. O poder de ser seja o que for. O poder de ter seja o que for. Porque o poder de criar deriva da força interior que é produzida através da unidade.

Isto é verdadeiro na relação entre ti e o teu Deus – tal como é acentuadamente verdadeiro na relação entre ti e os outros humanos.

Deixa de pensar em ti separadamente, e todo o verdadeiro poder que provém da força interior da unidade será teu - como sociedade mundial e como parte individual desse todo - para o exerceres como quiseres.

Mas lembra-te disto:

O poder provém da força interior. A força interior não advém do simples poder. A maior parte do mundo entende isto ao contrário.

O poder sem força interior é uma ilusão. A força interior sem unidade é uma mentira. Uma mentira que não serviu a vossa raça, mas mesmo assim se incrustou profundamente na vossa consciência de raça. Porque pensam que a força interior provém da individualidade e do separatismo, e simplesmente não é assim.

A separação de Deus e uns dos outros é a causa de todas as vossas disfunções e sofrimento. No entanto, a separação continua a mascarar-se de força e a vossa política, a vossa economia e até as vossas religiões perpetuaram a mentira.

Esta mentira é a gênese de todas as guerras e de todas as lutas de classes que levam à guerra; de toda a animosidade entre raças e sexos e de todas as lutas de poder que conduzem à animosidade; de todas as provações e tribulações pessoais e de todas as lutas internas que levam a tribulações.

Pois eu vos digo: Conheçam a verdade, e a verdade libertar-vos-á.

Não existe separação. Nem uns dos outros, nem de Deus, nem de nada que exista.

Repetirei esta verdade muitas vezes ao longo destas páginas. Farei repetidamente esta observação.

Ajam como se não estivessem separados de nada nem ninguém e restabelecerão o vosso mundo amanhã.

Este é o maior segredo de todos os tempos. É a resposta que o homem busca há milénios. É a solução pela qual trabalhou, a revelação pela qual rezou.

Ajam como se não fossem separados de nada e restabelecerão o mundo.

Compreendam que se trata de poder com e não poder sobre.

Obrigado. Compreendi isso. Portanto, voltando atrás, primeiro as mulheres tinham o poder sobre os homens e agora é ao contrário. E o sexo masculino inventou o diabo para arrancar esse poder às chefes tribais ou dos clãs?

Sim. Utilizaram o medo porque o medo era o único instrumento que possuíam.

Mais uma vez, as coisas não mudaram muito. Os homens continuam a fazê-lo até hoje, Por vezes, mesmo antes de tentarem apelar à *razão*, os homens utilizam o medo. Particularmente se forem os homens maiores, os mais fortes. (Ou a nação maior ou mais forte.)

Por vezes parece mesmo inerente aos homens. Parece *celular*. A força é a razão. A força é o poder.

Sim. Tem sido assim desde a queda do matriarcado.

Como se tornou assim?

É disso que trata esta história.

Então continua, por favor.

O que os homens tinham a fazer para assumirem o controlo durante o período matriarcal não era convencer as mulheres de que devia ser dado maior poder aos homens sobre as suas vidas, mas convencer os outros homens.

Afinal de contas, a vida decorria calmamente, e havia maneiras piores de os homens passarem os dias do que simplesmente fazerem algum trabalho braçal para serem apreciados e depois terem relações sexuais. Portanto, não foi fácil para os homens, que não tinham poder, convencerem outros homens sem poder a tentar alcançar o poder. Até que descobriram o medo.

O medo era a única coisa com que as mulheres não tinham contado.

Esse medo começou com sementes de dúvida, semeadas pelos homens mais descontentes. Normalmente, esses eram os homens menos “desejáveis”; os que não eram musculosos, os menos adornados – portanto, aqueles a quem as mulheres davam menos atenção.

E aposto que, por isso, as suas queixas eram consideradas delírios de raiva nascidos da frustração sexual.

Correto. Mesmo assim, os homens descontentes tinham de utilizar o único instrumento que possuíam. Portanto, tentaram fazer nascer o medo semeando a dúvida. E se as mulheres estivessem enganadas? Perguntavam. E se a maneira como governavam o mundo não fosse a melhor? E se essa maneira estivesse, de facto, a conduzir toda a sociedade

– toda a raça - à aniquilação certa e total? Isto era algo que muitos homens não conseguiam imaginar. Afinal, as mulheres não tinham uma ligação direta com a Deusa? Não eram, de facto, réplicas físicas exatas da Deusa? E a Deusa não era boa?

A doutrina era tão poderosa, tão difundida, que os homens não tiveram outra escolha senão inventar um diabo, um Satanás, para contrariar a bondade ilimitada da Grande Mãe imaginada e adorada pela população do matriarcado.

Como conseguiram convencer alguém de que existia tal coisa, um “ser do mal”?

Uma coisa que a sociedade inteira compreendia era a teoria da “ovelha negra”. As próprias mulheres viam e sabiam por experiência que alguns filhos saíam simplesmente “maus”, fizessem o que fizessem. Especialmente, como toda a gente sabia, os rapazes, que pura e simplesmente não se conseguia controlar.

E assim se criou um mito. Um dia, segundo o mito, a Grande Mãe, a Deusa das Deusas, deu à luz uma criança que *não era boa*. Apesar de todas as tentativas da Mãe, a criança não se emendava. Por fim, lutou contra a Mãe pelo seu próprio trono.

Isso foi demais, mesmo para uma Mãe amorosa e tolerante. O rapaz foi banido para sempre – mas continuou a aparecer sob disfarces e vestes artificiosos, por vezes fazendo-se até passar pela própria Grande Mãe.

Este mito criou a base para que os homens perguntassem, “Como sabemos se a Deusa que adoramos é mesmo uma Deusa? Pode ser o mau filho, agora adulto, que nos queira enganar.”

Com esta artimanha, os homens conseguiram que outros se preocupassem, depois que se zangassem por as mulheres não levarem a sério as suas preocupações e depois que se revoltassem.

Foi assim que foi criado o ser a quem agora chamam Satanás. Não foi difícil criar um mito sobre o “mau filho” nem foi difícil convencer até as mulheres do clã da possibilidade de existência de tal criatura. Também não foi difícil convencer as pessoas de que a criança ruim era do sexo masculino. Os homens não eram o sexo inferior?

Este estratagema foi utilizado para estabelecer um problema mitológico. Se a “criança ruim” era do sexo masculino, se o “ser maléfico” era masculino, quem poderia dominá-lo pela força? Uma Deusa feminina certamente que não. Porque, diziam astuciosamente os homens, em questões de sabedoria e perspicácia, de clareza e compaixão, de planejamento e raciocínio, ninguém duvidava da superioridade feminina. Mas em questões de força bruta, não era preciso um homem?

Anteriormente, na mitologia da Deusa, os homens eram meros consortes – companheiros das mulheres, que serviam como criados e colmatavam o seu poderoso desejo de celebração sensual da sua magnificência de Deusa.

Mas agora era necessário um homem que fosse capaz de fazer mais; um homem que também fosse capaz de proteger a Deusa e derrotar o inimigo. Esta transformação não ocorreu de um dia para o outro, mas ao longo de muitos anos. Gradualmente, muito gradualmente, as sociedades começaram a encarar o consorte masculino também como protetor masculino nas suas mitologias espirituais, pois agora que havia que proteger a Deusa *contra* alguém, era claramente necessário esse protetor.

Não tardou que o homem passasse de protetor a parceiro igual, a par com a Deusa. Foi criado o *Deus masculino* e, durante algum tempo, Deuses e Deusas governaram juntos a mitologia.

Depois, outra vez gradualmente, foram sendo atribuídos aos Deuses papéis mais importantes. A necessidade de proteção, de força, foi suplantando a necessidade de sabedoria e de amor. Uma nova espécie de amor nasceu nessas mitologias. Um amor que protege com força bruta. Mas era um amor que também cobiçava o que protegia; que tinha ciúmes

das suas Deusas; que não se limitava a servir a sua concupiscência feminina, mas combatia e morria por ela.

Começaram a emergir mitos de Deuses com enorme poder que se disputavam e combatiam por Deusas de beleza indescritível.

E assim nasceu o *Deus ciumento*.

Isso é fascinante.

Espera. Estamos a chegar ao fim, mas ainda falta um bocadinho.

Não tardou a que o ciúme dos Deuses se estendesse não só às Deusas mas a todas as criações em todos os domínios. É melhor amá-Lo, exigiam esses Deuses ciumentos, e a mais nenhum Deus - *senão!*

Uma vez que os homens eram a espécie mais poderosa e os Deuses os mais poderosos dos homens, parecia não haver lugar para argumentações nesta nova mitologia.

Começaram a surgir histórias dos que argumentaram, e perderam.

Tinha nascido o Deus da ira.

Em breve, toda a ideia de Divindade foi subvertida. Em vez de ser a fonte de todo o amor, passou a ser a fonte de todo o medo.

O modelo de amor maioritariamente feminino – o amor infundavelmente tolerante de uma mãe pelo filho e, sim, até de uma mulher pelo seu homem não muito esperto mas, apesar de tudo, útil, foi substituído pelo amor ciumento e irado de um Deus exigente e intolerante, que não admitia nenhuma interferência, não permitia nenhuma falha, não ignorava nenhuma ofensa.

O sorriso da Deusa divertida, sentindo um amor ilimitado e submetendo-se docilmente às leis da Natureza, foi substituído pela face

austera do Deus sério, que proclamava o poder sobre as leis da Natureza, limitando o amor para todo o sempre.

Esse é o Deus que vocês adoram hoje, e foi assim que chegaram onde estão agora.

Espantoso. Interessante e espantoso. Mas qual é o objetivo de me contares tudo isso?

É importante que saibam que *vocês inventaram isto tudo*. A ideia de que a “força é a razão” ou de que o “poder é a força” nasceu nos vossos mitos teológicos criados pelos homens.

O Deus da ira, do ciúme e da cólera foi uma imaginação. Mas aquilo que imaginaram durante tanto tempo *tornou-se realidade*. Alguns ainda hoje o consideram real. No entanto, nada tem a ver com a verdadeira realidade ou com o que realmente se passa aqui.

O PROPÓSITO DA ALMA

E o que é?

O que se passa é que a tua alma anseia pela *experiência mais sublime de si própria* que pode imaginar. Veio aqui com esse propósito – para se realizar (ou seja, para se tornar real) na sua experiência.

Depois descobriu os prazeres da carne – não só o sexo, mas todo o tipo de prazeres - e, ao abandonar-se a esses prazeres, foi-se esquecendo gradualmente dos prazeres do espírito.

Esses também são prazeres – prazeres maiores do que o corpo jamais vos poderá proporcionar. Mas a alma esqueceu isso.

Pronto, agora estamos a afastar-nos de toda a história e a voltar a algo que abordaste anteriormente neste diálogo. Importas-Te de repetir?

Bem, não estamos propriamente a afastar-nos da história. Estamos a ligar umas coisas às outras. Repara, é muito simples. O propósito da tua alma – a razão por que ela veio até ao corpo – é ser e expressar Tu Quem Realmente És. A alma anseia por isso; anseia por se conhecer a si e à sua própria experiência. Essa ânsia de saber é a vida que quer ser.

É Deus, optando por expressar. O Deus das vossas histórias não é o Deus que realmente é. Essa é a questão. A tua alma é o instrumento através do qual Eu Me expremo e experiencio.

Isso não *limita* muito a Tua experiência?

Limita, a menos que não limite. Isso depende de ti. És tu a expressão e a experiência de Mim ao nível a que escolheres. Há quem tenha escolhido expressões verdadeiramente grandiosas. Não houve nenhuma superior à de Jesus, o Cristo – embora tenha havido outras tão elevadas como essa.

Cristo não é o exemplo supremo? Não é Deus feito Homem?

Cristo é o exemplo supremo. Simplesmente não é o único exemplo a chegar a esse estado superior. Cristo é Deus feito Homem. Simplesmente não é o único homem feito de Deus.

Todo o homem é “Deus feito Homem”. Tu és Eu, expresso na tua forma atual. Mas não te preocupes em Me limitar; em quanto isso Me limita. Porque Eu não sou limitado, e nunca fui. Pensas que és a única forma que escolhi? Pensas que vocês são as únicas criaturas que imbuí da Essência de Mim?

Eu vos digo, estou em cada flor, cada arco-íris, cada estrela nos céus, e em tudo em todos os planetas que giram em redor de cada estrela.

Sou o sussurro do vento, o calor do vosso sol, a incrível individualidade e a extraordinária perfeição de cada floco de neve.

Sou a majestade no voo arrojado das águias e a inocência da gazela no campo; a coragem dos leões, a sabedoria dos antigos.

E não estou limitado aos modos de expressão apenas vistos no vosso planeta. Vocês não sabem Quem Eu Sou, apenas pensam que sabem. Mas não pensem que Quem Eu Sou se limita a vós, ou que a Minha Essência Divina - o Espírito mais Santo – vos foi dado só a vós. Isso seria um pensamento arrogante e mal informado.

O Meu Ser está em tudo. Tudo. O Todo é a Minha Expressão. O Todo é a Minha Natureza. Nada existe que Eu Não Seja, e o que Eu Não Sou não pode existir.

O Meu propósito ao criar-vos, Minhas criaturas benditas, foi para que Eu tivesse uma experiência de Mim como Criador da Minha Própria Experiência.

EU SOU O QUE EU SOU

Algumas pessoas não compreendem. Ajuda-nos a todos a entender.

Um dos aspetos de Deus que só uma criatura muito especial poderia criar era o aspeto de Mim como O Criador.

Eu não sou o Deus das vossas mitologias, nem sou a Deusa. Sou o Criador – Aquele Que Cria. No entanto, opto por Me Conhecer na Minha Própria Experiência.

Tal como conheço a Minha perfeição de desenho através de um floco de neve, a Minha beleza esmagadora através de uma rosa, assim conheço igualmente o Meu poder criativo – através de vós.

A vós dei a capacidade de criar conscientemente a vossa experiência, que é a capacidade Que Eu tenho.

Através de vós, posso conhecer cada aspeto de Mim. A perfeição do floco de neve, a beleza esmagadora da rosa, a coragem dos leões, a

majestade das águias, tudo reside em vós. Em vós coloquei todas estas coisas - e mais uma: a consciência para delas estarem cientes.

Assim se tornaram conscientes do Eu. E assim vos foi dada a dádiva suprema, pois têm consciência de vós próprios sendo vós próprios – que é exatamente o que Eu Sou.

Eu sou Eu Próprio, consciente de Mim Próprio *sendo* Eu Próprio.

É isso que significa a afirmação, Eu Sou O Que Eu Sou. Vocês são a Parte de Mim que é a consciência, experienciada.

E o que experienciam (e o que Eu experiencio por vosso intermédio) sou Eu, a criar-Me.

Eu estou no ato contínuo de Me criar.

Isso significa que Deus não é uma constante? Quer dizer que não sabes o que *Tu* vais *ser* no momento seguinte?

Como posso saber? Ainda não decidiste!

Deixa-me lá ver se percebi. *Eu* é que decido isso?

Sim. Tu és Eu optando por ser Eu.

Tu és Eu, optando por ser O Que Eu Sou - e escolhendo o que Eu vou ser.

Todos vós, coletivamente, estão a criar isso. Fazem-no numa base individual, quando cada um de vós decide Quem É, e o experiencia, e fazem-no coletivamente, como ser coletivo cocriador que são.

Eu Sou a experiência coletiva de todos vós!

E não sabes mesmo quem vais ser no momento seguinte?

Há bocado respondi de coração leve. Claro que sei. Eu já conheço todas as vossas decisões, portanto sei Quem Eu Sou, Quem Sempre Fui e Quem Sempre Serei.

Como podes saber o que eu vou optar por ser, fazer e ter no momento seguinte, quanto mais o que toda a raça humana vai escolher?

É simples. Já fizeram a escolha. Tudo o que alguma vez serão, farão ou terão, já fizeram. Estão a fazê-lo agora mesmo.

Vês? Não existe tempo nenhum.

Isso também já discutimos antes.

Vale a pena revê-lo aqui.

O CRIADOR EM NÓS E A RAZÃO SECRETA DA VIDA FÍSICA

Sim. Diz-me outra vez como funciona.

O passado, o presente e o futuro são conceitos que vocês construíram, realidades que inventaram, de forma a criar um contexto dentro do qual pudessem enquadrar as vossas (Nossas) experiências se sobreporiam.

Na verdade, estão a sobrepor-se - ou seja, a acontecer ao mesmo “tempo” -, simplesmente vocês não o sabem. Colocaram-se numa concha de percepção totalmente fechada à Realidade Total.

Expliquei isso em pormenor no *Livro2*. Poderia ser bom releres esse material, de forma a colocar o que aqui está a ser dito no contexto devido.

O que quero aqui provar é que tudo está a acontecer ao mesmo tempo. Tudo. Por isso, sim, sei o que “vou ser”, o que “sou”, e o que “fui”. Sei-o sempre. Ou seja, de todas as formas.*

E assim, como vês, não há nenhuma forma de Me surpreenderem.

A tua história - todo o drama terreno - foi criada para que pudesses saber Quem Tu És na tua própria experiência. Também foi concebida para te ajudar a esquecer Quem Tu És, para que possas recordar Quem Tu És mais uma vez, e criá-lo.

Porque não posso *criar* quem eu sou se já estiver a experienciar quem eu sou. Não posso criar ter um metro e oitenta de altura se *já* tiver um metro e oitenta de altura. Teria de ter menos de um metro e oitenta de altura – ou, pelo menos, *pensar que tinha*.

Exatamente. Percebes perfeitamente. E uma vez que o maior desejo da alma (Deus) é experienciar-se como O Criador, e dado que tudo já foi criado, Nós não tivemos outra alternativa senão esquecer tudo sobre a Nossa criação.

Estou espantado por termos encontrado uma maneira. Tentar “esquecer” que somos todos Um, e que esse Um que somos é Deus, deve ser como tentar esquecer que está um elefante cor-de-rosa na sala. Como pudemos ficar de tal forma hipnotizados?

Acabas de tocar na razão secreta de toda a vida física. É a vida no físico que vos hipnotizou – e muito bem, porque é, afinal de contas, uma aventura extraordinária!

O que utilizámos aqui para Nos ajudar a esquecer é o que alguns de vós chamariam o Princípio do Prazer.

A natureza superior de todo o prazer é o aspeto do prazer que faz com que cries Quem Realmente És na tua experiência, aqui e agora - e recries,

* Jogo de palavras com o termo “always” (sempre) e “all ways” (de todas as formas). (N. da T.)

recries e voltes a recriar Quem Tu És no nível mais elevado de magnificência que se segue. Esse é o supremo prazer de Deus.

A natureza inferior de todo o prazer é a parte do prazer que faz com que esqueças Quem Realmente És. Não condenes a natureza inferior pois, sem ela, não poderias experienciar a superior.

É quase como se os prazeres da carne primeiro nos fizessem esquecer Quem Nós Somos para depois se transformarem na própria via através da qual nos recordamos!

Aí tens. Acabas de o dizer.

E a utilização do prazer físico como via para recordar Quem Tu És é conseguida fazendo subir, através do corpo, a energia básica de toda a vida.

Essa energia é a que vocês por vezes chamam “energia sexual” e eleva-se ao longo da coluna interior do vosso ser até atingir a zona a que chamam o Terceiro Olho. Trata-se da zona imediatamente por trás da testa, entre os olhos e ligeiramente acima deles. Ao fazeres subir a energia, fazes com que flua através do teu corpo todo. É como um orgasmo interior.

Como e Que isso é feito? Como se faz?

Faz-se “subir com o pensamento”. É isso mesmo que quero dizer. Faz-se literalmente “subir” ao longo do caminho interior do que chamam os vossos “chacras”. Depois de se fazer subir repetidamente a energia da vida, adquire-se o gosto pela experiência, tal como se desenvolve o apetite pelo sexo.

A experiência de suscitação da energia é sublime. Rapidamente se torna a experiência mais desejada. No entanto, nunca se perde completamente o apetite pela energia inferior – pelas paixões básicas – nem se deve tentar. Porque o superior não pode existir sem o inferior na vossa experiência – como vos fiz notar muitas vezes. Ao atingirem o mais alto, devem regressar ao mais baixo, a fim de experienciarem novamente o prazer de ascender ao mais elevado.

Esse é o ritmo sagrado de toda a vida. Conseguem-no não só movimentando a energia no interior do vosso corpo, mas também movimentando a energia maior no interior do Corpo de Deus.

Vocês encarnam como formas inferiores, depois evoluem para estados superiores de consciência. Estão simplesmente a fazer subir a energia no Corpo de Deus. Vocês são essa energia. E quando atingem o estado supremo, experienciam-no plenamente, decidem o que querem experienciar a seguir e onde, no Campo da Relatividade, escolhem ir para o experienciar.

Podem desejar experienciar-se novamente a transformarem-se no vosso Eu – é, na verdade, uma experiência grandiosa – e assim recomeçar tudo de novo na Roda Cósmica.

Isso é o mesmo que a “roda cármica”?

Não. A “roda cármica” é coisa que não existe. Da maneira como a imaginaram, não. Muitos de vós imaginaram estar, não numa roda, mas numa *passadeira rolante*, na qual se penitenciam de ações passadas e se esforçam valentemente para não incorrer noutras. É isso que alguns de vós designam por “roda cármica”.

Não é pois muito diferente de algumas das vossas teologias Ocidentais, pois em ambos os paradigmas figuram como pecadores indignos que tentam alcançar a pureza para passar ao nível espiritual seguinte.

À experiência que aqui descrevi, pelo contrário, chamo Roda *Cósmica*, porque nada existe de indignidade, penitência, castigo ou “purificação”. A Roda Cósmica descreve simplesmente a verdade máxima, ou aquilo a que se poderia chamar a cosmologia do Universo.

É o ciclo da vida, ou o que por vezes chamo O Processo. É uma frase pictórica que descreve a natureza sem-princípio-nem-fim das coisas; o trilho continuamente aberto entre o todo de tudo, no qual a alma empreende alegremente a sua jornada por toda a eternidade.

É o ritmo sagrado de toda a vida, através do qual vocês movimentam a Energia de Deus.

Caramba, nunca me explicaram isso de maneira tão simples! Acho que nunca o percebi tão claramente.

Bem, foi para experienciareis a clareza que vieste até aqui. Era esse o propósito deste diálogo. Fico satisfeito por estares a conseguir.

MISTURAR O SAGRADO COM O SACRÍLEGO

Na verdade, não existe um lugar “inferior” nem “superior” na Roda Cósmica. Como pode haver? É uma *roda*, não uma *passadeira*.

Excelente. É uma imagem excelente e um excelente raciocínio. Por isso, não condenes aquilo a que chamais os instintos inferiores, básicos e animais do homem mas abençoa-os, respeitando-os como o caminho através do qual, e pelo qual, encontrarás o caminho de regresso a casa.

Isso aliviaria muita gente de muitas culpas ligadas ao sexo.

Foi por isso que Eu disse, brinquem, brinquem, *brinquem* com o sexo – e com toda a vida!

Misturem o que chamam sagrado com o sacrílego pois, até verem os vossos altares como o lugar supremo do amor, e os vossos quartos de dormir como o lugar supremo de adoração, não verão nada. Pensam que o “sexo” está separado de Deus? Eu vos digo: *Eu estou no vosso quarto todas as noites!*

Portanto sigam em frente! Misturem o que chamam profano e o profundo – para que vejam que não há diferença, e experienciem Tudo como Um. Então quando continuarem a evoluir, não se verão a desistir do

sexo, mas simplesmente a desfrutá-lo a um nível superior. Porque toda a vida é uma Troca Sinérgica de Energia*.

E se compreenderem isto em relação ao sexo, compreendê-lo-ão em relação a tudo na vida. Mesmo o fim da vida – aquilo a que chamam “morte”. No momento da morte, não se verão a desistir da vida mas, simplesmente, a desfrutá-la a um nível superior.

Quando por fim virem que não existe separação no Mundo de Deus – ou seja, nada que não seja Deus – então, finalmente, desistirão dessa invenção do homem a que chamaram Satanás. Se Satanás existe, existe como todos os pensamentos que alguma vez tiveram de separação de Mim. Vocês não podem ser separados de Mim, porque Eu Sou Tudo O Que É.

Os homens inventaram o diabo para obrigar as pessoas a fazerem o que eles queriam por medo, sob a ameaça de separação de Deus se não fizessem. A condenação, o ser lançado ao fogo eterno do Inferno, foi a *suprema tática de meter medo*. Mas agora já não há que ter medo. Porque nada pode, nem jamais poderá, separar-vos de Mim.

Vocês e Eu somos Um. Não podemos ser outra coisa se Eu Sou O Que Sou: Tudo O Que É.

Por que Me condenaria a Mim próprio? E como o faria? Como Me poderia separar de Mim próprio quando Eu próprio sou Tudo O Que É, e nada mais existe?

O Meu propósito é evoluir, não é condenar; crescer, e não morrer; experienciar, e não deixar de experienciar. O Meu propósito é Ser, não é deixar de Ser.

Não tenho nenhuma forma de Me separar de vós – ou de qualquer outra coisa. O “Inferno” é simplesmente não saber isso. A “salvação” é

* O autor utiliza o trocadilho “S.E.X – Synergistic Energy eXchange”, que na tradução para português perde o sentido original. (N. da T.)

sabê-lo e compreendê-lo inteiramente. Agora estão salvos: Já não precisam de se preocupar mais com o que vos vai acontecer “depois da morte”.

CAPÍTULO 3

MORTE, TEMPO, ESPAÇO E PERSPETIVA

Podemos falar um bocadinho sobre esta história da morte? Disseste que este terceiro livro seria sobre verdades mais elevadas; sobre verdades universais. Ora, em toda a conversa que tivemos, não falámos muito sobre a morte – nem sobre o que acontece a seguir. Vamos fazê-lo agora. Vamos a isso.

Está bem. O que queres saber?

O que acontece quando se morre?

O que escolhes que aconteça?

Queres dizer que o que acontece é aquilo que escolhemos que aconteça?

Pensas que só por morreres deixas de criar?

Não sei. Por isso Te estou a perguntar.

Está certo. (Por acaso, até sabes, mas vejo que te esqueceste - o que é ótimo. Tudo correu conforme planeado.)

Quando morres, não deixas de criar. Isso é suficientemente definitivo para ti?

É.

Ainda bem.

Ora, a razão por que não deixas de criar quando morres é que nunca morres. Não podes. Porque és a própria vida. E a vida não pode não ser vida. Portanto, não podes morrer.

Assim, no momento da tua morte o que acontece é... que continuas a viver.

É por isso que tantas pessoas que “morreram” não acreditam – porque não tiveram a experiência de estar mortas. Pelo contrário, sentem-se (porque estão) bem vivas. Daí a confusão.

O Eu pode ver o corpo ali estendido, todo amassado, inerte, e no entanto o Eu movimenta-se repentinamente por todo o lado. Tem frequentemente a experiência de voar literalmente por toda a sala - e de estar em toda a parte no espaço, em simultâneo. E quando deseja uma determinada perspetiva, encontra-se subitamente a experienciá-la.

Se a alma (o nome que daremos ao Eu) se perguntar “ora, por que é que o meu corpo não se mexe?” dará por si exatamente ali, a pairar por cima do corpo, observando curiosamente a imobilidade.

Se alguém entrar na sala e a alma pensar, “Quem é aquele?” - imediatamente estará em frente ou ao lado dessa pessoa.

Assim, num espaço de tempo muito curto, a alma percebe que pode ir a qualquer lugar - à velocidade do pensamento.

Uma sensação de liberdade e leveza incríveis invade a alma, e normalmente leva algum tempo até a entidade “se habituar” a todo este esvoaçar a cada pensamento.

Se a pessoa tinha filhos e pensar neles, a alma encontra-se imediatamente na presença desses filhos, onde quer que estejam. Assim, a alma também aprende que não só pode estar onde quer que queira à velocidade do pensamento – como pode estar em dois lugares ao mesmo tempo. Ou três. Ou cinco.

Pode existir, observar e entregar-se a atividades nesses lugares simultaneamente, sem dificuldade nem confusão. Depois pode “voltar a

juntar-se” a si própria, regressando a um lugar, mudando simplesmente o foco de concentração.

A alma recorda na vida seguinte o que faria bem em lembrar nesta vida - que todo o efeito é criado pelo pensamento, e que a manifestação é um resultado da intenção.

Aquilo em que me concentro como minha intenção torna-se a minha realidade.

Exatamente. A única diferença é a velocidade a que experiencias o resultado. Na vida física pode haver um lapso de tempo entre o pensamento e a experiência.

No domínio do espírito não existe esse lapso; os resultados são instantâneos.

As almas acabadas de partir aprendem assim a controlar os pensamentos com muito cuidado porque, seja o que for que pensam, experienciam-no.

Utilizo aqui a palavra “aprender” muito livremente, mais como figura de retórica do que como verdadeira descrição. O termo “recordar” seria mais exato.

Se as almas fisicalizadas aprendessem a controlar os pensamentos tão rápida e eficientemente como as almas espiritualizadas, as suas vidas mudariam completamente.

Na criação da realidade individual, o controlo do pensamento, ou o que alguns chamam oração - é tudo.

Oração?

O controlo do pensamento é a forma mais elevada de oração. Portanto, pensem apenas em coisas boas e retas. Não se entreguem à negatividade e à escuridão. E, mesmo nos momentos em que as coisas

pareçam desanimadoras – especialmente nesses momentos – vejam apenas perfeição, expressem apenas gratidão e imaginem apenas que manifestação de perfeição escolhem em seguida.

Nesta fórmula se encontra a tranquilidade. Neste processo se encontra a paz. Nesta consciencialização se encontra a alegria.

Isso é extraordinário. É um dado extraordinário. Obrigado por o transmitires por meu intermédio.

Obrigado por o deixares expressar. Uma vez estás “mais limpo” que outras. Há momentos em que estás mais aberto – como um coador que acabou de ser passado por água. Fica mais “aberto”. Há mais furos abertos.

Uma boa maneira de o ilustrar.

Faço o Meu melhor.

Recapitulando: As almas libertas do corpo rapidamente se lembram de monitorizar e controlar os pensamentos com muito cuidado, porque tudo aquilo em que pensam é o que criam e experienciam.

Mais uma vez o digo, o mesmo acontece com as almas que ainda residem no corpo, exceto que os resultados normalmente não são tão imediatos.

É esse lapso de “tempo” entre o pensamento e a criação - que pode ser de dias, semanas, meses ou mesmo anos – que cria a ilusão de que as coisas te estão a acontecer *a ti*, e não *por tua causa*. *Isso é uma ilusão*, que te faz *esquecer que tu estás em causa* na questão.

Como já descrevi várias vezes, esse esquecimento está “integrado no sistema”. Faz parte do processo. Porque não podes criar Quem Tu És enquanto não esqueceres Quem Tu És. Portanto a ilusão que cria o esquecimento é um efeito criado de propósito.

Quando deixares o corpo, será uma grande surpresa ver a ligação instantânea e óbvia entre os teus pensamentos e as tuas criações. Será inicialmente uma surpresa chocante, e depois muito agradável, quando te começares a lembrar que estás em causa na criação da tua experiência, não no seu efeito.

Por que há essa demora entre o pensamento e a criação antes de morrermos, e não há demora nenhuma depois de morrermos?

Porque estão a funcionar dentro da ilusão do tempo. Não há demora entre o pensamento e a criação fora do corpo porque estão igualmente fora do parâmetro do tempo.

Por outras palavras, tal como Tu disseste tantas vezes, o tempo não existe.

Não como vocês o entendem. O fenómeno do “tempo” é na realidade uma função da perspetiva.

Por que existe enquanto estamos no corpo?

Vocês provocaram-no ao assumirem a vossa perspetiva atual. Utilizam essa perspetiva como um instrumento com o qual podem explorar e examinar as vossas experiências de uma forma muito mais completa, separando-as em partes individuais, em vez de uma única ocorrência.

A vida é uma ocorrência única, um acontecimento no cosmo que está a acontecer neste preciso momento. Toda ela está a acontecer. Em toda a parte.

Não há outro “tempo” senão *agora*. Não há outro “lugar” senão *aqui*.

Aqui e agora é Tudo O Que É.

No entanto, vocês optaram por experienciar a magnificência do aqui e agora em todos os seus detalhes, e por experienciarem o vosso Eu Divino

como o criador aqui e agora dessa realidade. Só havia duas formas - dois campos de experiência - em que o podiam fazer. O tempo e o espaço.

De tal forma magnífico era o pensamento que explodiram literalmente de deleite!

Nessa explosão de deleite criou-se espaço entre as partes que vos compõem e o tempo que demorava a ir de uma parte a outra.

Dessa forma, *despedaçaram* literalmente o vosso Eu para olharem para cada pedaço.

Pode dizer-se que ficaram tão felizes que se “desfizeram em pedaços”.

Têm andado a apanhar os pedaços desde então.

Toda a minha vida é isso! Estou a juntar os pedaços, tentando ver se fazem sentido.

E foi através do artifício chamado tempo que conseguiram separar os pedaços, dividir o indivisível, para o ver e experienciar de maneira mais completa, à medida que o criam.

Tal como olhas para um objeto sólido através do microscópio e vês que não é nada sólido, mas na verdade um conglomerado de um milhão de efeitos diferentes - coisas diferentes a acontecerem todas ao mesmo tempo e criando assim o efeito maior -, assim utilizas o tempo como o microscópio da alma.

Repara na Parábola da Pedra.

Era uma vez uma Pedra, que continha inúmeros átomos, prótons, neutrões e partículas subatómicas de matéria. Essas partículas moviam-se vertiginosa e continuamente, num certo padrão, cada partícula indo “daqui” para “ali”, e levando “tempo” a fazê-lo. Mas tão rapidamente que parecia que a Pedra em si não se movia. Limitava-se a estar. Ali jazia, bebendo o sol, absorvendo a chuva, sem se mover.

“O que é isto, dentro de mim, que se move?” perguntou a Pedra.

“És Tu”, disse uma Voz longínqua.

“Eu?” respondeu a Pedra. “Isso é impossível. Eu nem me estou a mexer. Qualquer pessoa o vê.”

“Sim, à *distância*,” concordou a Voz. “*Aqui de longe pareces* mesmo sólida e imóvel. Mas quando me aproximo - quando olho muito de perto para o que está realmente a acontecer – vejo que tudo o que constitui O Que Tu És se *move*. Move-se a uma velocidade incrível através do tempo e do espaço num determinado padrão que Te *cria* como a coisa chamada ‘Pedra’. E assim, és como a magia! Moves-te e *não te moves* ao mesmo tempo.”

“Mas,” perguntou a Pedra, “qual é então a ilusão? A unidade, a imobilidade da Pedra ou a separabilidade e o movimento das suas partes?”

Ao que a Voz respondeu “Qual é então a ilusão? A unidade, a imobilidade de Deus? Ou a separabilidade e o movimento das Suas partes?”

Eu vos digo: Sobre esta Pedra, edificarei a Minha igreja. Porque é a Pedra dos Tempos. Esta é a verdade eterna que tudo revela. Expliquei-vos tudo aqui, nesta pequena história. Esta é A Cosmologia.

A vida é uma série de movimentos mínimos e incrivelmente rápidos. Esses movimentos não afetam nada a imobilidade e o Ser de Tudo O Que É. Contudo, tal como os átomos da pedra, é o movimento que cria a imobilidade, mesmo em frente aos vossos olhos.

A esta distância, não há separação. Não pode haver, porque Tudo O Que É é Tudo O Que Existe, e *nada mais existe*. Eu sou o Movedor Imóvel. Da perspetiva limitada com que vocês veem Tudo O Que É, veem-se como separados e à parte, não como um ser imóvel, mas como muitos, muitos seres, em constante movimento. Ambas as observações são exatas. Ambas as realidades são “reais”.

E quando eu “morrer”, não morro nada, mas passo simplesmente para um estado de percepção do macrocosmo – onde não existe “tempo” nem “espaço”, agora e então, antes e depois.

Precisamente.

Percebeste.

Deixa lá ver se To consigo repetir. Deixa ver se *eu* sou capaz de o descrever.

Vamos a isso.

De uma macro perspectiva, não existe separabilidade, e «lá de longe» todas as partículas de tudo apenas parecem o Todo.

Tal como se olha para a pedra aos nossos pés e se vê a pedra, nesse preciso momento e nesse exato lugar, inteira, completa e perfeita. Mas, mesmo na fração de momento em que a pedra se mantém na nossa percepção, passam-se muitas coisas nela – um movimento incrível, a uma velocidade incrível, das partículas dessa pedra. E que fazem essas partículas? Fazem da pedra o que ela é.

Ao olharmos para essa pedra, não vemos este processo. Mesmo que, conceptualmente, estejamos conscientes dele, para nós está tudo a acontecer “agora”. A pedra não se está a *tornar* uma pedra; *é* uma pedra, aqui e agora mesmo.

No entanto, se fôssemos a consciência de uma das partículas submoleculares no interior dessa pedra, experienciar-nos-íamos a mover-nos a uma velocidade louca, primeiro “aqui”, depois “ali”. E se uma voz exterior à pedra nos dissesse, “Está tudo a acontecer ao mesmo tempo”, chamar-lhe-íamos mentirosa ou charlatã.

Contudo, numa perspectiva à distância da pedra, a ideia de que qualquer parte da pedra esteja separada de outra e, além disso, se movimente a uma velocidade louca, aparentaria ser a mentira. A essa distância poder-se-ia ver o que não se podia ver de perto – que tudo é Um, e que todo o movimento *não moveu nada*.

Aí tens. Apanhaste a ideia. O que estás a dizer – e está certo – é que toda a vida é uma questão de perspetiva. Se continuares a ver esta verdade, começarás a compreender a macro realidade de Deus. E terás desvendado um segredo de todo o Universo: *Todo ele é a mesma coisa*.

O Universo é uma molécula no corpo de Deus!

Não estás muito longe da verdade.

E é à macro realidade que regressamos em consciência, quando fazemos o que se chama “morrer”?

Sim. Mas mesmo a macro realidade a que se regressa não é senão uma *micro realidade* de uma *macro realidade ainda maior*, que é uma parte mais pequena de uma realidade *ainda maior* que essa - e assim por diante, para todo o sempre e ainda mais além.

Nós somos Deus - “O Que É” - no ato constante de criarmos o Nosso Eu, no ato constante de sermos o que somos agora... até deixarmos de o ser e nos tornarmos outra coisa.

A própria pedra não será uma pedra para sempre, mas apenas durante o que “parece para sempre”. Antes de ser uma pedra, era outra coisa. Fossilizou-se na forma daquela pedra, por um processo que levou centenas de milhares de anos. Já foi outra coisa e será outra coisa de novo.

O mesmo se aplica a ti. Não foste sempre o “tu” que és agora. Eras outra coisa. E hoje, tal como te encontras na tua pura magnificência, és verdadeiramente... “outra coisa de novo”.

Bolas, isso é espantoso, absolutamente espantoso! Nunca ouvi nada assim. Pegaste em toda a cosmologia da vida e puseste-a em termos que cabem na minha mente. Isso é um espanto.

Ora, obrigado. Reconheço-o. Estou a fazer o melhor que posso.

Estás a fazer um trabalho dos diabos.

Provavelmente não é essa a frase que devias ter escolhido.

Ai, ai.

Estou a brincar. Só para aliviar um pouco as coisas. Para Me divertir um bocadinho. Eu, na verdade, não posso ficar “ofendido”. No entanto, os seres humanos permitem-se, com frequência, ficar ofendidos em Meu nome.

Já reparei nisso. Mas, voltando ao assunto, acho que apanhei qualquer coisa.

O que é?

Toda esta explicação derivou duma única pergunta minha: “Como é que o “tempo” existe enquanto nos encontramos no corpo, mas não quando a alma é libertada?” E o que parece estar a dizer é que o “tempo” é, na realidade, *perspetiva*; nem “existe” nem “deixa de existir” e, à medida que a alma modifica a sua perspetiva, experienciamos a verdadeira realidade de formas diferentes.

É precisamente isso que estou a dizer! Percebeste a ideia!

E estavas a fazer a afirmação mais lata que, no *macrocosmo*, a alma está *consciente da relação direta* entre *pensamento e criação*, entre as ideias e a experiência de cada um.

Sim – ao nível macro, é como ver a pedra e o movimento dentro da pedra. Não existe “tempo” entre o movimento dos átomos e o aspeto da pedra que ele cria. A pedra “é”, mesmo quando os movimentos ocorrem. De facto, porque os movimentos ocorrem. A causa e o efeito são instantâneos. O movimento está a ocorrer e a pedra a “ser”, tudo ao “mesmo tempo”.

É disso que a alma se apercebe no momento a que chamam “morte”. É simplesmente uma mudança de perspetiva. Vê-se mais, portanto compreende-se mais.

Após a morte, deixas de ter um entendimento limitado. Vês a pedra, e vês dentro da pedra. Olhas para aquilo que agora parecem ser os aspetos mais complexos da vida e dizes, “Claro”.

Será tudo muito claro para ti.

Haverá então novos mistérios para ponderares. À medida que te movimentares na Roda Cósmica, haverá realidades cada vez mais amplas – verdades cada vez maiores.

Mas, se fores capaz de te lembrar desta verdade – a tua perspetiva cria os teus pensamentos, e os teus pensamentos criam tudo – e se te lembrares dela *antes de deixares o corpo*, e não depois, *toda a tua vida mudará*.

E a forma de controlar os pensamentos é mudar de perspetiva.

Precisamente. Assume uma perspetiva diferente e terás um pensamento diferente sobre tudo. Dessa forma, aprenderás a controlar o pensamento e, na criação da tua experiência, o pensamento controlado é tudo.

Algumas pessoas chamam-lhe oração permanente.

Disseste-o anteriormente, mas acho que nunca pensei na oração dessa maneira.

Por que não ver o que acontece se o fizeres? Se imaginasses que o controlo e orientação dos teus pensamentos eram a forma mais elevada de oração, só pensarias em coisas boas e retas. Não te entregarias à negatividade e à escuridão, mesmo que estivesses imerso nelas. E, nos momentos em que as coisas parecessem desanimadoras – especialmente nesses momentos - verias apenas perfeição.

Tens voltado a isso repetidamente.

Estou a dar-te ferramentas. Com essas ferramentas podes mudar a tua vida. Repito as que são mais importantes. Repito-as inúmeras vezes,

porque a repetição trará o reconhecimento - conhecer outra vez – quando mais precisares.

Tudo o que acontece – tudo o que aconteceu, está a acontecer e alguma vez acontecerá - é a manifestação física exterior dos teus pensamentos, escolhas, ideias e determinações mais íntimas em relação a Quem Tu És e Quem Escolhes Ser. Não condenes, então, os aspetos da vida de que discordas. Procura antes mudá-los, e às condições que os tornaram possíveis.

Olha a escuridão, mas não a amaldiçoes. Sê antes a luz na escuridão e transforma-a. Deixa a tua luz brilhar ante os homens, de forma a que os que se encontram nas trevas sejam iluminados pela luz do teu ser, e todos possam ver, por fim, Quem Realmente São.

Sê um Portador da Luz. Pois a tua luz pode fazer mais do que iluminar o teu próprio caminho. A tua luz pode ser a luz que ilumina verdadeiramente o mundo.

Brilhai, então, *O Illuminati!* Brilhai! Que o vosso momento de mais profundas trevas possa vir a ser a vossa dádiva mais grandiosa. E, ao mesmo tempo que beneficiam da dádiva, beneficiem também outros, oferecendo-lhes o indescritível tesouro: Eles próprios.

Que seja esta a vossa tarefa, que seja esta a vossa maior alegria: restituir as pessoas a si próprias. Mesmo na sua hora mais sombria. Especialmente nessa hora.

O mundo espera-vos.

Curem-no. Agora.

No lugar onde estão. Há muito que podem fazer.

Porque as Minhas ovelhas se perderam e têm de ser encontradas. Sede bons pastores e trazei-as de volta a Mim.

CAPÍTULO 4

AINDA, A VIDA DEPOIS DA MORTE

Obrigado. Obrigado por essa chamada e por esse desafio. Obrigado por colocares esse objetivo diante de mim. Agradeço-Te. Por me manteres sempre na direção que sabes que eu quero realmente tomar. Foi por isso que vim até Ti. Por isso tenho amado, e bendito, este diálogo. Pois, é em conversa Contigo que encontro dentro de mim o Divino e começo a vê-lo dentro de todos os outros.

Meu muito querido, os céus rejubilam quando dizes isso. Essa é a própria razão por que vim até ti, e irei a quem quer que Me chame. Tal como vim até aos que leem estas palavras. Porque esta conversa nunca se destinou somente a ti. Destinou-se a milhões em todo o mundo. E foi colocada nas mãos de cada pessoa exatamente quando dela necessitava, às vezes das formas mais miraculosas. Trouxe-lhes a sabedoria a que elas próprias fizeram apelo, perfeitamente adequada a este momento das suas vidas.

É essa a maravilha do que tem estado a acontecer aqui: que cada um de vós produz este resultado por si próprio. “Parece” que foi outra pessoa que vos deu este livro, vos contou esta conversa, vos abriu a este diálogo, contudo vocês *trouxeram o vosso Eu até aqui*.

Exploremos então, juntos, as perguntas restantes que trazem na alma.

Podemos falar mais da vida depois da morte, por favor? Estavas a explicar o que acontece à alma depois da morte, e eu quero tanto saber tudo o que puder sobre isso.

Falemos então sobre isso, até a tua ânsia ficar satisfeita.

Disse antes que o que acontece é aquilo que quiseses fazer acontecer. Falei a sério. Crias a tua própria realidade não só quando estás no corpo, como também fora dele.

Ao princípio, podes não te aperceber, e não estares, portanto, a criar conscientemente a tua realidade. A tua experiência será então criada por uma de duas outras energias: os teus pensamentos não controlados, ou a consciência coletiva.

No grau em que os teus pensamentos não controlados forem mais fortes que a consciência coletiva, nesse grau os experimentarás como realidade.

No grau em que a consciência coletiva for aceite, absorvida e interiorizada, nesse grau a experimentarás como a tua realidade.

Isto não é diferente de como crias o que chamas realidade na tua vida presente.

Na vida, tens sempre três opções perante ti:

1. Podes deixar que os teus pensamentos não controlados criem O Momento.
2. Podes permitir que a tua consciência criativa crie O Momento.
3. Podes deixar que a consciência coletiva crie O Momento.

Existe uma ironia:

Na vida presente achas difícil criar conscientemente a partir da tua perceção individual e, de facto, assumes muitas vezes os teus entendimentos individuais como errados, em face de tudo o que vês à tua volta e, assim, cedés perante a consciência coletiva, quer te sirva quer não.

Nos primeiros momentos do que chamas a outra vida, pelo contrário, podes ter dificuldade em ceder perante a consciência coletiva, em face do

que vês à tua volta (que para ti pode ser inacreditável) e serás tentado a manter os teus entendimentos individuais, quer te sirvam quer não.

Mas dir-te-ei o seguinte: É quando estás rodeado de consciência inferior que mais beneficia de conservar os teus entendimentos individuais, e quando estás rodeado de consciência superior que obténs maior benefício na cedência.

Pode, portanto, ser sensato procurar seres de consciência superior. Não é demais sublinhar a importância das companhias que se cultivam.

No que chamas a outra vida, não há com que te preocupares neste aspeto, porque estarás instantânea e automaticamente rodeado de seres de consciência superior - e pela própria consciência superior.

Contudo, podes não saber que estás a ser rodeado afetuosamente dessa forma; podes não compreender imediatamente. Pode, portanto, parecer-te que as coisas te estão a “acontecer”; que estás sujeito ao capricho das marés que atuam nesse momento. Na verdade, experiências a consciência em que morres.

Alguns de vocês têm expectativas, mesmo sem o saberem. Toda a vida pensaram no que acontece depois da morte e, quando “morrem” esses pensamentos tornam-se manifestos, e realizam (tornam real) subitamente aquilo em que tinham pensado. E são os vossos pensamentos mais fortes, os mais fervorosos que, como sempre na vida, irão prevalecer.

Então uma pessoa *pode* ir para o Inferno. Se as pessoas acreditarem durante toda a vida que o Inferno é um lugar que certamente existe, que Deus virá julgar “os vivos e os mortos”, que separará “o trigo do joio” e as “cabras das ovelhas”, e que irão seguramente “para o Inferno”, dado tudo o que fizeram para ofender a Deus, então *irão* para o Inferno! Estarão condenadas a arder no fogo eterno! Como poderiam escapar? Disseste repetidamente ao longo de todo este diálogo que o Inferno não existe. Mas também dizes que criamos a nossa própria realidade, e que temos o poder de criar qualquer realidade, a partir do nosso pensamento. Portanto, o

fogo do Interno e a condenação *podem* existir e *existem para quem acredita neles*.

Nada existe na Realidade Suprema a não ser O Que É. Tens razão em apontar que vocês podem criar qualquer subrealidade à vossa escolha – incluindo a experiência do Inferno, tal como o descrevem. Eu nunca disse, em nenhuma altura deste diálogo, que não podiam experienciar o Inferno; Eu disse que o Inferno não existe. *A maior parte do que vocês experienciam não existe, mas mesmo assim vocês experienciam-no.*

Isto é inacreditável. Um amigo meu, chamado Barnet Bain, acaba de produzir um filme sobre isso. Quero dizer, *exatamente* sobre isso. Estamos a 7 de Agosto de 1998, data em que escrevo esta frase. Estou a inserir isto no diálogo, entre linhas de uma discussão de há dois anos atrás, e nunca tinha feito isto. Mas antes de enviar isto ao editor, estava a reler o manuscrito pela última vez e ocorreu-me: Espera aí! O Robin Williams acaba de fazer um filme *exatamente sobre aquilo de que estamos aqui a falar*. Chama-se *What Dreams May Come*^{*}, e é um surpreendente retrato filmado do que acabas de dizer.

Eu conheço-o.

Conheces? Deus vai ao cinema?

Deus faz cinema.

Uau.

Sim. Nunca viste o *Oh, God*^{*}.

Claro que sim, mas...

E então, pensas que Deus só escreve livros?

Então o filme do Robin Williams é literalmente verdade? Ou seja, é assim que acontece?

^{*} Horizonte Longínquo (N. da T.)

^{*} Oh, Deus (N. da T.)

Não. Nenhum filme, nenhum livro nem nenhuma outra explicação humana do Divino é literalmente verdade.

Nem mesmo a Bíblia? A Bíblia não é literalmente verdade?

Não. E acho que sabes isso.

Então e *este* livro? Com certeza que *este* livro é literalmente verdade!

Não. Custa-me ter de to dizer, mas tu estás a passar isto pelo teu filtro pessoal. Concordo que a rede do teu filtro é mais apertada, mais fina. Tornaste-te um bom filtro. Mas és, apesar de tudo, um filtro.

Eu sei. Só queria que fosse reafirmado, aqui, porque algumas pessoas tomam livros como este e filmes como *What Dreams May Come* à letra. E eu quero que deixem de o fazer.

Os guionistas e produtores desse filme passaram algumas verdades enormes através de um filtro imperfeito. O que tentaram transmitir é que se experencia após a morte exatamente aquilo que se espera e escolhe experienciar. Transmitiram isso com grande eficácia.

E agora, podemos voltar para onde tínhamos ficado?

Sim.

Só queria saber exatamente aquilo que quis saber quando vi o filme. Se o Inferno não existe, e estou a experienciar o Inferno, que raio de diferença é que há?

Não haverá nenhuma, enquanto te mantiveres na tua realidade criada. Mas não criarás essa realidade para sempre. Alguns de vós não a experienciarão durante mais do que aquilo que chamam um “nanossegundo”. E portanto não experienciarão, mesmo nos domínios privados da vossa imaginação, um lugar de tristeza ou sofrimento.

O que me impediria de criar um lugar desses para toda a eternidade se eu acreditasse que esse lugar existia, e que uma coisa que eu tivesse feito me faria merecer um tal lugar?

O teu conhecimento e entendimento.

Tal como nesta vida o momento seguinte é criado de acordo com novos entendimentos que adquiriste do teu momento anterior, assim também, no que chamas a outra vida, criarás um novo momento a partir do que vieres a saber e a compreender do antigo.

E uma coisa que virás a saber e a compreender muito depressa é que tens sempre escolha quanto ao que desejas experienciar. Isto porque os resultados na outra vida são instantâneos e não conseguirás perder a ligação entre os pensamentos sobre uma coisa e a experiência que esses pensamentos criam.

Perceberás que estás a criar a tua própria realidade.

Isso explica a razão por que a experiência de algumas pessoas é feliz, e de outras é assustadora; porque a experiência de algumas pessoas é profunda, enquanto a de outras é basicamente inexistente. E porque existem tantas histórias diferentes quanto ao que acontece nos momentos a seguir à morte.

Algumas pessoas regressam de experiências de quase-morte cheias de paz e de amor, sem voltarem jamais a ter medo da morte, enquanto outras regressam muito atemorizadas, com a certeza de que se defrontaram com forças tenebrosas e maléficas.

A alma reage, re-cria, a sugestão mais poderosa da mente, produzindo-a na sua experiência.

Há almas que permanecem nessa experiência durante algum tempo, tornando-a muito real - tal como permaneciam nas suas experiências enquanto tinham corpo, embora essas fossem igualmente irreais e não-permanentes. Outras almas adaptam-se rapidamente, veem a experiência

pelo que ela é, começam a ter novos pensamentos e passam imediatamente para novas experiências.

Quer dizer que não existe uma determinada forma de *ser* das coisas na outra vida? Não existem verdades eternas fora da nossa própria mente? Continuamos a criar mitos e lendas e experiências fictícias para além da morte, na realidade seguinte? Quando nos libertamos da servidão? Quando chegamos a conhecer a verdade?

Quando decidem fazê-lo. Era essa a mensagem do filme de Robin Williams. É essa a questão que aqui se põe. Aqueles cujo único desejo é conhecer a verdade de Tudo O Que É, compreender os grandes mistérios, experienciar a realidade mais grandiosa, fazem-no.

Sim, existe Uma Grande Verdade; há uma Realidade Final. Mas obterás sempre aquilo que escolheres, independentemente dessa realidade – precisamente porque a realidade é que tu és uma criatura divina, criando divinamente a tua realidade à medida que a experiencias.

Mas, se optares por deixar de criar a tua realidade individual e começares a compreender e a experienciar a realidade unificada mais lata, terás imediata oportunidade de o fazer.

Aqueles que “morrem” nesse estado de escolha, de desejo, de disponibilidade e de conhecimento, passam imediatamente à experiência da Unidade. Outros só passam para essa experiência se, como e quando o desejarem.

É precisamente o mesmo quando a alma se encontra no corpo. É tudo uma questão de desejo, da vossa opção, da vossa criação e, finalmente, da vossa criação do que não pode ser criado; ou seja, a vossa experiência do que *já foi criado*.

Este é O Criador Criado. O Movedor Imóvel. É o alfa e o ómega, o antes e o depois, o aspeto agora-então-sempre de tudo, a que chamam Deus.

Não vos abandonarei, nem vos imporei o Meu Eu. Nunca o fiz nem nunca o farei. Podem voltar a Mim sempre que desejarem. Agora, enquanto estão no corpo, ou depois de o deixarem. Podem voltar ao Único e experienciar a perda do vosso Eu individual sempre que vos agrade. Podem também recriar a experiência do vosso Eu individual sempre que quiserem.

Podem experienciar qualquer aspeto que queiram de Tudo o Que É, na sua mais ínfima proporção, ou na maior. Podem experienciar o microcosmo ou o macrocosmo.

Posso experienciar a partícula ou a pedra.

Sim. Esplêndido. Estás a chegar lá.

Quando resides no corpo humano, experiencias uma porção menor que o todo; ou seja, uma porção do microcosmo (embora de maneira alguma a menor porção). Quando resides fora do corpo (no que alguns designariam por “mundo do espírito”), alargaste desmesuradamente a tua perspetiva. De repente, parecer-te-á saberes tudo, seres capaz de ser tudo. Terás uma visão macrocósmica das coisas, permitindo-te compreender o que agora não compreendes.

Uma das coisas que compreenderás então é que há um macrocosmo ainda maior. Ou seja, tornar-se-á claro que Tudo O Que É é ainda maior do que a realidade que experienciarás nessa altura. Isso encher-te-á ao mesmo tempo de respeito e expectativa, de admiração e excitação, alegria e divertimento, pois saberás e entenderás então o que Eu agora sei e entendo: que o jogo nunca acaba.

Chegarei alguma vez a um lugar de verdadeira sabedoria?

Depois da tua “morte” podes optar por obter resposta a todas as perguntas que alguma vez tiveste - e abrir-te a novas questões que nunca sonhaste que existiam. Podes optar por experienciar a Unidade com Tudo O Que É. E terás a oportunidade de decidir o que queres ser e ter a seguir.

Optas por regressar ao teu corpo mais recente? Optas por experienciar novamente a vida sob a forma humana, mas de outro tipo?

Optas por ficar onde estás no “mundo do espírito” ao nível que então experiencias? Optas por continuar, por ir mais além, no teu conhecimento e experiência? Optas por “perder a tua identidade” e te tornares parte da Unidade?

O que escolhes? O que escolhes? O que *escolhes*?

Será sempre essa a pergunta que te farei. Será sempre essa a inquirição do Universo. Porque o Universo nada sabe senão conceder-te o teu desejo favorito, a tua maior vontade. Na verdade, fá-lo a cada momento, em cada dia. A diferença entre ti e Mim é que tu não tens essa noção consciente.

Eu tenho.

Diz-me uma coisa... os meus familiares, os meus entes queridos, virão ter comigo depois de eu morrer e ajudar-me-ão a compreender o que se passa, como algumas pessoas dizem? Irei reunir-me “aos que partiram antes”? Poderemos passar a eternidade juntos?

O que escolhes? Optas por que essas coisas aconteçam? Então acontecerão.

Está bem, estou confundido. Estás a dizer que todos nós temos livre arbítrio, e que esse livre arbítrio se prolonga mesmo para além da morte?

Sim, é isso que estou a dizer.

Se isso é verdade, o livre arbítrio dos meus entes queridos terá de coincidir com o meu - têm que ter o mesmo pensamento e o mesmo desejo que eu, quando o tenho - ou não estarão à minha espera quando eu morrer. Além disso, se eu quisesse passar o resto da eternidade com eles e um ou dois quisessem continuar? Talvez um deles quisesse passar para níveis cada vez mais elevados nesta

experiência de Reunificação com a Unidade, como Tu disseste. E então?

Não há contradição no Universo. Há coisas que parecem contradições, mas de facto não existe nenhuma. Se surgisse uma situação como a que descreves (a propósito, é uma boa pergunta) o que acontecerá é que ambos terão o que escolherem.

Ambos?

Ambos.

Posso perguntar como?

Podes.

Está bem. Como...

Que ideia tens de Deus? Pensas que existo apenas num único lugar?

Não. Penso que estás em toda a parte ao mesmo tempo. Acredito que Deus é onnipresente.

E tens toda a razão. Não há sítio nenhum onde Eu não esteja. Percebes isso?

Acho que sim.

Ótimo. Então que te faz pensar que contigo é diferente?

Porque Tu és Deus e eu sou um mero mortal.

Estou a ver. Continuamos a arrastar esta história do “mero mortal”...

Pronto, pronto... suponhamos que assumo, para efeitos de discussão, que eu também sou Deus - ou, pelo menos, feito do mesmo estofa que Deus. Estás então a dizer que eu também posso estar em toda a parte, sempre?

É apenas uma questão daquilo por que a consciência opta como realidade. No que chamas o “mundo do espírito”, o que consegues imaginar, consegues experienciar. Ora, se quiseses experienciar-te como uma alma, num lugar, num determinado “tempo”, podes fazê-lo. Mas se quiseses experienciar o teu espírito como mais amplo que isso, estando em mais de um lugar ao mesmo “tempo” *também o podes fazer*. De facto, podes experienciar o teu espírito como estando em *qualquer lugar que desejes*, em qualquer “tempo”. Isso porque, na verdade, só há um “tempo” e um “lugar” e estás sempre em todo ele. Portanto, podes experienciar qualquer parte, ou partes dele que desejes, sempre que quiseses.

Então e se eu quiser que os meus familiares estejam *comigo* e um *deles* quiser ser “parte do Todo” que está noutro lugar qualquer? E então?

Não é possível que tu e os teus familiares não queiram a mesma coisa. Tu e Eu, os teus familiares e Eu - todos nós – somos um só.

O próprio ato de desejares alguma coisa é o ato de Eu desejar alguma coisa, uma vez que tu és simplesmente Eu, vivendo a experiência chamada *desejo*. Portanto o que tu desejas, Eu desejo.

Os teus familiares e Eu somos também um só, portanto, o que eu desejo, eles desejam. Daí resulta que o que tu desejas, os teus familiares desejam também.

Na Terra, também é verdade que todos vocês desejam a mesma coisa. Desejam paz. Desejam prosperidade. Desejam alegria. Desejam realização. Desejam satisfação e expressão da própria personalidade no trabalho, amor na vossa vida e saúde no corpo. Todos desejam a mesma coisa.

Pensas que é coincidência? Não é. *É a forma como a vida funciona*. Estou a explicar-te isso neste preciso momento.

A única coisa que é diferente na Terra do que é naquilo a que vocês chamam o mundo do espírito é que, na Terra, apesar de desejarem todos

a mesma coisa, todos têm ideias diferentes sobre a forma de a alcançarem. Por isso, vão todos em direções diferentes à procura da mesma coisa!

Essa diferença de ideias é que produz os vossos resultados diferentes. Essas ideias poderiam chamar-se os vossos Pensamentos Orientadores.

Já vos falei nisto.

Sim, no *Livro1*.

Um desses pensamentos, de que muitos de vós comungam, é a vossa ideia de insuficiência. Muitos de vocês acreditam, no mais íntimo do vosso ser, que *não há simplesmente o suficiente*. Não há o suficiente de *coisa alguma*.

Não há amor, dinheiro, alimento, roupa, abrigo nem tempo suficientes, não há boas ideias que cheguem, e seguramente vocês não chegam para tudo.

Este Pensamento Orientador faz com que empreguem todo o tipo de estratégias e táticas procurando adquirir aquilo que pensam que não há em quantidade “suficiente”. São abordagens que abandonariam imediatamente se tivessem a certeza de haver o suficiente para todos... *seja o que for* que desejam.

Naquilo a que chamam “céu”, as vossas ideias de “insuficiência” desaparecem, porque se consciencializam de que não existe separação entre vocês e *seja o que for* que desejarem.

Consciencializam-se de que vocês são mais do que suficientes. Consciencializam-se de que podem estar em mais do que um lugar num determinado “tempo”. Portanto não há razão para não querer o que quer o vosso irmão, para não escolher o que escolhe a vossa irmã. Se eles vos quiserem no seu espaço no momento da sua morte, o pensarem em vós chama-vos até eles – e não há razão para não acorrerem junto deles, já que a vossa ida nada retira a *seja o que for* que estejam a fazer.

Já o ouviram dizer antes, e é verdade: Deus nunca diz que Não.

Dar-vos-ei exatamente o que desejarem, sempre. Tal como tenho feito desde o princípio dos tempos.

DESEJO E CRENÇA, CRENÇA OU CONSCIENCIALIZAÇÃO

É verdade que Tu estás sempre a dar a todas as pessoas exatamente aquilo que desejam a todo o momento?

Sim, Meu amado, estou.

A tua vida é um reflexo do que desejas, e daquilo que crês que podes ter do que desejas. Não te posso dar aquilo que não crês poder ter - por muito que o desejes - porque não violarei o teu pensamento a esse respeito. Não posso. Essa é a lei.

Acreditar que não se pode ter uma coisa é a mesma coisa que não desejar tê-la, porque produz o mesmo resultado.

Mas na Terra não podemos ter tudo o que queremos. Não podemos estar em dois lugares ao mesmo tempo, por exemplo. E há muitas outras coisas que podemos desejar, mas não podemos ter, porque na Terra somos todos limitados.

Eu sei que vês as coisas dessa maneira, e portanto é dessa maneira que são para ti, porque uma coisa que será eternamente verdade é que te será sempre dada a experiência que acreditas que te será dada.

Assim, se dizes que não podes estar em dois lugares ao mesmo tempo, então não podes. Mas se dizes que podes estar onde quer que queiras à velocidade do pensamento e que até te podes tornar manifesto na forma física em mais do que um lugar num determinado momento, então podes fazê-lo.

Vês como este diálogo me põe? Eu quero acreditar que estes dados provêm diretamente de Deus – mas quando dizes essas coisas, fico todo baralhado por dentro porque não consigo acreditar nelas. Ou seja, não acho que o que Tu disseste seja verdade. Não há nada na experiência humana que o tenha demonstrado.

Pelo contrário. Diz-se que santos e sábios de todas as religiões fizeram ambas essas coisas. É preciso um grau muito elevado de fé? Um grau extraordinário de fé? O grau de fé alcançado por um ser em mil anos? Sim. Isso quer dizer que é impossível? Não.

Como é que eu posso criar essa fé? Como posso alcançar esse grau de fé?

Não o podes alcançar. Só lá podes *estar*. E não estou a fazer jogos de palavras. Falo a sério. Esse tipo de fé – a que chamarias Conhecimento Completo – não é algo que se tente adquirir. De facto, se o tentares *adquirir*, não o podes ter. É algo que tens simplesmente de *ser*.

És simplesmente esse Conhecimento.

És esse ser.

Esse estado de ser provém de um estado de *consciencialização total*. Só pode provir desse estado. Se procurares tornar-te consciente, não o podes ser.

É como tentares “ser” muito alto, com um metro e oitenta de altura, quando medes um metro e meio. Não podes ser muito alto. Só podes “ser” como és – com um metro e meio de altura. Poderás “ter” um metro e oitenta se *cresceres*. Quando fores muito alto, poderás fazer todas as coisas que as pessoas de um metro e oitenta de altura podem fazer. E quando *estiveres* num estado de consciencialização total, poderás fazer as coisas que os seres em estado de consciencialização total podem fazer. Portanto, não “tentes acreditar” que és capaz de fazer essas coisas. Tenta antes passar para um estado de total consciencialização. Então deixará de ser necessário acreditar.

O Conhecimento Total operará as suas maravilhas.

Uma vez, enquanto meditava, tive a experiência de unidade total, de consciencialização total. Foi maravilhoso. Foi um êxtase. Desde então, tenho tentado voltar a ter essa experiência. Sento-me a meditar e tento alcançar essa consciencialização total. E nunca consegui. É essa a razão, não é? Estás a dizer-me que enquanto eu procurar ter uma coisa, não a posso ter, porque a minha procura é a afirmação de que não a tenho agora. A mesma sabedoria que me tens transmitido ao longo de todo este diálogo.

Isso, isso. Agora percebes. Está a tornar-se mais claro para ti. É por isso que andamos aqui às voltas. É por isso que repetimos as coisas, que as revisitamos. À terceira, quarta ou mesmo à quinta vez, percebes.

Estou satisfeito por ter feito a pergunta, porque isto podia ser perigoso, esta história de “poder estar em dois lugares ao mesmo tempo” ou de “poder fazer tudo o que se queira”. É o tipo de coisa que faz com que as pessoas saltem do Empire State Building a gritar “Eu sou Deus! Olhem para mim! Eu sou capaz de voar!”

Antes de fazer isso, é melhor estar em estado de consciencialização total. Se tiveres de provar que és Deus demonstrando-o aos outros, então não sabes que és, e esse “não saber” demonstrar-se-á na tua realidade. Em suma, caís redondo no meio do chão.

Deus não procura provar-Se a ninguém, porque Deus não precisa de o fazer. Deus É, e é assim. Aqueles que sabem ser Um com Deus, ou que têm a experiência de Deus no seu íntimo, não precisam, nem procuram prová-lo a ninguém, muito menos a si próprios. Assim foi que, quando o provocaram, dizendo “Se és o Filho de Deus, desce dessa cruz!” – o homem chamado Jesus nada fez.

Contudo, três dias mais tarde, calmamente e sem dar nas vistas, quando não havia testemunhas nem multidões nem ninguém a quem provar fosse o que fosse, fez algo de muito mais espantoso - e o mundo fala nisso desde então.

E nesse milagre está a tua salvação, porque a verdade te foi desvendada, não só de Jesus, mas de Quem Tu És, e podes assim ser salvo da mentira sobre ti próprio, que te disseram e que aceitaste como a tua verdade.

Deus convida-te sempre para o pensamento mais sublime sobre ti próprio.

No vosso planeta, neste preciso momento, há quem tenha manifestado muitos destes pensamentos mais sublimes; incluindo fazer aparecer e desaparecer objetos físicos, fazendo-se aparecer e desaparecer a eles próprios, até “vivendo para sempre” no corpo, ou regressando ao corpo e vivendo de novo – e tudo isto, tudo isto, foi possível devido à sua fé.

Devido ao seu conhecimento. Devido à sua clareza imutável quanto a como são as coisas, e como estão destinadas a ser.

E apesar de, no passado, sempre que pessoas em forma terrena fizeram essas coisas, lhes terem chamado milagres e feito santos ou salvadores dessas pessoas, não são nem mais santas nem salvadoras que vós. Porque todos vós sois santos e salvadores. *Que é a própria mensagem que eles trouxeram até vós.*

Como posso acreditar nisso? Quero acreditar com todas as minhas forças, mas não consigo. Simplesmente não consigo.

Não, não podes acreditar. Só podes *saber*.

Como posso sabê-lo? Como posso lá chegar?

O que quer que escolhas para ti, dá a outro. Se não consegues lá chegar, ajuda outra pessoa a chegar lá. *Diz a outra pessoa que já chegou. Elogia-a por isso. Respeita-a por isso.*

É esse o valor de ter um guru. É disso que se trata. Tem havido muita energia negativa no Ocidente em relação à palavra “guru”. Tornou-se quase

pejorativa. Ser um “guru” é ser uma espécie de charlatão. Seguir um guru é como entregares o teu poder. Respeitar um guru não é entregar o poder. É *obter* o poder. Porque quando respeitas o guru, quando elogias o mestre, o que dizes é “Eu vejo-te”. E o que vês noutro, podes começar a ver em ti próprio. É a evidência exteriorizada da tua própria verdade interior. É a prova exterior da tua verdade interior. A verdade do teu ser.

É esta a verdade que é trazida através de ti nos livros que escreves.

Não me vejo a escrever estes livros. Vejo-Te a Ti, *Deus*, como o autor, e a mim como mero escriba.

Deus é o autor... e tu também. Não existe diferença entre escrevê-los Eu ou tu. Enquanto pensares que existe, não alcanças o objetivo da própria escrita. Contudo a maior parte da humanidade perdeu esse ensinamento. Por isso vos envio novos mestres, mais mestres, todos com a mesma mensagem dos mestres antigos.

Compreendo a tua relutância em aceitar o ensinamento como a tua verdade pessoal. Se andasses por aí a proclamar que és Um com Deus – ou que fazes parte de Deus – a dizer ou a escrever estas palavras, o mundo não saberia o que pensar de ti.

NADA TEM IMPORTÂNCIA EXCETO A IMPORTÂNCIA QUE SE LHE DÁ

As pessoas podem pensar de mim o que quiserem. O que eu sei é isto: não mereço ser o recetor da informação que aqui me foi dada e em todos estes livros. Não me sinto digno de ser o mensageiro desta verdade. Estou a trabalhar neste terceiro livro, no entanto sei, mesmo antes de ser publicado, que eu, mais que qualquer outra pessoa, com todos os erros que cometi, todas as coisas egoístas que fiz, simplesmente não sou *digno* de ser o portador desta verdade maravilhosa.

Contudo, talvez seja essa a maior mensagem desta trilogia: que Deus não se esconde de nenhum homem, mas fala com todos, mesmo com os menos dignos entre nós. Porque se Deus fala comigo, Deus fala diretamente ao coração de todo o homem, mulher ou criança que procura a verdade. Assim, há esperança para todos nós. Nenhum de nós é tão horrível que Deus o rejeite, nem tão imperdoável que Deus se afaste.

É nisso que acreditas - nisso tudo que acabas de escrever?

Sim.

Então assim seja, e assim será contigo.

Mas Eu te digo. Tu és digno. Tal como toda a gente. A indignidade é a pior acusação que alguma vez recaiu sobre a raça humana. Baseaste o teu sentido de dignidade no passado, enquanto Eu baseio o teu sentido de dignidade no futuro.

O futuro, o futuro, sempre o futuro! É aí que está a tua vida, não no passado. No futuro. É lá que está a tua verdade, não no passado.

O que fizeste não é importante, comparado com o que vais fazer. O que erraste é insignificante comparado com o que vais criar.

Eu perdoo-te os teus erros. Todos eles. Perdoo as tuas paixões desencaminhadas. Todas elas. Perdoo as tuas noções erróneas, os teus entendimentos desorientados, as tuas ações que magoaram, as tuas decisões egoístas. Todos eles.

Outros podem não te perdoar, mas Eu perdoo-te. Outros podem não te libertar da culpa, mas Eu liberto-te. Outros podem não te deixar esquecer, permitir que continues, tornar-te algo de novo, mas Eu faço-o. Porque Eu sei que não és o que foste, mas és, e serás sempre, o que és agora.

Um pecador pode tornar-se santo num minuto. Num segundo. Dum só fôlego.

Na verdade, um “pecador” é coisa que não existe, pois não se pode pecar contra ninguém – muito menos contra Mim. É por isso que digo que te “perdoo”. Utilizo a frase porque é essa que pareces entender.

Na verdade, não te perdoo, e não te perdoarei *nunca*, por *nada*. Não tenho de perdoar. Não há nada a perdoar. Mas posso libertar-te. E faço-o aqui. Agora. Mais uma vez. Tal como fiz tantas vezes no passado, através dos ensinamentos de tantos outros mestres.

Por que não os escutámos? Por que não acreditámos nesta Tua maior promessa?

Porque não conseguem acreditar na bondade de Deus. Esqueçam, então, o acreditar na minha bondade. Em vez disso, acreditem na simples lógica.

A razão por que não preciso de vos perdoar é que vocês não Me podem ofender, nem posso ser prejudicado nem destruído. No entanto, imaginaste capaz de me ofender, até de Me prejudicar. Que ilusão! Que obsessão magnífica!

Tu não podes fazer-Me mal, nem me podem fazer mal de maneira alguma. Porque sou o Intocável. E o que não pode ser molestado não pode fazer mal a outrem, nem faria.

Percebes agora a lógica por trás da verdade de que Eu não condeno, nem castigo, nem tenho necessidade de procurar retribuição. Não tenho essa necessidade porque nunca fui, nem posso ser, ofendido, prejudicado ou molestado de forma nenhuma.

O mesmo é verdade a teu respeito. E de todos os outros – apesar de todos vocês imaginarem que podem ser, e que foram, molestados, prejudicados e destruídos.

Porque imaginam o prejuízo, exigem vingança. Porque experienciam a dor, precisam que outro experiencie dor em retribuição da vossa. E, no entanto, que tipo de justificação pode essa ser para infligir dor a outra

peessoa? Porque (imaginas) que alguém te feriu, achas certo e apropriado ferir também? Aquilo que dizes que não está certo que os seres humanos façam uns aos outros, está certo que faças, desde que *tu* tenhas justificação?

Isso é loucura. E o que vocês não veem nessa loucura é que *todas* as pessoas que infligem dor a outras o assumem como justificado. Todas as ações empreendidas por uma pessoa *são entendidas por essa pessoa como sendo as ações corretas*, em face do que busca e deseja.

Pela vossa definição, o que buscam e desejam está errado. Mas na definição delas, não é. Vocês podem não concordar com o seu modelo do mundo, com os seus conceitos morais e éticos, com os seus entendimentos teológicos, nem com as suas decisões, escolhas e ações... mas elas concordam, com base nos seus valores.

Dizes que os seus valores estão “errados”. Mas quem te diz que os teus estão “certos”? Só tu. Os teus valores estão “certos” por que dizes que estão. Isso até podia fazer sentido se mantivesses a tua palavra em relação a eles, mas tu próprio mudas constantemente de opinião quanto ao que consideras “certo” ou “errado”.

Fazem-no enquanto indivíduos, e fazem-no enquanto sociedades.

O que a vossa sociedade considerava “certo” há umas décadas atrás, vocês consideram hoje “errado”. O que consideravam “errado” num passado não muito distante, consideram agora “certo”. Quem pode dizer o que é o quê? Como se distinguem os jogadores sem a marcação?

E, no entanto, atrevemo-nos a julgarmo-nos uns aos outros. Atrevemo-nos a condenar quando alguém não consegue manter-se a par das nossas ideias inconstantes sobre o que é ou não permitido. Bolas. Somos demais. Nem sequer conseguimos manter a nossa própria opinião sobre o que está “bem” e não está.

O problema não é esse. Mudar de opinião quanto ao que está “certo” ou “errado” não é o problema. *Têm* de mudar de opinião, ou nunca cresceriam. A mudança é um produto da evolução.

Não, o problema não é terem mudado, nem que os vossos valores tenham mudado. O problema é tantos de vós insistirem que os valores que agora têm são os certos e perfeitos e que todas as outras pessoas deviam aderir a eles.

Alguns de vocês tornaram-se convencidos e farisaicos.

Mantenham as vossas convicções, se isso vos serve.

Aguentem-se. Não vacilem. Porque as vossas ideias a respeito do “certo” e do “errado” são as vossas definições de Quem São. Contudo, não exijam que os outros se definam segundo os vossos termos. E não fiquem tão “agarrados” às vossas convicções atuais que interrompam o próprio processo de evolução.

Na verdade, não o podiam fazer mesmo que quisessem, porque a vida continua, convosco ou sem vós.

Nada fica na mesma, nem há nada que permaneça imutável. Ser imutável é não se mover. E não se mover é morrer?

Toda a vida é movimento.

Até as pedras estão cheias de movimento. Tudo se move. Tudo. Não há nada que não esteja em movimento. Portanto, pelo próprio facto do movimento, nada fica na mesma de um momento para o outro. Nada.

Ficar na mesma, ou procurar ficar, vai contra as leis da vida. É insensato porque, nessa luta, a vida ganha sempre.

Portanto mudem! Sim, mudem! Mudem de ideias quanto ao “certo” e ao “errado”. Mudem as vossas noções disto e daquilo. Mudem as vossas estruturas, os vossos conceitos, os vossos modelos, as vossas teorias.

Permitam que as vossas verdades mais profundas sejam alteradas. Alterem-nas vocês mesmos, pelo amor da bondade. Digo-o literalmente. Alterem-nas vocês mesmos, por amor da bondade, porque é na vossa nova ideia de Quem São que está o crescimento.

A vossa nova ideia de Aquilo Que É é onde a evolução acelera. A vossa nova ideia de Quem, O Quê, Onde, Quando, Como e Porquê é onde o mistério se resolve, o enredo se desvenda, a história termina. Então podem começar uma nova história, e mais grandiosa.

A vossa nova ideia sobre *tudo isso* é onde está a excitação, onde está a criação, onde o Deus dentro de vós se torna manifesto e completamente realizado.

Por muito “boas” que pensem que as coisas são, elas podem ser melhores. Por muito maravilhosas que pensem ser as vossas teologias, as vossas ideologias, as vossas cosmologias, podem ter ainda mais maravilhas. Porque há “mais coisas no céu e na terra do que as sonhadas na vossa filosofia”.

Sejam abertos, portanto. Sejam ABERTOS. Não se fechem à possibilidade de uma nova verdade por se sentirem confortáveis com a mais antiga. A vida começa no limite da vossa zona de conforto.

Contudo não se precipitem a julgar outros. Procurem antes evitar juízos, porque os “errados” de outras pessoas foram os vossos “certos” de ontem; os erros de outra pessoa são as vossas ações passadas, agora corrigidas; as escolhas e decisões de outra pessoa são tão “agressivas”, “nocivas”, “egoístas” e “imperdoáveis” como foram tantas das vossas.

É quando “não conseguem imaginar” como outra pessoa pôde “fazer uma coisa dessas” que se esquecem donde vieram, e para onde vão, tal como a outra pessoa.

E àqueles que se julgam maus, que pensam ser indignos e irredimíveis, Eu vos digo: Não há nenhum entre vós que esteja perdido para sempre,

nem nunca haverá. Pois estão todos, todos, no processo de se transformarem. Estão todos, todos, a passar pela experiência da evolução.

É isso que Eu estou a fazer.

Através de vós.

CAPÍTULO 5

RECRIAR O EU INDIVIDUAL

Lembro-me de uma oração que me ensinaram em pequeno. “Senhor, eu não sou digno de que entreis em minha morada, mas dizei uma só palavra e eu serei salvo.” Disseste estas palavras e sinto-me salvo. Já não me sinto indigno. Tens o condão de me fazer sentir digno. Se eu pudesse fazer uma dádiva a todos os seres humanos, seria essa.

Fizeste-lhes essa dádiva com este diálogo.

Gostava de continuar a fazê-la quando esta conversa terminar.

Esta conversa nunca estará terminada.

Pronto, então quando esta trilogia estiver pronta.

Haverá formas de o fazeres.

Fico muito feliz com isso. Porque essa é a dádiva que a minha alma anseia por dar. Todos nós temos uma dádiva para dar. Gostava que a minha fosse essa.

Então vai e dá-a. Procura fazer com que todos aqueles cujas vidas tocares se sintam dignos. Dá a todos o sentido da sua dignidade como pessoas, o sentido da verdadeira maravilha de serem quem são. Dá essa dádiva e salvarás o mundo.

Peço-Te humildemente ajuda.

Tê-la-ás sempre. Somos amigos.

Entretanto, estou a adorar este diálogo e gostava de fazer uma pergunta sobre uma coisa que disseste antes.

Cá estou.

Quando falaste da vida “entre vidas”, por assim dizer, disseste “podes recriar a experiência do teu Eu individual sempre que quiseres”.

Que quer isso dizer?

Quer dizer que podes emergir do Todo em qualquer altura que queiras, como um novo “Eu”, ou como o mesmo Eu que eras antes.

Queres dizer que posso reter e regressar à minha consciência individual, à minha perceção de “mim”?

Sim. Podes ter qualquer experiência que desejas, em qualquer altura.

E posso regressar a esta vida – à Terra – como a mesma pessoa que era antes de “morrer”?

Sim.

Em carne e osso?

Já ouviste falar de Jesus?

Sim, mas eu não sou Jesus, nem jamais presumiria ser como ele.

Ele não disse “Estas coisas, e outras, também vós fareis”?

Sim, mas não me parece que estivesse a falar de milagres desses.

Lamento que não te pareça. Porque Jesus não foi o único a ressuscitar entre os mortos.

Não foi? Houve outros que ressuscitaram?

Sim.

Meu Deus, isso é blasfémia.

É blasfêmia que outra pessoa sem ser Cristo tenha ressuscitado entre os mortos?

Bem, algumas pessoas diriam que sim.

Então essas pessoas nunca leram a Bíblia.

A Bíblia? A *Bíblia* diz que outras pessoas além de Jesus regressaram ao corpo depois da morte?

Já ouviste falar de Lázaro?

Oh, assim não vale. Foi através do poder de Cristo que ele *ressuscitou* dos mortos.

Precisamente. E pensas que esse “poder de Cristo”, como lhe chamas, estava reservado apenas para Lázaro? Uma pessoa, na história do mundo?

Não tinha pensado nisso assim.

Eu te digo: Muitos houve que foram ressuscitados dos “mortos”. Muitos houve que “regressaram à vida”. Acontece todos os dias, neste preciso momento, nos vossos hospitais.

Ora, vá lá. Assim também não vale. Isso é ciência médica, não é teologia.

Ah, estou a ver. Deus nada tem a ver com os milagres de hoje, só com os de ontem.

Humm... pronto, ganhas por uma questão técnica. Mas *ninguém ressuscitou sozinho entre os mortos*, como Jesus fez! Ninguém regressou dos “mortos” *dessa* maneira.

Tens a certeza?

Tenho... absoluta...

Já ouviste falar em Mahavatar Babaji?

Não me parece que devamos trazer para aqui os místicos orientais. Muitas pessoas não vão nisso.

Estou a ver. Bem, claro que devem ter razão.

Vamos lá a esclarecer isto. Estás a dizer que as almas podem regressar dos chamados “mortos” sob a forma de espírito ou sob forma física, se for isso que desejam?

Agora estás a começar a perceber.

Está bem, mas então por que não houve mais pessoas que o fizessem? Por que não ouvimos falar nisso todos os dias? Esse tipo de coisa daria uma notícia internacional.

Na verdade, bastantes pessoas o fazem, em forma de espírito. Admito que não haja muitas a querer regressar ao corpo.

Ah! Vês? Apanhei-te! Por que não? Se é assim tão fácil, por que não há mais almas a fazê-lo?

Não é uma questão de facilidade, é uma questão de desejabilidade.

Que quer dizer...?

Que quer dizer que é rara a alma que deseja regressar à fisicalidade na mesma forma que antes.

Se uma alma opta por regressar ao corpo, quase sempre o faz com outro corpo; um corpo diferente. Dessa forma inicia um novo programa, experiencia novas recordações, empreende novas aventuras.

Geralmente, as almas deixam os corpos porque acabaram com eles. Terminaram o que tinham a fazer quando se ligaram ao corpo. Experienciaram a experiência que procuravam.

E as pessoas que morrem de acidente? Tinham terminado a experiência ou foi “cortada”?

Continuas a pensar que as pessoas morrem por acidente?

Queres dizer que não?

Nada neste Universo acontece por acidente. “Acidente” é coisa que não existe, tal como não existe a “coincidência”.

Se eu me conseguisse convencer de que isso era verdade, nunca mais choraria os que morreram.

Que chorem por eles é a última coisa que eles quereriam que fizesses.

Se soubesses onde eles estão, e que lá estão por escolha sua, celebrarias a sua partida. Se experienciasses aquilo a que chamas a outra vida por um só momento, tendo lá chegado com o teu pensamento mais sublime sobre ti próprio e sobre Deus, arvorarias o maior dos sorrisos no seu funeral e deixarias a alegria invadir-te o coração.

Choramos nos funerais a nossa perda. É a tristeza de sabermos que nunca os voltaremos a ver, que nunca voltaremos a abraçar, a tocar ou a estar com alguém que amamos.

Esse choro é bom.

Exalta o vosso amor, e o ente amado. Contudo, mesmo esse luto seria curto se conhecessem as realidades grandiosas e as experiências maravilhosas que aguardam a alma ao deixar o corpo.

Como é na outra vida? Realmente. Diz-me tudo.

Há algumas coisas que não podem ser reveladas, não porque eu opte por não as dizer, mas porque na tua condição presente, ao teu nível de entendimento, serias incapaz de conceber o que te seria contado. Mesmo assim, há mais a dizer.

Como analisámos anteriormente, podes fazer uma de três coisas no que chamas a outra vida, tal como na vida que agora experiencias. Podes submeter-te às criações dos teus pensamentos não controlados, podes criar a tua experiência conscientemente por opção, ou podes experienciar

a consciência coletiva de Tudo O Que É. Esta última experiência chama-se Reunificação.

Se seguirem o primeiro caminho, a maior parte de vós não o fará por muito tempo (ao contrário da forma como se comportam na Terra). Isto porque no momento em que não gostem do que experienciam, optarão por criar uma realidade nova e mais agradável, o que farão simplesmente impedindo os pensamentos negativos.

Por isso, nunca experienciarão o “Inferno” de que têm tanto medo, a menos que optem por o fazer. Mesmo nesse caso, serão “felizes” por estarem a conseguir o que querem. (Mais pessoas do que vocês imaginam sentem-se “felizes” sendo “infelizes”.) Assim, continuarão a experienciá-lo até escolherem deixar de o fazer. Para a maior parte de vocês, no próprio momento em que começam a experienciá-lo, afastar-se-ão dele e criarão algo de novo.

Podem eliminar o Inferno na vossa vida na Terra exatamente da mesma maneira.

Se optarem pelo segundo caminho e criarem conscientemente a vossa experiência, experienciarão sem dúvida a ida “direitos ao céu”, porque é isso que qualquer pessoa que escolhe livremente e que acredita no céu, criaria. Se não acreditam no céu, experienciarão seja o que for que desejem experienciar - e no momento em que disso se aperceberem, os vossos desejos tornar-se-ão cada vez melhores. E então *acreditarão* no céu!

Se seguirem o terceiro caminho e se submeterem às criações da consciência coletiva, chegarão rapidamente à aceitação total, à paz total, à alegria total, à consciencialização total, e ao amor total, pois essa é a consciência do coletivo. Tornar-se-ão então um só com a Unidade, e nada mais haverá exceto Aquilo Que São - que é Tudo O Que Alguma Vez Houve, até decidirem que deva haver mais alguma coisa. Esse é o nirvana, a experiência de ser “um com a Unidade”, que muitos de vós já tiveram por breves momentos em meditação, e que é um êxtase indescritível.

Depois de experienciarem a Unidade por um tempo infinito-tempo nenhum, deixarão de a experienciar, porque não se pode experienciar a Unidade como Unidade a menos e até que o Que Não É Um também exista. Ao compreenderem isto, criarão, mais uma vez, a ideia e o pensamento da separação, ou desunidade.

Continuarão então a viajar na Roda Cósmica, a andar, a moverem-se em círculos, a ser, para todo o sempre e mais além.

Regressarão à Unidade muitas vezes – um número infinito de vezes e por um período infinito de cada vez - e saberão que possuem os instrumentos para voltar à Unidade em qualquer ponto da Roda Cósmica.

Podem fazê-lo agora, ao mesmo tempo que leem isto.

Podem fazê-lo amanhã, na vossa meditação.

Podem fazê-lo em qualquer altura.

E disseste que não temos de permanecer no nível de consciência em que estamos ao morrer?

Não, podem deslocar-se para outro tão depressa quanto desejem. Ou levar tanto “tempo” quanto queiram. Se “morrerem” num estado de perspetiva limitada e pensamentos não controlados, experienciarão seja o que for que esse estado vos traga, até deixarem de o querer. Então “acordarão” – ficarão conscientes – e começarão a experienciar-se a criar a vossa realidade.

Olharão para trás para a primeira etapa e chamar-lhe-ão purgatório. A segunda, quando podem ter o que quiserem à velocidade do pensamento, chamarão céu. A terceira etapa, em que experienciam o êxtase da Unidade, chamarão nirvana.

Há mais uma coisa que gostava de explorar nestas mesmas linhas. Não é sobre “depois da morte”, mas sobre experiências exteriores ao corpo. Podes explicar-me isso? Que acontece?

A essência de Quem Tu És deixou simplesmente o corpo físico. Isso pode acontecer durante o sonho normal, muitas vezes na meditação e frequentemente numa forma sublime quando o corpo se encontra num sono profundo.

Durante essa “excursão”, a alma pode ir onde quiser. Frequentemente, a pessoa que relata uma experiência dessas não tem memória posterior de ter tomado decisões volitivas a esse respeito. Podem experienciá-lo como “uma coisa que me aconteceu”. No entanto, nada do que envolve uma atividade da alma é não volitivo.

O ETERNO PROCESSO

Como é que as coisas nos podem ser “mostradas”, como é que nos podem ser “reveladas” durante uma experiência dessas, se o que fazemos é criar à medida que avançamos? Parece-me que a única forma de as coisas nos poderem ser reveladas seria se existissem separadas de nós, não como parte da nossa própria criação. Nisto preciso de ajuda.

Nada existe separado de vós, e tudo é a vossa própria criação. Mesmo a vossa falta de compreensão aparente é criação vossa; é, literalmente, uma invenção da vossa imaginação. Imaginam que não sabem a resposta a esta pergunta, portanto não sabem. Contudo, assim que imaginam que sabem, passam a saber.

Permitem-se este tipo de imaginação para que o Processo possa continuar.

O Processo?

A vida. O eterno Processo.

Nesses momentos em que te experiencias a ser-te “revelado” – quer sejam experiências a que chamem sair do corpo, ou sonhos, ou momentos mágicos despertos em que és bafejado com uma clareza cristalina – o que acontece é que deslizaste simplesmente para a “relembração”. Estás a

relembrar o que já criaste. E essas lembranças podem ser muito poderosas. Podem produzir uma epifania pessoal.

Depois de teres uma experiência tão magnífica, pode ser muito difícil voltar à “vida real” de uma forma que se adapte ao que as outras pessoas chamam a “realidade”. Isto porque a *tua* realidade mudou. Tornou-se outra. Ampliou-se, cresceu. E não pode voltar a decrescer. É como tentar meter o gênio outra vez dentro da garrafa. Não se pode fazer.

É por isso que muitas pessoas que regressam de experiências de sair do corpo, ou de experiências “às portas da morte”, por vezes parecem muito diferentes?

Exatamente. E *são* diferentes, porque sabem muito mais. Mas, frequentemente, quanto mais se afastam dessas experiências, quanto mais tempo passa, mais regressam aos comportamentos antigos, porque se esqueceram do que sabem.

Há alguma maneira de “continuar a lembrar-se”?

Sim. Age de acordo com o teu conhecimento a cada momento. Continua a agir de acordo com o que sabes, e não com o que o mundo de ilusão te mostra. Mantém isso, por muito enganadoras que sejam as aparências.

Foi o que todos os mestres fizeram e fazem.

Não julgam as aparências, mas agem de acordo com o que sabem. E há outra forma de recordar.

Sim?

Fazer com que outro se lembre. O que desejas para ti, dá a outro.

É o que sinto que estou a fazer com estes livros.

É exatamente o que estás a fazer. E quanto mais tempo o fizeres, menos terás de o fazer.

Quanto mais enviares esta mensagem a outros, menos terás de a enviar ao teu Eu.

Porque o meu Eu e o de outrem são Um, e o que dou a outrem, dou a mim próprio.

Vês, agora és tu que Me dás as respostas. E é assim mesmo que funciona.

Caramba. Acabo de dar uma resposta a Deus. Fantástico. Realmente fantástico.

A Quem o dizes.

É isso que é *fantástico* - o facto de *ser eu a dizer-Te*.

Eu digo-te: Um dia há-de vir em que falaremos como Um só. Esse dia há-de vir para toda a gente.

Bem, se esse dia há-de vir para mim, gostava de ter a certeza de perceber exactamente o que estás a dizer. Por isso gostava de voltar a outra coisa, só mais uma vez. Sei que já o disseste mais de uma vez, mas quero ter realmente a certeza de que percebo.

Percebi bem que, uma vez chegados a esse estado de Unidade a que muitos chamam Nirvana – uma vez regressados à Origem – não ficamos lá? A razão por que pergunto isto outra vez é que parece colidir com o meu entendimento de muitos ensinamentos místicos e esotéricos Orientais.

Permanecer num estado de sublime nada, ou Unidade com o Todo, tornaria impossível lá estar. Como acabei de explicar, O Que É não pode ser, exceto no espaço de O Que Não É. Mesmo o êxtase total da Unidade não pode ser experienciado como “êxtase total” a menos que exista algo inferior ao êxtase total. Portanto, algo inferior ao êxtase total da Unidade total teve de ser criado – e tem de o ser continuamente.

Mas quando estamos em êxtase total, quando nos fundimos mais uma vez com a Unidade, quando nos tornamos Tudo-Nada*, como podemos *saber* sequer que existimos? Se não experienciamos mais nada... não sei. Não estou a perceber isto. É uma coisa que não consigo assimilar.

Estás a descrever aquilo a que Eu chamo o Dilema Divino. É o dilema que Deus sempre teve - e que Deus resolveu com a criação do que não é Deus (ou que pensava que não era).

Deus deu - e dá novamente, a cada instante - uma parte de Si à Experiência Menor de não Se conhecer a Si, para que o Resto de Si possa conhecer-Se como Quem e o Que Realmente É. Assim, “Deus deu o Seu único filho, para vossa salvação”. Agora estás a ver de onde veio esta mitologia.

Penso que somos todos Deus – e estamos constantemente, cada um de nós, a viajar entre o Conhecimento e o Desconhecimento e novamente para o Conhecimento, do ser para o não-ser e novamente para o ser, da Unidade para a Separação e novamente para a Unidade, num ciclo interminável. Esse é o ciclo da vida - o que Tu designas por Roda Cósmica.

Exatamente. Precisamente. Bem dito.

Mas temos todos de regressar à *estaca zero*? Temos de recomeçar do princípio, completamente? Regressar ao início? Voltar à primeira casa? Sem passar pela “Partida” e sem receber duzentos dólares?

Não *tens* de fazer nada. Nem nesta vida, nem noutra. Poderás optar – *terás sempre livre arbítrio* – por ir para onde quer que queiras, por fazer o que te apetecer, na tua re-criação da experiência de Deus. Podes ir para qualquer lugar da Roda Cósmica. Podes “voltar” como qualquer coisa que desejes, ou noutra dimensão, realidade, sistema solar ou civilização que escolhas. Alguns dos que alcançaram o lugar de união total com o Divino escolheram até “voltar” como mestres esclarecidos. E sim, alguns eram

* Jogo de palavras com os termos “Every-thing No-thing”, literalmente todas as coisas/coisa nenhuma. (N. da T.)

mestres esclarecidos quando partiram, e depois optaram por “voltar” como *eles* próprios.

Deves ter conhecimento de relatos de gurus e mestres que regressaram ao vosso mundo muitas vezes, manifestando-se em aparições repetidas ao longo de décadas e séculos.

Vocês têm toda uma religião baseada num relato desses. Chama-se a Igreja de Jesus Cristo dos Santos do Último Dia e baseia-se no relato de Joseph Smith de que o Ser que se chamava a ele próprio Jesus regressou à Terra muitos séculos depois da sua aparente partida “final”, aparecendo dessa vez nos Estados Unidos.

Portanto podes voltar a qualquer ponto da Roda Cósmica que te agrade.

Mesmo assim, isso pode ser deprimente. Nunca chegamos a descansar? Nunca ficamos no nirvana, *para lá ficar*? Estamos condenados para sempre a este “ir e vir”- este “agora vês, agora não vês” como uma passadeira rolante? Estamos permanentemente em viagem para sítio nenhum?

Sim. Essa é a grande verdade. Não há lugar nenhum para ir, nada para fazer, e ninguém que tenhas de “ser” exceto quem és neste preciso momento.

A verdade é que não existe viagem. És neste preciso momento o que estás a tentar ser. Estás neste preciso momento onde estás a tentar ir. É o mestre quem sabe isto e assim termina a luta. E então o mestre procura ajudar-te a terminar a *tua* luta, tal como procurarás acabar com a luta de outros quando alcançares a mestria.

Contudo, este processo - esta Roda Cósmica - não é uma passadeira rolante deprimente. É uma reafirmação gloriosa e contínua da total magnificência de Deus e de toda a vida – e nada há de deprimente nisso.

A mim continua a parecer-me deprimente.

Deixa lá ver se consigo fazer-te mudar de opinião. Gostas de sexo?

Adoro.

A maior parte das pessoas adora, com exceção daqueles que têm ideias verdadeiramente esquisitas a esse respeito. Então, se Eu te dissesse que a partir de amanhã podias fazer sexo com toda e qualquer pessoa por quem sentisses atração e amor. Isso far-te-ia feliz?

Tinha de ser contra a vontade delas?

Não. Eu organizava as coisas de modo a que todas as pessoas com quem desejassem celebrar a experiência humana do amor também o quisessem fazer contigo.

Ena pá! Claro... Ótimo!

Há só uma condição: Tens de parar depois de cada uma delas. Não podes passar simplesmente de uma para outra, sem interrupção.

Tu é que mandas.

Então, para experienciares o êxtase deste tipo de união física, também tens de experienciar não estar unido sexualmente a alguém, mesmo que seja por pouco tempo.

Parece-me que estou a ver onde queres chegar.

Sim. O próprio êxtase não seria êxtase se não houvesse uma altura em que não existisse êxtase. Isto é tão verdadeiro para o êxtase espiritual como para o físico.

Não há nada de deprimente no ciclo da vida, apenas alegria. Simplesmente alegria e mais alegria.

Os verdadeiros mestres nunca estão menos alegres. Essa permanência ao nível da mestria é o que poderás achar desejável. Então poderás entrar

e sair do êxtase e continuar sempre alegre. Não precisas do êxtase para sentir alegria. Sentes alegria sabendo simplesmente que o êxtase existe.

CAPÍTULO 6

TODOS OS DESPECHOS JÁ EXISTEM

Agora gostava de mudar de assunto, se pudesse ser, e falar sobre as mudanças na Terra. Mas, antes de o fazer, gostava de fazer apenas uma observação. Parece haver muitas coisas que aqui são ditas mais de uma vez. Às vezes parece-me estar a ouvir as mesmas coisas, uma vez após outra.

Isso é bom! Porque estás! Como Eu já disse, é de propósito.

Esta mensagem é como uma mola. Quando está recolhida, enrola-se em volta de si própria. Cada círculo cobre outro e parece estar, literalmente, a “andar em círculos”. Só quando a mola se solta se vê que estende como uma espiral, mais longa do que se poderia imaginar.

Sim, tens razão. Muito do que está a ser dito foi dito várias vezes, de formas diferentes. Por vezes da mesma maneira. A observação está correta.

Quando terminares esta mensagem, devias ser capaz de repetir os pontos essenciais virtualmente palavra por palavra. Um dia podes querer fazê-lo.

Está bem, é justo. Agora, passando *adiante*, há uma quantidade de pessoas que pensam que eu tenho uma “linha direta com Deus”, e querem saber se o nosso planeta está condenado. Eu sei que já perguntei isto antes, mas agora gostava realmente de uma resposta direta. As mudanças na Terra virão a ocorrer, como tantos predizem? E se não, o que veem todos esses médiuns? Uma visão inventada? Devíamos rezar? Mudar? Há alguma coisa que possamos fazer? Ou é tudo tristemente desesperado?

Terei muito gosto em abordar essas questões, mas não estaremos a “passar adiante”.

Não estaremos?

Não, porque as respostas já te foram dadas, nas Minhas explicações anteriores quanto ao tempo.

Referes-Te à parte sobre “tudo o que irá alguma vez acontecer já aconteceu.”

Sim.

Mas O QUE é “tudo o que já aconteceu”?

Como aconteceu?

O *que* aconteceu”?

Tudo aconteceu. Tudo já aconteceu. Todas as possibilidades existem como factos, acontecimentos consumados.

Como é que isso pode ser? Continuo a não perceber como pode ser.

Vou pô-lo em termos mais acessíveis para ti. Vê lá se isto ajuda. Já observaste as crianças a utilizar um CD-ROM para jogar um jogo informático?

Já.

Já perguntaste a ti próprio como é que o computador sabe responder a todos os movimentos que a criança faz com o “joystick”?

Sim, na verdade, já me tenho perguntado.

Está tudo no disco. O computador sabe como responder a todos os movimentos que a criança faz porque todos os movimentos possíveis já foram introduzidos no disco, *juntamente com a resposta adequada.*

Isso é fantasmagórico. Quase surrealista.

O quê, que todos os desfechos, voltas e voltinhas que levam a esse desfecho, já estejam programados no disco? Não há nada de “fantasmagórico” nisso. É apenas tecnologia. E se pensas que a tecnologia dos jogos de vídeo é uma grande coisa, espera até veres a tecnologia do Universo!

Imagina a Roda Cósmica como esse CD-ROM. Todos os desfechos já existem. O Universo está apenas à espera de ver qual o que escolhes desta vez. E quando termina o jogo, quer ganhes, quer percas, quer empates, o Universo dirá, “Quer jogar outra vez?”

O disco do teu computador não se importa com que tu ganhes ou percas e não podes “magoá-lo”. Só te oferece uma oportunidade de jogares outra vez. Todos os desfechos já existem, e o desfecho que experiencias depende da opção que fizeres.

Então Deus é nada mais que um CD-ROM?

Eu não o poria exatamente dessa maneira. Mas, ao longo de todo este diálogo, tenho tentado utilizar *ilustrações* que englobem conceitos acessíveis à compreensão de toda a gente. Por isso, acho que a ilustração do CD-ROM é boa.

Em muitos aspetos, a vida é *como* um CD-ROM. Todas as possibilidades existem e já ocorreram. Agora tens oportunidade de escolher qual a que queres experimentar.

Isto está diretamente relacionado com a tua pergunta sobre as mudanças na Terra.

O que muitos médiuns dizem sobre as mudanças na Terra é verdade. Abriram uma janela para o “futuro”, e viram-no. A questão é, *que* “futuro” viram eles? Tal como o final do jogo no CD-ROM, há mais do que uma versão.

Numa versão, a Terra estará em tumulto. Noutra versão, não.

Na verdade, todas as versões já aconteceram.

Lembra-te que o tempo...

Eu sei, eu sei. “O tempo não existe”...

...*Certo*. E então?

Então tudo acontece ao mesmo tempo.

Novamente certo. Tudo o que já aconteceu, está a acontecer agora e alguma vez acontecerá existe neste preciso momento. Tal como todas as jogadas no jogo de computador já existem no disco. Portanto, se pensas que seria interessante que as predições do fim do mundo dos médiuns se viessem a verificar, concentra nisso toda a tua atenção e podes atraí-lo para ti. E se achas que gostarias de experienciar uma realidade diferente, concentra-te nela e esse será o desfecho que podes atrair para ti.

Portanto não me vais dizer se as mudanças na terra vão acontecer ou não, é isso?

Estou à espera que tu Me digas. Tu é que vais decidir, pelos teus pensamentos, palavras e obras.

E o problema dos computadores no ano 2000? Há quem diga que aquilo a que chamamos agora o “bug” do ano 2000 vai ser a causa de tremendo caos nos nossos sistemas sociais e económicos. Vai?

Que dizes tu? O que escolhes?

Pensas que nada tens a ver com tudo isto? Eu digo-te, isso seria inexato.

Não nos dizes como é que tudo isso se vai passar?

Eu não estou aqui para prever o vosso futuro, e não o farei. Isso posso eu dizer-te. Isso *qualquer pessoa* te pode dizer. E se não tiveres cuidado, chegarás exatamente onde estás a ir. Portanto, se não gostas do caminho que levas, *muda de direção*.

E como é que faço? Como é que posso afetar um desfecho dessa dimensão? Que devemos fazer perante todas estas predições de desastre por pessoas com “autoridade” psíquica ou espiritual?

Volta-te para dentro. Procura o teu lugar de sabedoria interior. Vê o que te pede que faças. E depois fá-lo.

Se isso significar escrever aos políticos e industriais pedindo-lhes para tomarem providências quanto aos abusos ambientais que podem levar às mudanças na Terra, fá-lo. Se significar reunir os líderes da comunidade para trabalharem no problema do ano 2000, fá-lo. E se significar apenas trilhar o teu caminho, irradiando energia positiva todos os dias e impedindo os que se encontram à tua volta de entrarem num pânico que traga problemas, fá-lo.

Acima de tudo, não tenhas medo. Não podes “morrer” em qualquer caso, portanto nada há a temer. Está atento ao desenrolar do Processo e tranquiliza-te que tudo vai correr bem contigo.

Procura entrar em contacto com a perfeição de todas as coisas. Sabe que estarás exatamente onde tens de estar, de forma a experienciá-lo exatamente o que escolhes enquanto crias Quem Realmente És.

É esse o caminho da paz. Em todas as coisas, vê a perfeição.

Finalmente, não tentes “escapar-te” seja ao que for. Aquilo a que se resiste, persiste. Disse-to no primeiro livro e é verdade.

As pessoas que estão tristes com o que “veem” no futuro, ou com o que lhes “disseram” sobre o futuro, não se “mantêm na perfeição”.

Mais algum conselho?

Celebra! Celebra a vida! Celebra o Eu! Celebra as predições! Celebra Deus!

Celebra! Joga o jogo.

Traz alegria ao momento, traga o momento o que trouxer, porque a alegria é Quem Tu És, e Quem Tu Sempre Serás.

Deus não pode criar nada imperfeito. Se pensas que Deus pode criar alguma coisa imperfeita, nada sabes de Deus.

Portanto celebra. Celebra a perfeição! Sorri e celebra e vê apenas a perfeição, e aquilo a que os outros chamam a imperfeição não te tocará de nenhuma forma que seja imperfeita para ti.

Queres dizer que posso evitar que a Terra se desloque do seu eixo, ou que seja esmagada por um meteoro, ou que seja destruída por tremores de terra, ou apanhada na confusão e histeria resultantes do “bug” ano 2000?

Podes com certeza evitar ser negativamente afetado por tudo isso.

Não foi isso que Te perguntei.

Mas é o que te respondi. Enfrenta o futuro audaciosamente, compreendendo O Processo e vendo a perfeição de todo ele.

Essa paz, essa serenidade, essa calma afastar-te-á da maior parte das experiências e desfechos a que os outros chamam “negativos”.

A DÚVIDA E O PODER PSÍQUICO

E se estiveres enganado a respeito de tudo isto? E se não fores “Deus”, mas apenas excessos da minha imaginação fértil?

Ah, voltamos a essa questão, hein?

E se for? E então? Consegues imaginar uma maneira melhor de viver?

Eu só estou a dizer para te conservares calmo, pacífico, sereno, em face dessas tremendas predições de calamidade planetária, e terás o melhor desfecho possível.

Mesmo que Eu não seja Deus, e seja apenas “tu” a inventar tudo, consegues obter melhor conselho?

Não, acho que não.

Então, como de costume, não faz diferença que eu seja “Deus” ou não.

Com isto, tal como com a informação dos três livros, basta viver a sabedoria. Ou, se conseguires imaginar uma maneira melhor de proceder, *segue-a*.

Olha, mesmo que seja só o Neale Donald Walsch a falar em todos estes livros, não podias encontrar melhores conselhos em nenhum dos assuntos abrangidos. Portanto vê as coisas assim: Ou Eu sou Deus a falar, ou este Neale é um tipo muito inteligente.

Qual é a diferença?

A diferença é que, se eu estivesse convencido que era realmente Deus que dizia estas coisas, ouvia com mais atenção.

Ora, treta. Já te mandei milhares de mensagens, de centenas de maneiras diferentes, e ignoraste a maior parte.

Sim, suponho que sim.

Supões?

Pronto, ignorei.

Então desta vez não ignores. O que pensas que te trouxe até este livro? Tu. Portanto, se não ouves Deus, ouve-te a ti próprio.

Ou ao meu simpático psíquico.

Ou ao teu simpático psíquico.

Agora estás a gozar comigo, mas isto levanta outro assunto que eu queria discutir.

Eu sei.

Sabes?

Claro. Queres discutir o psiquismo.

Como é que sabias?

Sou médium.

Eh, pá, pois és. És a Mãe de todos os médiuns. És o *Grande Chefe*, O *Máximo dos Máximos*. És O Tal, O Chefe, O Presidente do Conselho de Administração.

Acertaste, pá!

Dá cá mais *cinco*.

Fixe, meu. Continua.

O que quero saber é, o que é o “poder psíquico”?

Todos vocês têm aquilo a que chamas “poder psíquico”.

É verdadeiramente um sexto sentido. E todos vocês têm um “sexto sentido acerca das coisas”. O poder psíquico é simplesmente a capacidade de passar da tua experiência limitada para uma perspetiva mais ampla. Dar um passo atrás. Sentir mais do que sentiria o indivíduo limitado que imaginas que és; saber mais do que ele saberia. E a capacidade de ir buscar a *verdade maior* que te rodeia; ser sensível a uma energia diferente.

Como é que se desenvolve essa capacidade?

“Desenvolver” é uma boa palavra. É como os músculos. Todos vocês os têm, no entanto uns optam por os desenvolver, enquanto noutros não são desenvolvidos e têm muito menos utilidade.

Para desenvolveres o teu “músculo” psíquico, tens de o exercitar. De o utilizar. Todos os dias. A todo o momento.

Neste preciso momento, o músculo está lá, mas é pequeno. É fraco. É subutilizado. De vez em quando surge-te uma intuição, mas não atuas de acordo com ela. Tens um “pressentimento” sobre qualquer coisa, mas ignora-lo. Tens um sonho, ou uma “inspiração”, mas deixa-la passar, prestando-lhe pouca atenção.

Graças a Deus, prestaste atenção à intuição que tiveste em relação a este livro, ou não estarias agora a ler estas palavras.

Pensas que estas palavras surgiram acidentalmente? Por acaso?

Portanto, o primeiro passo no desenvolvimento do “poder” psíquico é saber que o tens e usá-lo. Presta atenção a todos os pressentimentos que tenhas, todos os sentimentos que sintas, todas as intuições que experiencias. *Presta atenção.*

Depois, age de acordo com o que “sabes”. Não deixes a tua mente convencer-te do contrário. Não deixes que o teu medo te faça afastar.

Quanto mais agires por intuição sem medo, mais a tua intuição te servirá. Sempre aí esteve, só que agora estás a dar-lhe atenção.

Mas eu não estou a falar daquela capacidade psíquica que “arranja sempre um lugar para o carro”. Estou a falar do verdadeiro poder psíquico. Daquele que vê o futuro. Do que nos dá a conhecer coisas sobre as pessoas que não teríamos outra forma de saber.

Eu também estava a falar desse.

Como é que funciona esse poder psíquico? Devo escutar as pessoas que o têm? Se um médium faz uma profecia, posso mudá-la, ou o meu futuro está gravado em pedra? Como é que alguns médiuns conseguem dizer coisas sobre nós no momento em que entramos numa sala? E se...

Espera. Já são quatro perguntas diferentes. Vamos lá mais devagar e experimentar uma de cada vez.

Está bem. Como funciona o poder psíquico?

Existem três regras nos fenómenos psíquicos que te permitirão compreender como funciona o poder psíquico. Vamos analisá-los.

1. Todo o pensamento é energia.
2. Todas as coisas estão em movimento.
3. Todo o tempo é agora.

Os médiuns são pessoas que se abriram às experiências produzidas por esses fenómenos: vibrações. Por vezes formadas como imagens mentais. Outras um pensamento sob a forma de uma palavra.

O médium torna-se perito em sentir essas energias. Pode não ser fácil de início, porque essas energias são muito ligeiras, muito ténues, muito subtis. Como a mais ligeira brisa de uma noite de Verão que sentiste roçar-te o cabelo – mas talvez não tenha sido. Como o som mais ténue à maior distância que pensas ter ouvido, mas não tens a certeza. Como o perpassar de uma imagem pelo canto do olho que juravas que estava lá mas, ao olhares de frente, não estava. Desapareceu. Estava lá mesmo?

Essa é a pergunta que o médium iniciado faz constantemente. O médium habilitado nunca faz, porque fazer a pergunta afasta a resposta. Fazer a pergunta ocupa a mente, e isso é a última coisa que um médium pretende. A intuição não reside na mente. Para seres médium, tens de estar fora da mente. Porque a intuição reside na psique. Na alma.

A intuição é o ouvido da alma.

A alma é o único instrumento suficientemente sensível para “apanhar” as mais ténues vibrações da vida, para “sentir” essas energias, para se aperceber dessas ondas no campo magnético e para as interpretar.

Tu tens seis sentidos e não cinco, que são o olfato, o gosto, o tato, a visão, o ouvido e... o *conhecimento*.

Sempre que tens um pensamento, ele emite energia. É energia. A alma do médium apanha essa energia. O verdadeiro médium não pára para a interpretar, mas provavelmente limita-se a deixar escapar como sente essa energia. É assim que um médium consegue dizer-te o que estás a pensar.

Todos os sentimentos que alguma vez tiveste residem na tua alma. A tua alma é a soma total de todos os teus sentimentos. É o repositório. Mesmo tendo passado muitos anos desde que lá os guardaste, um médium verdadeiramente aberto consegue “sentir” esses “sentimentos” aqui e agora. Isso porque – agora todos juntos...

O tempo é coisa que não existe...

É assim que um médium te consegue dizer coisas sobre o teu “passado”.

O “amanhã” também não existe. Todas as coisas estão a acontecer agora mesmo. Cada ocorrência emite uma onda de energia, imprime uma imagem indelével na chapa cósmica. O médium vê, ou sente, a imagem de “amanhã” como se estivesse a acontecer agora mesmo - e está. É assim que alguns médiuns predizem o “futuro”.

Como é isso feito, fisiologicamente? Talvez sem saber o que está a fazer, o médium, pelo ato de concentração intensa, emite uma verdadeira componente submolecular de si próprio. O seu “pensamento”, se quiseses, deixa o corpo, dispara através do espaço e vai suficientemente longe e suficientemente depressa para se conseguir virar e “ver” à distância o “agora” que tu ainda não experienciaste.

Viagem no tempo submolecular!

Podes chamar-lhe assim.

Viagem no tempo submolecular!

Eii... pronto. Decidimos transformar isto num espetáculo de variedades.

Não, não, eu porto-me bem, prometo... a sério. Continua. Eu quero mesmo ouvir isso.

Está bem. A parte submolecular do médium, depois de absorver a energia da imagem obtida na concentração, dispara de regresso ao corpo do médium, trazendo consigo a energia. O médium “recebe uma imagem” – por vezes com um estremecimento – ou “tem uma sensação” e tenta a todo o custo não fazer qualquer “processamento” dos dados, mas descreve-os apenas, simples e instantaneamente. O médium aprendeu a não questionar o que “pensa”, “vê” ou “sente” subitamente, mas a limitar-se a “deixá-lo vir ao de cima” sem lhe tocar tanto quanto possível. Semanas mais tarde, se o acontecimento imaginado ou “sentido” ocorre, o médium é considerado clarividente - o que é, evidentemente, verdade!

Se é esse o caso, como é que algumas “predições” estão “erradas”, ou seja, nunca “acontecem”?

Porque o médium não “previu o futuro”, apenas deixou entrever uma imagem breve de uma das “possibilidades possíveis” observadas no Momento Eterno do Agora. Quem faz a opção é sempre o sujeito da leitura do médium. Com a mesma facilidade, podia fazer outra escolha – uma escolha que não estivesse de acordo com a predição.

O Momento Etemo contém todas as “possibilidades possíveis”. Como já expliquei várias vezes, tudo já aconteceu, em milhões de maneiras diferentes. Vocês só têm que fazer opções de percepção. É tudo uma questão de percepção. Quando mudas de percepção, mudas de pensamento e o teu pensamento cria a tua realidade. Qualquer que seja o desfecho que

possas esperar em qualquer situação, já lá está. Só tens que te aperceber dele. Conhecê-lo.

É isso que significa “antes de terdes perguntado, ter-vos-ei respondido”. Na verdade, as vossas orações são atendidas antes de serem oferecidas.

Então, por que não recebemos tudo aquilo por que rezamos?

Isso foi tudo explicado no *Livro1*. Não se recebe sempre o que se pede, mas recebe-se sempre o que se cria. A criação segue-se ao pensamento, que segue a percepção.

EXPERIENCIAR O PARADOXO

Faz confusão. Apesar de já termos analisado isto antes, continua a fazer confusão.

Faz, não faz? É por isso que é bom revê-lo. Ouvi-lo várias vezes dá-te a oportunidade de o envolveres na tua mente. Assim “esclareces” a mente.

Se está tudo a acontecer agora, o que determina a *parte* que eu experiencio no *meu* momento do “agora”?

As tuas opções – e a tua convicção nas tuas opções. Essa convicção é criada pelos teus pensamentos sobre um determinado assunto, e esses pensamentos emergem de percepções – ou seja, de “como vês as coisas”.

Assim, o médium vê a opção que agora fazes em relação a “amanhã”, e vê-a realizar-se. Mas um médium verdadeiro dir-te-á sempre que não tem de ser assim. Podes “escolher outra vez” e alterar o desfecho.

Com efeito, estaria a alterar a experiência que já tinha tido!

Exatamente! Agora estás a atingir. Agora percebes como viver no paradoxo.

Mas, se “já aconteceu”, a quem “aconteceu”? E se eu mudar, quem é o “eu” que experiencia a mudança?

Há mais de um “tu” a deslocar-se ao longo da linha do tempo. Tudo isto está descrito em pormenor no *Livro2*. Sugiro que o releias. Depois combina o que lá está com o que está aqui, para uma compreensão mais rica.

Certo. Mas gostava de falar mais um bocado sobre esta história dos médiuns. Muitas pessoas se intitulam médiuns. Como distingo os verdadeiros dos falsos?

Toda a gente é “médium”, portanto são *todos* “verdadeiros”. O que tens de procurar é o seu objetivo. Procuram ajudar-te ou enriquecer-se a eles próprios?

Os médiuns – os “médiuns profissionais” que procuram enriquecer, prometem muitas vezes fazer coisas com o seu poder psíquico - “fazer voltar um amante perdido”, “trazer fama e fortuna” e até ajudar a perder peso! Prometem ser capazes de fazer tudo isso – mediante honorários. Fazem mesmo “leituras” a outras pessoas – o teu chefe, a tua amante, um amigo - e dizem-te tudo sobre elas. Dizem, “Traga-me qualquer coisa. Um lenço, uma fotografia, uma amostra de caligrafia.”

E *conseguem* dizer-te coisas sobre os outros. Com frequência, bastantes coisas. Porque toda a gente deixa um vestígio, uma “impressão digital psíquica”, um rasto de energia. E um verdadeiro sensitivo consegue senti-lo.

Mas um intuitivo sincero nunca se oferece para fazer com que outra pessoa volte para ti, conseguir que uma pessoa mude de ideias ou *criar um resultado qualquer com o seu “poder” psíquico*. Um verdadeiro médium” - alguém que dedica a sua vida ao desenvolvimento e utilização desse dom - sabe que nunca se deve interferir com o livre arbítrio de outrem, que nunca se deve invadir o pensamento de outrem, e que o espaço psíquico de outra pessoa nunca deve ser violado.

Parece-me que tinhas dito que não existe nem “certo” nem “errado”. Que são todos esses “nuncas”, agora de repente?

Sempre que estabeleço um “sempre” ou um “nunca”, é dentro do contexto do que sei que procuram alcançar; o que estão a tentar fazer.

Sei que procuram evoluir, crescer espiritualmente, regressar à Unidade. Procuram experienciar-se como a versão mais grandiosa da visão mais sublime que alguma vez tiveram quanto a Quem Vocês São. Procuram-no individualmente, e enquanto raça.

Ora, não existem nem “certos” e “errados”, nem “deves” e “não deves” no Meu mundo - como disse muitas vezes – e não ardes no eterno fogo do Inferno se fizeres uma escolha “má”, porque nem existe o “mau” nem o “Inferno” - a menos, claro, que penses que existem.

Contudo, há leis naturais que foram integradas no Universo físico – e uma delas é a lei da causa e efeito.

Uma das leis mais importantes de causa e efeito é a seguinte: *Todo o efeito causado é experienciado no fim pelo Eu.*

Que quer isso dizer?

Tudo o que fizeres experienciar a outrem, experienciarás um dia.

Os membros da vossa comunidade New Age têm uma maneira mais colorida de o referir.

“Quem com ferro mata, com ferro morre”.

Certo. Outros conhecem-nos como a exortação de Jesus: Faz aos outros aquilo que gostarias que fizessem por ti.

Jesus estava a ensinar a lei da causa e efeito. É aquilo a que se poderia chamar a Lei Principal. Algo como a Diretiva Principal dada a Kirk, Picard e Janeway*.

Olha, Deus é fã do “Caminho das Estrelas”!

Estás a gozar? Escrevi metade dos episódios.

Que o Gene não Te oiça.

Deixa-te disso... o Gene *disse-Me* para Eu dizer.

Estás em contato com o Gene Roddenberry?

E o Carl Sagan, o Bob Heinlein e a *malta toda* cá em cima.

Sabes, não devíamos estar a gozar desta maneira. Retira toda a credibilidade ao diálogo.

Estou a ver. Uma conversa com Deus tem que ser séria.

Bem, pelo menos credível.

Não é credível que Eu aqui tenha o Gene, o Carl e o Bob? Tenho que lhes dizer. Bem, voltando a como distinguir um médium verdadeiro de um “falso”. Um médium verdadeiro conhece e vive de acordo com a Diretiva Principal. É por isso que, se lhe pedires para fazer regressar um “amor há muito perdido”, ou para ler a aura de outra pessoa cujo lenço ou carta possuis, um verdadeiro médium dir-te-á:

“Desculpe, mas isso não faço. Nunca interfiro, nem intervenho, nem espreito o caminho trilhado por outra pessoa.

Não tentarei afetar, dirigir ou influenciar de qualquer forma as suas opções.

* Personagens da série de ficção televisiva “Star Trek” (Caminho das Estrelas) da autoria de Gene Roddenberry. (N. da T.)

E não lhe transmitirei nenhuma informação pessoal ou particular sobre qualquer indivíduo.”

Se uma pessoa se oferecer para te prestar um desses “serviços”, essa pessoa é como um advogado de reputação duvidosa, que se serve das tuas fraquezas e vulnerabilidades humanas para te extorquir dinheiro.

E os médiuns que ajudam as pessoas a localizar um ente querido desaparecido – uma criança raptada, um adolescente que fugiu e é demasiado orgulhoso para telefonar para casa, mesmo que o queira fazer desesperadamente? E o caso clássico de localizar uma pessoa – viva ou morta – para a polícia?

Claro que essas questões estão respondidas por si. O que um verdadeiro médium evita sempre é impor a sua vontade a outra pessoa. Só ali está para servir.

Está certo pedir a um médium para contactar os mortos? Devemos tentar alcançar os que “já partiram”?

Por que haviam de querer?

Para ver se há alguma coisa que nos queiram dizer; que nos queiram contar.

Se alguém do “outro lado” quiser que saibam alguma coisa, encontrará maneira de fazer com que saibam, não se preocupem. A tia, o tio, o irmão, a irmã, o pai, a mãe, o cônjuge e o amante que “já partiram” continuam a sua própria jornada, experienciando completa alegria, movendo-se ao encontro da total compreensão.

Se regressar a vós fizer parte do que querem – para verem como estão, para vos trazer a percepção de que eles estão bem, seja o que for – podem ter a certeza que o farão.

Estejam atentos ao “sinal” e apanhem-no. Não o rejeitem como sendo produto da vossa imaginação, anseios ou coincidência. Estejam atentos à mensagem e recebam-na.

Sei de uma senhora que tratava do marido moribundo e lhe implorou: Se ele tinha de partir, que entrasse em contato com ela e lhe dissesse se estava bem. Ele prometeu que o faria e morreu dois dias depois. Passado menos de uma semana, a senhora acordou uma noite com a sensação que alguém acabara de se sentar na cama ao seu lado. Quando abriu os olhos, iria jurar que tinha visto o marido, sentado aos pés da cama, a sorrir-lhe. Mas quando piscou os olhos e voltou a olhar, tinha desaparecido. Ela contou-me esta história mais tarde, comentando que devia ter tido alucinações.

Sim, isso é muito vulgar. Recebem-se sinais – irrefutáveis e óbvios – e são ignorados. Ou rejeitados por considerar que a mente está a pregar partidas.

Tens a mesma opção agora, com este livro.

Por que fazemos isso? Por que pedimos uma coisa – como a sabedoria contida nestes três livros – e depois nos recusamos a acreditar nela quando a recebemos?

Porque duvidam da maior glória de Deus. Como Tomé, têm de ver, sentir, tocar, antes de acreditar. No entanto, aquilo que querem saber não pode ser visto, sentido ou tocado. É de outro reino. E vocês não estão abertos a isso; não estão preparados. Mas não se apoquentem. Quando o aluno estiver preparado, o professor aparecerá.

Estás então a dizer – para voltarmos à questão original – que *não* devemos ir a um médium ou a uma sessão para tentar contactar os que estão do outro lado?

Eu não estou a dizer que devem ou não devem fazer seja o que for. Só não estou seguro de qual seria o objetivo.

Bem, suponhamos que *alguém* tem algo a dizer a um deles, em vez de algo que queira ouvir *deles*?

Pensas que o podias dizer e que eles não ouviam? O mais breve pensamento que tenha a ver com um ser que exista naquilo a que chamam o “outro lado” faz com que a consciência desse ser voe até ti.

Não se pode ter um pensamento ou uma ideia sobre uma pessoa “falecida”, como vocês dizem, sem que a Essência dessa pessoa tenha completa consciência deles. Não é necessário utilizar um médium para estabelecer essa comunicação. *O amor é o melhor meio** de comunicação.

E a comunicação nos *dois sentidos*? Nesse caso era útil um médium? E essa comunicação é possível sequer? É tudo treta? É perigoso?

Agora estás a falar de comunicação com espíritos. Sim, essa comunicação é possível. Se é perigosa? Tudo é virtualmente “perigoso” quando se tem medo. O que se teme, cria-se. Mas, na verdade, não há nada a temer.

Os entes queridos nunca estão longe de ti, nunca a uma distância superior a um pensamento, e lá estarão sempre que precisares, prontos a aconselhar e a confortar-te. Se da tua parte existir um nível de tensão elevado quanto a um ente querido estar “bem”, enviar-te-ão um indício, um sinal, uma pequena “mensagem” para que saibas que está tudo bem.

Nem sequer terás de as chamar, porque as almas que te amaram nesta vida são atraídas para ti, puxadas para ti, voam para ti no momento em que pressentem o menor problema ou perturbação no teu campo áurico.

Uma das primeiras oportunidades que têm, quando aprendem as possibilidades da sua nova existência, é levar ajuda e conforto a quem amam. E sentirás a sua presença reconfortante se estiveres verdadeiramente aberto a eles.

Então as histórias que se ouvem de pessoas que “iriam jurar” que um ente querido falecido estava na sala podem ser verdadeiras.

Com toda a certeza. Pode-se sentir o cheiro do perfume ou água colónia do ente querido ou uma baforada do charuto que fumavam, ou ouvir vagamente uma canção que costumavam trautear. Ou, vindo não se sabe donde, pode aparecer de repente um objeto pessoal. Um lenço, uma

* Em inglês usa-se a mesma palavra (médium) para “médium” e “meio”. (N. da T.)

carteira, um botão de punho ou uma joia que “aparece” sem razão. É “encontrado” num assento de cadeira, ou debaixo de uma pilha de revistas velhas. Lá está. Um quadro, uma fotografia de um momento especial – exatamente quando se sente saudades dessa pessoa e tristeza pela sua morte. Essas coisas não “acontecem simplesmente”. Esse tipo de coisas não “aparece no momento exato” por acaso.

Eu vos digo: Não há coincidências no Universo.

Isso é muito comum. Muito comum.

Agora, voltando à tua pergunta: Precisam de um “médium” ou “canal” para comunicar com seres exteriores ao corpo? Não. Pode ser útil? Às vezes. Depende muito, mais uma vez, do médium – e da sua motivação.

Se alguém se recusar a trabalhar dessa forma convosco – ou a fazer qualquer espécie de “canalização” ou “intermediação” – sem uma compensação elevada, corram, não andem, em sentido oposto. Essa pessoa pode estar a fazê-lo apenas por dinheiro. Não se admirem se vos “obrigarem” a voltar várias vezes, durante semanas ou meses, ou mesmo anos, enquanto jogam com a vossa necessidade ou desejo de contatar o “mundo dos espíritos”.

Uma pessoa que só lá esteja – como o espírito está – para ajudar, nada pede para si exceto o que é necessário para continuar a fazer o trabalho que procura fazer.

Se um médium tem essa atitude quando concorda em vos ajudar, certifiquem-se de que retribuem oferecendo-lhe toda a ajuda que possam. Não se aproveitem de uma tão extraordinária generosidade de espírito dando pouco, ou nada, quando sabem que podiam fazer mais.

Procurem ver quem serve verdadeiramente o mundo, quem procura verdadeiramente partilhar sabedoria e conhecimento, perspicácia e compreensão, afeto e compaixão. Deem a essas pessoas e deem em

abundância. Mostrem-lhes o máximo respeito. Deem-lhes a maior quantidade. Porque esses são os Portadores da Luz.

CAPÍTULO 7

REENCARNAÇÃO

Vimos aqui muita coisa. Ena, vimos mesmo muita coisa. Podemos mudar outra vez? Estás preparado para continuar?

Tu estás?

Sim, agora engrenei. Finalmente consegui engrenar. E quero fazer todas as perguntas que estou à espera de fazer há três anos.

Por Mim está bem. Vamos lá.

Calma. Agora gostaria de falar sobre outro dos mistérios esotéricos. Falas comigo sobre a reencarnação?

Com certeza.

Muitas religiões dizem que a reencarnação é uma falsa doutrina; que só aqui temos uma vida; uma oportunidade.

Eu sei. Isso não é exato.

Como podem estar tão errados acerca de uma coisa tão importante? Como podem não saber a verdade sobre uma coisa tão básica?

Tens de compreender que os humanos têm muitas religiões baseadas no medo, cujos ensinamentos andam à roda de uma doutrina de um Deus que deve ser adorado e temido.

Foi através do medo que toda a vossa sociedade da Terra se reformou de matriarcado para patriarcado. Foi através do medo que os primeiros sacerdotes fizeram com que as pessoas “emendassem os seus erros” e “ouvissem a palavra do Senhor”. Foi através do medo que as igrejas conquistaram, e controlaram, a sua adesão.

Uma igreja até insistiu que Deus castigava quem não fosse à igreja todos os domingos. Não ir à igreja foi declarado pecado.

E não era uma igreja qualquer. Tinha de se frequentar uma determinada igreja. Se se fosse a uma igreja de culto diferente, isso também era pecado. Isso foi uma tentativa de controlar, pura e simplesmente, através do medo. O espantoso é que tem resultado. Que Inferno, ainda resulta.

Olha lá, Tu és Deus. Não praguejes.

Quem é que estava a praguejar? Fiz uma constatação. Disse, “Que Inferno - *ainda resulta*.”

As pessoas acreditarão sempre no Inferno, e num Deus que as manda para lá, enquanto acreditarem que Deus é como o homem - impiedoso, interesseiro, intolerante e vingativo.

Antigamente, a maior parte das pessoas não conseguia imaginar um Deus que estivesse acima de tudo isso. Por isso aceitaram o ensinamento de muitas igrejas de “temer a terrível vingança do Senhor”.

Era como se as pessoas não acreditassem ser capazes de ser boas, de agir adequadamente, por si próprias, pelas suas próprias razões. Assim tiveram de criar uma religião que ensinava a doutrina de um Deus colérico e retribuidor, para se manterem na ordem.

Ora, a ideia da reencarnação veio baralhar isso tudo.

Como? O que tornou a doutrina tão ameaçadora?

A igreja proclamava que era melhor ser bom, *senão* – e apareceram os reencarnacionistas a dizer: ‘ “Vão ter outra oportunidade depois desta, e outra depois dessa. E ainda outras. Portanto não se preocupem. Façam o melhor que puderem. Não fiquem paralisados de medo a ponto de não se poderem mexer. Prometam a vós próprios fazer melhor, e continuem em frente.”

Naturalmente, a igreja dos primeiros tempos nem queria ouvir falar de tal coisa. Portanto, fez duas coisas. Primeiro, denunciou a teoria da reencarnação como heresia. Depois, criou o sacramento da confissão. A confissão faria pelos fiéis o que a reencarnação prometia. Ou seja, *dava-lhes outra oportunidade*.

Então, ficou estabelecido que Deus castigava as pessoas pelos seus pecados, a menos que *os confessassem*. Nesse caso, sentiam-se seguras, sabendo que Deus tinha ouvido a confissão e lhes tinha perdoado.

Sim. Mas havia uma cilada. Essa *absolvição não podia vir diretamente de Deus*. Tinha de passar através da igreja, cujos padres pronunciavam “penitências” que tinham de ser executadas. Normalmente eram orações que o pecador tinha de fazer. Assim, havia duas razões para continuar a ser um membro.

A igreja percebeu que a confissão era um trunfo tão bom que em breve declarou ser pecado não ir à confissão. Toda a gente tinha de o fazer pelo menos uma vez por ano. Se não o fizessem, Deus teria *outra* razão para se encolerizar.

A igreja começou a promulgar cada vez mais regras – muitas arbitrárias e caprichosas - cada uma das quais tendo por trás o poder da eterna condenação de Deus a menos que, claro, a falta fosse confessada. Então a pessoa era perdoada por Deus, e evitava a condenação.

Mas agora havia outro problema. As pessoas imaginaram que isso queria dizer que podiam fazer qualquer coisa, desde que a confessassem. A igreja estava em apuros. O medo tinha abandonado os corações das pessoas. A frequência e a adesão à igreja caíram. As pessoas iam “confessar-se” uma vez por ano, diziam a penitência, eram absolvidas dos pecados e continuavam a viver as suas vidas.

Não existiam dúvidas. Tinha de se encontrar um meio de inculcar novamente o medo nos corações.

Foi então inventado o purgatório.

Purgatório?

O purgatório. Era descrito como um lugar semelhante ao Inferno, mas não eterno. Esta nova doutrina preconizava que Deus vos faria sofrer pelos pecados *mesmo que os confessassem*.

Segundo a doutrina, Deus decretava uma determinada quantidade de sofrimento para cada alma não perfeita, com base no número e tipo de pecados cometidos. Havia pecados “mortais” e “veniais”. Os pecados mortais faziam-vos ir diretamente para o Inferno se não fossem confessados antes da morte.

Mais uma vez, a frequência da igreja subiu em flecha. As coletas também aumentaram, e especialmente as contribuições - porque a doutrina do purgatório também incluía uma modalidade em que *se podia comprar a forma de evitar o sofrimento*.

Desculpa...?

De acordo com o ensinamento da igreja, podia receber-se uma indulgência especial – mas, mais uma vez, não diretamente de Deus - de uma autoridade da igreja. Essas indulgências especiais livravam as pessoas do sofrimento no purgatório que tinham “adquirido” com os pecados - ou, pelo menos, de parte dele.

Uma espécie de “redução de pena por bom comportamento”?

Sim. Mas é claro que essas suspensões eram concedidas a muito poucos. Geralmente, àqueles que davam uma contribuição avultada à igreja.

Por uma soma francamente elevada, podia obter-se uma indulgência *plenária*. Isso significava *nenhum tempo* no purgatório. Era um bilhete sem escalas direito ao céu.

Esse favor especial de Deus estava à disposição de ainda menos pessoas. Talvez da realeza. E os super ricos. A quantidade de dinheiro, joias e terras dados à igreja em troca dessas indulgências plenárias era enorme. Mas a sua exclusividade provocou grande frustração e ressentimento entre as massas – sem querer fazer trocadilhos.

O camponês mais pobre não tinha qualquer hipótese de obter uma indulgência episcopal - e assim o povo perdeu a fé no sistema, e a frequência da igreja começou a ameaçar nova queda.

E então que fizeram eles?

Introduziram as velas de novena.

As pessoas podiam ir à igreja e acender uma vela de novena pelas “almas do purgatório” e, fazendo uma novena (uma série de orações numa certa ordem que levava algum tempo a completar), podiam abater anos à “sentença” dos falecidos, fazendo-os sair do purgatório mais cedo do que Deus teria permitido doutra forma. Não podiam fazer nada por elas próprias, mas pelo menos podiam pedir misericórdia para os que já tinham partido. Claro que seria útil deixar cair uma moeda ou duas na ranhura, por cada vela que acendiam.

Muitas velinhas bruxuleavam por trás de muito vidro vermelho e muitas moedinhas caíam em muitas caixas, na tentativa de Me fazerem “aliviar” o sofrimento infligido a essas almas no purgatório.

Bolas! É *inacreditável*. E as pessoas não descortinavam através disso tudo? As pessoas não viam que era uma tentativa de uma igreja desesperada de manter os seus fiéis tão desesperados que fariam qualquer coisa para se protegerem desse *desperado a quem chamavam Deus? Queres Tu dizer que as pessoas se deixavam mesmo enrolar?**

Literalmente.

* *Desperado* - bandido, malfeitor, facínora. (N. da T.)

Não é de admirar que a igreja declarasse que a reencarnação era mentira.

Sim. Mas quando Eu vos criei, não vos criei para que vivessem uma vida – um período infinitesimal, de facto, dada a idade do Universo – cometessem os erros que inevitavelmente iriam cometer, e no fim esperar que tudo se resolvesse pelo melhor. Já tentei imaginar estabelecer assim as coisas, mas não consigo perceber qual seria o Meu propósito.

Vocês também nunca conseguiram perceber. Por isso tiveram de recitar coisas como, “São insondáveis os desígnios do Senhor. Ele opera maravilhas...” Mas eu não trabalho de formas insondáveis. Tudo o que faço tem uma razão de ser e é perfeitamente claro. Expliquei por que vos criei e o propósito da vossa vida muitas vezes ao longo desta trilogia.

A reencarnação adapta-se perfeitamente a esse propósito, que é para que Eu crie e experiencie Quem Eu Sou através de vós, vida após vida, e através dos milhões de outras criaturas conscientes que coloquei no Universo.

Então HÁ vida noutros...

Claro que há. Acreditam realmente que estão sós neste Universo gigantesco? Mas esse é outro tópico que podemos abordar mais tarde...

...Prometes?

Prometo.

Portanto, o teu propósito enquanto alma é experienciar-te como o Todo. Estamos a evoluir. Estamos a... tornar-nos.

A tornar-nos o quê? Não sabemos! Não podemos saber até chegarmos lá! Mas para Nós, a jornada é a alegria. E assim que “lá chegarmos”, assim que criarmos a ideia seguinte mais sublime de Quem Nós Somos, criaremos um pensamento mais grandioso, uma ideia mais elevada e *continuaremos a alegria para sempre*. Estás a acompanhar-Me?

Sim. Por esta altura quase *podia* repeti-lo textualmente.

Ainda bem.

Portanto... o motivo e o propósito da tua vida é decidir e ser Quem Realmente És. Estás a fazê-lo todos os dias. Em cada ação, cada pensamento, cada palavra. É isso que estás a fazer.

Ora, no grau em que isso te agradar – em que te agradar Quem Tu És na tua experiência – nesse grau irás conservar, mais ou menos, a criação, fazendo apenas pequenos ajustes aqui e ali para a aproximar cada vez mais da perfeição.

O Paramahansa Yogananda é um exemplo de uma pessoa que estava muito próxima da “perfeição” como retrato do que pensava de si própria. Ele tinha uma ideia muito clara sobre si próprio e sobre a sua relação Comigo, e utilizou a vida para o retratar. Queria experienciar a sua ideia sobre si próprio na sua própria realidade; conhecer-se como tal, experiencialmente.

Babe Ruth fez a mesma coisa. Tinha uma ideia muito clara sobre si próprio e sobre a sua relação Comigo, e utilizou a vida para o retratar; para se conhecer na sua própria experiência.

Não há muitas pessoas que vivam a esse nível. É evidente que o Mestre e Babe tinham ideias completamente diferentes sobre si próprios, no entanto viveram-nas magnificamente.

Ambos tinham também ideias diferentes em relação a Mim, seguramente, e provinham de níveis de consciência diferentes sobre Quem Eu Sou, e quanto à sua verdadeira relação Comigo. E esses níveis de consciência refletiam-se nos seus pensamentos, palavras e obras.

Um esteve num lugar de paz e serenidade a maior parte da vida, e levou profunda paz e serenidade aos outros. O outro estava num lugar de ansiedade, agitação e ira ocasional (especialmente quando não lhe faziam a vontade), e levou agitação às vidas dos que o rodeavam.

No entanto, ambos tinham bom coração, - não houve ninguém tão sensível como o Babe -, e a diferença entre os dois é que um não tinha virtualmente nada em termos de aquisições físicas e nunca quis mais do que o que tinha, enquanto o outro “tinha tudo” e nunca teve o que realmente queria.

Se isso tivesse sido o fim para George Herman, suponho que nos sentiríamos todos um pouco tristes por isso, mas a alma que incarnou como Babe Ruth está longe de terminar este processo chamado evolução. Teve oportunidade de rever as experiências que produziu para si próprio, bem como as experiências que produziu para os outros, e agora pode decidir o que quer experienciar a seguir enquanto procura criar-se e recriar-se em versões cada vez mais grandiosas.

Abandonaremos aqui a nossa narrativa sobre estas duas almas, porque ambas já fizeram a escolha seguinte em relação ao que querem agora experienciar – e de facto, estão ambas a experienciá-lo.

Queres dizer que ambas reencarnaram noutros corpos?

Seria um erro assumir que a reencarnação – o regresso a outro corpo físico - era a única opção que se lhes oferecia.

Quais *são* as outras opções?

Na verdade, quaisquer que eles queiram que sejam.

Já aqui expliquei o que acontece depois do que vocês chamam morte.

Algumas almas sentem que há muito mais que gostariam de saber e portanto encontram-se a frequentar uma “escola”, enquanto outras – as que chamam “velhas almas”- as ensinam. E o que lhes ensinam? *Que não têm nada a aprender. Que nunca* tiveram nada a aprender. Que tudo o que tinham de fazer era relembrar. Relembrar Quem e o Que Realmente São.

“Ensinam-lhes” que a experiência de Quem Elas São é ganha nessa vivência; em *sê-lo*. Recordam-lhes isso mostrando-lho gentilmente.

Outras almas já o relembraram na altura em que chegam – ou pouco depois de chegarem – ao “outro lado”. (Estou a utilizar uma linguagem que vos é familiar, a falar no vosso vernáculo, para que, dentro do possível, as palavras não atrapalhem.) Essas almas podem procurar a alegria imediata de se experienciarem como desejam “ser”. Podem escolher entre os Meus inumeráveis aspetos e optar por os experienciarem, ali mesmo e nesse momento. Alguns podem optar por regressar à forma física para o fazer.

Qualquer forma física?

Qualquer.

Então *é verdade* que as almas podem regressar sob a forma de animais – que Deus podia ser uma vaca? E que as vacas são mesmo sagradas? Holy cow^{*}.

(Humm, humm.)

Desculpa.

Tiveste uma vida inteira para fazeres comédia. E, a propósito, olhando para a tua vida, fizeste um ótimo trabalho.

E pimba! Foi um tiro em cheio. Se tivesse aqui um prato de bateria, tocava-o para Ti.

Obrigado, obrigado.

Mas agora a sério...

A resposta à pergunta que basicamente estás a fazer – se uma alma pode regressar como animal - é sim, claro.

A verdadeira questão é: voltaria? A resposta é: provavelmente, não.

Os animais têm almas?

^{*} Expressão de espanto divertido, em linguagem de calão cuja tradução literal é “vaca sagrada”. (N. da T.)

Qualquer pessoa que tenha olhado bem um animal nos olhos conhece a resposta.

Então como é que eu sei que *não* é a minha avó, que regressou na forma do meu gato?

O Processo que aqui estamos a discutir é a evolução.

Autocriação e evolução. E a evolução segue um só sentido. Para cima. Sempre para cima.

O maior desejo da alma é experienciar aspetos cada vez mais elevados de si própria. E assim procura subir, e não descer, na escala da evolução, até experienciar o que se tem chamado Nirvana - a Unidade total com o Todo. Ou seja, Comigo.

Mas, se a alma deseja experiências cada vez mais elevadas de si, por que se daria ao trabalho de regressar como ser humano? Isso não pode ser um passo “para cima”.

Se a alma regressa sob forma humana, é sempre num esforço de experienciar mais além, e portanto de evoluir mais longe. Há muitos níveis de evolução observáveis e demonstrados em humanos.

Pode-se voltar por muitas vidas – muitas centenas de vidas – e continuar a evoluir no sentido ascendente. No entanto, o movimento ascendente, o maior desejo da alma, não é conseguido voltando para uma forma de vida inferior. Portanto, esse regresso não acontece. Até a alma alcançar a reunião derradeira com Tudo O Que É.

Isso deve querer dizer que há “novas almas” a entrar no sistema todos os dias, assumindo formas de vida inferiores.

Não. Toda a alma alguma vez criada foi criada Imediatamente. Estamos todos aqui Agora. Mas, como expliquei anteriormente, quando uma alma (uma parte de Mim) alcança a suprema realização, tem a opção de “recomeçar”, de literalmente “esquecer tudo” para se poder lembrar de

novo e recriar-se outra vez. Dessa forma, Deus continua a re-experienciar-Se.

As almas podem optar por se “reciclar” através de uma determinada forma de vida num determinado nível, tantas vezes quantas queiram. Sem a reencarnação - sem a capacidade de regressar à forma física – a alma teria de realizar tudo o que procura realizar numa só vida, que é um bilião de vezes mais curta que um abrir e fechar de olhos no relógio cósmico.

Portanto, claro que sim, a reencarnação é um facto. É real, tem um propósito e é perfeita.

Está bem, mas há uma coisa que me confunde. Disseste que o tempo não existe; que todas as coisas estão a acontecer neste preciso momento. Isto está correto?

Está.

Depois deste a entender – e no *Livro2* aprofundaste – que existimos “todo o tempo” a níveis diferentes, ou em diversos pontos, do *Continuum* Espaço-tempo.

É verdade.

Pois, mas aqui é que tudo se baralha. Se um dos “eus” no *Continuum* Espaço-Tempo “morre”, e depois *volta como outra pessoa...* então... então, quem sou eu? Teria de existir como *duas pessoas ao mesmo tempo*. E se continuasse a fazer isso por toda a eternidade, como Tu dizes que faço, então *sou cem* pessoas ao mesmo tempo! Mil. Um *milhão*. Um milhão de versões de um milhão de pessoas num milhão de pontos no *Continuum* Espaço-tempo.

Sim.

Não entendo isso. A minha mente não consegue alcançar isso.

Na verdade, portaste-te muito bem. É um conceito muito avançado, e tu portaste-te muito bem com ele.

Mas... mas... se isso é verdade, então “eu” – a parte de “mim” que é imortal – devo estar a evoluir de um bilião de maneiras diferentes, num bilião de formas diferentes, num bilião de pontos diferentes da Roda Cósmica no momento eterno de agora.

Acertaste mais uma vez. É exatamente isso que estou a fazer.

Não, não. Eu disse que isso é o que *eu* devo estar a fazer.

Acertaste novamente. Foi isso que acabei de dizer.

Não, não, eu disse...

Eu sei o que disseste. Disseste apenas o que Eu disse que disseste.

A confusão é que continuas a pensar que há mais do que um de Nós aqui.

Não há?

Nunca houve mais do que um de Nós aqui. Nunca. Só agora é que estás a descobrir isso?

Queres dizer que tenho estado a falar *comigo próprio*?

Qualquer coisa como isso.

Queres dizer que *não* és Deus?

Não foi isso que Eu disse.

Queres dizer que *és* Deus?

Foi isso que Eu disse.

Mas se Tu és Deus, e Tu és eu, e eu sou Tu – então... então... *eu sou Deus!*

Vós sois Deus, sim. Está correto. Atingiste completamente a ideia.

Mas não sou apenas Deus – também sou *todas as outras pessoas*.

Sim.

Mas... isso quer dizer que mais ninguém, nem nada mais existe além de mim?

Eu não disse, Eu e o Meu Pai somos Um?

Sim, mas...

E não disse, Nós somos todos Um?

Sim. Mas não sabia que era *literalmente* o que Tu querias dizer. Pensei que era em sentido figurado. Pensei que era mais uma afirmação filosófica e não uma *constatação*.

É uma constatação. Somos todos Um. E isso que significa “o que fizerdes aos mais pequeninos... tê-lo-eis feito a Mim.”

Percebes agora?

Sim.

Ah, finalmente. Até que enfim.

Mas – desculpa estar a discutir isto, mas... quando estou com outra pessoa – a minha mulher, por exemplo, ou os meus filhos – sinto-me *separado* deles; eles são *outros* que não “eu”.

A consciência é uma coisa maravilhosa. Pode ser dividida em milhares de pedaços. Um milhão. Um milhão de vezes um milhão.

Eu dividi-Me num número infinito de “pedaços”- de forma a que cada “pedaço” de Mim pudesse olhar para si próprio e contemplar a maravilha de Quem e de O Que Eu Sou.

Mas por que temos de passar por este período de esquecimento, de descrença? Eu *ainda* não acredito totalmente! *Ainda* estou suspenso no esquecimento.

Não sejas tão severo com o teu Eu. Isso faz parte do Processo. Está certo que assim aconteça.

Então por que me estás a dizer tudo isto agora?

Porque estavas a começar a não te divertires. A vida estava a deixar de ser uma alegria. Começavas a ficar de tal modo apanhado no Processo que te esqueceste que era só um processo.

E por isso, chamaste por Mim. Pediste-Me para vir até ti; para te ajudar a entender; para te mostrar a verdade divina; para te revelar o maior segredo. O segredo que ocultaste a ti próprio. O segredo de Quem Tu És.

Agora, já o fiz. Mais uma vez, foste levado a relembrar. Terá influência? Mudará a tua maneira de agir amanhã? Far-te-á ver as coisas de modo diferente esta noite?

Curarás os males dos feridos, acalmarás as ansiedades dos temerosos, preencherás as necessidades dos empobrecidos, celebrarás a magnificência dos dotados, e verás a visão de Mim por toda a parte?

Esta última recordação da verdade mudará a tua vida e permitir-te-á mudar as vidas de outros?

Ou regressarás ao esquecimento; cairás de novo no egoísmo; visitarás e residirás novamente na pequenez de quem imaginavas que eras antes deste despertar?

Qual deles será?

CAPÍTULO 8

A VIDA É ETERNA

A vida continua realmente por todo o sempre, não continua?

Com certeza que sim.

Não tem fim.

Não tem fim.

A reencarnação é um facto.

É. Podem voltar à forma mortal – ou seja, uma forma física que pode “morrer” – sempre e quando quiserem.

Nós é que decidimos quando queremos voltar?

“Se” e “quando” – sim.

Também decidimos quando queremos partir? Escolhemos quando queremos morrer?

Nenhuma experiência recai sobre nenhuma alma contra a sua vontade. Isso, por definição, não é possível, já que a alma cria cada experiência.

A alma nada quer. A alma tem tudo. Toda a sabedoria, todo o conhecimento, todo o poder, toda a glória. A alma é a parte de Vós que nunca dorme; nunca esquece.

A alma deseja que o corpo morra? Não. O desejo da alma é que nunca morram. No entanto, a alma deixa o corpo – muda de forma, deixando para trás a maior parte da matéria corporal - de um momento para o outro, quando deixa de ver utilidade em permanecer sob essa forma.

Se o desejo da alma é que nunca morramos, por que *morremos*?

Não morrem. Apenas mudam de forma.

Se é desejo da alma que nunca o *façamos*, por que o *fazemos*?

Não é o desejo da alma!

És um “mutante de forma”!

Quando deixa de haver utilidade em permanecer sob determinada forma, a alma muda de forma – propositada, voluntária e alegremente – e avança na Roda Cósmica.

Alegremente?

Com grande alegria.

Nenhuma alma morre com pesar?

Nenhuma alma morre - nunca.

Quero eu dizer se nenhuma alma lamenta que a atual forma física mude; que esteja prestes a “morrer”?

O corpo nunca “morre”, mas limita-se a mudar de forma com a alma. Mas Eu compreendo o que queres dizer, portanto para já vou utilizar o vocabulário que estabeleceste.

Se tiveres um entendimento preciso do que queres criar em relação ao que escolheste chamar a outra vida, ou se tens um conjunto de convicções claras que sustentam uma experiência após a morte de reunião com Deus, então não, a alma nunca, jamais, lamentará aquilo a que chamas morte.

A morte nesse caso é um momento glorioso; uma experiência maravilhosa. A alma pode então voltar à sua forma natural, ao seu estado normal. Há uma leveza incrível; uma sensação de liberdade total; a sensação de não haver limites. E a consciência da Unidade, simultaneamente extática e sublime.

Não é possível à alma lamentar uma tal mudança.

Estás então a dizer que a morte é uma experiência *feliz*?

Para a alma que quer que assim seja, sim, sempre.

Bem, se a alma quer assim tanto estar tora do corpo, por que não o deixa., simplesmente? Por que fica a pairar em volta?

Eu não disse que a alma “quer estar fora do corpo”, disse que a alma sente alegria quando está fora. São duas coisas diferentes.

Podes sentir-te feliz a fazer uma coisa, e sentires-te feliz a fazer outra. O facto de sentires alegria ao fazer a segunda não significa que te sentisses infeliz ao fazer a primeira.

A alma não se sente infeliz quando está com o corpo. Muito pelo contrário, agrada à alma ser tu na tua forma presente.

Isso não exclui a possibilidade de a alma ficar igualmente satisfeita ao desligar-se dela.

Não há dúvida de que há muita coisa acerca da morte que eu não compreendo.

Sim, e é porque não gostas de pensar nisso. No entanto, tens de contemplar a morte e a perda no instante em que te apercebes de qualquer momento da vida, ou não te terás apercebido nada da vida, e apenas conheces dela a metade.

Cada momento termina no instante em que começa. Se não vires isto, não conseguirás ver o que ele tem de raro, e considerarás o momento vulgar.

Cada interação “começa a acabar” no instante em que “começa a iniciar-se”. Só quando isto é verdadeiramente contemplado e profundamente entendido se encontra aberto para ti todo o tesouro de cada momento - e da própria vida.

A vida não se te pode dar se não compreenderes a morte. Tens que fazer mais do que compreender. *Tens que a amar, tal como amas a vida.*

O teu tempo com cada pessoa seria glorificado se pensasses que era o teu *último* tempo com essa pessoa. A tua experiência de cada momento seria desmesuradamente ampliada se pensasses que era o último momento desses. A tua recusa em contemplanes a tua própria morte leva à tua recusa em contemplanes a tua própria vida.

Não a vês como ela é. Perdes o momento, e tudo o que este tem para ti. Contemplar profundamente uma coisa é ver através dela. Então, a ilusão deixa de existir. Então vêes a coisa tal qual ela é. Só então podes gozá-la verdadeiramente – ou seja, *ter gozo nela*. (“Gozar” é tornar algo objeto de gozo.)

Assim até podes gozar a ilusão. Porque saberás que é uma ilusão, e isso é metade do gozo! É o facto de pensares que é real que provoca a dor.

Nada é doloroso quando se compreende que não é real. Deixa-Me repetir isto.

Nada é doloroso quando se compreende que não é real.

É como um filme, um drama, encenado no palco da tua mente. És tu que crias a situação e as personagens. És tu quem escreve o guião.

Nada é doloroso no momento em que se compreende que nada é real.

Isto é tão verdade em relação à morte como em relação à vida.

Quando compreenderem que a morte também é uma ilusão, *podem* dizer: “Oh, morte, onde está o teu ferrão?”

Podem até *desfrutar* a morte! Podem até desfrutar a morte de outrem.

Parece estranho? Parece uma coisa estranha de dizer?

Só se não compreenderem a morte – e a vida.

A morte nunca é um fim, é sempre um princípio. A morte é uma porta que se abre, não uma porta que se fecha.

Quando compreenderes que a vida é eterna, compreenderás que a morte é uma ilusão tua, que te mantém muito preocupado com o teu corpo, contribuindo para que acredites que és o teu corpo. Mas tu *não* és o teu corpo, e portanto a destruição do corpo não te diz respeito.

A morte devia ensinar-te que o que é real é a vida. E a vida ensina-te que o que é inevitável não é a morte, mas a impermanência.

A impermanência é a única verdade.

Nada é permanente. Tudo muda. A todo o instante. A cada momento.

Se houvesse alguma coisa permanente, não podia *ser*. Pois mesmo o próprio conceito da permanência depende da impermanência para ter significado. Portanto, *até a permanência é impermanente*. Olha para isto em profundidade.

Contempla esta verdade. Compreende-a e compreenderás Deus.

Este é o Darma, e este é o Buda. É o Buda Darma. É o ensinamento e o professor. É a lição e o mestre. É o objeto e o observador, enrolados num só.

Nunca foram outra coisa *senão* Um. Foste tu que os desenrolaste, para que a tua vida se desenrole perante ti.

Mas, à medida que observas a tua vida a desenrolar-se diante de ti, não te deixes desenrolar. Mantém o teu Eu inteiro! Vê a ilusão! Goza-a! Mas não te *transformes* nela!

Tu *não* és a ilusão, és o *seu criador*.

Tu estás neste mundo, mas não és dele.

Utiliza, pois, a tua ilusão de morte. *Utiliza-a!* Permite que seja a chave que te abre para mais vida.

Vê a flor a morrer e vê-la-ás com tristeza. Mas vê a flor como parte de uma árvore inteira que está a mudar, e que em breve dará fruto, e verás a verdadeira beleza da flor. Quando perceberes que o desabrochar e a queda da flor são sinal de que a árvore está prestes a dar fruto, então compreenderás a vida.

Olha cuidadosamente para isto e verás que a vida é a metáfora de si própria.

Lembra-te sempre que não és a flor, nem sequer és o fruto. Tu és a árvore. E as tuas raízes são fundas, enraizadas em Mim. Eu sou o solo donde brotaste e tanto os teus rebentos como os teus frutos voltarão a Mim, criando um solo mais rico. Assim, a vida gera vida e não pode nunca conhecer a morte.

O SUICÍDIO

Isso é lindo. Tão, tão lindo. Obrigado. Falas-me agora de uma coisa que me perturba? Preciso de falar sobre o suicídio. Por que existe um tal tabu contra o pôr termo à vida?

De facto, por que existirá?

Queres dizer que não é errado matar-se?

A pergunta não pode ser respondida de molde a satisfazer-te, porque a própria pergunta contém dois conceitos falsos; baseia-se em dois falsos pressupostos; contém dois erros.

O primeiro falso pressuposto é que existe “certo” e “errado”. O segundo falso pressuposto é que seja possível matar. A tua pergunta, portanto, desintegra-se no momento em que é dissecada.

“Certo” e “errado” são polaridades filosóficas num sistema de valores humanos que nada têm a ver com a suprema realidade – um ponto que tenho frisado ao longo de todo este diálogo. Além disso, nem sequer são interpretações constantes dentro do vosso próprio sistema, mas antes valores que se alteram de tempos a tempos.

Vocês fazem a alteração, mudam de ideias sobre esses valores conforme vos convém (como devem, sendo seres em evolução), mas insistem a cada passo do caminho que não o fizeram, e que são os vossos valores imutáveis que formam o âmago da integridade da vossa sociedade. Construíram assim a vossa sociedade sobre um paradoxo. Estão sempre a mudar de valores, proclamando que são os valores imutáveis que vocês ... ora, *valorizam!*

A resposta aos problemas que este paradoxo apresenta não é deitar água fria na areia na tentativa de a transformar em cimento, mas celebrar a alteração da areia. Celebrar a sua beleza enquanto conserva a forma do vosso castelo, mas também celebrar a nova forma que assume quando sobe a maré.

Celebrem as areias que se movem ao formarem as novas montanhas que irão subir e no cimo das quais – e com as quais – construirão os vossos novos castelos. Compreendam contudo que essas montanhas e esses castelos são monumentos à *mudança*, não à permanência.

Glorifiquem aquilo que são hoje, mas não condenem o que foram ontem, nem evitem o que podem tornar-se amanhã.

Compreendam que o “certo” e o “errado” são produtos da vossa imaginação, e que “estar certo” ou “não estar certo” são meros anúncios das vossas preferências e imaginações mais recentes.

Por exemplo, quanto à questão de pôr termo à vida, a maioria das pessoas no vosso planeta imagina que não “está certo” fazer isso.

Do mesmo modo, muitos de vocês continuam a insistir que não está certo ajudar outra pessoa que queira pôr termo à vida.

Em ambos os casos, afirmam que seria “contra a lei”. Chegaram a esta conclusão, presumivelmente, porque o termo à vida ocorre relativamente depressa. As ações que põem termo à vida durante um período um pouco mais longo não são contra a lei, mesmo que conduzam ao mesmo resultado.

Assim, se uma pessoa na vossa sociedade se matar com uma pistola, os membros da família perdem regalias de seguro. Se o fizer com cigarros, não perdem.

Se um médico vos assistir no suicídio, chama-se homicídio; se for uma tabaqueira, chama-se comércio.

Convosco, parece ser uma mera questão de tempo. A legalidade da autodestruição - a sua “correção” ou o seu “erro” - parece ter muito a ver com a *rapidez com que é feita* e com quem a faz. Quanto mais rápida a morte, mais “errada” parece estar. Quanto mais lenta a morte, mais se aproxima do “estar certo”.

Curiosamente, é exatamente o oposto do que deveria ser uma sociedade verdadeiramente humana. Em qualquer definição razoável daquilo que designam por “humano”, quando mais rápida a morte, melhor. No entanto, a vossa sociedade castiga os que procuram fazer a coisa humana e recompensa os que cometem a loucura.

É loucura pensar que o que Deus exige é o sofrimento interminável, e que pôr-lhe fim humana e rapidamente está “errado”.

“Castiguem o humano, recompensem a loucura.”

Este é um lema que só uma sociedade de seres de compreensão limitada poderia adotar.

Assim, envenenam o vosso organismo inalando carcinógenos, envenenam-no comendo alimentos tratados com químicos que vos matarão a longo prazo, e envenenam-no respirando ar que poluem continuamente. Envenenam o vosso organismo de centenas de maneiras diferentes em milhares de momentos diferentes, e fazem-no *sabendo que essas substâncias vos são nocivas*. Mas porque demoram mais tempo a matar-vos, *cometem suicídio impunemente*.

Se se envenenarem com alguma coisa que atue mais depressa, dizem que fizeram uma coisa contra a lei moral.

Pois Eu vos digo: Não é mais imoral matar-se rapidamente do que matar-se lentamente.

Então uma pessoa que ponha termo à vida não é castigada por Deus?

Eu não puno. Eu amo.

E a afirmação frequente de que os que pensam que vão “escapar” da sua situação, acabar com a sua condição através do suicídio descubrem que são confrontados com a mesma situação ou condição na outra vida, e portanto não escaparam nem acabaram com nada?

A vossa experiência no que chamam a outra vida é um reflexo da vossa consciência na altura em que entram nela. Mas são sempre seres de livre arbítrio e podem alterar a vossa experiência sempre que queiram.

Então os entes queridos que puseram termo à vida física estão bem?

Sim. Estão muito bem.

Há um livro maravilhoso sobre esse assunto chamado *Stephen Lives**, de Anne Puryear. É sobre o seu filho, que pôs termo à vida quando adolescente. Algumas pessoas têm-no achado útil.

Anne Puryear é uma mensageira maravilhosa. Tal como o seu filho.

Recomendas então esse livro?

É um livro importante. Diz mais sobre este assunto do que estamos aqui a dizer, e quem tenha mágoas profundas ou questões não resolvidas à volta de um ente querido que tenha posto termo à vida abrir-se-á à cura através desse livro.

É triste que tenhamos essas mágoas profundas ou questões por resolver, mas muitas delas, penso eu, são resultado do que a sociedade nos “impôs” quanto ao suicídio.

Na vossa sociedade, muitas vezes não veem as contradições das vossas próprias estruturas morais. A contradição entre fazerem coisas que sabem perfeitamente que vos encurtam a vida, mas fazê-las lentamente, e fazerem coisas que encurtam a vida rapidamente é uma das mais evidentes na experiência humana. Mas parece tão óbvio quando Tu as enuncias dessa maneira.

Por que não conseguimos ver verdades tão óbvias por nós próprios?

Porque se vissem estas verdades, *teriam de fazer alguma coisa a respeito delas*. Isso não querem vocês fazer. Portanto, não têm outra alternativa senão olhar para uma coisa e não a ver.

Mas por que não quereríamos fazer alguma coisa a respeito dessas verdades, se as víssemos?

Porque estão convencidos que, para fazer alguma coisa em relação a elas, teriam de acabar com os vossos prazeres. E acabar com os prazeres é algo que não desejam fazer.

* Stephen Vive. (N. da T.)

A maior parte das coisas que provocam morte lenta são coisas que vos dão prazer, ou resultam dessas coisas. E a maior parte das coisas que vos dão prazer são coisas que satisfazem o corpo. De facto é isto que marca a vossa sociedade como primitiva. *As vossas vidas estão largamente estruturadas à volta da procura e da experiência dos prazeres do corpo.*

Claro que todos os seres em toda a parte procuram experimentar prazeres. Nada há de primitivo nisso. De facto, é a ordem natural das coisas.

O que diferencia as sociedades, e os seres dentro das sociedades, é o que *definem como dando prazer*. Se uma sociedade estiver largamente estruturada à volta de prazeres do *corpo*, funciona a um nível diferente de uma sociedade estruturada à volta de prazeres da alma.

E entendam também que isto não significa que os vossos Puritanos tinham razão e que todos os prazeres da carne devem ser negados. Significa que, nas sociedades elevadas, os prazeres do corpo físico não constituem o maior número de prazeres desfrutados. Não são o objetivo principal.

Quanto mais elevada a sociedade ou o ser, mais elevados são os seus prazeres.

Espera aí! Isso parece um juízo de valor. Pensava que Tu – Deus – não fazias juízos de valor.

É um juízo de valor dizer que o Monte Everest é mais alto que o Monte McKinley? É um juízo de valor dizer que a Tia Sara é mais velha que o sobrinho Tommy?

São juízos de valor ou observações?

Eu não disse que era “melhor” ser elevado em termos de consciência. Na verdade, não é. Tal como não é “melhor” estar na quarta classe do que na primeira.

Estou simplesmente a observar o que é a quarta classe.

E nós neste planeta não estamos na quarta classe. Estamos na primeira. É isso?

Meu filho, nem sequer estão no jardim-escola. Estão no infantário.

Como posso ouvir isso sem ser como insulto? Por que me soa a que estás a menosprezar a raça humana?

Porque o teu ego está profundamente empenhado em ser algo que não és – e em não ser o que és.

A maior parte das pessoas ouve insultos quando apenas foi feita uma observação, se o que está a ser observado é algo que não querem reconhecer.

Mas até se segurar uma coisa, não se pode libertá-la. E não se pode deixar de ter aquilo que nunca se teve.

Não se pode mudar aquilo que não se aceita.

Precisamente.

O esclarecimento começa com a aceitação, sem julgar “o que é”.

Isto chama-se encaminhar-se para o Ser. É no Ser que se encontrará a liberdade.

Aquilo a que se resiste, persiste. Aquilo para que se olha, desaparece. Ou seja, deixa de ter a forma ilusória. Veem-no pelo que é. E o que É pode sempre ser alterado. Só o que Não É não pode ser mudado. Portanto, para mudar o Ser, encaminhem-se para ele. Não lhe resistam. Não o neguem.

O que se nega, declara-se. O que se declara, cria-se.

A negação de uma coisa é a sua re-criação, porque o próprio ato de negar uma coisa coloca-a ali.

A aceitação de uma coisa coloca-vos no controlo. O que negam não podem controlar, porque disseram que não está lá. Portanto, o que negam controla-vos.

A maioria da vossa raça não quer aceitar que ainda não evoluíram até ao jardim-escola. Não quer aceitar que a raça humana ainda se encontra no infantário. Contudo, esta falta de aceitação é exatamente o que a mantém lá.

O vosso ego está tão empenhado em ser o que não são (altamente evoluídos) que não estão a ser o que são (em evolução). Assim, trabalham contra vós, combatendo-vos a vós próprios. E, em consequência, evoluem muito devagar.

O trilho veloz da evolução começa com a admissão e a aceitação do que é, não do que não é.

E saberei que aceitei “o que é” quando deixar de me sentir insultado quando o ouvir descrever.

Exatamente. Sentes-te insultado se Eu disser que tens olhos azuis?

Então Eu digo-te: Quanto mais elevada é uma sociedade ou um ser, tanto mais elevados são os seus prazeres.

Aquilo a que chamas “prazer” é o que determina o teu nível de evolução.

Ajuda-me com esse termo “elevado”. Que queres dizer com isso?

O teu ser é o Universo num microcosmo. Tu e todo o teu corpo físico são constituídos por energia pura, concentrada em sete pontos ou chakras. Estuda os pontos chakra e o que significam. Há centenas de livros escritos sobre isso. Isto é sabedoria que já antes transmiti à raça humana.

O que é agradável, ou estimula os teus chakras inferiores não é o mesmo que agrada aos teus chakras superiores.

Quanto mais alto ergues a energia da vida através do teu ser físico, mais elevada será a tua consciência.

A SEXUALIDADE

Lá vamos nós outra vez. Isso parece defender o celibato. Parece ser esse todo o argumento contra a expressão da paixão sexual. As pessoas “elevadas” em consciência não “baseiam” no chacra de raiz – do primeiro chacra, ou inferior - as suas interações com outros humanos.

Isso é verdade.

Pensei que tinhas dito ao longo deste diálogo que a sexualidade humana devia ser *celebrada* e não reprimida.

Correto.

Então dá aqui uma ajuda porque parece que temos uma contradição.

O mundo está cheio de contradições, Meu filho. A falta de contradições não é um ingrediente necessário na verdade. Por vezes a maior verdade reside *dentro* da contradição.

O que aqui temos é a Dicotomia Divina.

Então ajuda-me a entender a dicotomia. Porque toda a vida ouvi falar de como era desejável, como era “elevado”, “erguer a energia kundalini” a partir do chacra de raiz. Esta foi a principal justificação para os místicos que vivem vidas de êxtase sem sexo.

Eu percebo que nos desviámos muito do assunto da morte, e peço desculpa por nos estar a arrastar para esta área não relacionada...

Para que estás a pedir desculpa? Uma conversa segue o rumo da conversa. O “tópico” em que estamos em todo este diálogo é o que significa

ser completamente humano, e de que trata a vida neste Universo. Esse é o único tópico e isso tem cabimento.

Querer saber sobre a morte é querer saber sobre a vida – um ponto que frisei antes. E se as nossas trocas de impressões conduzirem ao alargamento da nossa inquirição para incluir o próprio ato que cria a vida, e a celebra magnificamente, assim seja.

Agora vamos esclarecer uma coisa. Não é uma exigência dos “altamente evoluídos” que toda a expressão sexual seja reprimida e toda a energia sexual seja elevada. Se isso fosse verdade, não haveria seres “altamente evoluídos” em parte nenhuma, porque toda a evolução teria parado.

Uma questão bastante óbvia.

Sim. E portanto, quem quer que diga que as pessoas muito santas nunca têm relações sexuais, e que isso é sinal da sua santidade, não percebe como é suposto a vida funcionar.

Deixa-Me pôr isto em termos muito claros. Se quiseres uma bitola com a qual medir se uma coisa é boa ou não para a raça humana, põe a ti próprio uma questão simples:

O que aconteceria se toda a gente o fizesse?

É uma medida muito fácil, e muito precisa. Se toda a gente fizesse uma coisa, e o resultado fosse um benefício final para a raça humana, então seria “evoluída”. Se toda a gente a fizesse e trouxesse o caos à raça humana, não seria uma coisa muito “elevada” a recomendar. Estás de acordo?

Claro.

Então acabas de concordar que nenhum verdadeiro mestre diria que o celibato sexual é o caminho para a mestria. No entanto, é esta ideia de que a abstinência sexual é de alguma forma o “caminho superior”, e que a

expressão sexual é um “desejo inferior”, que causou a vergonha da experiência sexual e provocou todo o tipo de culpa e disfunção que se desenvolveram à sua volta.

Mas, se o raciocínio contra a abstinência sexual é que proibiria a procriação, não se poderia argumentar que depois de o sexo ter desempenhado essa função, deixa de ser necessário?

Não se tem relações sexuais porque se reconhece a responsabilidade de procriar para com a raça humana. Têm-se relações sexuais porque é a *coisa natural a fazer*. Está contido nos genes. Obedece-se a um imperativo biológico.

Precisamente! É um *sinal genético* que conduz à questão da sobrevivência da espécie. Mas, uma vez assegurada a sobrevivência da espécie, a coisa “elevada” a fazer não é “ignorar o sinal”?

Interpretas mal o sinal. O imperativo biológico não é garantir a sobrevivência da espécie, mas experienciar a Unidade que é a verdadeira natureza do vosso ser.

Criar uma vida nova é o que acontece quando a Unidade é alcançada, mas não é a razão pela qual se procura a Unidade.

Se a procriação fosse a única razão da expressão sexual – se não fosse mais que um “sistema de entregas” – não precisariam de continuar a realizá-la uns com os outros. Podiam juntar os elementos químicos da vida numa placa de Petri.

Mas isso não satisfaria os ímpetos mais básicos da alma, que acontece serem muito maiores que a mera procriação, e que têm a ver com a recriação de Quem e O Que Realmente São.

O imperativo biológico não é criar mais vida mas sim *experienciar* mais vida – e experienciar essa vida tal como ela é: *uma manifestação de Unidade*.

É por isso que Tu nunca impedirás as pessoas de terem relações sexuais, mesmo que tenham deixado de ter filhos há muito tempo.

Claro.

No entanto, há quem diga que as relações sexuais deviam terminar quando as pessoas deixam de ter filhos e que os casais que continuam com essa atividade estão apenas a ceder a impulsos físicos abjetos.

Sim.

E que isso não é “elevado”, mas apenas um comportamento animalesco, abaixo da natureza mais nobre do homem.

Isto faz-nos regressar ao tema dos chacras, ou centros de energia. Eu disse antes que “quanto mais alto fizerem fluir a energia da vida através do vosso ser físico, mais elevada será a vossa consciência”.

Sim! E isso parece dizer “sexo não”.

Não, não diz.

Não quando compreenderes.

Voltando ao teu comentário anterior, esclareçamos uma coisa: Não há nada de ignóbil, nem profano, em ter relações sexuais. Vocês têm que tirar essa ideia da cabeça e da vossa cultura. Não há nada de abjeto, nem de ordinário, ou “menos digno” (ou menos *santificado*), numa experiência sexual apaixonada e invadida pelo desejo. Os ímpetos físicos não são manifestações de “comportamento animalesco”. *O organismo foi dotado com esses ímpetos físicos - por Mim.*

Quem supões tu que o criou assim?

No entanto, os ímpetos físicos são apenas *um ingrediente* numa mistura complexa de reações que todos vocês têm em relação uns aos outros. Lembrem-se que são seres tripartidos, com sete centros chacra. Quando reagem uns com os outros a partir das três partes e dos sete

centros, ao mesmo tempo, têm a experiência máxima que procuram – para a qual foram criados! E nada há de profano em nenhuma destas energias – mas se escolheres só uma delas, isso é dividido^{*}. *É não ser inteiro!*

Quando não estás a ser inteiro, estás a ser menos do que és. *É isso que significa “profano”.*

A admoção contra o sexo para os que escolhem ser “elevados” nunca foi uma admoção Minha. Foi um convite. Um convite não é uma admoção, mas transformaram-no nisso.

E o convite não era para deixar de fazer sexo, mas para deixar de ser *dividido*.

Seja o que for que façam – fazer sexo ou tomar o pequeno-almoço, ir para o trabalho ou ir a pé para a praia, saltar à corda ou ler um bom livro – *seja o que for* que façam, façam-no como um ser inteiro; como o ser inteiro que *são*.

Se tiverem relações sexuais apenas a partir do vosso chacra inferior, estão a funcionar apenas com o chacra da base, e a perder a parte mais gloriosa da experiência. Mas se estiverem a ser afetuados com outra pessoa a partir dos sete centros de energia, estarão a ter a experiência máxima. Como é que isso pode não ser sagrado?

Não pode. Não consigo imaginar uma experiência dessas sem ser sagrada.

E assim o convite a fazer fluir a energia vital através do vosso corpo físico até ao chacra superior nunca se destinou a ser uma sugestão ou uma exigência para que se desligassem da parte inferior.

^{*} No original, “un-whole-y”. Trocadilho com os termos “unholy” (profano) e “un-whole-y” (que não é inteiro, aqui traduzido por dividido), que se pronunciam da mesma forma. (N. da T.)

Se fizeram a energia subir ao chacra do coração, ou mesmo ao chacra da cabeça, isso não significa que ela não possa estar também no chacra da base.

Na verdade, se não estiver, estarão desligados.

Depois de terem levado a energia vital aos pontos superiores, podem ou não optar por ter o que chamariam de experiência sexual com outra pessoa. Mas, se não tiverem, não será porque fazê-lo violaria qualquer lei cósmica da sacralidade. Nem vos torna de maneira nenhuma mais “elevados”. E se optarem por fazer sexo com outra pessoa, não vos “reduzirá” apenas ao nível do chacra inferior - exceto se fizerem o oposto de desligar em baixo, e *desligarem em cima*.

Portanto, eis o convite – não uma admonição, mas um convite:

Ergam a vossa energia, a vossa força vital, ao nível mais alto possível a cada momento, e serão elevados. Nada tem a ver com ter ou não ter relações sexuais. Tem a ver com o elevar da consciência, seja o que for que estejam a fazer.

Estou a ver! Compreendo. Embora não saiba como elevar a minha consciência. E parece-me que não sei como elevar a energia vital através dos meus pontos chacra. Nem tenho a certeza que a maior parte das pessoas saiba o que são esses pontos.

Qualquer pessoa que deseje sinceramente saber mais sobre a “fisiologia da espiritualidade” pode descobrir com a maior facilidade. Já referi fontes de informação anteriormente, em termos muito claros.

Queres dizer noutros livros, doutros escritores.

Sim. Leiam os textos de Deepak Chopra. É um dos enunciadores mais lúcidos do vosso planeta, neste momento. Entende o mistério da espiritualidade, e a sua ciência.

E também há outros mensageiros maravilhosos. Os seus livros descrevem não só como elevar a força vital através do corpo, mas também como *deixar* o corpo físico.

Podem recordar através dessas leituras adicionais a alegria de abandonar o corpo. Compreenderão então como podem nunca voltar a temer a morte. Compreenderão a dicotomia: como é uma alegria estar com o corpo, e uma alegria estar livre dele.

CAPÍTULO 9

A VUDA NÃO É UMA ESCOLA

A vida deve ser como na escola. Lembro-me de como me entusiasmava, todos os anos no Outono, com o primeiro dia de escola – e, no fim do ano, como vibrava por me ir embora.

Precisamente! Exatamente! Acertaste em cheio. É exatamente isso. Só que a vida não é uma escola.

Sim, eu lembro-me. Explicaste isso tudo no *Livro1*. Até aí, eu pensava que a vida *era* uma “escola” e que tínhamos vindo aqui “aprender a lição”. Ajudaste-me imenso, no *Livro1*, a perceber que isso era uma falsa doutrina.

Ainda bem. É isso que estamos a tentar fazer com esta trilogia – a levar-te à clareza. E agora está claro para ti por que razão e como a alma pode exultar após a “morte”, sem ter necessariamente que *alguma vez* lamentar a “vida”.

Mas fizeste uma pergunta mais alargada anteriormente, e devíamos voltar a ela.

Desculpa?

Disseste, “Se a alma se sente tão infeliz no corpo, por que não se limita a deixá-lo”?

Ah, sim.

E deixa. E não quero dizer só na “morte”, como acabei de explicar. Mas não o deixa por se sentir infeliz. Pelo contrário, deixa-o porque deseja regenerar-se, rejuvenescer.

E fá-lo muitas vezes?

Todos os dias.

A alma deixa o corpo *todos os dias*? Quando’?

Quando a alma anseia pela experiência mais ampla. Considera essa experiência rejuvenescedora.

Deixa-o, mais nada?

Sim. A alma deixa o corpo a todo o momento. Continuamente. Ao longo de toda a vida. Foi por isso que Nós inventámos o sono.

A alma deixa o corpo durante o sono?

Claro. O sono é *isso*.

Ao longo da vida, a alma busca periodicamente o rejuvenescimento, o reabastecimento, se quiseres, para poder continuar a arrastar-se nesse transporte que é o corpo.

Pensas que é fácil para a tua alma habitar o teu corpo? Não é! Pode ser *simples*, mas não é *fácil*! É uma alegria, mas não é *fácil*. É a coisa mais difícil que a tua alma já fez!

A alma, que conhece uma leveza e uma liberdade que não podes imaginar, anseia por voltar a esse estado, tal como uma criança que adora a escola pode ansiar pelas férias de Verão.

Tal como um adulto que anseia por companhia também pode, quando tem companhia, ansiar por estar só. A alma busca um verdadeiro estado de ser. A alma é leveza e liberdade. É também ausência de limites e de dor; sabedoria perfeita e amor perfeito.

É todas estas coisas, e mais. Mas experiencia muito poucas coisas destas enquanto se encontra no corpo. Por isso, fez uma combinação consigo própria. Disse a si própria que ficaria no corpo enquanto precisasse para se criar e experienciar conforme escolhesse – mas só se pudesse deixar o corpo sempre que quisesse!

Fá-lo diariamente, através da experiência a que chamas sono.

O “sono” é a experiência da alma a deixar o corpo?

É

Pensei que adormecêssemos porque o corpo precisa de descansar.

Estás enganado. É ao contrário. A alma procura descansar e, por isso, faz com que o corpo “adormeça”.

A alma deixa literalmente cair o corpo (por vezes no sítio onde está de pé) quando se cansa dos limites, do peso e da falta de liberdade de estar no corpo. Deixa o corpo quando precisa de se “reabastecer”; quando se cansa da não verdade, da falsa realidade e dos perigos imaginados e quando busca, mais uma vez, restabelecer a ligação, tranquilidade, repouso e um re-despertar da mente. Quando a alma se liga a um corpo pela primeira vez, acha a experiência extremamente difícil. É muito cansativa, especialmente para uma alma recém-chegada. É por isso que os bebés dormem muito.

Quando a alma recupera do choque inicial de estar novamente ligada a um corpo, começa a aumentar a sua tolerância. Fica mais tempo nele.

Ao mesmo tempo, a parte a que chamas mente entra no esquecimento – tal como foi concebida para fazer. Mesmo as fugas da alma do corpo, agora menos frequentes, embora diárias, nem sempre levam a mente de volta à lembrança.

De facto, nesses períodos a alma pode estar livre, mas a mente pode estar confusa. Assim, o ser pode perguntar: “Onde estou? O que estou a criar?” Essas buscas podem conduzir a jornadas vacilantes; até mesmo assustadoras. A essas viagens chamam “pesadelos”.

Por vezes, acontece exatamente o contrário. A alma chega a um lugar de grande recordação. A mente será então despertada, o que a encherá de paz e alegria – que experimentarás no teu corpo quando regressares a ele.

Quanto mais todo o teu ser experimenta a tranquilidade desses rejuvenescimentos - e quanto mais relembra o que está a fazer, e a tentar fazer, com o corpo – tanto menos a alma optará por ficar longe do corpo, porque sabe que veio para o corpo *por uma razão, e com um propósito*. O seu desejo é dar-lhe seguimento e utilizar o melhor possível o tempo que tem com o corpo.

A pessoa de grande sabedoria precisa de dormir pouco.

Estás a dizer que se pode saber quanto uma pessoa evoluiu pela quantidade de sono de que precisa?

Sim, quase. Quase que se poderia dizer isso. No entanto, por vezes a alma opta por deixar o corpo só pela alegria que isso proporciona. Pode não buscar o re-despertar da mente nem o rejuvenescimento do corpo. Pode simplesmente optar por recriar o êxtase puro de conhecer a Unidade. Portanto, nem sempre é válido dizer que quanto mais uma pessoa dorme, menos evoluída é.

Mesmo assim, não é coincidência que à medida que os seres se tornam cada vez mais conscientes do que estão a fazer com os seus corpos – e que eles não são esses corpos, mas o que está com esses corpos – se dispõem a passar cada vez mais tempo com os corpos e assim parecem “*precisar de dormir menos*”.

Alguns seres até optam por experienciar tanto o esquecimento de estar com o corpo como a unidade da alma, ao mesmo tempo. Esses seres conseguem treinar parte de si próprios a não se identificar com o corpo enquanto ainda se encontram nele, experienciando assim o êxtase de saber Quem Realmente São, sem terem de perder o estado desperto humano para o conseguirem.

Como é que fazem isso? Como posso fazer isso?

É uma questão de consciencialização, de atingir um estado de consciencialização total, como já disse. Não podes *fazer* totalmente consciente, só podes *ser* totalmente consciente.

Como? *Como?* Deve haver alguns instrumentos que me possam dar.

A meditação diária é um dos melhores instrumentos para criar essa experiência. Com ela, podes fazer fluir a tua energia vital ao chacra superior... e até *deixar o corpo enquanto estás “acordado”*. Na meditação, colocas-te num estado de preparação para experienciarees a percepção total, enquanto o teu corpo está no estado desperto. Esse estado de preparação chama-se a verdadeira vigília. Não tens de estar sentado em meditação para o experienciarees. A meditação é apenas um meio, um “instrumento”, como tu dizes. Mas não tens de estar sentado a meditar para o experienciarees.

Também precisas de saber que a meditação sentada não é o único tipo de meditação que existe. Existe também a meditação parada. A meditação a andar. A meditação a fazer. A meditação sexual.

Esse é o estado de *verdadeira vigília*.

Quando chegares a esse estado, pára simplesmente, interrompe o teu caminho, pára de fazer o que estiveres a fazer, limita-te a parar por um momento, e limita-te a “estar” exatamente onde estás, e estarás *certo*, exatamente onde estiveres. Parar, mesmo que só por um momento, pode ser uma bênção. Olha-se em volta, lentamente, e repara-se em coisas em que não se tinha reparado ao passar por elas. O forte aroma da terra depois de chover. O anel de cabelo sobre a orelha esquerda da tua amada. Como é bom ver uma criança a brincar.

Não é preciso sair do corpo para o experienciar. É este o estado de verdadeira vigília.

Quando se caminha nesse estado, respira-se cada flor, voa-se com cada pássaro, sente-se cada estalido sob os pés. Descobre-se a beleza e a

sabedoria. Porque se descobre sabedoria onde quer que se forme beleza. E a beleza forma-se em toda a parte, de toda a matéria da vida. Não tens de a procurar. Ela virá ter contigo.

Não é preciso sair do corpo para a experienciar. É este o estado de verdadeira vigília.

Quando “fazes” neste estado, transformas o que quer que estejas a fazer em meditação e, em consequência, numa dádiva, numa oferenda, de ti para a tua alma, e da tua alma para O Todo. Ao lavar a louça, desfrutas do calor da água a acariciar-te as mãos e ficas maravilhado tanto com a água como com o calor. A trabalhar no teu computador, vês as palavras surgir no ecrã à tua frente, correspondendo à ordem dos teus dedos, e divertes-te com o poder da mente e do corpo, quando submetidos às tuas ordens. A preparar o jantar, sentes o amor do Universo que te trouxe aquele alimento, e como retribuição colocas, no cozinhar daquela refeição, todo o amor do teu ser. Tanto faz que a refeição seja extravagante ou simples. Uma sopa pode ficar deliciosa por amor.

Não é preciso sair do corpo para o experienciar. É este o estado de verdadeira vigília.

Quando experiencias uma troca de energia sexual neste estado, conheces a suprema verdade de Quem Tu És. O coração da tua amante torna-se o teu lar. O corpo da tua amante torna-se o teu. A tua alma deixa de se imaginar separada de tudo.

Não é preciso sair do corpo para o experienciar. É este o estado de verdadeira vigília.

Quando estás pronto, estás acordado. Um sorriso pode fazer-te lá chegar. Um simples sorriso. Pára tudo por um momento e sorri. Para nada. Só porque é bom. Só porque o teu coração sabe um segredo. E porque a tua alma sabe qual é o segredo. Sorri por isso. Sorri muito. Curará todos os teus males.

Pedes-me instrumentos, e Eu estou a dar-tos.

Respira. Esse é outro instrumento. Respira bem fundo. Respira lenta e suavemente. Aspira o suave e doce nada da vida, tão cheio de energia, tão cheio de amor. É o amor de Deus que respiras. Respira profundamente e senti-lo-ás. Respira muito, muito profundamente, e o amor far-te-á chorar.

De alegria.

Porque encontraste o teu Deus, e o teu Deus apresentou-te à tua alma. Depois dessa experiência, a vida nunca mais é a mesma. As pessoas falam de terem “estado no cimo da montanha” ou de terem entrado num êxtase sublime. O seu ser muda para sempre.

Obrigado. Compreendo. São as coisas simples. Os atos simples e os mais puros.

Sim. Mas fica a saber que algumas pessoas meditam durante anos e nunca o experienciam. Tem a ver com a abertura e a vontade de cada um. E também com a capacidade de se afastar de qualquer expectativa.

Devia meditar todos os dias?

Como em todas as coisas, não há “devos” e “não devos”. Não é uma questão daquilo que deves fazer, mas daquilo que escolhes fazer.

Há almas que procuram caminhar em consciência. Algumas reconhecem que nesta vida a maior parte das pessoas são sonâmbulas; inconscientes. Passam pela vida sem consciência. No entanto, as almas que caminham em consciência escolhem um caminho diferente. Optam por outra via.

Procuram experienciar toda a paz e alegria. Ausência de limites e liberdade que a Unidade traz, não só quando deixam cair o corpo e ele “adormece”, mas também quando levantam o corpo.

Diz-se de uma alma que criou essa experiência, “Ele elevou-se”.

Outros, na chamada “*New Age*”, definem este processo como de “elevação da consciência”.

Não importa os termos que se utilizam (as palavras são a forma de comunicação menos fiável), tudo se resume a viver em consciencialização. E então, transforma-se em consciencialização total.

E de que é que te tornas, eventualmente, totalmente consciente?

Eventualmente, tornas-te totalmente consciente de Quem Tu És.

A meditação diária é uma forma de o conseguires. Mas requer empenho, dedicação – a decisão de buscar a experiência interior, e não a recompensa exterior.

E lembra-te que os silêncios guardam os segredos. E, por isso, o som mais doce é o som do silêncio. Essa é a canção da alma. Se acreditares nos ruídos do mundo em vez de acreditares nos silêncios da alma, estarás perdido.

Então a meditação diária é uma boa ideia.

Uma boa ideia? Sim. Mas lembra-te do que acabei de dizer. A canção da alma pode ser cantada de muitas maneiras. O doce som do silêncio pode ser ouvido muitas vezes.

Alguns ouvem o silêncio na oração. Outros entoam a canção no trabalho. Alguns buscam os segredos em serena contemplação, outros em ambientes menos contemplativos.

Quando a mestria é alcançada – ou até experienciada intermitentemente – os ruídos do mundo podem ser abafados e as distrações silenciadas mesmo no meio deles. Toda a vida se torna uma meditação.

Toda a vida é uma meditação, em que se contempla o Divino. Isto chama-se verdadeira vigília, ou estado de alerta.

Experienciado desta forma, tudo na vida é abençoado. Não existe mais luta, nem esforço, nem preocupação. Há apenas a experiência, que podes classificar da forma que quiseses. Podes optar por chamar a tudo isso perfeição.

Portanto, utiliza a vida, e todos os seus acontecimentos como uma meditação. Caminha desperto, não adormecido. Movimenta-te atentamente, e não desatento, e não te detenhas nem na dúvida e no medo, nem na culpa e na autorrecriminação, mas reside em esplendor permanente na certeza de que és grandiosamente amado. És sempre Um Comigo. És sempre bemvindo. Bemvindo a casa.

Porque a tua casa é no Meu coração, e a Minha no teu. Convido-te a veres isso na vida como o verás seguramente na morte. Então saberás que não existe morte, e que aquilo a que chamaste vida e morte são ambas parte da mesma experiência interminável.

Somos tudo o que existe, tudo o que alguma vez existiu e tudo o que alguma vez haverá, para todo o sempre.

Ámen.

CAPÍTULO 10

EXPRESSA O QUE SENTES

Eu amo-Te, sabes?

Sei. E Eu a ti. Tu sabes isso?

Começo a saber. Começo mesmo a saber.

Ainda bem.

CAPÍTULO 11

A ALMA E A AMNÉSIA CÓSMICA

Dizes-me qualquer coisa sobre a alma, se fazes favor?

Com certeza. Tentarei explicar, dentro do teu campo limitado de entendimento. Mas não te sintas frustrado se algumas coisas não “fizerem sentido” para ti. Tenta lembrar-te que estás a fazer passar estas informações através de um filtro único – um filtro que concebeste para te proteger de te lembrares demais.

Recorda-me mais uma vez por que o fiz.

Acabava o jogo se te lembrasses de tudo. Vieste aqui por uma determinada razão, e contrariaria o teu Propósito Divino se percebesses como tudo se conjuga. Algumas coisas continuarão a ser um mistério a este nível de consciência, e está certo que continuem.

Portanto, não tentes solucionar todos os mistérios. Pelo menos, não de uma só vez. Dá uma oportunidade ao Universo. Na devida altura, revelar-se-á.

Desfruta da experiência de te tornares.

Apressa-te devagar.

Exatamente.

O meu pai costumava dizer isso.

O teu pai era um homem sábio e maravilhoso.

Não há muita gente a descrevê-lo assim.

Não havia muita gente que o conhecesse.

A minha mãe conhecia.

Pois conhecia.

E ela amava-o.

Sim, amava.

E perdoava-lhe.

É verdade.

Todos os seus comportamentos agressivos.

Sim.

Ela compreendia, amava e perdoava e nisso era, e é, um modelo maravilhoso, uma professora abençoada.

Sim. Então... falas-me da alma?

Falo. Que queres saber?

Vamos começar com a primeira pergunta e a mais óbvia: já conheço a resposta, mas serve-nos de ponto de partida. A alma humana existe?

Sim. É o terceiro aspeto do teu ser. És um ser de três partes, composto de corpo, mente e espírito.

Eu sei onde está o meu corpo; isso vejo eu. E penso que sei onde está a minha mente – está na parte do corpo chamada cabeça. Mas não tenho a certeza de ter alguma ideia de onde...

Espera aí. Pára aí. Há uma coisa em que estás errado. A tua mente não está na tua cabeça.

Não está?

Não. O teu cérebro encontra-se no teu crânio. A tua mente, não.

Então, onde está?

Em todas as células do teu corpo.

Uau...

Aquilo a que chamas mente é, na realidade, energia.

É... o pensamento. E o pensamento é uma energia, não é um objeto.

O teu cérebro é um objeto. É um mecanismo físico e bioquímico – o maior, o mais sofisticado – mas não o único mecanismo do corpo humano, com o qual o corpo traduz, ou converte, a energia que é o pensamento em impulsos físicos. O cérebro é um transformador. E o corpo inteiro também. Tens pequenos transformadores em cada célula. Os bioquímicos têm referido com frequência como as células individuais – os glóbulos do sangue, por exemplo – parecem ter inteligência própria. E têm, de facto.

Isso aplica-se não só às células, mas também a partes maiores do corpo. Todo o homem sobre o planeta conhece uma parte do corpo que parece ter mente própria...

Sim, e toda a mulher sabe como os homens se tornam absurdos quando permitem que essa parte do corpo influencie as suas escolhas e decisões.

Há mulheres que utilizam esse conhecimento para controlar os homens.

É inegável. E há homens que controlam as mulheres através de escolhas e decisões feitas a partir daí.

É inegável.

Queres saber como parar o circo?

Absolutamente!

Era isso que queria dizer toda aquela conversa sobre fazer fluir a energia vital por todos os sete centros chacra.

Quando as tuas escolhas e decisões provêm de um lugar maior do que essa parte limitada que acabas de descrever, é impossível as mulheres controlarem-te, e tu nunca procurarías controlá-las.

A única razão pela qual as mulheres recorrem a esse meio de manipulação e controlo é por parecer não haver outro meio de controlo - pelo menos, nenhum tão eficaz - e, sem nenhuma forma de controlo, os homens tornam-se frequentemente – bem – incontroláveis.

Mas, se os homens demonstrassem mais a sua natureza superior e se as mulheres fizessem mais apelo a essa parte dos homens, a chamada “guerra dos sexos” estaria terminada. Como estariam a maior parte das guerras de qualquer espécie no vosso planeta.

Como disse antes, isto não significa que homens e mulheres devam desistir do sexo, ou que o sexo faça parte da natureza inferior do ser humano.

Significa que a energia sexual só por si, quando não flui até aos chacras superiores nem é combinada com as outras energias que tornam uma pessoa inteira, leva a escolhas e desfechos que não refletem a pessoa inteira e que são muitas vezes menos do que magníficos.

Todo Tu és a própria magnificência, mas tudo o que seja menos que Todo Tu é menos que magnífico. Se queres pois garantir que produzes uma escolha ou um desfecho menos que magníficos, toma uma decisão só a partir do teu chakra básico. Observa depois os resultados.

São perfeitamente previsíveis.

Hum, hum. Parece-me que sabia isso.

Claro que sabias. A maior questão que se põe à humanidade não é quando aprenderão, mas quando *agirão de acordo com o que já aprenderam?*

Então a mente encontra-se em cada célula...

Sim. E há mais células no cérebro que em qualquer outra parte, por isso parece que a mente se encontra lá. Mas é apenas o principal centro de processamento, não é o único.

Ótimo. Estou esclarecido. Então onde está a alma?

Onde julgas que está?

Atrás do Terceiro Olho?

Não.

A meio do peito, à direita do coração, imediatamente sob o esterno?

Não.

Pronto. Desisto.

Está em toda a parte.

Em toda a parte?

Em toda a parte.

Como a mente.

Ai, ai. Espera aí. A mente não está em toda a parte.

Não está? Pareceu-me que tinhas acabado de dizer que estava em todas as células do corpo.

Isso não é “em toda a parte”. Há espaços entre as células. De facto, o teu corpo é noventa e nove por cento espaço.

É aí que está a alma?

A alma está *em toda a parte*, dentro, através e à volta de ti. É o que te contém.

Espera aí! Agora esperas *Tu!* Sempre me ensinaram que o corpo é que contém a alma. Que aconteceu ao “O teu corpo é o templo do teu ser”?

Em sentido figurado.

É útil para ajudar as pessoas a perceber que são mais do que o corpo; que há algo maior que elas. E há. Literalmente. A alma é maior do que o corpo. Não é carregada dentro do corpo, mas carrega o corpo dentro de *si*.

Estou a ouvir-Te, mas continuo a ter dificuldade em o conceber.

Já ouviste falar numa “aura”?

Já. *Já*. Isso é a alma?

É o mais que nos podemos aproximar, na tua linguagem, no teu entendimento, para te dar uma imagem de uma realidade enorme e complexa. A alma é o que te conserva inteiro, tal como *a Alma de Deus é o que contém o Universo, e o conserva inteiro*.

Caramba. É uma reviravolta completa de tudo o que eu pensava.

Aguenta-te, Meu filho. As reviravoltas apenas começaram.

Mas se a alma é, num certo sentido, “o ar dentro e em volta de nós”, e se as almas das outras pessoas são o mesmo, onde *termina* uma alma e começa outra?

Ai, não me digas, não me digas...

Vês? Já sabes a resposta!

Não há nenhum lugar onde outra alma “acaba” e a nossa “começa”! Tal como não há nenhum lugar onde o ar da sala de estar “acaba” e o ar da sala de jantar “começa”. É tudo o *mesmo ar*. É tudo *a mesma alma*!

Acabas de descobrir o segredo do Universo.

E se *Tu* és o que contém o Universo, tal como nós somos o que contém os nossos corpos, então não há nenhum lugar onde *Tu* “acabas” e nós “começamos”!

(Hum, hum!)

Podes pigarrear à vontade. Para mim é uma revelação miraculosa! Eu sabia que sempre compreendi isto – mas agora *compreendo-o*!

Isso é formidável. Não é formidável?

Vês, o meu problema com a compreensão no passado tinha a ver com o facto de o corpo ser uma embalagem individualmente distinta, tornando possível diferenciar entre “este” e “aquele” corpo, e como sempre pensei que a alma estava contida no corpo, diferenciava entre “esta” e “aquela” alma.

Naturalmente que sim.

Mas, se a alma está em toda a parte dentro *e fora* do corpo - na sua “aura”, como Tu dizes -, onde “acaba” uma aura e ‘começa’ outra? E agora vejo, na verdade pela primeira vez, em *termos físicos*, como é possível que uma alma *não* “acabe” e outra “comece”, e que é *fisicamente verdade* que Somos Todos Um!

Fantástico! É tudo o que posso dizer. Fantástico.

Sempre pensei que isto era uma verdade metafísica. Agora vejo que é uma verdade física: Ena, a religião acaba de se transformar em ciência!

Não digas que não te avisei.

Mas espera aí. Se não há nenhum lugar onde termina uma alma e começa outra, isso quer dizer que não existe nenhuma alma individual?

Bom, sim e não.

Uma resposta mesmo à medida de Deus.

Obrigado.

Mas, com franqueza, estava à espera de maior clareza.

Olha, poupa-Me. Estamos a ir tão depressa, que te dói a mão de escrever.

De gatafunhar furiosamente, queres Tu dizer.

Sim. Então vamos recuperar o fôlego.

Vamos relaxar.

Vou explicar-te tudo.

DUAS VERDADES APARENTEMENTE CONTRADITÓRIAS

Está bem. Podes começar. Estou pronto.

Lembras-te de te ter falado muitas vezes sobre aquilo a que chamo Dicotomia Divina?

Sim.

Ora bem, esta é uma delas. De facto, é a maior.

Estou a ver.

É importante aprender a Dicotomia Divina e compreendê-la claramente, se quiseres viver com dignidade no Universo.

A Dicotomia Divina sustenta que é possível, duas verdades aparentemente contraditórias, existirem simultaneamente no mesmo espaço.

Ora, no vosso planeta, as pessoas acham isto difícil de aceitar. Gostam de ordem, e tudo o que se não adapte ao seu cenário é automaticamente rejeitado. Por essa razão, quando duas realidades começam a afirmar-se e parecem contradizer-se, o pressuposto imediato é que uma delas deve estar errada, falsa, não deve ser verdadeira. É preciso uma grande dose de maturidade para ver, e aceitar que, de facto, ambas podem ser verdadeiras.

Mas, no campo do absoluto – por oposição ao campo do relativo, no qual vives -, está muito claro que uma verdade que é Tudo O Que É produz por vezes um efeito que, encarado em termos relativos, parece uma contradição.

Chama-se a isto uma Dicotomia Divina, e é uma parte muito real da experiência humana. Como disse, é virtualmente impossível viver dignamente sem aceitar isto. As pessoas estão sempre a resmungar, zangadas, a gesticular, procurando “justiça” em vão, ou a tentar desesperadamente reconciliar forças opostas que nunca se destinaram a ser reconciliadas, mas que, *pela própria natureza da tensão entre si*, produzem exatamente o efeito desejado.

O domínio do relativo é mantido inteiro, de facto, por essas mesmas tensões. Como exemplo, a tensão entre bem e mal. Na suprema realidade não existe nem bem nem mal. No domínio do absoluto, tudo o que existe é amor. Contudo, no domínio do relativo vocês criaram a experiência daquilo a que “chamam” mal, e fizeram-no por uma razão plausível. Queriam *experienciar* o amor, não apenas “saber” que o amor é Tudo O Que É, e não se pode experienciar uma coisa quando nada mais há *senão* isso. E assim, criaram na vossa realidade (e continuam a fazê-lo todos os

dias) uma polaridade de bem e mal, utilizando um para poderem experienciar o outro.

E aqui temos a Dicotomia Divina – duas verdades aparentemente contraditórias, que existem simultaneamente, no mesmo lugar. Especificamente:

O bem e o mal existem.

Tudo o que existe é amor.

Obrigado por me explicares. Abordaste isto antes, mas obrigado por me ajudares a compreender melhor a Dicotomia Divina.

Com todo o gosto.

Mas, como Eu disse, a Dicotomia Divina é a que estamos a ver neste momento.

Existe Um só Ser, e portanto Uma só Alma. E, há muitas almas no Único Ser.

A dicotomia funciona assim: Acabas de ouvir explicar que não existe separação entre as almas. A alma é a energia vital que está dentro e à volta de todos os objetos físicos (a sua *aura*). Num certo sentido, é o que “mantém” os objetos físicos no seu lugar. A “Alma de Deus” contém o Universo, a “alma do homem” contém cada corpo humano individual.

O corpo não é uma embalagem, uma “caixa” para a alma; a alma é uma embalagem do corpo.

Isso mesmo.

No entanto, não existe uma “linha divisória” entre as almas – não há nenhum lugar onde “uma alma” termina e “outra” começa. E portanto, é realmente uma alma que contém todos os corpos.

Correto.

Contudo essa única alma “sente-se como” um punhado de almas individuais.

Na verdade, é assim, assim foi concebida.

Podes explicar como funciona?

Posso.

Embora não haja verdadeira separação entre as almas, é verdade de que a matéria de que a Única Alma é feita se manifesta na realidade física a velocidades diferentes, produzindo diferentes graus de densidade.

Velocidades diferentes? Quando é que entrou a velocidade?

Toda a vida é uma vibração. Aquilo a que chamas vida (podias com a mesma facilidade chamar-lhe Deus) é energia pura. Essa energia vibra constantemente, sempre. Move-se em ondas. As ondas vibram a velocidades diferentes, produzindo diferentes graus de densidade, ou de luz. Isto, por sua vez, produz aquilo a que chamarias “efeitos” diferentes no mundo físico – de facto, objetos físicos diferentes. Contudo, enquanto que os objetos são diferentes e individualmente distintos, a energia que os produz é exatamente a mesma.

Deixa-Me voltar ao exemplo que utilizaste do ar entre a tua sala de estar e a de jantar. Foi uma boa utilização de imagens que brotou espontaneamente de ti. Uma inspiração.

Adivinha donde.

Sim, fui Eu que ta dei. Ora, tu disseste que não havia um lugar específico entre esses dois locais físicos onde o “ar da sala de estar” terminasse e começasse o “ar da sala de jantar”. E é verdade. Mas existe um lugar onde o “ar da sala de estar” se torna *menos denso*. Ou seja, dissipa-se, torna-se “mais ténue”. O mesmo acontece com o “ar da sala de jantar”. Quanto mais te afastares da sala de jantar, menos sentes o cheiro do jantar!

O ar dentro da *casa* é o *mesmo ar*. Não há “ar separado” na sala de jantar. No entanto, o ar da sala de jantar *parece* “outro ar”. Para já, tem um cheiro diferente!

Assim, porque o ar assumiu *características* diferentes, parece ser um *ar diferente*. Mas não é. É todo ele o mesmo ar, que parece diferente. Na sala de estar sentes o cheiro da lareira, na sala de jantar sentes o cheiro do jantar. Até podes entrar numa divisão e dizer “Pfff, está abafado. *Vamos deixar entrar um bocado de ar*”, como se não houvesse ar nenhum. E contudo, claro que há muito ar. O que queres fazer é mudar-lhe as características.

Por isso fazes entrar ar do exterior. *Mas esse também é o mesmo ar*. Só existe um ar, que se desloca para dentro, em volta e através de *tudo*.

Bestial. “Apanho” mesmo isto. Adoro a maneira como me explicas o Universo de modo a que eu “apanhe” totalmente.

Olha, obrigado. Estou a tentar. Então, deixa-Me continuar.

Faz favor.

Tal como o ar na casa, a energia vital - aquilo a que chamamos a “Alma de Deus” – assume características diferentes ao envolver objetos físicos diferentes. Na verdade, essa energia aglutina-se de determinado modo para *formar* esses objetos.

Quando as partículas de energia se unem para formar matéria física, tornam-se muito concentradas. Aglutinadas. Começam a “parecer” e a “sentir-se” como unidades distintas. Ou seja, começam a parecer “separadas”, “diferentes” de toda a outra energia. Mas é tudo a mesma energia, com *comportamentos diferentes*.

É este ato de se comportar de forma diferente que torna possível que O Que É Tudo se manifeste como O Que É Muitos.

Como expliquei no *Livro1*, O Que É não podia experienciar-Se como O Que É até desenvolver essa *capacidade de diferenciar*. Assim, O Que É Tudo separou-se em O Que É *Isto*, e O Que É *Aquilo*. (Estou a tentar tornar isto muito simples.)

Os “pedaços de energia” que se aglutinaram em unidades individualmente distintas que continham seres físicos são aquilo a que optaram por chamar “almas”. As partes de Mim que se transformaram em todos Vós são aquilo de que Nós estamos aqui a falar. Daí, a Dicotomia Divina:

Há só Um de nós.

Há Muitos de nós.

Isto é formidável.

A Quem o dizes.

Continuo?

Não, pára por aqui. Estou aborrecido.

Sim, continua!

Está bem. À medida que a energia aglutina, torna-se, como Eu disse, muito concentrada. Mas, quanto mais nos afastamos do ponto dessa concentração, mais dissipada se torna a energia. O “ar torna-se mais ténue”. A aura esbate-se. A energia nunca desaparece completamente, porque não pode. É a matéria de que tudo é feito. É Tudo O Que Há. No entanto, pode tornar-se muito, muito ténue, muito subtil – quase “não estar lá”.

Então, noutro lugar (leia-se, noutra parte de Si), pode voltar a aglutinar-se, “unindo-se” mais uma vez para formar aquilo a que se chama matéria e que “parece” uma unidade individualmente distinta. Agora as

duas unidades aparecem separadas uma da outra e na verdade não existe nenhuma separação.

Isto é, em termos muitíssimo simples e elementares, a explicação de todo o Universo físico.

Fantástico. Mas será verdade? Como é que sei que não inventei isto tudo?

Os vossos cientistas já descobriram que os blocos de construção de toda a vida são os mesmos.

Trouxeram rochas da lua e descobriram o mesmo material que encontram nas árvores. Desmancham uma árvore e encontram o mesmo material que encontram em ti.

Eu vos digo: Somos todos a *mesma coisa*.

Somos todos a mesma energia, aglutinada, comprimida de maneiras diferentes, para criar formas e matéria diferentes.

Nada conta por si só. Isto é, nada se pode tornar *matéria* por si só^{*}. Jesus disse, “Sem o Pai, não sou nada.” O Pai de tudo é puro pensamento. Essa é a energia da vida. Foi isto que optaram por chamar o Amor Absoluto. Este é o Deus e a Deusa, o Alfa e o Omega, o Princípio e o Fim. É o Tudo-em-Tudo, o Movedor Imóvel, a Fonte Principal. É isso que têm procurado entender desde o princípio dos tempos. O Grande Mistério, o Enigma Interminável, a verdade eterna.

Somos apenas Um, e assim, é ISSO O QUE VOCÊS SÃO.

^{*} Trocadilho em inglês: *Nothing ‘matters’ in and of itself*, que pode significar “Nada conta por si só” ou “Nada se pode tornar matéria por si só”.
(N. da T.)

CAPÍTULO 12

EU SOU VÓS E VÓS SOIS EU

Sinto-me pleno de admiração e reverência ao ler essas palavras. Obrigado por estares aqui comigo desta maneira. Obrigado por estares aqui com todos nós. Porque milhões de pessoas leram as palavras destes diálogos e outros tantos milhões as virão a ler. E somos abençoados pela Tua vinda aos nossos corações.

Meus queridos seres – sempre estive nos vossos corações. Fico satisfeito por agora *Me conseguirem sentir neles*.

Sempre estive convosco. Nunca vos deixei. Eu sou vós e vós sois Eu, e nunca nos separaremos, *jámais*, porque tal não é *possível*.

No entanto, há dias em que me sinto tão terrivelmente só. Há momentos em que sinto que estou a travar este combate sozinho.

Isso é porque Me deixaste, Meu filho. Abandonaste a tua percepção de Mim. No entanto, onde existe consciência de Mim, nunca podes estar só.

Como posso conservar a minha percepção?

Leva a tua percepção aos outros. Não tentando convertê-los, mas pelo exemplo. Sê a fonte do amor que Eu Sou nas vidas de todos os outros. Porque o que dás aos outros, dás a ti próprio. Porque existe apenas Um de Nós.

Obrigado. Sim, já me tinhas dado essa dica. Sê a fonte. Do que quer que queiras experienciar em ti, disseste Tu, sê a fonte nas vidas dos outros.

Sim. É esse o grande segredo. A sabedoria sagrada. *Faz aos outros o que gostarias que te fizessem a ti*.

Todos os vossos problemas, todos os vossos conflitos, todas as vossas dificuldades em criar uma vida de paz e alegria no vosso planeta se devem a não compreenderem nem seguirem esta instrução tão simples.

Estou a perceber. Mais uma vez disseste-o tão simples e claramente que eu percebo. Tentarei não voltar a “perdê-lo”.

Não podes “perder” o que dás. Lembra-te sempre disso.

Obrigado. Posso fazer-Te mais umas perguntas sobre alma?

Tenho mais um comentário genérico a fazer acerca da vida tal como a vives.

Faz favor.

Disseste há pouco que há alturas em que te sentes como se estivesses a travar esta batalha sozinho.

Sim.

Que batalha?

Era em sentido figurado.

Não acho. Acho que era um indicador real do que tu (e muitas pessoas) pensam realmente da vida.

Meteram na cabeça que é uma “batalha” – que há aqui uma espécie de luta.

Às vezes, tem-me parecido ser assim.

Não é assim inerentemente, e não tem de ser assim, nunca.

Vais-me desculpar, mas tenho dificuldade em acreditar nisso.

Que é exatamente a razão por que não tem sido a tua realidade. Porque tornarás real aquilo que acreditas ser real. Mas Eu te digo: A vossa

vida nunca se destinou a ser uma luta, e não tem de ser, nem agora nem nunca.

Dei-vos os instrumentos com que criar a realidade mais grandiosa. Simplesmente *optaram* por não os utilizar. Ou, para ser mais preciso, *utilizaram-nos mal*.

Os instrumentos a que me refiro são os três instrumentos da criação. Falámos muito neles no nosso diálogo em curso. Sabes quais são?

Pensamento, palavra e obra.

Muito bem. Lembraste-te. Uma vez, inspirei a Mildred Hinckley, uma das Minhas professoras espirituais, a dizer, “Vocês nasceram com o poder criativo do Universo na ponta da língua.”

É uma afirmação com implicações assombrosas. Tal como esta verdade, doutro dos Meus mestres:

“Por teres acreditado, assim te será dado.”

Estas duas afirmações têm a ver com pensamento e palavra. Outro dos Meus mestres dizia, da obra:

“O princípio é Deus. O fim é a obra. A obra é Deus criando - ou Deus experienciado.”

***Tu* é que disseste isso, no *Livro1*.**

O *Livro1* surgiu por teu intermédio, Meu filho, tal como todos os grandes ensinamentos foram inspirados por Mim e trazidos através de formas humanas.

Os que se deixam mover por essas inspirações e as partilham audaciosamente e publicamente, são os Meus maiores mestres.

Não tenho a certeza de me incluir nessa categoria.

As palavras que foste inspirado a partilhar tocaram milhões de pessoas.

Milhões, Meu filho.

Foram traduzidas para vinte e quatro línguas. Deram a volta ao mundo.

Por que medida concederias o estatuto de grande mestre?

À medida das ações, não das palavras.

Uma resposta muito sensata.

E as minhas ações nesta vida não dizem bem de mim, e certamente que não me qualificam como mestre.

Acabas de eliminar metade dos mestres que já existiram.

Que estás a dizer?

Estou a dizer o que disse através de Judith Schucman no livro *A Course in Miracles*^{*}: Ensinas o que tens de aprender.

Acreditas que tens de demonstrar a perfeição antes de poderes ensinar como alcançá-la?

E embora tenhas cometido a tua parte daquilo a que chamarias erros...

...mais do que a minha parte...

...também demonstraste grande coragem ao apresentares esta conversa Comigo.

^{*} Um Curso de Milagres. (N. da T.)

NEGAR TRÊS VEZES, CRIA-SE O QUE SE DECLARA

Ou grande imprudência.

Por que insistes em te diminuís dessa maneira? *Todos* vocês o fazem! Cada um de vocês! Negam a vossa própria grandeza quando negam a Minha existência *em* vós.

Eu não! *Nunca* neguei isso!

O quê?

Bem, recentemente não...

Eu te digo, antes de o galo cantar, ter-Me-ás negado três vezes.

Todo o pensamento do teu Eu como menor do que és realmente é uma negação de Mim.

Toda a palavra sobre o teu Eu que te diminui é uma negação de Mim.

Toda a obra que flui através do teu Eu e que desempenha um papel de “não ser suficientemente bom”, ou de ter qualquer espécie de falha ou insuficiência, é de facto uma negação. Não só em pensamento, não só pela palavra, mas pelo ato.

Eu realmente...

...Não permitas que a tua vida represente *nada* senão a versão mais grandiosa da visão mais sublime que alguma vez *tiveste* sobre Quem Tu És.

Ora, qual é a visão mais sublime que alguma vez tiveste para o teu Eu? Não é que um dia viesses a ser um grande mestre?

Bem...

Não é?

É.

Então *assim* seja. E *assim é*. Até que o *negues* mais uma vez.

Não voltarei a negá-lo.

Não voltarás?

Não.

Prova-o.

Provo-o?

Prova-o.

Como?

Diz, já, “Eu sou um grande mestre.”

Hãã...

Vá lá, diz.

Eu sou... olha, o problema é que tudo isto vai ser publicado. Tenho a noção de que tudo o que estou a escrever neste bloco vai aparecer impresso algures. Há pessoas em Peoria^{*} que vão ler isto.

Em Peoria! Ah! Diz antes *Pequim*!!

Pronto, na China também. É aí que quero chegar. As pessoas têm-me vindo a perguntar – a massacrar – sobre o *Livro3* desde o mês seguinte à saída do *Livro2*! Tentei explicar por que razão levou tanto tempo. Tentei fazê-las perceber o que é estar a ter este diálogo sabendo que o *mundo inteiro* está a ver, à espera. Não é como no

^{*} Cidade do Estado de Illinois. (N. da T.)

***Livro1* e no *Livro2*. Ambos foram diálogos conduzidos num vazio. Nem sequer sabia que *viriam a ser* livros.**

Sabias, sim. No fundo do coração, sabias.

Bem, talvez tivesse esperança que fossem. Mas agora *sei*, e é diferente estar a escrever neste bloco.

Porque sabes que toda a gente vai ler todas as palavras que escreves.

Sim. E agora queres que eu diga que sou um grande mestre. E é difícil, à frente de toda esta gente.

Queres que eu te peça para o declarares em particular? É assim que julgas que te afirmas?

Pedi-te para declarares Quem Tu És em *público* precisamente porque aqui te encontras em público. A *ideia* era mesmo fazer com que o disseses em público.

A declaração pública é a forma mais elevada de visionar.

Vive a versão mais grandiosa da visão mais sublime que alguma vez tiveste sobre Quem Tu És. Começa a vivê-la declarando-a.

Publicamente.

O primeiro passo para a tornar assim é *dizer* que é assim.

E então a modéstia? O decoro? Fica-nos bem declarar a nossa ideia mais grandiosa sobre nós próprios a todos os que encontramos?

Todos os grandes mestres o fizeram.

Sim, mas não com arrogância.

Que arrogância há em “Eu sou o caminho e a vida”?

É suficientemente arrogante para ti?

Disseste que nunca mais Me negarias, e no entanto passaste os últimos dez minutos a tentar justificar negares-Me.

Não *Te* estou a negar. Estamos a falar da minha maior visão de *mim*.

A tua maior visão de ti sou Eu! *É Quem Eu Sou!*

Quando negas a maior parte de ti, negas-Me. E Eu te digo, antes do amanhecer de amanhã tê-lo-ás feito três vezes.

A menos que não negue.

A menos que não negues. É isso. E só tu podes decidir. Só tu podes escolher.

Conheces algum grande mestre que fosse um grande mestre em *privado*? Buda, Jesus, Krishna – todos eles eram mestres em público, ou não?

Sim. Mas há grandes mestres que não são muito conhecidos. A minha mãe era. Tu próprio o disseste. Não é necessário ser muito conhecido para ser um grande mestre.

A tua mãe foi uma precursora. Uma mensageira. Uma preparadora do caminho. Preparou-te para o caminho, *mostrando-te* o caminho. Mas tu também és um mestre.

Mas por muito boa mestra que a tua mãe tenha sido, aparentemente não te ensinou a nunca te negares. Mas tu *ensiná-lo-ás a outros*.

Oh, eu queria tanto! É isso que quero fazer!

Não “queiras”. Podes não ter aquilo que “queres”. Apenas declaras que o “queres” e é assim que ficas - ficas a “querer”^{*}.

Está bem! Pronto! Eu não “quero”, *escolho*!

^{*} Jogo de palavras com o termo “want”, que significa querer ou ter falta de. (N. da T.)

Assim é melhor. Muito melhor. Que escolhes então?

Escolho ensinar aos outros a nunca se negarem.

Ótimo, e que mais escolhes ensinar?

Escolho ensinar aos outros a nunca Te negarem – a Ti, Deus. Porque negar-Te é negarem-se a eles próprios, e negarem-se a eles próprios é negar-Te a Ti.

Muito bem. E escolhes ensinar isso de qualquer maneira, quase “por acaso”? Ou escolhes ensinar isso superiormente, como se fosse de propósito?

Escolho ensinar de propósito. Superiormente. Como fez a minha mãe. A minha mãe *ensinou-me* a nunca negar o meu Eu. Ensinou-me todos os dias. Foi a pessoa mais encorajadora que já tive. Ensinou-me a ter fé em mim próprio, e em Ti. Eu *devia* ser um mestre assim. *Escolho* ser um mestre assim de *todas* as grandes sabedorias que a minha Mãe me ensinou. Ela fez de *toda a sua vida* um ensinamento, não só das palavras. *É isso que faz um grande mestre.*

Tens razão, a tua mãe foi uma grande mestra. E tinhas razão na tua verdade maior. Uma pessoa *não* tem de ser muito conhecida para ser um grande mestre.

Estava a “testar-te”. Queria ver até onde ias com isto.

E “fui” onde “devia”?

Foste onde vão todos os grandes mestres. À tua própria sabedoria. À tua própria verdade. É esse o lugar onde deves ir sempre, porque é o lugar de onde deves vir quando ensinas o mundo.

Eu sei. Isso sei.

E qual é a tua *verdade mais profunda* quanto a Quem Tu És?

Eu sou...

...um grande mestre.

Um grande mestre da verdade eterna.

Aí tens. Dito calmamente, tranquilamente. Aí tens.

Conheces a verdade no teu coração, e apenas falaste com o coração.

Não estás a gabar-te, e ninguém o entenderá como gabarolice. Não estás a fazer alarde, e ninguém o entenderá como alarde. Não estás a bater no peito, estás a abrir o coração, e existe uma grande diferença.

Todos sabem Quem São no seu íntimo. São uma grande bailarina, um grande advogado, um grande ator ou um grande primeira-base. São um grande detetive, um grande vendedor, um grande pai ou um grande arquiteto; um grande curador. E são, todos e cada um, uma *grande pessoa*.

Todos sabem Quem São no seu íntimo. Se abrirem o coração e partilharem com os outros os seus desejos íntimos, se viverem a sua verdade do coração, encherão o mundo de magnificência.

Tu és um grande mestre. E donde julgas que provém esse dom?

De Ti.

Então, quando declaras ser Quem Tu És, estás apenas a declarar quem Eu Sou. Declara-Me sempre como Fonte, e ninguém se importará que te declares grande.

Mas sempre insististe para que eu *me* declarasse como Fonte.

Tu és a Fonte - de tudo o que *Eu Sou*. O grande mestre com quem estás mais familiarizado na tua vida disse, “Eu sou o caminho e a vida.”

Disse também, “Todas estas coisas Me vêm do Pai. Sem o Pai, nada sou.”

E ele também disse, “Eu e o Pai somos Um.”

Percebes?

Há apenas Um de nós.

Exatamente.

O que nos traz de volta à alma humana. Posso fazer mais perguntas sobre a alma?

Vá lá.

Quantas almas existem?

Uma.

Sim, no sentido mais lato. Mas quantas “individualizações do Um Que É Tudo existem?

Olha, gosto dessa palavra. Gosto da maneira como utilizaste essa palavra. A Única Energia que é Toda A Energia *individualiza-Se* em muitas partes diferentes. Gosto disso.

Fico satisfeito. Quantas individualizações criaste? Quantas almas há?

Não posso responder a isso em termos que tu compreendas.

Experimenta. É um número constante? Um número variável? Um número infinito? Criaste “almas novas” desde o “lote original”?

Sim, é um número constante. Sim, é um número variável. Sim, é um número infinito. Sim, criei almas novas e não, não criei.

Não percebo.

Eu sei.

Então ajuda-me.

Disseste mesmo isso?

Disse o quê?

“Assim Deus me ajude?”*

PROCURANDO ENTENDER O INFINITO

Ah, que esperto. Bom, tenho de perceber isto nem que seja a última coisa que faça, portanto, que Deus me ajude.

Ajudo. És muito determinado, por isso vou ajudar-te – mas aviso-te que é difícil alcançar ou entender o infinito a partir duma perspetiva que é finita. De qualquer maneira, vamos fazer uma tentativa.

Com calma!

Sim, com calma. Começemos por notar que as tuas perguntas inferem que existe uma realidade chamada tempo. Na verdade, essa realidade não existe. Existe apenas um momento, que é o eterno momento de Agora.

Todas as coisas que alguma vez aconteceram, estão a acontecer Agora, e que alguma vez acontecerão, estão a ocorrer neste momento. Nada aconteceu “antes”. Porque o antes não *existe*. Nada acontecerá “depois”, porque o depois não *existe*. Existe sempre e apenas Agora Mesmo.

No Agora Mesmo das coisas, estou constantemente a mudar. O número de maneiras em que Me “individualizo” (gosto da tua palavra) é portanto *sempre diferente, e sempre igual*.

Dado existir apenas o Agora, o número de almas é sempre constante. Mas dado gostares de pensar no Agora em termos de agora e *depois*, está sempre a mudar. Abordámos isto antes, quando falámos da reencarnação, de formas de vida inferiores, e de como as almas “regressam”.

* Jogo de palavras com a expressão “So help me God” (assim Deus me ajude) e “So help me” (então ajuda-me), (N. da T.)

Como estou sempre a mudar, o número de almas é infinito. Contudo, num determinado “ponto no tempo”, parece ser finito.

E sim, há “almas novas” no sentido de que se permitiram, tendo atingido a suprema consciência e a união com a suprema realidade, voluntariamente “esquecer” tudo e “recomeçar” – decidiram mover-se para outro lugar na Roda Cósmica, e algumas optaram por ser de novo “jovens almas”. Mas todas as almas fazem parte do lote original, já que todas estão a ser criadas (foram criadas, serão criadas) no Único Momento de Agora. Assim, o número é finito e infinito, variável e invariável, dependendo da forma como é visto.

Devido a esta característica de realidade suprema, chamam-Me muitas vezes O Movedor Imóvel. Sou o que está Sempre em Movimento, e Nunca se Moveu, está Sempre a Mudar e Nunca Mudou.

Muito bem. Já percebi. Nada é absoluto contigo.

Exceto que tudo é absoluto.

A menos que não seja.

Exatamente. *Precisamente.* Percebes mesmo! Bravo.

A verdade é que eu acho que sempre entendi esta história.

Sim.

Exceto quando não entendi.

É isso mesmo.

A menos que não seja.

Exatamente.

Quem entra primeiro.

Não, O Que entra primeiro. Quem entra em segundo.

Tam-tam! Então Tu és o Abbott e eu o Costello, e é tudo um espetáculo de variedades cósmico.

Exceto quando não é. Há momentos e acontecimentos que podes querer levar muito a sério.

A menos que não queira.

A menos que não queiras.

Então, voltando ao assunto das almas...

Eh, pá, que grande título para um livro... o *Assunto das Almas*.

Talvez façamos esse.

Estás a gozar? Já fizemos.

A menos que o não tenhamos feito.

É verdade.

A menos que não seja.

Nunca se sabe.

Exceto quando se sabe.

Estás a ver? Estás a apanhar o jeito. Agora lembras-te de como é realmente, e estás a divertir-te! Estás a regressar à “vida luminosa”. Estás a iluminar-te. É isso que significa iluminação.

Cool*.

Muito *cool*. O que quer dizer que estás a ferver!

* Cool tanto pode significar “ótimo” como “fresco”. (N. da T.)

Hum-hum. Chama-se a isso “viver na contradição”. Falaste muitas vezes nisso. Agora, voltando ao assunto das almas; qual é a diferença entre uma alma velha e uma alma nova?

Um corpo energético (ou seja, uma parte de Mim) pode conceber-se como “novo” ou “velho”, dependendo do que escolhe quando atinge a consciência total.

Quando regressam à Roda Cósmica, há almas que optam por ser velhas e outras que optam por ser “novas”.

Na verdade, se a experiência chamada “nova” não existisse, também não existiria a experiência chamada “velha”. Assim, algumas almas velhas “ofereceram-se voluntariamente” para serem chamadas “novas” e outras para serem chamadas “velhas”, para que a Alma Única, que é realmente Tudo O Que Há, se possa conhecer completamente.

Da mesma forma, algumas almas optaram por serem chamadas “boas” e outras “más”, exatamente pela mesma razão. E é por isso que nenhuma alma é jamais castigada. Por que quereria a Alma Única castigar uma Parte de Si por ser uma parte do Todo?

Tudo isto é explicado de uma forma muito bonita no livro infantil *The little Soul and The Sun*^{*}, que o explica de um modo simples e claro, para que as crianças o possam compreender.

Tens uma forma tão eloquente de dizer as coisas, de articular conceitos terrivelmente complexos com tanta clareza, que até uma criança *consegue* compreender.

Obrigado.

Eis outra pergunta sobre as almas. Existem “almas gémeas”?

Sim, mas não da maneira como pensas.

^{*} A Pequena Alma e o Sol. (N. da T.)

O que é diferente?

Vocês romantizaram a “alma gémea” como se significasse “a outra metade de ti”. Na verdade, a alma humana - a parte de Mim que “individualiza” - é muito maior do que jamais imaginaram.

Por outras palavras, aquilo a que chamo alma é maior do que penso.

Muito maior. Não é o ar numa divisão. É o ar numa casa inteira. E essa casa tem muitas divisões. A “alma” não está limitada a uma identidade. Não é o “ar” na sala de jantar. Nem a alma se “divide” em dois indivíduos que se chamam almas gémeas. Não é o “ar” no conjunto sala de estar-sala de jantar. E o “ar” na *mansão toda*.

E no Meu reino há muitas mansões. E embora seja o mesmo ar que circula em volta, dentro e através de todas as mansões, o ar das divisões numa mansão pode parecer “mais abafado”. Podias entrar numa dessas divisões e dizer ‘abafado’ lá dentro”.

Assim compreendes que existe apenas uma Alma única. Mas aquilo a que chamas a alma individualizada é enorme e paira sobre, em e através de centenas de formas físicas.

Ao mesmo tempo?

O tempo é coisa que não existe. Só posso responder a isso dizendo, “Sim, e não”. Algumas das formas físicas envolvidas pela tua alma estão “agora vivas”, no teu entendimento. Outras, individualizaram em formas que, agora, estão o que chamarias “mortas”. E outras envolveram formas que vivem naquilo a que chamas o “futuro”. Está tudo a acontecer neste preciso momento, claro, mas no entanto, a tua invenção chamada tempo serve de instrumento, permitindo-te um maior sentido da experiência realizada.

Então essas centenas de corpos físicos que a minha alma “envolveu” - que palavra interessante que usaste – são todas as minhas “almas gémeas”?

Sim, isso está mais próximo da exatidão do que a forma como tens utilizado o termo.

E algumas das minhas almas gémeas já viveram antes?

Sim. Tal como o descreves, sim.

Eh, lá. Espera aí! Parece-me que *apanhei* qualquer coisa! Essas partes de mim que viveram “antes” são o que descreveria agora como as minhas “vidas anteriores”?

Bem pensado! Estás a apanhar o sentido! Sim! Algumas delas são as “outras vidas” que viveste “anteriormente”.

E outras não. E outras partes da tua alma envolvem corpos que estarão vivos naquilo a que chamas o teu futuro. E há ainda outras encarnadas em formas diferentes que vivem no vosso planeta neste momento.

Quando encontras uma delas, podes ter uma imediata sensação de afinidade. Poderás até dizer, por vezes, “Devemos ter estado juntos numa ‘vida anterior’”. E terás razão. *Passaram* uma “vida anterior” *juntos*. Como *uma só forma física*, ou como duas formas no mesmo *Continuum Espaço-Tempo*.

Isto é fantástico! Explica tudo!

Explica, sim.

Exceto uma coisa.

O que é?

Quando eu sei que passei uma “vida anterior” com alguém - *sei-o* e pronto; sinto-o no *corpo* – e no entanto, quando lhes menciono isso, não sentem nada que se pareça. De *que* se trata?

Trata-se de confundires o “passado” com o “futuro”.

Hã?

Passaste outra vida com eles – só que não é uma vida passada.

É uma “vida futura”?

Precisamente. Tudo acontece no Momento Eterno de Agora, e tu tens consciência daquilo que, num certo sentido, *ainda não aconteceu*.

Por que não se “lembram” eles, também, do futuro?

São vibrações muito subtis, e alguns de vocês são mais sensíveis do que outros. Também é diferente de pessoa para pessoa. Tu podes ser mais “sensível” à tua experiência “passada” ou “futura” com uma pessoa do que com outra. Normalmente, isso significa que passaste esse outro tempo como parte da tua enorme alma a envolver o *mesmo* corpo, enquanto que, quando existe aquela sensação de “já conhecer” alguém, mas não tão forte, pode querer dizer que partilharam o mesmo “tempo” em conjunto, mas não o mesmo corpo. Talvez tivessem sido (ou venham a ser) marido e mulher, irmão e irmã, pai e filho, amante e amada.

São laços fortes e é natural que os sintam quando “voltam a encontrar-se” pela “primeira vez” “nesta” vida.

Se o que estás a dizer é verdade, explicaria um fenómeno que até agora nunca consegui justificar – o fenómeno de mais de uma pessoa nesta “vida” alegar ter memórias de ser Joana d’Arc. Ou Mozart. Ou outra pessoa famosa do “passado”. Sempre pensei que isso era uma prova para os que dizem que a reencarnação é uma doutrina falsa, porque como podia mais de uma pessoa reivindicar ter sido anteriormente a mesma? Mas agora vejo como é possível! O que acontece é que vários desses seres sensíveis agora envolvidos por uma alma estão a “recordar” (isto é, a voltar a ser membros*) a sua parte da alma única que foi (é *agora*) Joana d’Arc.

Meu Deus, isto acaba com todas as limitações, torna tudo possível. No minuto em que der por mim, de futuro, a dizer “isso é

* Trocadilho com re-member, que pode ser “recordar” e “re-membrar”. (N. da T.)

impossível”, sei que não estarei a fazer mais do que demonstrar que há muita coisa que não sei.

Isso é uma coisa muito boa de lembrar. Muito boa de lembrar.

E, se podemos ter mais do que uma “alma gémea”, isso explica como é possível sentirmos aquelas “sensações de alma gémea” intensas com mais do que uma pessoa durante uma vida - e até com mais do que *uma pessoa ao mesmo tempo*!

De facto.

Então é possível amar mais do que uma pessoa ao mesmo tempo.

Claro.

QUEM EU SOU, E QUEM ESCOLHO SER?

Não, não. Quero dizer, com o tipo de amor intenso e pessoal que normalmente reservamos para uma pessoa – ou, pelo menos, para uma pessoa *de cada vez*!

Por que hás-de querer “reservar” amor? Para que o queres ter “em reserva”?

Porque não está certo amar mais do que uma pessoa “dessa maneira”. É traição.

Quem te disse isso?

Toda a gente. Toda a gente me diz isso. Os meus pais disseram-mo. A minha religião disse-mo. A minha sociedade diz-mo. Toda a gente mo diz!

São alguns dos “pecados do pai” que são transmitidos ao filho.

A tua própria experiência ensina-te uma coisa - que amar toda a gente *totalmente* é a coisa mais jubilosa que podes fazer. Mas os teus pais, professores e sacerdotes dizem-te outra coisa – que só podes amar uma pessoa de cada vez “dessa maneira”. E não estamos só a falar de sexo. Se considerares uma pessoa tão especial como *outra de qualquer maneira*, fazem-te frequentemente sentir que traíste essa outra.

Certo! Exatamente! E assim que está feito!

Então não estão a expressar amor verdadeiro, mas qualquer variedade falsa.

Em que medida será permitido ao verdadeiro amor exprimir-se no quadro da experiência humana? Que limites vamos impor – na realidade, alguns diriam *devemos* impor – a essa expressão? Se todas as energias sociais e sexuais fossem libertas sem restrições, qual seria o resultado? A liberdade social e sexual total é a abdicação de toda a responsabilidade, ou a sua suprema elevação?

Qualquer tentativa de restringir as expressões naturais do amor é uma negação da experiência da liberdade - e, conseqüentemente, uma negação da própria alma. Porque a alma é a liberdade personificada. Deus é liberdade, por definição - porque Deus não tem limites nem restrições de *qualquer* espécie. A alma é Deus miniaturizado. Portanto, a alma revolta-se contra qualquer imposição de limites, e morre de novo de cada vez que aceita limites externos.

Nesse sentido, o próprio nascimento é uma morte, e a morte um nascimento. Porque no nascimento, a alma vê-se restringida às terríveis limitações de um corpo, e na morte foge novamente a essas restrições. Faz o mesmo durante o sono.

Voa a alma de volta à liberdade – e mais uma vez exulta com a expressão e a experiência da sua verdadeira natureza.

Mas pode a sua verdadeira natureza ser expressa e experienciada enquanto *no* corpo?

Essa é a pergunta que fazes - e é dirigida à razão e propósito da vida em si. Pois se a vida com o corpo não é mais do que uma prisão ou limitação, então que bem pode daí advir, e que função, quanto mais justificação, poderá ter?

Sim, suponho que seja isso que estou a perguntar. E pergunto em nome de todos os seres em toda a parte que sentiram as terríveis restrições da experiência humana. Não estou a falar de limitações físicas...

...Eu sei que não estás...

...mas emocionais e psicológicas.

Sim, Eu sei. Compreendo. Mas as tuas preocupações relacionam-se todas com a mesma grande questão.

Sim, está bem. Mesmo assim, deixa-me terminar. Toda a vida me tenho sentido frustrado com a incapacidade do mundo de me deixar amar toda a gente exatamente da maneira que quero.

Quando era jovem, era não falar com estranhos, não dizer coisas de modo impróprio. Lembro de uma vez em que descia uma rua com o meu pai e nos cruzámos com um pobre, que pedia moedas. Imediatamente senti pena do homem e quis-lhe dar alguns trocos que tinha no bolso. O meu pai impediu-me e empurrou-me para a frente. “Lixo,” disse ele. “É só lixo.” Era assim que o meu pai classificava todos os que não viviam de acordo com as suas definições do que significavam seres humanos de valor.

Mais tarde, lembro-me de uma experiência do meu irmão mais velho, que já não vivia connosco, e que não foi autorizado a entrar em casa na véspera de Natal por causa de uma discussão que tinha tido com o meu pai. Eu amava o meu irmão e queria que ele estivesse connosco nessa noite, mas o meu pai fê-lo parar no pátio e impediu-o de entrar em casa. A minha mãe ficou destroçada (era seu filho de um casamento anterior), e eu fiquei simplesmente contundido. Como podíamos não amar nem querer o meu irmão na véspera de Natal, só por causa de uma discussão? Que desacordo podia ser tão grave

para se permitir que estragasse o Natal, quando até as guerras eram suspensas por vinte e quatro horas de trégua? Isso era o que o meu coraçãozinho de sete anos ansiava por saber.

À medida que fui crescendo, aprendi que não era só a ira que impedia o amor de fluir, mas também o medo. Era por isso que não devíamos falar com estranhos – mas não apenas quando éramos crianças indefesas. Quando éramos adultos também. Aprendi que não estava bem conhecer e cumprimentar estranhos aberta e ansiosamente, e que havia uma determinada etiqueta a seguir com pessoas a quem se acaba de ser apresentado – e nada disto tinha para mim sentido. Queria saber *tudo* sobre aquela pessoa nova e queria que soubesse tudo sobre *mim*! Mas *não*. As regras diziam que tínhamos de esperar.

E agora, na minha vida adulta, onde entra a sexualidade, aprendi que as regras são ainda mais rígidas e limitadoras. E eu *continuo a não perceber*.

Eu só quero amar e ser amado – só quero amar toda a gente da forma que sinto ser natural, da forma que me sabe bem. Contudo a sociedade tem as suas regras e regulamentos sobre tudo isso – e são tão rígidas que *mesmo que a outra pessoa envolvida* concorde com uma experiência, se a sociedade não concordar, esses dois amantes são considerados “errados” e, portanto, estão condenados.

O que é isso? De que se *trata*?

Tu próprio o disseste. Medo.

Tudo diz respeito ao medo.

Sim, mas esses receios são justificados? Essas restrições e limitações não são apenas apropriadas em face dos comportamentos da nossa raça? Um homem encontra uma mulher mais nova, apaixona-se por ela (ou “deseja-a”) e deixa a mulher, por exemplo. Utilizo apenas um exemplo. Lá fica ela, com os filhos e sem qualificação profissional, aos trinta e nove anos ou aos quarenta e três – ou, pior ainda, largada de qualquer maneira aos sessenta e quatro por um homem de

sessenta e oito que se enamorou de uma mulher mais nova que a filha.

Estás a supor que o homem que descreves deixou de amar a mulher de sessenta e quatro anos?

Bem, age como se tivesse deixado.

Não. Não é a mulher que ele não ama e a quem tenta escapar. São as limitações que sente que lhe são impostas.

Ora, que disparate. É luxúria, pura e simples. É um velho tarado a tentar recuperar a juventude, a querer estar com uma mulher mais nova, incapaz de dominar os seus apetites infantis e de cumprir a promessa feita à parceira que o acompanhou ao longo dos anos difíceis.

Claro. Descreveste-o perfeitamente. Mas nada do que disseste altera nada do que Eu disse. Em quase todos os casos, esse homem não deixou de amar a mulher. São as limitações que a mulher lhe impõe, ou as que lhe são impostas pela mulher mais nova que não quer ter nada a ver com ele se ele ficar com a mulher, que criam a rebeldia.

A questão que quero frisar é que a alma se revoltará *sempre* contra a limitação. De *qualquer* tipo. Foi isso que deu origem a *todas* as revoluções na história da humanidade, não só a revolução que leva um homem a deixar a mulher – ou uma mulher a deixar repentinamente o marido. (O que, a propósito, também acontece.)

Com certeza que não estás a defender a abolição completa de limitações comportamentais de qualquer espécie! Seria a anarquia comportamental. O caos social. Com certeza que não estás a advogar que as pessoas tenham “ligações” – ou, até fico sem fala, um *casamento aberto*!

Não advogo, nem deixo de advogar nada. Não sou “pró” nem “contra” coisa nenhuma. A raça humana está sempre a tentar fazer de mim um Deus “pró” ou “contra”, e Eu não sou assim.

Limito-me a observar o que é. Vejo-vos simplesmente criar os vossos próprios sistemas de certo e errado, pró e contra, e tento ver se as vossas ideias vos servem, em face do que dizem escolher e desejar enquanto espécie e enquanto indivíduos.

Vamos agora à questão do “casamento aberto”.

Não sou a favor nem contra o “casamento aberto”. Se és ou não depende do que decides que queres dentro e fora do casamento. E a tua decisão a esse respeito cria Quem Tu És em relação à experiência a que chamas “casamento”. Porque é como Eu te disse: Cada ato é um ato de autodefinição.

Ao tomar qualquer decisão, é importante ter a certeza que se responde à pergunta certa. A questão em relação ao chamado “casamento aberto”, por exemplo, não é, “vamos ter um casamento aberto onde o contato sexual de ambas as partes com pessoas fora do casamento é permitido?” A questão é, “Quem Sou Eu - e Quem Somos Nós - em relação à experiência chamada casamento?”

A resposta a essa pergunta encontra-se na resposta à principal questão da vida: Quem *Sou* Eu – *ponto* – em relação a qualquer coisa, a respeito de qualquer coisa: Quem Sou Eu, e Quem Escolho Ser?

Como tenho dito repetidamente ao longo deste diálogo, a resposta a essa pergunta é a resposta a todas as perguntas.

Meu Deus, isso faz-me sentir frustrado. Porque a resposta a essa questão é tão ampla e tão genérica que não responde a mais questão nenhuma.

Ai, sim? Então qual é a tua resposta a essa questão?

Segundo estes livros – segundo o que Tu pareces estar a dizer neste diálogo – eu sou “amor”. Isso é Quem Realmente Sou.

Excelente! Aprendeste mesmo! Correto. Tu és amor. O amor é tudo o que existe. Portanto tu és amor, Eu sou amor, e nada existe que não seja amor.

E o medo?

O medo é aquilo que não és. O medo é a Prova Falsa que Parece Real^{*}. O medo é o oposto do amor, que criaste na tua realidade para poderes conhecer experiencialmente Aquilo Que És. É isso que é verdade no mundo relativo da vossa existência: Na ausência daquilo que não és, aquilo que és... *não é*.

Sim, sim, já falámos nisso uma data de vezes no nosso diálogo. Mas parece-me que fugiste à minha queixa. Eu disse que a resposta à questão de Quem Nós Somos (que é amor) é tão vasta que a transforma numa não-resposta – não é resposta nenhuma – a quase todas as outras questões. Tu dizes que é a resposta a *todas* as perguntas, e eu digo que não é resposta a *nenhuma* – muito menos a uma tão específica quanto, “O nosso casamento deve ser um casamento aberto?”

Se isso para ti é verdade, é porque não sabes o que é o amor.

Alguém sabe? A raça humana anda a tentar perceber isso desde o princípio dos tempos.

Que não existe.

Que não existe, sim, sim, eu sei. É uma maneira de dizer.

Deixa-Me ver se encontro, utilizando as tuas “maneiras de dizer”, palavras e formas de explicar o que é o amor.

Formidável Isso seria ótimo.

A primeira palavra que ocorre é ilimitado. O que é amor é ilimitado.

^{*} Em inglês, “False Evidence Appearing Real”, cuja sigla seria F.E.A.R., ou *fear* (medo). (N. da T.)

Bem, estamos exatamente onde estávamos quando abordámos o assunto. Estamos a andar em círculos.

Os círculos são bons. Não os repreendas. Continua a circular; continua a circular em volta da questão. Circular está certo. Repetir está certo. Revisitar, reafirmar, está certo.

Às vezes fico impaciente.

Às vezes? Essa tem muita graça.

O QUE O AMOR É

Pronto, pronto, continua lá o que estavas a dizer.

Amor é o que é ilimitado. Não tem princípio nem fim. Nem antes nem depois. O amor sempre foi, sempre é e sempre será.

Portanto o amor também é sempre. É a realidade do sempre.

Agora voltemos a outra palavra que usámos anteriormente – liberdade. Pois se o amor é ilimitado e sempre, então o amor é... livre. O amor é o que é perfeitamente livre.

Na realidade humana, verás que procuras sempre amar e ser amado. Verás que anseias sempre por que esse amor seja ilimitado. E verás que desejas sempre ser livre para o exprimires.

Procurarás a liberdade, a ilimitabilidade e a eternidade em todas as experiências do amor, podes nem sempre consegui-lo, mas é isso que buscarás. Procurá-lo-ás porque é isso que o amor é, e num lugar bem íntimo *sabes* isso, porque és amor, e através da expressão do amor procuras conhecer e experienciar Quem e O Que Tu És.

És a vida a expressar vida, o amor a expressar amor, Deus a expressar Deus.

Todas estas palavras são, portanto, sinónimos. Pensa nelas como a mesma coisa:

Deus

Vida

Amor

Ilimitado

Eterno

Livre

Tudo o que não seja uma destas coisas não é nenhuma destas coisas.

Tu és todas estas coisas, e procurarás *experienciar-te como todas essas coisas* mais tarde ou mais cedo.

Que quer isso dizer, “mais tarde ou mais cedo”?

Depende de quando ultrapassares o medo. Como disse, o medo é a Prova Falsa que Parece Real. É isso que tu não és.

Procurarás experienciar Aquilo Que És quando acabares de experienciar aquilo que não és.

Quem quer experienciar o medo?

Ninguém quer; ensinam-vos. Uma criança não sente medo. Pensa que pode fazer tudo. Uma criança também não experiencia falta de liberdade. Pensa que pode amar quem quer que seja. Nem experiencia falta de vida. As crianças pensam que viverão para sempre – e as pessoas que agem como crianças pensam que nada as pode atingir. Uma criança também não conhece coisas ímpias – até que os adultos lhas ensinem.

E assim, as crianças andam a correr nuas e abraçam toda a gente, sem darem importância nenhuma a isso. Se ao menos os adultos pudessem fazer o mesmo.

As crianças fazem-no com a beleza da inocência. Os adultos não conseguem regressar a essa inocência porque, quando os adultos “ficam nus”, há sempre aquela história do sexo.

Sim. E, claro, Deus não permite que “aquela história do sexo” seja inocente e experienciada livremente.

Na verdade, Deus não o permitiu. Adão e Eva sentiam-se perfeitamente felizes a andarem nus pelo Jardim do Éden, até Eva ter comido o fruto da árvore – o Conhecimento do Bem e do Mal. Foi então que Tu nos condenaste à nossa condição atual, pois somos todos culpados do pecado original.

Eu não fiz nada disso.

Eu sei. Mas tinha que dar uma oportunidade à religião organizada.

Tenta evitá-lo, se puderes.

Sim, devia. As religiões organizadas têm muito pouco sentido de humor.

Lá estás tu outra vez.

Desculpa.

Estava Eu a dizer... que vocês, enquanto espécie, esforçar-se-ão por experienciar um amor que seja ilimitado, eterno e livre. A instituição do casamento foi a vossa tentativa de criar a eternalidade. Nele, concordaram em se tornarem companheiros para toda a vida. Mas isso pouco fez, no sentido de produzir um amor que fosse “ilimitado” e “livre”.

Por que não? Se o casamento é livremente escolhido, não é uma expressão de liberdade? E dizer que não se vai demonstrar o amor

sexualmente com ninguém exceto o cônjuge não é uma limitação, é uma opção. E uma opção não é uma limitação, é o *exercício da liberdade*.

Desde que continue a ser essa a opção, sim.

Tem que ser. A promessa foi essa.

Sim – e é aí que começa o problema.

Ajuda-me lá.

Olha, poderá chegar uma altura em que queiras experienciar um elevado grau de especialidade numa relação. Não porque uma pessoa seja mais especial para ti que qualquer outra, mas porque a maneira como optas por demonstrar com uma pessoa a profundidade do amor que tens por toda a gente – e pela própria vida – se destina unicamente a essa pessoa.

Na verdade, a maneira como agora demonstras amor por cada pessoa que amas é única. Não há duas pessoas a quem demonstres o teu amor exatamente da mesma forma. Porque és uma criatura e um criador de originalidade, tudo o que crias é original. Não é possível que qualquer pensamento, palavra ou obra, seja duplicativo. Não *podes* duplicar, só *podes originar*.

Sabes *por que* é que não há dois flocos de neve iguais? Porque é impossível *serem* iguais. A “criação” não é “duplicação”, e o Criador apenas pode criar.

É por isso que não há dois flocos de neve iguais, não há duas *pessoas* iguais, não há dois pensamentos iguais, não há duas relações iguais, e não há dois de nada iguais.

O Universo – e tudo dentro dele – existe na forma singular, e não há verdadeiramente *nada mais como ele*.

É novamente a Dicotomia Divina. Tudo é singular, e, no entanto, tudo é Um.

Exatamente. Cada dedo da tua mão é diferente, mas é tudo a mesma mão. O ar na tua casa é o ar que está em toda a parte, contudo, o ar de sala para sala *não* é o mesmo, e sente-se marcadamente diferente.

O mesmo acontece com as pessoas. Todas as pessoas são Uma, e no entanto não há duas pessoas iguais. Não poderias, portanto, amar duas pessoas da mesma maneira por muito que tentasses – e nunca o *quererias*, pois, *o amor é uma reação única àquilo que é único*.

Assim, quando demonstras o teu amor por uma pessoa, estás a fazê-lo de uma forma que não podes utilizar com outra. Os teus pensamentos, palavras e atos – as tuas reações – são literalmente impossíveis de duplicar – são únicos... tal como a pessoa por quem nutres esses sentimentos.

Se chegou uma altura em que desejas essa demonstração especial só com uma pessoa, então opta por ela, como tu dizes. Anuncia-a e declara-a. Mas faz da tua declaração um anúncio, em cada momento, da tua *liberdade*, não da tua *obrigação*. Porque o verdadeiro amor é sempre livre, e a obrigação não pode existir no espaço do amor.

Se encaras a decisão de exprimires o teu amor de uma forma particular a apenas uma pessoa em particular como uma promessa sagrada, que jamais deve ser quebrada, pode vir um dia em que sintas essa promessa como uma obrigação – e ressentir-te-ás. Mas, se encarares essa decisão não como uma promessa, feita uma só vez, mas como uma opção livre, feita repetidamente, esse dia de ressentimento nunca chegará.

Lembra-te disto: Existe apenas uma promessa sagrada – que é *dizeres e viveres a tua verdade*. Todas as outras promessas são perdas de liberdade, o que nunca pode ser sagrado. Porque a liberdade é Quem Tu És. Se perdes a liberdade, perdes o teu Eu. E isso não é um sacramento, é uma blasfémia.

CAPÍTULO 13

DIZ E VIVE A TUA VERDADE

Bem! São palavras duras. Estás a dizer que nunca devíamos fazer promessas – que nunca devíamos prometer nada a ninguém?

Da maneira como a maior parte de vocês vive a vida, há uma mentira em cada promessa. A mentira é que agora podem saber como se sentem acerca de determinada coisa, e o que hão-de querer fazer em relação a ela, num amanhã qualquer. Não o podem saber se vivem a vida como seres reativos – como são, na maioria. Só se viverem a vida como seres criativos é que essa promessa poderá não conter uma mentira.

Os seres criativos *podem* saber como se vão sentir em relação a uma coisa em qualquer altura no futuro, porque os seres criativos *criam* os sentimentos, em vez de os experienciarem.

Até seres capaz de *criar* o teu futuro, não consegues *predizer* o futuro. Até seres capaz de *predizer* o teu futuro, não podes prometer nada com verdade a seu respeito.

Contudo, mesmo quem cria e prediz o seu futuro tem a autoridade e o direito de mudar. A mudança é um direito fundamental de todas as criaturas. Na verdade, é mais do que um “direito”, porque um “direito” é aquilo que é dado. A “mudança” é aquilo que É.

A mudança é.

Aquilo que é mudança, tu és.

Isso não te pode ser *dado*. Tu és isso.

Ora, se és a “mudança” – e já que a mudança é a *única coisa constante em ti* – não podes, com verdade, prometer *ser sempre o mesmo*.

Queres dizer que não há constantes no Universo? Estás a dizer que não há nada que permaneça constante em toda a criatividade?

O processo a que chamas vida é um processo de re-criação. Toda a vida se re-cria constantemente a cada momento de agora. Neste processo é impossível a igualdade, pois se uma coisa é igual, não mudou absolutamente nada. Mas, enquanto a igualdade é impossível, a similaridade não o é. A similaridade é o resultado do processo de mudança, produzindo uma versão notavelmente semelhante ao que foi anteriormente.

Quando a criatividade atinge um elevado grau de similaridade, chama-se a isso, igualdade. E, da perspetiva grosseira do vosso ponto de vista limitado, assim é.

Portanto, em termos humanos, parece haver grande constância no Universo. Ou seja, as coisas aparentam ser semelhantes, agir de forma semelhante e reagir de forma semelhante. Aí veem consistência.

Isso é bom, porque fornece um quadro dentro do qual podem considerar, e experienciar, a vossa existência como física.

Mas Eu vos digo. Encarado da perspetiva de toda a vida – aquilo que é físico e aquilo que não é físico – a aparência de constância desaparece. As coisas são experienciadas tal como *realmente são*: mudando constantemente.

Estás a dizer que, por vezes, as mudanças são tão delicadas, tão subtis, que do nosso ponto de vista menos perspicaz *parecem* o mesmo – por vezes exatamente o mesmo – quando, de fato, não são.

Precisamente.

“Gêmeos idênticos” é coisa que não existe.

Exatamente. Percebeste perfeitamente.

No entanto, *podemos* recriar-nos de novo sob uma forma suficientemente semelhante para produzir o *efeito* de constância.

Sim.

E podemos fazer isso nas relações humanas, em termos de Quem Somos, e como nos comportamos.

Sim, apesar de a maior parte de vocês achar isso muito difícil.

Porque a verdadeira constância (ao contrário da aparência de constância) viola a lei natural, como acabámos de aprender, e é preciso um grande mestre para criar sequer a *aparência* de igualdade.

Um mestre ultrapassa todas as tendências naturais (recorde-se que a tendência natural é no sentido da mudança) para se mostrar como identidade. Na verdade, ele não pode aparecer de forma idêntica momento a momento. Mas ela pode surgir como suficientemente *semelhante* para criar a *aparência* de ser igual.

Mas há pessoas que não são “mestres” e que se mostram “iguais” o tempo todo. Conheço pessoas cujos comportamentos e aparência são tão previsíveis que se pode apostar a vida neles.

Mas requer um grande esforço fazê-lo *intencionalmente*.

O mestre é aquele que cria um nível elevado de similaridade (aquilo a que chamas “consistência”) *intencionalmente*. Um aluno é aquele que cria consistência sem necessariamente ter a intenção de o fazer.

Uma pessoa que reage sempre da mesma maneira em determinadas circunstâncias, por exemplo, dirá frequentemente, “Não o pude evitar”. Um mestre *nunca* diria isso.

Mesmo que a reação de uma pessoa produza um comportamento admirável - algo pelo qual recebe elogios - a sua reação será muitas vezes, “Ora, não foi nada. Foi automático, na verdade. Qualquer pessoa o faria.”

Uma mestre também nunca faria isso.

Um mestre é, portanto, uma pessoa que – literalmente - *sabe o que está a fazer*.

Também sabe *porquê*.

As pessoas que não funcionam a níveis de mestria frequentemente não sabem uma coisa nem outra.

É por isso que é tão difícil cumprir promessas?

É uma razão. Conforme disse, até seres capaz de predizer o teu futuro, não podes prometer nada em verdade.

Uma segunda razão pela qual as pessoas têm dificuldade em cumprir promessas é porque entram em conflito com a autenticidade.

Que queres dizer?

Quero dizer que a sua verdade em evolução sobre uma coisa difere daquilo que *disseram* que seria sempre a sua verdade. E assim, sentem-se em profundo conflito. A que obedecer - à minha verdade, ou à minha promessa?

Um conselho?

Já te dei antes este conselho:

A traição de ti próprio para não traíres outrem não deixa de ser uma traição. É a máxima traição.

Mas isso levaria a quebrar promessas por todo o lado! A palavra de alguém sobre *qualquer coisa* não valeria nada. Não se podia contar com ninguém para nada!

Ah, então tens contado que os outros cumpram a sua *palavra*, não tens? Não é de admirar que tenhas sido tão infeliz.

Quem disse que tenho sido infeliz?

Quer dizer que é assim que te apresentas e ages quando és *feliz*?

Está bem. Pronto. Pois tenho sido infeliz. Às vezes.

Uma grande parte do tempo. Mesmo quando tinhas todas as *razões* para te sentires feliz, permitiste-te ser infeliz – preocupando-te se serias capaz de *conservar* a tua felicidade!

E a razão por que *tiveste* de te preocupar com isso é que “conservar a felicidade” dependeu, em grande parte, de outras pessoas manterem a sua palavra.

Queres dizer que não tenho o direito de contar – ou pelo menos, ter esperança – que as outras pessoas mantenham, a sua palavra?

Por que hás-de *querer* esse direito?

A única razão para outra pessoa não cumprir a sua palavra para contigo seria por não querer – ou por sentir que não podia, que é a mesma coisa.

E se uma pessoa não quis cumprir a sua palavra para contigo, ou se por qualquer razão sentiu que não podia, por que carga de água havias de querer que o fizesse?

Queres realmente que alguém mantenha um acordo que não queira manter? Achas realmente que as pessoas devem ser obrigadas a fazer coisas que acham que não podem fazer?

Por que havias de querer forçar alguém a fazer alguma coisa contra a sua vontade?

Olha, experimenta esta razão: porque deixá-los escapar *sem* terem feito o que disseram que fariam me magoaria a mim - ou à minha família.

E então para evitares sofrimento, estás disposto a infligir sofrimento.

Não vejo como pode fazer sofrer alguém pedir-lhe simplesmente que cumpra a sua palavra.

Mas *ele* deve considerá-lo como sofrimento, senão cumpri-la-ia voluntariamente.

Então devo *eu* suportar o sofrimento, ou ver os meus filhos e família serem magoados, para não “fazer sofrer” quem fez a promessa por lhe pedir simplesmente que a cumpra?

Pensas mesmo que, se forçares alguém a cumprir uma promessa, escapas ao sofrimento?

Eu te digo: Mais mal tem sido feito aos outros por pessoas que levavam vidas de desespero silencioso (ou seja, a fazer o que achavam que “tinham” de fazer) do que jamais foi feito por pessoas que fizeram livremente o que queriam fazer.

Quando se dá liberdade a uma pessoa, *retira-se* o perigo, não se aumenta.

Sim, “dispensar” alguém de cumprir uma promessa ou de manter um compromisso para contigo pode *parecer-te* sofrimento a curto prazo, mas nunca te prejudicará a longo prazo, porque quando dás à outra pessoa a sua liberdade, *dás a ti próprio*, liberdade também. E ficas assim livre das agonias e desgostos, dos ataques à tua dignidade e autoestima que se seguem inevitavelmente quando forças outra pessoa a cumprir uma promessa que te foi feita e que ela não quer cumprir.

O prejuízo a longo prazo excederá de longe o prejuízo a curto prazo - como quase toda a gente que tentou fazer com que outra pessoa mantivesse a sua palavra já descobriu.

Essa ideia também se aplica aos negócios? Como é que o mundo pode fazer negócios dessa maneira?

Na verdade, é a única maneira sensata de fazer negócios.

O problema de toda a vossa sociedade neste momento é estar baseada na força. A força legal (a que vocês chamam a “força da lei”) e, demasiadas vezes, a força física (a que vocês chamam as “forças armadas” do mundo).

Ainda não aprenderam a utilizar a arte da persuasão.

Se não for pela força legal - a “força da lei”, através dos tribunais – como persuadiríamos as empresas a cumprirem os termos dos contratos e a manterem os seus acordos?

Dada a vossa atual ética cultural, pode não haver outra maneira. Mas com uma *mudança* da ética cultural, a forma como procuram atualmente impedir que as empresas - e os indivíduos - desrespeitem os seus acordos parecerá muito primitiva.

Podes explicar?

Utilizam agora a força para assegurarem que os acordos são cumpridos. Quando a vossa ética cultural mudar e incluir o entendimento de que são todos Um, nunca utilizarão a força, porque isso só prejudicaria o vosso Eu. Não davam uma palmada na mão esquerda com a direita.

Mesmo que a mão esquerda nos estivesse a estrangular?

Isso é outra coisa que não aconteceria. Deixariam de estrangular o vosso tu. Deixariam de dar tiros no pé. Deixariam de quebrar os vossos acordos. E, evidentemente, os vossos acordos seriam muito diferentes.

Não acordariam dar algo de valor que tivessem a outros apenas se eles tivessem algo de valor a dar-vos em troca. Nunca reteriam algo que tivessem para dar ou partilhar até obterem aquilo a que chamam uma compensação.

Dariam e partilhariam automaticamente, havendo assim muito menos contratos a quebrar, porque um contrato trata da troca de bens e serviços,

enquanto a vossa vida trataria da *doação* de bens e serviços, *independentemente* da troca que pudesse ou não efetuar-se.

Contudo, nesse dar num só sentido encontrariam a vossa salvação, pois descobririam aquilo que Deus experienciou: que o que se dá aos outros, dá-se a si próprio. O que se dá, recebe-se de volta.

Todas as coisas que provêm de nós, regressam a nós.

Multiplicadas por sete. Por isso, não há necessidade de se preocuparem com o que vão “receber em troca”. Apenas precisam de se preocupar com o que vão “dar”. A vida é sobre criar a máxima qualidade no dar, e não a máxima qualidade no receber. Estão sempre a esquecer-se. Mas a vida não é “para receber”. A vida é “para dar” e, para o fazerem, têm de ser tolerantes para com os outros – especialmente para com aqueles que não *vos deram* aquilo que pensavam que *iam* receber!

Essa mudança implicará uma viragem total da vossa história cultural. Hoje, aquilo a que chamam “sucesso” na vossa cultura é medido em larga escala por quanto se “recebe”, pelas honras, dinheiro, poder e bens que acumulam. Na Nova Cultura, o “sucesso” será medido por quanto se leva os *outros* a acumular.

A ironia será que, quanto mais fizerem com que outros acumulem, mais acumularão *vocês*, sem esforço. Sem “contratos”, nem “acordos”, nem “negociações” ou ações, ou tribunais que vos obriguem a dar uns aos outros o que foi “prometido”.

Na economia futura, não farão coisas pelo proveito pessoal, mas pelo desenvolvimento pessoal, que será o vosso proveito. Mas o “proveito” em termos materiais chegar-vos-á à medida que se tornarem uma versão maior e mais grandiosa de Quem Realmente São.

Nesse tempo, a utilização de força para coagir alguém a dar-vos algo, porque “disse” que daria, parecer-vos-á muito primitiva. Se outra pessoa não cumprir um acordo, permitir-lhe-ão simplesmente que trilhe o seu caminho, que faça as suas opções e que crie a sua experiência de si próprio.

E seja o que for que não vos tenha dado, não vos fará falta, pois saberão que há “mais donde aquele veio” – e que não são eles a vossa fonte, vocês é que são.

Bem. Eu *percebi*. Mas parece-me que nos desviámos completamente do objetivo. Esta discussão começou quando Te perguntei sobre o amor – e se os seres humanos alguma vez se permitiriam expressá-lo sem limitações. Isso levou a uma pergunta sobre o casamento aberto. E de repente desviámo-nos do alvo.

Nem por isso. Tudo aquilo de que falámos é pertinente. E isto é uma deixa perfeita para as tuas perguntas sobre as sociedades esclarecidas, ou mais evoluídas. Porque nas sociedades altamente evoluídas não existem nem o “casamento” nem os “negócios” – nem qualquer das construções sociais artificiais que vocês criaram para manter unida a vossa sociedade.

Sim, mas já vamos a isso. Neste momento só quero fechar este assunto. Disseste algumas coisas curiosas. No fundo, tudo se resume, se bem entendi, a que a maior parte dos seres humanos não consegue cumprir promessas e, portanto, não as devia fazer. Isso afunda praticamente a instituição do casamento.

Gosto da forma como usas aqui a palavra “instituição”. A maioria das pessoas sente isso quando está num casamento, que *está* numa “instituição”.

Sim, ou é uma instituição para doenças mentais ou uma instituição penal – ou, no mínimo dos mínimos, uma instituição de aprendizagem superior!

Exatamente. Precisamente. É assim que a maior parte das pessoas o sente.

Bom, eu estava na brincadeira contigo, mas não diria “a maior parte das pessoas”. Ainda há milhões de pessoas que adoram a instituição do casamento e que a querem proteger.

Mantenho a afirmação. A maior parte das pessoas tem muitas dificuldades no casamento e não gosta do que ele lhes faz.

As vossas estatísticas mundiais de divórcio provam-no.

Estás a dizer que o casamento devia desaparecer?

Não tenho nenhuma preferência no assunto, só...

...eu sei, eu sei. Observações.

Bravo! Estás sempre a querer fazer de Mim um Deus de preferências, que Eu não sou. Obrigado por tentares parar com isso.

Bem, não só já afundámos o casamento, como também afundámos a religião!

É verdade que as religiões não poderiam existir se toda a raça humana percebesse que Deus não tem preferências, porque uma religião pretende ser a *afirmação* das preferências de Deus.

E se Tu não *tens* preferências, a religião deve ser uma mentira.

Bem, essa é uma palavra agressiva. Eu chamar-lhe-ia uma ficção. É somente algo que inventaram.

Tal como inventámos a ficção de que Deus prefere que sejamos casados?

Sim. Eu não prefiro nada que se pareça. Mas reparo que vocês preferem.

TENTATIVA DE ETERNALIZAR O AMOR

Porquê? Por que preferimos o casamento se sabemos que é tão difícil?

Porque o casamento foi a única maneira que conseguiram imaginar para trazer o “para sempre”, ou a eternalidade, à vossa experiência do amor.

Era a única forma de o sexo feminino garantir o seu sustento e sobrevivência, e a única forma de o sexo masculino garantir a disponibilidade constante de sexo e companhia.

Por isso foi criada uma convenção social. Fez-se um acordo comercial. Tu dás-me isto e eu dou-te aquilo. Foi feito um contrato. E como ambas as partes precisavam de fazer cumprir o contrato, chamou-se-lhe um “pacto sagrado” com Deus – que castigaria quem o violasse.

Mais tarde, quando isso não resultou, criaram leis feitas pelo homem para o fazer cumprir. Mas mesmo isso não resultou.

Nem as chamadas leis de Deus nem as leis do homem conseguiram impedir as pessoas de quebrarem os votos matrimoniais.

Como assim?

Porque esses votos, tal como normalmente entendidos, vão contra a única lei que importa.

Que é?

A lei natural.

Mas é da natureza das coisas que a vida exprima união, Unidade. Não é isso que estou a retirar de tudo isto? E o casamento é a mais bela expressão disso. Tu sabes, “O que Deus uniu, nenhum homem poderá separar”, e tudo isso.

O casamento, da maneira como a maior parte de vocês o pratica, não é particularmente belo. Porque viola dois dos três aspetos do que é verdadeiro sobre cada ser humano por natureza.

Importas-te de repetir tudo? Parece-me que estou a começar a encaixar tudo isto.

Está bem. Mais uma vez desde o princípio.

Quem Tu És é amor.

O que o amor é, é ilimitado, eterno e livre.

Portanto, é isso que *tu* és. É essa a natureza de Quem Tu És. És ilimitado, eterno e livre, por natureza.

Qualquer construção artificial social, moral, religiosa, filosófica, económica ou política que viole ou subordine a tua natureza é uma imposição sobre o teu próprio Eu – e revoltar-te-ás contra ela.

O que pensas que deu origem ao teu país? Não foi “Dai-me a liberdade ou a morte”?

Mas vocês desistiram dessa liberdade no vosso país e desistiram dela nas vossas vidas. E tudo pela mesma razão. Segurança.

Têm tanto medo de viver - tanto medo da *própria vida* – que prescindiram da *própria natureza do vosso ser* em troca de segurança.

A instituição a que chamam casamento é a vossa tentativa de criar segurança, tal como é a instituição chamada governo. Na verdade, são ambas formas da mesma coisa – construções sociais artificiais concebidas para *reger o comportamento uns dos outros*.

Meu Deus, nunca tinha pensado nisso dessa maneira. Sempre pensei que o casamento fosse a máxima declaração de amor.

Como o imaginaram, sim, mas não como o conceberam. Como o conceberam, é a máxima declaração de medo.

Se o casamento vos permitisse serem ilimitados, eternos e livres no amor, *então* seria a máxima declaração de amor.

Tal como as coisas estão, casam-se na tentativa de reduzir o vosso amor ao nível de *promessa* ou *garantia*.

O casamento é um esforço para garantir que “o que é assim” agora, será *sempre assim*. Se não precisassem dessa garantia, não precisariam do

casamento. E como utilizam essa garantia? Primeiro, como forma de criarem segurança (em vez de criarem segurança a partir do que está dentro de vós), e segundo, se essa segurança não estiver disponível para sempre, como meio de se castigarem um ao outro, pois a promessa matrimonial quebrada pode então servir de base à ação que foi movida.

Assim, acham que o casamento é muito útil – mesmo que seja pelas razões erradas.

O casamento também é a vossa tentativa de garantirem que nunca terão por outros os sentimentos que nutrem um pelo outro. Ou, pelo menos, que nunca os *expressarão* a outros da mesma forma.

Nomeadamente, sexualmente.

Nomeadamente, sexualmente.

Finalmente, o casamento tal como o construíram, é uma forma de dizer: “Esta relação é especial. Considero esta relação acima de todas as outras.”

Que há de errado nisso?

Nada. Não é uma questão de “certo” ou “errado”. O certo e o errado não existem. É uma questão daquilo que vos serve. Do que vos recria na imagem mais grandiosa seguinte de Quem Realmente São.

Se Quem Realmente São é um ser que diz “Esta relação – esta única relação, aqui mesmo – é mais especial do que qualquer outra”, a vossa interpretação do casamento permite-vos fazer isso perfeitamente. Mas podem achar interessante notar que quase ninguém que é, ou foi, reconhecido como mestre espiritual é casado.

Sim, porque os mestres são celibatários. Não fazem sexo.

Não. É porque os mestres não podem, em verdade, fazer a afirmação que a vossa construção atual do casamento procura fazer: que uma pessoa é mais especial para eles do que outra.

Não é uma afirmação que um mestre faça, e *não é uma afirmação que Deus faça*.

O facto é que os vossos votos matrimoniais, tal como construídos presentemente, vos obrigam a fazer uma afirmação deveras ímpia. É o cúmulo da ironia que sintam ser esta a promessa mais sagrada, porque é uma promessa que Deus nunca faria.

Não conseguem suportar a ideia de um Deus que não ama ninguém de uma forma mais especial que a qualquer outra pessoa, e portanto criam ficções sobre um Deus que só ama certas pessoas por determinadas razões. E chamam a essas ficções Religiões. Eu chamo-lhes blasfémias. Porque qualquer ideia de que Deus ama um mais que outro é falsa - e qualquer ritual que vos pede para fazerem *a mesma afirmação* não é um sacramento, mas um sacrilégio.

Oh, meu Deus, pára com isso. *Pára com isso!* Estás a dar cabo de todos os bons pensamentos que alguma vez tive acerca do casamento! Não pode ser Deus a escrever isto. Deus nunca diria essas coisas sobre a religião e o casamento!

A religião e o casamento *da forma que vocês os construíram*, é disso que estamos a falar. Achas que esta conversa é difícil? Eu te digo: Vocês deturparam a Palavra de Deus para justificarem os vossos medos e racionalizarem o vosso tratamento louco uns dos outros.

Farão com que Deus diga seja o que for que precisarem que Deus diga, para continuarem a limitar-se uns aos outros, a ferir-se uns aos outros, e a *matar-se uns aos outros* em Meu nome.

Sim, invocaram o Meu nome, agitaram a Minha bandeira e transportaram cruzeiros nos vossos campos de batalha durante séculos, como prova de que Eu amo um povo mais do que outro, e *vos pediria para matar para o provarem*.

Contudo, Eu vos digo: o Meu amor é ilimitado e incondicional.

É essa a coisa que não conseguem ouvir, a verdade que não seguem, a afirmação que não são capazes de aceitar porque a sua abrangência destrói não só a instituição do casamento (tal como a construíram), mas também todas as vossas religiões e instituições governamentais.

Porque criaram uma cultura baseada na exclusão, e sustentaram-na com um mito cultural de um Deus que exclui.

No entanto, a cultura de Deus baseia-se na inclusão. No amor de Deus, todos são incluídos. Para o Reino de Deus, *todos* são convidados.

E é a esta verdade que vocês chamam blasfêmia.

E *têm* de chamar. Porque se for verdade, então tudo o que vocês criaram na vossa vida é falso. Todas as convenções e interpretações humanas são imperfeitas, na medida em que não são ilimitadas, eternas e livres.

Como pode alguma coisa ser “imperfeita” se não existe nem “certo” nem “errado”?

Uma coisa só é imperfeita na medida em que não funciona para servir o seu objetivo. Se uma porta não abre nem fecha, não dizem que a porta está “errada”. Dizem apenas que a sua instalação ou funcionamento são imperfeitos – porque não serve o seu objetivo.

O que quer que construam na vossa vida, na sociedade humana, que não sirva o vosso objetivo ao tornarem-se humanos, é imperfeito. É uma construção imperfeita.

E - só para rever – o meu objetivo ao tornar-me humano é?

Decidir e declarar, criar e expressar, experienciar e realizar Quem Realmente És.

Recriares-te de novo a cada momento na versão grandiosa da visão mais sublime que já tiveste sobre Quem Realmente És.

É esse o teu propósito ao tornares-te humano, e é esse o propósito de toda a vida.

Então - em que ficamos? Destruímos a religião, reprovámos o casamento, denunciámos os governos. Onde estamos, então?

Em primeiro lugar, não destruímos, nem reprovámos, nem denunciámos nada. Se uma construção vossa não funciona nem produz aquilo que queriam que produzisse, *descrever* essa condição não é destruir, nem reprovar, nem denunciar a construção.

Tenta lembrar-te da diferença entre juízo e observação.

Não vou aqui discutir contigo, mas muito do que aqui foi dito *soou-me* a juízo.

Estamos restringidos pela terrível limitação das palavras. Há tão poucas, realmente, que temos que utilizar as mesmas constantemente, mesmo quando não exprimem o mesmo significado ou o mesmo tipo de pensamentos.

Vocês dizem que “adoram” gelado de banana, mas na verdade não querem dizer a mesma coisa que quando dizem que se adoram uns aos outros. Portanto, como veem, têm muito poucas palavras para descrever o que sentem.

Ao comunicar convosco desta forma – através das palavras – permiti-Me experienciar essas limitações. E admito que, por alguma desta linguagem ser utilizada por *vocês* quando *estão a fazer juízos*, seria fácil concluir que *Eu estou* a fazer juízos quando a utilizo.

Permitam-Me assegurar-vos que não. Ao longo de todo este diálogo, apenas tenho tentado dizer-vos como chegar onde querem ir e descrever com o maior impacto possível o que vos obstrói o caminho; o que vos impede de lá ir.

Ora, em relação à *religião*, dizem que querem chegar a um ponto em que possam verdadeiramente conhecer e amar a Deus. Eu estou simplesmente a observar que as vossas religiões não vos levam lá.

As vossas religiões fizeram de Deus o Grande Mistério, e fizeram não com que amassem Deus, mas que temessem Deus.

A religião também pouco tem feito no sentido de mudar os vossos comportamentos. Continuam a matar-se uns aos outros, a condenar-se uns aos outros e a tornarem-se “errados” uns aos outros. E, de facto, são as vossas religiões que vos encorajam a fazê-lo.

Portanto, no que respeita à religião, limito-me a observar que vocês dizem que querem que ela vos leve a um lugar, e está a levar-vos para outro.

Dizem que querem que o casamento vos leve para a terra da eterna bem-aventurança, ou pelo menos a um nível razoável de paz, segurança e felicidade. Tal como na religião, a vossa invenção chamada casamento funciona bem na parte inicial, quando se experimenta pela primeira vez. Contudo, tal como na religião, quanto mais tempo residem na experiência, mais vos leva onde não querem ir.

Quase metade das pessoas que se casam dissolvem o casamento através do divórcio e, das que continuam casadas, muitas são desesperadamente infelizes.

As vossas “uniões de bem-aventurança” levam-vos à amargura, à ira e ao arrependimento. Algumas – e não são poucas - levam-vos a uma situação de tragédia total.

Dizem que querem que os vossos governos assegurem a paz, a liberdade e a tranquilidade doméstica, e Eu observo que, da maneira como os conceberam, não fazem nada disso. Pelo contrário, os governos levam-vos à guerra, a uma falta de liberdade cada vez maior, à violência e sublevação domésticas.

Não conseguiram resolver os problemas básicos da alimentação, saúde e sobrevivência das pessoas, quanto mais enfrentar o desafio de lhes conceder a igualdade de oportunidade.

Centenas de vós morrem todos os dias de fome num planeta onde milhares deitam fora todos os dias alimentos suficientes para sustentar nações.

Não conseguem dar conta da tarefa mais simples que é levar as sobras dos “que têm” aos “que não têm” – quanto mais resolver se querem sequer partilhar os vossos recursos mais equitativamente.

Ora, *isto não são juízos*. São coisas *visivelmente* verdadeiras na vossa sociedade.

Porquê? Por que é assim? Por que fizemos tão poucos progressos na condução das nossas próprias questões durante tantos anos?

Anos? Diz antes *séculos*.

Pronto, séculos.

Tem a ver com o Primeiro Mito Cultural Humano, e com todos os mitos que necessariamente se seguem. Até que eles mudem, nada mais mudará. Porque os vossos mitos culturais são a base da vossa ética, e a vossa ética cria os vossos comportamentos. No entanto, o problema é que o vosso mito cultural está em desacordo com o vosso instinto primário.

O PRIMEIRO MITO CULTURAL

Que queres Tu dizer?

O vosso Primeiro Mito Cultural Humano é que os seres humanos são inerentemente maus. É esse o mito do pecado original. O mito sustenta que não só a vossa natureza básica é má, como nasceram assim.

O Segundo Mito Cultural, que emerge necessariamente do primeiro, é que são os “mais aptos” que sobrevivem.

Este segundo mito sustenta que alguns são fortes e outros são fracos e que, para sobreviverem, têm que ser dos fortes. Fazem tudo o que puderem para auxiliar os outros mas, quando se trata da vossa própria sobrevivência, primeiro tratam de vós próprios. Até deixam os outros morrerem. Na verdade, vão ainda mais longe. Se pensarem que têm de o fazer para assegurarem a vossa sobrevivência e a dos vossos, chegam a matar os outros - presumivelmente, os “fracos” -, definindo-se assim como os “mais aptos”.

Alguns dizem que é o vosso *instinto primário*. Chama-se o “instinto de sobrevivência”, e foi este mito cultural que formou muita da vossa ética social, criando muitos dos vossos comportamentos de grupo.

No entanto, o vosso “instinto primário” não é a sobrevivência, mas sim a imparcialidade, a unidade e o amor. É esse o instinto primário de todos os seres sensíveis em toda a parte. É a vossa memória celular. É a vossa *natureza inerente*. Assim se esvazia o vosso primeiro mito cultural. *Não* são basicamente maus, *não* nasceram no “pecado original”.

Se o vosso “instinto primário” fosse a “sobrevivência”, e se a vossa natureza básica fosse “má”, nunca se moveriam *instintivamente* para impedir uma criança de cair, um homem de se afogar ou alguém de alguma coisa. E no entanto, quando atuam por instinto e mostram a vossa natureza primária *sem pensarem* no que estão a fazer, é exatamente assim que se comportam, *mesmo com perigo de vida*.

Assim, o vosso instinto “primário” não pode ser a “sobrevivência”, e a vossa natureza básica não é claramente “má”. O vosso instinto e a vossa natureza é refletir a essência de Quem São, que é imparcialidade, unidade e amor.

Olhando para as implicações sociais disto, é importante perceber a diferença entre “imparcialidade” e “igualdade”. Não é um instinto primário

de todos os seres sensíveis *procurar a igualdade*, ou *ser igual*. De facto, exatamente o oposto é que é verdadeiro.

O instinto primário de todas as coisas vivas é exprimir singularidade, não uniformidade. Criar uma sociedade em que dois seres sejam verdadeiramente iguais, não só é impossível, como indesejável. Os mecanismos sociais que procuram produzir a verdadeira igualdade - por outras palavras, a “uniformidade” económica, política e social - funcionam contra, e não a favor, da ideia mais grandiosa e do propósito mais sublime - que é o de cada ser ter a oportunidade de produzir o desfecho do seu desejo mais grandioso, e assim recriar-se verdadeiramente de novo.

A igualdade de *oportunidade* é o que é necessário para isso, não a igualdade *de facto*. Isto chama-se *imparcialidade*. A igualdade *de facto*, produzida por forças e leis exteriores, *eliminará*, em vez de *produzir*, a imparcialidade. Eliminará a oportunidade de verdadeira autorrecriação, que é o objetivo supremo dos seres esclarecidos em toda a parte.

E o que *criaria* liberdade de oportunidades? Sistemas que permitissem à sociedade fazer face às necessidades básicas de sobrevivência de cada indivíduo, deixando todos os seres livres para perseguirem o seu autodesenvolvimento e a sua autocriação, em vez da autossobrevivência. Por outras palavras, sistemas que imitassem o verdadeiro sistema, chamado vida, em que a *sobrevivência está garantida*.

Não sendo a autossobrevivência uma preocupação nas sociedades *esclarecidas*, essas sociedades nunca deixariam que um seu membro sofresse se houvesse o suficiente para todos. Nessas sociedades, o interesse pessoal e os interesses mútuos são idênticos. Nenhuma sociedade criada à volta de um mito de “maldade inerente” ou “sobrevivência dos mais aptos” pode atingir esse entendimento.

Sim, compreendo isso. E essa questão do “mito cultural” é algo que quero explorar mais adiante, juntamente com os comportamentos e a ética das civilizações mais avançadas, com mais pormenor. Mas gostava de voltar atrás pela última vez e resolver as questões com que comecei.

Um dos desafios de falar contigo é as Tuas respostas nos conduzirem em direções tão interessantes que, por vezes, esqueço-me de como comecei. Mas neste caso não esqueci. Estávamos a discutir o casamento. Estávamos a discutir o amor e as suas exigências.

O amor não *tem* exigências.

É isso que faz dele amor.

Se o teu amor por outrem contém exigências, não é amor, mas uma versão falsificada.

É isso que vos tenho tentado dizer aqui. É o que tenho estado a dizer, numa dúzia de maneiras diferentes, em todas as perguntas que aqui fizeste.

No contexto do casamento, por exemplo, há uma troca de votos que o amor não exige. Mas vocês exigem-nos, porque não sabem o que é o amor. E por isso obrigam-se um ao outro a prometer o que *o amor nunca pediria*.

Então és contra o casamento!

Eu não sou “contra” nada. Estou simplesmente a descrever o que vejo.

Vocês podem *mudar* o que Eu vejo. Podem redesenhar a vossa construção social chamada “casamento”, de forma a que *não* peça o que o Amor nunca pediria e, em vez disso, declare *o que só o amor pode declarar*.

Por outras palavras, mudar os votos matrimoniais.

Mais do que isso. Mudar as *expetativas* em que os votos se baseiam. Essas expetativas vão ser difíceis de mudar, porque são a vossa herança cultural. Resultam, por sua vez, dos vossos mitos culturais.

Lá vamos nós outra vez à rotina dos mitos culturais: que se passa Contigo a este respeito?

Tenho a esperança de vos orientar na direção correta. Vejo para onde dizem que querem ir com a vossa sociedade e espero encontrar palavras e termos humanos que vos possam orientar até lá.

Posso dar um exemplo?

Se fazes favor.

Um dos vossos mitos culturais sobre o amor é que se trata mais de dar do que de receber. Isto tornou-se um imperativo cultural. E está a enlouquecer-vos e a causar mais estragos do que podem imaginar.

Leva as pessoas a maus casamentos, e a mantê-los, torna disfuncionais relações de todos os tipos, mas ninguém – nem os vossos pais, junto de quem procuram orientação; nem o vosso clero, junto de quem procuram inspiração; nem os vossos psicólogos e psiquiatras, junto de quem procuram clareza; nem sequer os vossos escritores e artistas, junto de quem procuram a liderança intelectual - se atreve a desafiar o mito cultural prevalecente.

E assim se escrevem canções, contam histórias, fazem filmes, dão conselhos, oferecem preces e se educam filhos de formas que perpetuam O Mito. Depois espera-se *que vivam à altura dele*.

E não conseguem.

Mas não são vocês que são o problema, é O Mito.

O amor *não* tem mais a ver com dar do que com receber?

Não.

Não?

Não, nunca teve.

Mas Tu próprio disseste há pouco que “O amor não tem exigências”. Disseste, *é isso que faz dele amor*.

E assim é.

Olha, para mim isso soa ao mesmo que “tem mais a ver com dar do que com receber”!

Então precisas de reler o Capítulo 8 do *Livro1*. Tudo a que aludo aqui foi aí explicado. Este diálogo destinava-se a ser lido em sequência e a ser considerado na globalidade.

Eu sei. Mas, para aqueles que mesmo assim chegaram a estas palavras sem terem lido o *Livro1*, podias explicar, por favor, onde queres chegar? Porque, francamente, até a mim me dá jeito a revisão, e eu acho que agora *compreendo* esta matéria!

Está bem, então vamos a isso.

Tudo o que fazes, fazes por ti próprio.

Isto é verdade porque tu e todos os outros são Um.

O que fazes por outro, fazes, portanto, por ti. O que não fazes por outro, deixas de fazer por ti. O que é bom para outro é bom para ti e o que é mau para outro é mau para ti.

Esta é a verdade mais básica. No entanto é a verdade que mais frequentemente ignoras.

Quando estás numa relação com outrem, essa relação tem apenas um propósito. Existe como um veículo para decidires e declarares, criares e exprimires, experienciares e realizares a tua noção suprema de Quem Realmente És.

Se Quem Realmente És é uma pessoa bondosa e respeitadora, afetuosa e generosa, compassiva e amorosa, então, ao seres tudo isso para os outros, estás a dar ao teu *Eu* a experiência mais grandiosa, a razão pela qual chegaste até ao corpo.

Foi por isso que tomaste um corpo. Porque é apenas no espaço físico do relativo que te podes conhecer como estas coisas. No espaço absoluto de onde vieste, esta experiência do conhecimento é impossível.

Expliquei-te todas estas coisas em maior detalhe no *Livro1*.

Agora, se Quem Realmente És é um ser que não ama o Eu, e que permite que o Eu seja abusado, ferido e destruído por outros, então permanecerás em comportamentos que te permitem experienciar isso.

No entanto, se tu realmente és uma pessoa bondosa e respeitadora, afetuosa e generosa, compassiva e amorosa, incluir-te-ás *a ti próprio* entre as pessoas com quem estás a *ser* todas essas coisas.

De facto, *começarás* por ti próprio. *Pôr-te-ás em primeiro lugar* nestas questões.

Tudo na vida depende do que procuras ser. Se, por exemplo, procuras ser Um com todos os outros (ou seja, se procuras *experienciar* uma conceptualização que já sabes que é verdadeira), darás por ti a comportar-te duma forma muito específica - uma forma que te permite experienciar e demonstrar a tua Unidade. E quando fazes determinadas coisas em consequência disso, não experienciarás que estás a fazer algo *por outra pessoa*, mas antes que o fazes *por ti próprio*.

O mesmo se aplicará independentemente do que procuras ser. Se procuras ser amor, farás coisas do amor com outros. Não *pelos* outros, mas *com* os outros.

Nota a diferença. Repara na *nuance*. Farás coisas do amor *com* outros, *por ti próprio* – para que possas atualizar e experienciar a tua ideia mais grandiosa sobre o teu Eu e sobre Quem Realmente És.

Neste sentido, é impossível fazer *alguma* coisa por outrem, porque cada ato da tua própria vontade é literalmente *apenas* isso: uma “atuação”.

Estás a *atuar*. Ou seja, a criar e a desempenhar um papel. Exceto que não estás a *fingir*. Estás mesmo a *ser*.

Tu és um ser humano. E o que estás a ser é decidido e escolhido por ti.

O vosso Shakespeare o disse: O mundo é um palco, e as pessoas, os atores.

Também disse, “Ser ou não ser, eis a questão.”

E disse ainda: “Sê verdadeiro contigo próprio, e seguir-se-á, como a noite o dia, que não poderás ser falso para com nenhum homem.”

Quando és verdadeiro para com o teu próprio Eu, quando não *traís o teu Eu*, então, quando “parece” que estás a “dar”, sabes que estás de facto a “receber”. Estás literalmente a devolver-te a ti próprio.

Não podes “dar” verdadeiramente a outro, pela simples razão de que não existe “outro”. Se somos todos Um, só existes Tu.

Isto às vezes parece um “truque” semântico, uma forma de dar a volta às palavras para lhes alterar o sentido.

Não é um truque, mas é *magia*! E não se trata de mudar as palavras para alterar o sentido, mas de mudar perceções para alterar a experiência.

A vossa experiência de tudo baseia-se nas vossas perceções, e a vossa perceção baseia-se no vosso entendimento. E o vosso entendimento baseia-se nos vossos mitos. Ou seja, *naquilo que vos foi dito*.

Ora digo-vos o seguinte: Os vossos mitos culturais atuais não vos serviram. Não vos levaram onde vocês dizem querer chegar.

Ou estão a mentir a vós próprios sobre onde dizem que querem ir, ou estão cegos para o facto de que não estão a chegar lá. Nem como indivíduos, nem como país, nem como espécie ou raça.

Há outras espécies que estejam?

Ah, sim, decididamente.

Pronto, já esperei o suficiente. Fala-me delas.

Em breve. Muito em breve. Mas primeiro quero falar-te de como podem alterar a vossa invenção chamada “casamento”, para que vos leve até mais perto de onde dizem querer chegar.

Não a destruam, não se desfaçam dela - *alterem-na*.

Sim, está bem, eu quero saber isso. Quero saber se há alguma maneira de *alguma* vez ser permitido aos seres humanos exprimirem o verdadeiro amor. Assim, termino esta secção do nosso diálogo onde a comecei. Que limites vamos – na verdade, alguns diriam, *devemos* – impor a essa expressão?

Nenhuns. Limites nenhuns. E é isso que os vossos votos matrimoniais deviam declarar.

Isso é espantoso, porque é exatamente o que os meus votos matrimoniais com a Nancy *declaravam*!

Eu sei.

Quando a Nancy e eu decidimos casar, senti-me repentinamente inspirado a escrever um conjunto completamente novo de votos matrimoniais.

Eu sei.

E a Nancy juntou-se a mim. Concordou que não podíamos de forma nenhuma trocar os votos que se tinham tornado “tradicionais” nos casamentos.

Eu sei.

Sentámo-nos e criámos novos votos matrimoniais que, bem, que “desafiavam o imperativo cultural”, como Tu dirias.

Criaram sim. Fiquei muito orgulhoso.

E enquanto os escrevíamos, enquanto os passávamos ao papel para que o sacerdote os lesse, estou verdadeiramente convencido de que ambos fomos inspirados.

Claro que foram!

Queres dizer...?

O que é que pensas, que só venho ter contigo quando estás a escrever livros?

DECLARAÇÕES MATRIMONIAIS

Uau.

Sim, uau.

Então por que não pões aqui esses votos matrimoniais?

Hã?

Anda lá. Tens uma cópia. Põe-nos aqui.

Bem, não os criámos para partilhar com o mundo.

Quando este diálogo começou, não pensavas que *qualquer* parte dele seria partilhada com o mundo.

Anda lá. Põe-nos aqui.

É só porque não quero que as pessoas pensem que estou a dizer, “Escrevemos os Votos Matrimoniais perfeitos!”

De repente preocupas-te com o que as pessoas vão pensar?

Deixa-te disso. Sabes o que quero dizer.

Olha, ninguém diz que estes são os “Votos Matrimoniais Perfeitos”.

Está bem, pronto.

São apenas os melhores que alguém produziu até agora no vosso planeta.

Ei!

Estou a brincar. Vamos aliviar isto.

Anda lá. Incluí os votos. Eu assumo a responsabilidade. E as pessoas vão adorá-los. Dar-lhes-á uma ideia do que estamos a falar. Até podes querer convidar outros a fazer estes votos – que não são realmente “votos”, mas Declarações Matrimoniais.

Pronto, está bem. Eis o que Nancy e eu dissemos um ao outro quando nos casámos... graças à “inspiração” que recebemos:

Pastor:

Neale e Nancy não vieram aqui esta noite para fazerem uma promessa solene nem para trocarem votos sagrados.

Nancy e Neale vieram aqui tornar *público* o seu amor um pelo outro; dar conhecimento da sua verdade; declarar a sua opção de viver, acompanhar e evoluir juntos – em voz alta e na vossa presença, devido ao seu desejo de que todos nós nos sintamos uma parte muito real e íntima da sua decisão, tornando-a assim ainda mais poderosa. Também vieram aqui esta noite com a esperança de que o seu ritual de união contribua para nos unir mais a *todos*. Se estais aqui esta noite com um cônjuge ou companheiro, que esta cerimónia seja uma lembrança – uma rededicação do vosso próprio elo de amor.

Começaremos por perguntar: Porquê casar? Neale e Nancy responderam a esta pergunta a si próprios e disseram-me qual a resposta. Quero agora perguntar-lhes mais uma vez, para que estejam seguros da resposta, certos do seu entendimento, e firmes no seu compromisso com a verdade que partilham.

(O pastor recolhe duas roses vermelhas da mesa...)

Esta é a Cerimônia das Rosas, em que Nancy e Neale partilham os seus entendimentos e comemoram essa partilha.

Agora, Nancy e Neale, disseram-me que é vosso firme entendimento que não celebram este casamento por razões de segurança...

...que a única segurança real não está em ter ou possuir, nem em ser propriedade ou possuído...

...que não está em exigir ou contar, nem mesmo em ter esperança, que aquilo que pensam que precisam na vida seja fornecido pelo outro...

...mas sim que, sabendo que tudo o que precisam na vida

...todo o amor, toda a sabedoria, todo o discernimento, todo o poder, todo o conhecimento, toda a compreensão, toda a proteção, toda a compaixão e toda a força... reside *dentro de vós*...

...e que não casam um com o outro na esperança de obter essas coisas, mas na esperança de *dar* essas dádivas, para que o outro as possa ter ainda em maior abundância.

É este o vosso firme entendimento esta noite?

(Eles dizem, “É.”)

E Neale e Nancy, disseram-me que é vosso firme entendimento que não entram neste casamento como meio de limitar, controlar, impedir ou restringir o outro de qualquer expressão verdadeira e celebração honesta do que é superior e melhor dentro de vós – incluindo o vosso amor de Deus, o amor pela vida, o amor pelas pessoas, o amor pela criatividade, o amor pelo trabalho ou *qualquer* aspeto do vosso ser que genuinamente vos representa e vos dá felicidade. Continua a ser esse o vosso firme entendimento esta noite?

(Eles dizem, “É.”)

Finalmente, Nancy e Neale, disseram-me que não veem o casamento como produzindo obrigações, mas sim fornecendo *oportunidades...*

...oportunidades de desenvolvimento, de completa expressão pessoal, de levarem as vossas vidas ao seu potencial máximo, de curarem todos os falsos pensamentos ou ideias menores que alguma vez tiveram acerca de vós próprios, e de reunião final com Deus através da comunhão das vossas almas...

...que esta é verdadeiramente uma Sagrada Comunhão... uma jornada ao longo da vida com quem amam como igual, partilhando igualmente tanto a autoridade como as responsabilidades inerentes a qualquer sociedade, suportando igualmente os fardos que venham a surgir, exultando igualmente nas glórias.

É essa a visão em que querem iniciar-se agora?

(Eles dizem, “É.”)

Dou-vos estas rosas vermelhas, simbolizando os vossos entendimentos individuais destas coisas terrenas; que ambos sabem e concordam como a vida será enquanto tiverem forma corporal, e dentro da estrutura física chamada casamento. Deem agora estas rosas um ao outro como símbolo da vossa *partilha* destes acordos e entendimentos com amor.

Agora, por favor, cada um tome esta rosa branca. É um símbolo dos vossos entendimentos mais latos, da vossa natureza e verdade espirituais. Representa a pureza do vosso Eu Real e Superior, e a pureza do amor de Deus, que brilha sobre vós, agora e sempre.

(Dá a Nancy a rosa com a aliança de Neale no caule, e a Neale a rosa com a aliança de Nancy.)

Que símbolos trazem como lembrança das promessas dadas e recebidas hoje?

(Cada um deles retira a aliança do respetivo caule, entregando-as ao pastor, que as segura na mão enquanto diz...)

O círculo é o símbolo do Sol, da Terra e do Universo. É o símbolo da santidade, da perfeição e da paz. É também o símbolo da eternidade da verdade espiritual, do amor e da vida... do que não tem princípio nem fim. E, neste momento., Neale e Nancy optam por que seja também um símbolo de unidade, mas não de posse; de união, mas não de restrição; de envolvimento, mas não de prisão. Pois o amor não pode ser possuído, nem pode ser restringido. E a alma nunca pode estar presa.

Agora, Neale e Nancy, tomem estas alianças que desejam dar um ao outro.

(Pegam na aliança um do outro.)

Neale, repete comigo.

Eu, Neale... peço-te, Nancy... para seres a minha companheira, a minha amante, a minha amiga e a minha mulher... anuncio e declaro a minha intenção de te dar a minha mais profunda amizade e amor... não só nos teus bons momentos... mas também nos maus... não só quando recordas claramente Quem Tu És... mas também quando te esqueces... não só quando ages com amor... mas também quando não ages... e anuncio ainda... perante Deus e os aqui presentes ... que procurarei sempre ver a Luz da Divindade dentro de ti... e procurarei sempre partilhar... a Luz da Divindade dentro de mim... mesmo, e *especialmente* ... nos momentos sombrios que possam advir.

É minha intenção ficar contigo para sempre... numa Sagrada Parceria de Alma... para que possamos fazer juntos o trabalho de Deus... partilhando tudo o que há de bom em nós... com todos aqueles cujas vidas tocamos.

(O pastor volta-se para Nancy.)

Nancy, é de tua escolha aceder ao pedido de Neale de seres sua mulher?

(Ela responde, "Sim.")

Agora, Nancy, repete depois de mim.

Eu, Nancy... peço-te, Neale... (faz o mesmo voto.)

(O pastor volta-se para Neale.)

Neale, é de tua escolha aceder ao pedido de Nancy de seres seu marido?

(Ele responde, “Sim.”)

Então, tomem as alianças que querem dar um ao outro e repitam depois de mim: Com esta aliança... te desposo... tomo a aliança que me dás... (*trocam alianças*)... e coloco-a na minha mão... (*colocam as alianças nas respectivas mãos*)... para que todos vejam e saibam ... do meu amor por ti.

(O pastor fecha...)

Reconhecemos em plena consciência que só um casal pode ministrar o sacramento do matrimónio um ao outro, e só um casal o pode santificar. Nem a minha igreja, nem o poder em mim investido pelo Estado, me pode dar autoridade para declarar o que só dois corações podem declarar, e o que só duas almas podem tornar real.

E assim, uma vez que tu, Nancy, e tu, Neale, anunciaram as verdades que já se encontram escritas nos vossos corações, e delas deram testemunho na presença destes vossos amigos, e do Único Espírito Vivo – observamos com alegria que *vocês* declararam ser... marido e mulher.

Oremos agora em conjunto.

Espírito do Amor e da Vida: em todo este mundo, duas almas encontraram-se. Os seus destinos ficarão entrelaçados num só padrão, e os seus perigos e alegrias não serão distintos.

Neale e Nancy, que o vosso lar seja um lugar de felicidade para todos os que nele entrarem; um lugar onde velhos e jovens se renovam na companhia uns dos outros, um lugar de crescimento e um lugar de partilha, um lugar de música e um lugar de riso, um lugar de oração e um lugar de amor.

Que os mais próximos de vós sejam constantemente enriquecidos pela beleza e abundância do vosso amor um pelo outro, que o vosso trabalho seja uma alegria na vossa vida e que sirva o mundo, e que os vossos dias na Terra sejam longos e bons.

Amen, e amen.

Comove-me tanto. Sinto-me tão honrado e abençoado por Ter encontrado alguém na vida que pode dizer comigo essas palavras, com significado. Meu Deus, obrigado por me teres enviado a Nancy.

Também és uma dádiva para ela, sabes?

Espero que sim.

Confia em Mim.

Sabes o que eu gostava?

Não. O que é?

Gostava que todas as pessoas pudessem fazer estes Votos Matrimoniais. Gostava que as pessoas os recortassem, ou copiassem e os utilizassem no seu casamento. Aposto que veríamos a taxa de divórcios a descer em flecha.

Há pessoas que teriam muita dificuldade em dizer essas coisas - e muitas teriam muita dificuldade em se manterem fiéis a elas.

Só espero que *nós* consigamos manter-nos fiéis a elas! O problema em pôr aqui estas palavras é que temos de viver de acordo com elas.

Não tinham intenção de viver de acordo com elas?

Claro que tínhamos. Mas somos humanos, como toda a gente. Mas agora, se fracassarmos, se falharmos, se acontecer alguma coisa à nossa relação, ou, que Deus nos livre, se optarmos por a terminar na forma atual, imensas pessoas ficariam desiludidas.

Que disparate. Saberiam que estavam a ser fiéis a vós próprios; saberiam que tinham feito outra escolha posterior, uma nova opção. Lembra-te do que te disse no *Livro1*. Não confundas a extensão da relação com a qualidade. Não és um ícone, nem a Nancy, e ninguém vos deve considerar como tal - nem vocês se devem considerar como tal. Sejam apenas humanos. Sejam apenas totalmente humanos. Se, um dia mais tarde, tu e a Nancy sentirem que têm de reformular a vossa relação de maneira diferente, têm todo o direito de o fazer. *É esse o objetivo de todo este diálogo.*

E era o objetivo das declarações que fizemos!

Exatamente. Ainda bem que vês isso.

Sim, eu *gosto* destes Votos Matrimoniais, e estou satisfeito por os termos aqui incluído! É uma nova forma maravilhosa de começar uma vida em conjunto. Sem pedir à mulher que prometa “amar, respeitar e obedecer”. Eram homens farisaicos, orgulhosos e interesseiros que o exigiam.

Tens razão, evidentemente.

E era ainda mais farisaico e interesseiro da parte dos homens alegar que essa proeminência masculina era *ordenada por Deus*.

Mais uma vez tens razão. Nunca ordenei tal coisa.

Finalmente, palavras matrimoniais que foram realmente inspiradas por Deus. Palavras que não fazem de *ninguém* um bem ou uma propriedade pessoal. Palavras que dizem a verdade acerca do amor. Palavras que não impõem limites, mas apenas prometem liberdade! Palavras às quais todos os corações podem *permanecer fiéis*.

Haverá quem diga, “*Claro* que qualquer pessoa pode permanecer fiel a votos que nada exigem!” O que responderás a isso?

Direi, “É muito mais difícil libertar do que controlar alguém. Quando controlamos alguém, obtemos o que *nós* queremos. Quando libertamos alguém, essa pessoa obtém o que *ela* quer.”

Será uma resposta sensata.

Tenho uma ideia esplêndida! Acho que devíamos fazer uma brochura destes Votos Matrimoniais, uma espécie de livro de orações para as pessoas utilizarem no dia do casamento.

Podia ser um livrinho, que contivesse não só estas palavras, mas uma cerimónia completa e as principais observações sobre o amor e as relações de todos os três livros deste diálogo, bem como algumas orações e meditações especiais sobre o matrimónio – contra o qual, afinal, *não* estás!

Estou tão contente, porque por momentos pareceu-me que Tu eras “anti casamento”.

Como podia Eu ser contra o casamento? Somos *todos* casados. Somos casados *uns com os outros* – agora e para todo o sempre. Estamos unidos. Somos Um. A nossa cerimónia de casamento é a maior jamais celebrada. O meu voto para convosco é o voto mais grandioso jamais feito. Amar-vos-ei para sempre e libertar-vos-ei em tudo. O meu amor nunca vos restringirá de nenhuma forma, e por isso estão destinados, eventualmente, a amarem-Me – pois a liberdade de Serem Quem São é o vosso maior desejo, e a Minha maior dádiva.

Aceitas-Me como teu parceiro e cocriador, de acordo com as leis superiores do Universo?

Sim, aceito.

E *Tu aceitas-me* com teu parceiro e cocriador?

Sim, aceito e sempre aceitei. Agora e por toda a eternidade somos Um. Amen.

E amen.

CAPÍTULO 14

A VIDA NÃO TEM PRINCÍPIO, PORQUE A VIDA NÃO TEM FIM

Sinto-me pleno de admiração e reverência ao ler estas palavras. Obrigado por estares aqui comigo desta maneira.

Obrigado por estares aqui com todos nós. Porque milhões de pessoas leram estas palavras nestes diálogos, e outros tantos milhões ainda as lerão. E somos profundamente abençoados pela Tua vinda aos nossos corações.

Meus queridos seres - sempre estive nos vossos corações.

Fico satisfeito por Me conseguirem sentir neles. Sempre estive convosco. Nunca vos deixei. Eu sou vós, e vós sois Eu, e jamais nos separaremos, jamais, pois isso é impossível.

Eh, espera aí um segundo! Isto parece-me *déjà vu*. Não dissemos essas palavras todas antes?

Claro, lê o princípio do Capítulo 12. Só que agora têm ainda mais significado do que tiveram da primeira vez.

Não era espetacular se o *déjà vu* fosse real, e se estivéssemos mesmo a experienciar qualquer coisa "outra vez", para que tivesse mais significado?

O que achas?

Acho que é *exatamente* isso que acontece, às vezes!

A menos que não seja.

A menos que não seja!

Ótimo. Bravo mais uma vez. Estás a passar tão depressa, com tal rapidez, para novos entendimentos tão importantes, que se torna assustador.

É, não é? Agora há uma coisa séria que preciso de discutir Contigo.

Sim, eu sei. Diz lá.

Quando é que a alma se junta ao corpo?

Quando julgas que é?

Quando quer.

Boa.

Mas as pessoas querem uma resposta mais definitiva. Querem saber quando começa a vida. A vida tal como a conhecem.

Compreendo.

Então qual é o sinal? É quando o corpo emerge do ventre - o nascimento físico? É o momento da conceção, a junção física dos elementos da vida física?

A vida não tem princípio, porque a vida não tem fim. A vida apenas se prolonga; cria novas formas.

Deve ser como aquele material gelatinoso nos candeeiros de lava aquecida que eram tão populares nos anos sessenta. As bolhas ficavam no fundo, em forma de bolas grandes, moles e redondas e subiam devido ao calor, separando-se e formando novas bolhas, tomando forma à medida que subiam, voltando a unir-se no topo, caindo juntas em cascata para formar bolhas ainda maiores, e recomeçando de novo. Nunca havia bolhas "novas" no tubo. Era sempre a mesma matéria, que se reformulava no que parecia matéria nova e diferente. As variações eram intermináveis, e era fascinante observar o processo a desenrolar-se repetidas vezes.

É uma ótima metáfora. É assim que acontece com as almas. A Alma Única - que é realmente Tudo O Que É - reformula-Se em partes cada vez mais pequenas de Si própria. Todas as "partes" já lá estavam desde o princípio. Não há partes "novas", apenas porções de Tudo O Que Sempre Foi, reformulando-Se no que "parecem" partes novas e diferentes.

Há uma canção *pop* brilhante, escrita e cantada por Joan Osborne, que diz, "E se Deus fosse um de nós? Apenas um desajeitado como um de nós?" Vou ter de lhe pedir para mudar a letra para, "E se Deus fosse um de nós? Apenas uma bolha^{*} como um de nós?"

Ah! Essa é muito boa. E sabes, a canção era brilhante. Mexia com as pessoas. As pessoas não suportavam a ideia de que Eu não fosse melhor do qualquer delas.

Essa reação é um comentário interessante, não tanto em relação a Deus, mas em relação à raça humana. Se consideramos uma blasfémia Deus ser comparado com um de nós, o que diz isso de nós?

O quê, de facto?

Mas Tu és "um de nós". É exatamente isso que estás aqui a dizer. Portanto a Joan tinha razão.

Certamente que tinha. Toda a razão.

Quero voltar à minha pergunta. Podes dizer-nos alguma coisa sobre quando começa a vida, tal como a conhecemos? Em que ponto é que a alma entra no corpo?

A alma não entra no corpo. O corpo está envolvido pela alma. Lembras-te do que disse antes? O corpo não alberga a alma. É ao contrário. Tudo está sempre vivo. "Morto" é coisa que não existe. Não existe esse estado.

^{*} Jogo de palavras com o termo "slob" (desajeitado, desleixado) e "glob" (bolha). (N. da T.)

O Que Está Sempre Vivo molda-se simplesmente numa nova forma - numa nova forma física. Essa forma encontra-se sempre carregada de energia viva, a energia da vida.

A vida - se chamas vida à energia que Eu Sou - está sempre lá. Nunca não está. A vida nunca acaba, portanto como pode haver um ponto em que a vida começa?

Anda lá, dá-me uma ajuda. Sabes onde quero chegar.

Sei, sim. Queres que Eu entre no debate do aborto.

Quero, sim! Admito-o! Tenho Deus aqui e tenho a oportunidade de fazer a pergunta monumental. Quando começa a vida?

E a resposta é tão monumental que não a consegues ouvir.

Experimenta outra vez.

Nunca começa. A vida *nunca* "começa", porque a vida nunca *acaba*. Queres entrar em pormenores técnicos biológicos para poderes inventar uma "regra", baseada naquilo a que queres chamar a "lei de Deus", sobre como as pessoas se devem comportar - e depois, castigá-las se não se comportarem dessa maneira.

Que mal tem isso? Permitir-nos-ia matar médicos nos parques de estacionamento das clínicas com impunidade.

Sim, Eu compreendo. Vocês usaram-Me, e ao que vocês declararam serem as *Minhas leis*, como justificação para todo o tipo de coisas ao longo dos anos.

Vá lá! Por que não dizes que interromper uma gravidez é assassinio?

Não se pode matar nada nem ninguém.

Não. Mas pode-se terminar a sua "individualização"! E, na nossa linguagem, isso é *matar*.

Não podem parar o processo dentro do qual uma parte de Mim se expressa individualmente de uma maneira, sem que a parte de Mim que se está a expressar dessa maneira concorde.

O quê? O que estás a dizer?

Estou a dizer que nada acontece contra a vontade de Deus.

A vida, e tudo o que acontece, é uma expressão da vontade de Deus - leia-se, da vossa vontade - tornada manifesta.

Já o disse neste diálogo, a vossa vontade é a Minha vontade. Isto porque só existe Um de Nós.

A vida é a vontade de Deus, expressando-se perfeitamente. Se alguma coisa acontecesse *contra* a vontade de Deus, *não podia* acontecer. Pela definição de Quem e O Que Deus É, não podia acontecer. Acreditam que uma alma pode, de algum modo, *decidir algo* por outra? Acreditam que, enquanto indivíduos, podem afetar-se uns aos outros por formas em que os outros não queiram ser afetados? Essa convicção teria de se basear na ideia de que estão separados uns dos outros.

Acreditam que podem afetar a vida de uma forma que Deus não queira que seja afetada? Essa convicção teria de se basear na ideia de que estão separados de Mim.

Ambas as ideias são falsas.

É desmedidamente arrogante acreditar que podem afetar o Universo de uma forma com que o Universo não concorde.

Lidam aqui com forças poderosas, e alguns entre vós acreditam que são mais poderosos do que a força mais poderosa. Mas não são. Nem são *menos* poderosos do que a força mais poderosa.

Vocês são a força mais poderosa.

Nem mais, nem menos.

Assim, que a força esteja convosco!

Estás a dizer que não posso matar ninguém sem a sua permissão? Estás a dizer-me que, a um nível superior, todos os que foram mortos *concordaram* em ser mortos?

Estás a olhar para as coisas em termos terrenos, e a pensar nas coisas em termos terrenos, e nada disto fará sentido assim.

Não consigo *evitar* pensar em "termos terrenos". Estou aqui, neste preciso momento, na Terra!

Eu digo-te: Estás "neste mundo, mas não és deste mundo".

Então a minha realidade terrena não é realidade nenhuma?

Pensavas que era?

Não sei.

Nunca pensaste, "Passa-se aqui algo de maior"?

Claro, com certeza que pensei.

Ora bem, é isto que se passa. Estou a explicar-vos.

Pronto. Já percebi. Então posso sair daqui e ir matar uma pessoa qualquer, porque de qualquer modo não o podia ter feito se ela não tivesse concordado!

De facto, a raça humana age dessa maneira. É curioso que tenham tanta dificuldade nisto e que andem por aí a agir como se fosse verdade. Ou, pior ainda, andem a matar pessoas *contra* a sua vontade, como se não tivesse importância!

Claro que tem importância! Só que aquilo que nós queremos tem *mais* importância. Não percebes? No momento em que nós, humanos, matamos alguém, não dizemos que o facto de o termos

feito não tem importância. Até seria leviano pensar assim. Só que aquilo que *nós* queremos tem *mais* importância.

Estou a ver. Portanto é mais fácil para vocês aceitar que não faz mal matar outros *contra* a sua vontade. Isso podem fazer com impunidade. Fazê-lo por ser da vontade deles é que vos faz sentir que está errado.

Eu nunca disse isso. Não é assim que os humanos pensam.

Não é? Vou mostrar-te como alguns de vocês são hipócritas. Dizem que não faz mal matar alguém *contra* a sua vontade desde que vocês tenham uma *razão* suficientemente boa para os quererem mortos, como na guerra, por exemplo, ou numa execução - ou um médico no parque de estacionamento de uma clínica de abortos. No entanto, se a outra pessoa sentir que tem uma razão suficientemente boa para querer estar morta, vocês não a podem ajudar a morrer. Isso seria "suicídio assistido" e estaria errado!

Estás a fazer troça de mim.

Não, tu é que estás a fazer troça de Mim. Estás a dizer que eu *admitiria* que matassem alguém *contra* a sua vontade, e que vos *condenaria* por matarem alguém *de acordo* com a sua vontade.

Isso é uma loucura.

No entanto, não só não veem a loucura, como alegam serem loucos os que *apontam essa loucura*. Vocês são os que têm a cabeça no lugar, e eles são apenas rebeldes.

E é com este tipo de lógica tortuosa que constroem *vidas inteiras e teologias completas*.

Nunca encarei isso dessa maneira.

Digo-vos: Chegou a altura de olharem para as coisas de uma nova maneira. Este é o momento do vosso renascer, enquanto indivíduos e

enquanto sociedade. Têm de recriar agora o vosso mundo, antes que o destruam com as vossas loucuras.

Agora, escutem-Me.

Somos todos Um.

Existe apenas Um de Nós. Não estão separados de Mim, e não estão separados uns dos outros.

Tudo o que Nós fazemos, fazemos em concertação uns com os outros.

A Nossa realidade é uma realidade cocriada. Se interromperem uma gravidez, Nós interrompemos uma gravidez. A vossa vontade é a Minha vontade.

Nenhum aspeto individual da Divindade tem poder sobre qualquer outro aspeto da Divindade. Não é possível a uma alma afetar outra contra a sua vontade. Não há vítimas nem vilões.

Da vossa perspetiva limitada não conseguem entendê-lo; mas digo-vos que assim é.

Há apenas uma razão para ser, fazer ou ter alguma coisa - como afirmação direta de Quem São. Se Quem Vocês São, como indivíduos ou como sociedade, é quem escolhem e desejam ser, não há razão para mudar nada. Se, pelo contrário, creem que há uma experiência mais sublime à vossa espera - uma expressão de Divindade ainda maior do que a que agora se manifesta - avancem para essa verdade.

Uma vez que todos Nós cocriamos, pode ser-Nos útil fazer o que pudermos para mostrarmos aos outros o caminho que algumas partes de Nós querem seguir. Podem ser indicadores do caminho, demonstrando a vida que gostariam de criar, e convidando outros a seguir o vosso exemplo. Até podem dizer, "Eu sou o caminho e a vida. Sigam-me." Mas tenham cuidado. Há quem tenha sido crucificado por fazer afirmações dessas.

Obrigado. Terei em conta o aviso. Serei discreto.

Vejo que nisso estás a fazer um bom trabalho.

Quando se diz que se está a ter uma conversa com Deus, não é fácil ser discreto.

Como outros já descobriram.

O que podia ser uma boa razão para ficar de bico calado.

É um bocado tarde para isso.

E de quem é a culpa?

Estou a perceber onde queres chegar.

Não faz mal. Eu perdoo-Te.

Perdoas?

Sim.

Como podes perdoar-Me?

Porque compreendo por que o fizeste. Percebo por que vieste até mim e começaste este diálogo. E quando compreendo por que uma coisa foi feita, consigo perdoar todas as complicações que possa ter causado ou criado.

Hummm.

Isso é interessante. Quem dera que pensasses que Deus é tão magnificante quanto tu.

Touché.

Tens uma relação invulgar Comigo. Nalgumas coisas achas que nunca poderias ser tão magnificante quanto Eu, e noutras achas que Eu não posso ser tão magnificante quanto tu.

Não achas curioso?

Fascinante.

É por achares que estamos separados. Deixarias essas ideias se pensasses que Nós somos Um.

É essa a diferença principal entre a vossa cultura - que é uma cultura "recém-nascida", na verdade; uma cultura primitiva - e as culturas altamente evoluídas do Universo. A diferença mais significativa é que, nas culturas altamente evoluídas, todos os seres sensitivos têm a ideia clara de que não existe separação entre eles e aquilo a que chamas "Deus".

Também têm a clara noção de que não existe separação entre eles e os outros. Sabem que cada um está a ter uma experiência individual do todo.

Ora ainda bem. Agora vais entrar nas sociedades altamente evoluídas do Universo. Tenho estado à espera disso.

Sim, acho que é altura de explorarmos isso.

Mas, antes de o fazermos, tenho de voltar pela última vez à questão do aborto. Não estás a dizer que, porque nada pode acontecer à alma humana contra a sua vontade, não faz matar pessoas, pois não? Não estás a aceitar o aborto, nem a dar-nos uma "saída" nesta questão, ou estás?

Nem estou a aceitar nem a condenar o aborto, tal como nem aceito nem condeno a guerra.

Os povos de todos os países pensam que eu aceito a guerra que travam e que condeno a guerra que é travada pelos seus opositores. Os povos de todas as nações creem que têm "Deus do seu lado". Todas as causas assumem a mesma coisa. Na verdade, todas as pessoas pensam a mesma coisa - ou, pelo menos, esperam que seja verdade quando é tomada uma decisão ou feita uma escolha.

E sabes por que todas as criaturas creem que Deus está do seu lado? *Porque estou*. E todas as criaturas têm esse conhecimento intuitivo.

É apenas outra forma de dizer, "A vossa vontade para vós é a Minha vontade para vós." E essa é somente outra maneira de dizer que vos dei a todos o *livre arbítrio*.

Não existe livre arbítrio se o seu exercício de determinadas formas implicar castigo. Isso faz do livre arbítrio uma farsa e torna-o falso.

Portanto, em relação ao aborto e à guerra, comprar determinado carro ou casar com determinada pessoa, fazer sexo ou não fazer sexo, "cumprir o vosso dever" ou não "cumprir o vosso dever", o certo e o errado não existem, e Eu não tenho qualquer preferência no assunto.

Vocês encontram-se no processo de se definirem a si próprios. Todo o ato é um ato de autodefinição.

Se estão satisfeitos com a forma como se criaram, se vos serve, continuarão a fazê-lo dessa forma. Se não estão, deixarão de o fazer. A isto chama-se evolução.

O processo é lento porque, à medida que vão evoluindo, mudam de ideias quanto ao que realmente vos serve; mudam os vossos conceitos de "prazer".

Lembrem-se do que Eu disse anteriormente. Sabe-se até onde uma pessoa ou uma sociedade evoluíram por aquilo que esse ser ou sociedade designam por "prazer".

E, acrescento aqui, pelo que declara servir-lhe.

Se vos serve ir para a guerra e matar outros seres, fá-lo-ão.

Se vos serve interromper uma gravidez, fá-lo-ão. A única coisa que muda à medida que evoluem é a vossa noção do que vos serve. E isso baseia-se no que pensam estar a tentar fazer.

Se estão a tentar chegar a Seattle, não vos servirá dirigirem-se para San Jose. Não é "moralmente errado" ir para San Jose - simplesmente, não vos serve.

A questão do que estão a tentar fazer, portanto, torna-se de importância capital. Não só na vossa vida de um modo geral, mas em cada momento da vossa vida especificamente. Porque é nos momentos da vida que a própria vida é criada.

Tudo isto foi analisado com mais pormenor no início do nosso santo diálogo, a que chamaste *Livro1*. Repito-o aqui porque pareceu-me que precisavas que to recordasse, ou não Me terias feito a pergunta sobre o aborto.

Quando se estiverem a preparar para fazer o aborto, ou para fumar aquele cigarro, ou quando se prepararem para fritar e comer aquele animal, ou se prepararem para se meterem à frente daquele homem no trânsito - quer a questão seja grande quer pequena, quer a opção seja maior quer menor, há apenas uma questão a considerar: Isto é Quem Realmente Sou? Isto é quem eu escolho ser agora?

E compreendam o seguinte: Nenhuma questão é inconsequente. Há uma consequência para tudo. A consequência é quem e o que vocês são.

Encontram-se no ato de definirem o vosso próprio Eu neste preciso momento.

É essa a resposta à vossa pergunta sobre o aborto. É essa a resposta à vossa pergunta sobre a guerra. É essa a resposta à vossa pergunta quanto ao cigarro e à pergunta sobre comer carne e a todas as perguntas *sobre comportamento que alguma vez tiveram*.

Todo o ato é um ato de autodefinição. Tudo o que pensam, dizem e fazem declara, "Isto é Quem Eu Sou."

CAPÍTULO 15

VOCÊS ESTÃO A CRIAR DEUS

Quero dizer-vos, Meus queridos filhos, que esta questão de Quem São, e Quem Escolhem Ser, é de grande importância. Não só porque define o nível da vossa experiência, como também porque cria a natureza da Minha.

Toda a vida vos disseram que Deus vos criou. Venho agora dizer-vos: vocês estão a criar Deus.

É uma reordenação substancial do vosso entendimento, Eu sei. Contudo é necessária, se vão empreender o verdadeiro trabalho para o qual vieram.

É um trabalho sagrado aquele a que nos dedicamos, vocês e Eu. É um chão sagrado este que pisamos.

Este é O Caminho.

A todo o momento Deus exprime-se em vocês, convosco e através de vocês. Têm sempre escolha quanto à forma como Deus vai ser agora criado, e Ela nunca vos retirará essa opção, nem vos castigará por fazerem a opção "errada". Mas não se encontram sem orientação nestas questões, nem nunca se encontrarão. Faz parte de vocês um sistema de orientação interior que vos indicará o caminho para casa. É a voz que sempre vos fala da vossa escolha mais sublime, que coloca perante vós a vossa visão mais grandiosa. A única coisa que têm a fazer é seguir essa voz e não abandonar a visão.

Ao longo da vossa história enviei-vos mestres. Em cada dia e tempo os Meus mensageiros trouxeram-vos mensagens de grande alegria.

Foram escritas sagradas escrituras, e vividas vidas santas para que conheçam esta verdade eterna: Vocês e Eu somos Um.

Mais uma vez vos envio escrituras - uma delas encontra-se nas vossas mãos. Mais uma vez vos envio mensageiros que procuram levar-vos a Palavra de Deus.

Escutarão essas palavras? Ouvirão esses mensageiros? *Tornar-se-ão um deles?*

Essa é a grande questão. Esse é o grandioso convite. Essa é a decisão gloriosa. O mundo aguarda a vossa declaração. E fazem essa declaração através da vossa vida, vivida.

A raça humana não tem hipótese de se elevar acima dos seus pensamentos menores até que te eleves às tuas próprias ideias mais sublimes.

Essas ideias, expressas por teu intermédio, criam o modelo, preparam o cenário, servem de modelo para o nível seguinte de experiência humana.

Tu és o caminho e a vida. O mundo seguir-te-á. Não tens escolha nesta questão. É a única questão em que não tens livre arbítrio. É simplesmente A Maneira Como É. O teu mundo seguirá a tua ideia sobre ti próprio. Sempre foi, sempre será. Primeiro vem o teu pensamento sobre ti próprio, depois segue-se o mundo exterior de manifestação física.

Aquilo que pensas, crias. O que crias, tornas-te. O que te tornas, expressas. O que expressas, experiencias. O que experiencias, és. O que és, pensas.

Fecha-se o círculo.

Na verdade, o trabalho sagrado em que estás envolvido só agora começou, pois agora, finalmente, compreendes o que estás a fazer. Foste tu que te levaste a saber isto, tu que fizeste com que te importasses. E agora importas-te, mais do que nunca, com Quem Realmente És. Porque agora, finalmente, vêes o quadro completo.

Quem tu és, Eu sou.

Estás a definir Deus.

Enviei-te - uma parte abençoada de Mim - sob a forma física para que Me possa conhecer *experiencialmente* como tudo o que sei que sou *conceptualmente*. A vida existe como instrumento para Deus transformar o conceito em experiência. Existe para que *tu faças o mesmo*. Pois tu és Deus, a fazer isto.

Opto por Me recriar de novo a cada momento. Opto por experienciar a versão mais grandiosa da visão mais sublime que já tive sobre Quem Eu Sou. Criei-vos, para que Me possam recriar. É esta a Nossa tarefa sagrada. É esta a Nossa maior alegria. É esta a Nossa verdadeira razão de existir.

CAPÍTULO 16

SEPARADO DA SUA PRÓPRIA VERDADE

Sinto-me pleno de admiração e reverência ao ler estas palavras. Obrigado por estares aqui comigo desta forma. Obrigado por estares aqui com todos nós.

Não tens de quê. Obrigado por estares aqui por Mim.

Tenho só mais algumas perguntas, algumas têm a ver com aqueles "seres evoluídos", e depois permitir-me-ei encerrar este diálogo.

Meu Amado, nunca terminarás este diálogo, nem nunca terás de o fazer. A tua conversa com Deus continuará para sempre. E agora que estás ativamente empenhado nela, essa conversa em breve levará à amizade. Todas as boas conversas conduzem eventualmente à amizade, e em breve a tua conversa com Deus criará uma Amizade com Deus.

Eu sinto isso. Sinto que nos tornámos verdadeiramente amigos.

E, tal como acontece em todas as relações, essa amizade, se for acalentada, alimentada e lhe for permitido crescer, acabará por produzir um sentimento de comunhão. Sentir-te-ás e experienciar-te-ás como estando em Comunhão com Deus.

Será uma Sagrada Comunhão, pois falaremos como Um só.

E este diálogo vai continuar?

Sim, sempre.

E não terei de dizer adeus no fim deste livro?

Nunca tens de dizer adeus. Só tens de dizer olá.

És maravilhoso, sabias? Simplesmente maravilhoso.

Também tu, Meu filho. Também tu.

Como são todos os meus filhos, em toda a parte.

Tens filhos "em toda a parte"?

Claro.

Não, digo literalmente, *em toda a parte*. Há vida noutros planetas? Os Teus filhos estão noutros lugares, do Universo?

Sim, claro.

Essas civilizações são mais avançadas?

Algumas delas, são.

De que maneira?

De todas as maneiras. Tecnicamente. Politicamente. Socialmente. Espiritualmente. Fisicamente. E psicologicamente.

Por exemplo, a vossa tendência, e insistência pelas comparações, e a vossa constante necessidade de caracterizarem algo como "melhor" ou "pior", "superior" ou "inferior", "bom" ou "mau", demonstra até que ponto caíram na dualidade; até que ponto se encontram submersos no separatismo.

Nas civilizações mais avançadas não observas essas características? Que queres dizer com dualidade?

O nível de avanço de uma sociedade reflete-se, inevitavelmente, no grau do seu raciocínio de dualidade. A evolução social é demonstrada pelo movimento em direção à unidade, não ao separatismo.

Porquê? Por que é que é essa, a medida?

Porque a unidade é a verdade. O separatismo é a ilusão. Enquanto a sociedade se vir separada - uma série ou coleção de unidades separadas -, vive na ilusão.

Toda a vida no vosso planeta assenta sobre o separatismo; baseia-se na dualidade.

Imaginam-se como famílias ou clãs separados, reunidos em regiões ou estados separados, formando nações ou países separados, num mundo ou planeta separado.

Imaginam que o vosso mundo é o único mundo habitado do Universo. Imaginam que a vossa é a melhor nação da terra. Imaginam o vosso estado como sendo o melhor estado da nação e a vossa família a mais maravilhosa do estado.

Finalmente, pensam que *vocês* são melhores que qualquer outra pessoa da família.

Ah, dizem que *não* pensam nada disso, *mas agem como se pensassem*. Os vossos verdadeiros pensamentos refletem-se, quotidianamente, nas decisões sociais, conclusões políticas, determinações religiosas, opções económicas e seleções individuais de tudo, desde amigos a conjuntos de valores, e até ao vosso relacionamento com Deus. Ou seja, Eu.

Sentem-se tão separados de Mim que imaginam que nem sequer falarei convosco. E, portanto, têm de negar a veracidade da vossa própria experiência. Experimentam que somos Um só, mas recusam-se a acreditar. Assim, não só estão separados uns dos outros, como também da vossa própria verdade.

Como pode uma pessoa estar separada da sua própria verdade?

Ignorando-a. Vendo-a e negando-a. Ou mudando-a, torcendo-a ou distorcendo-a de modo a encaixá-la numa noção preconcebida que tenham em relação a ela.

Considera a pergunta com que começaste. Perguntaste, há vida noutras planetas? Eu respondi, "Claro". Eu disse, "Claro" porque a evidência é óbvia. É tão óbvia que me surpreende que tenhas feito a pergunta.

Mas é assim que uma pessoa pode estar "separada da sua própria verdade": olhando-a de frente de forma a não poder deixar de a ver - e depois negar o que vê.

O mecanismo aqui é a negação. E não há caso em que a negação seja mais insidiosa do que na autonegação.

Passaram uma vida inteira a negar Quem e O Que Realmente São.

Já seria suficientemente triste limitarem as vossas negações a coisas menos pessoais, tais como a diminuição da camada do ozono, a violação das florestas virgens, o tratamento horrível dado aos jovens. Mas não se contentam em negar tudo o que veem à vossa volta. Não terão descanso enquanto não negarem também tudo o que veem dentro de vós.

Veem bondade e compaixão, mas negam-no. Veem sabedoria, mas negam-na. Veem possibilidades infinitas dentro de vós, mas negam-nas. E veem e experienciam Deus dentro de vós, mas negam-no.

Negam que Eu esteja dentro de vós - que Eu sou vós - e, ao fazê-lo, negam-Me o Meu lugar por direito e evidência.

Não Te neguei, nem Te nego.

Admites que és Deus?

Bem, não diria *isso*...

Exatamente. E digo-te: "Antes que o galo cante, ter-Me-ás negado três vezes."

Pelos teus próprios pensamentos, ter-Me-ás negado.

Pelas tuas próprias palavras, ter-Me-ás negado.

Pelas tuas próprias obras, ter-Me-ás negado.

Sabes, no teu coração, que estou contigo, em ti; que Nós somos Um. Contudo, negas-Me.

Oh, alguns de vós dizem que Eu existo. Mas separado de vós. *Além*, nalgum lugar. E quanto mais distante Me imaginam, mais se afastam da vossa própria verdade.

Como com tantas outras coisas na vida - desde a diminuição dos recursos naturais do planeta até às crianças maltratadas em tantas das vossas casas - veem, mas não acreditam.

Mas porquê? *Porquê?* Por que é que vemos e mesmo assim não acreditamos?

Porque estão tão envolvidos pela ilusão, tão profundamente imersos na ilusão, que não conseguem ver através dela. Na verdade, não podem, para que a ilusão continue. É esta a Dicotomia Divina.

Têm de Me negar para continuarem a procurar tornar-se Eu. E é isso que querem fazer. Contudo, não podem tornar-se aquilo que já são. Portanto, a negação é importante. É um instrumento útil.

Até deixar de o ser.

O *mestre* sabe que a negação é para quem opta por deixar continuar a ilusão. A aceitação é para quem opta por que a ilusão termine.

Aceitação, proclamação, demonstração.

São esses os três passos para Deus. Aceitação de Quem e O Que Realmente São. A sua proclamação para que todo o mundo ouça. E a demonstração sob todas as formas.

A autoproclamação é sempre seguida de demonstração. *Demonstrarás* que o teu Eu é Deus - tal como agora demonstras o que pensas do teu Eu. Toda a tua vida é uma demonstração disso.

Mas com essa demonstração virá o teu maior desafio. Pois no momento em que deixares de negar o teu Eu, outros te negarão.

No momento em que proclames a tua Unidade com Deus, outros proclamarão o teu acordo com Satanás.

No momento em que pronunciares a verdade mais sublime, outros dirão que pronunciaste a pior blasfémia.

E, tal como acontece a todos os mestres que demonstram tranquilamente a sua mestria, tanto serás adorado como injuriado, exaltado como denegrido, glorificado como crucificado. Porque, enquanto para ti o ciclo estará terminado, os que ainda vivem na ilusão não saberão entender-te.

E o que me acontecerá? Não compreendo. Estou confuso. Pensei que tinhas dito repetidamente que a ilusão tem de continuar, que o "jogo" tem de prosseguir, para que exista "jogo"?

Sim, Eu disse isso. E tem. O jogo continua. Por um ou dois de vós terminarem o ciclo da ilusão, isso não faz acabar o jogo - nem para vós, nem para os outros jogadores.

O jogo não termina até que Todos se tornem novamente Um. Mesmo *aí* não está terminado. Pois no momento da reunião divina, Todos com Todos, o êxtase será de tal modo magnífico e intenso que Eu-Nós-Vós rebentaremos literalmente de satisfação, explodindo de alegria - e o ciclo recomeçará de novo. Nunca terminará, Meu filho. O jogo nunca terminará. Porque o jogo é a própria vida, e a vida é Quem Nós Somos.

Mas o que acontece ao elemento individual, ou "Parte do Todo", como Tu dizes, que alcança a mestria, que atinge o conhecimento total?

Esse mestre sabe que só a sua parte do ciclo está completa. Sabe que só a sua experiência da ilusão é que terminou.

Agora o mestre ri, porque vê o plano-mestre. O mestre vê que mesmo depois de completado o seu ciclo, o jogo continua; a experiência continua. O mestre também vê então o papel que pode passar a desempenhar na experiência. O papel do mestre é conduzir outros à mestria. E assim o mestre continua a jogar, mas de uma nova forma, com novos instrumentos. Porque ver a ilusão permite ao mestre colocar-se fora dela. O mestre fá-lo á de vez em quando, quando servir o seu propósito e lhe agradar. Assim proclama e demonstra a sua mestria, e os outros chamam-lhe Deus/ Deusa.

Quando todos na tua raça forem conduzidos à mestria e a alcançarem, então a tua raça no seu todo (pois a tua raça é um todo) movimentar-se-á facilmente através do tempo e do espaço (terão dominado as leis da física tal como as entenderam) e procurarão ajudar os que pertencem a outras raças e outras civilizações a chegarem igualmente à mestria.

Tal como os de outras raças e civilizações fazem agora connosco?

Exatamente. Precisamente.

E só quando todas as raças de todo o Universo tiverem alcançado a mestria...

... ou, como Eu diria, quando Todo Eu conhecer a Unidade...

...terminará esta parte do ciclo.

Disseste-o sabiamente. Porque o ciclo em si nunca terminará.

Porque o próprio termo “desta parte do ciclo” é o próprio ciclo!

Bravo! Magnífico!

Compreendeste!

Por isso, sim, há vida noutros planetas. E sim, grande parte é mais avançada que a vossa.

De que forma? Nunca chegaste realmente a responder a essa pergunta.

Respondi, sim. Disse, de todas as formas. Tecnicamente. Politicamente. Socialmente. Espiritualmente. Fisicamente. Psicologicamente.

Sim, mas dá-me exemplos. Essas afirmações são tão abrangentes que não têm, para mim, qualquer significado.

Sabes, adoro a tua verdade. Nem toda a gente olharia Deus nos olhos e declararia que o que Ele diz não tem significado.

E então? Que vais fazer a esse respeito?

Exatamente. Tens exatamente a atitude correta. Porque, evidentemente, tens razão. Podes desafiar-Me, confrontar-Me e questionar-Me tanto quanto queiras, que Eu não farei coisa nenhuma.

Mas poderei, contudo, fazer uma coisa, tal como aqui estou a fazer, com este diálogo. Não é uma coisa abençoada?

É, sim. E muitas pessoas encontraram ajuda nele. Milhões de pessoas foram, e estão a ser, tocadas por ele.

Eu sei. Faz tudo parte do "plano-mestre". O plano para vocês se tornarem mestres.

Sabias, desde o princípio, que esta trilogia seria um grande sucesso, não sabias?

Claro que sabia. Quem supões que a tornou num tal sucesso? Quem imaginas que fez com que as pessoas, que a estão a ler, chegassem até aqui? Eu te digo: Conheço todas as pessoas que chegarão a este material. E conheço a razão por que cada uma delas veio. E elas também.

Agora a única questão é, negar-Me-ão outra vez?

É importante para Ti?

De maneira nenhuma. Todos os Meus filhos voltarão a Mim, um dia. Não é uma questão de se, mas de quando. E, por isso, pode ter importância para eles. Portanto, que escutem os que têm ouvidos para ouvir.

Sim, ora bem - estávamos a falar de vida noutros planetas, e Tu ias dar-me exemplos de como é muito mais avançada do que na Terra.

Tecnologicamente, a maior parte das outras civilizações vai muito à frente. Há algumas atrás de vós, por assim dizer, mas não muitas. A maior parte vai muito à frente.

De que modo? Dá-me um exemplo.

Está bem, o clima. Vocês parecem não ser capazes de o controlar. (Nem sequer conseguem prevê-lo, com exatidão!) Estão, portanto, sujeitos aos seus caprichos. A maior parte dos mundos não estão. Os seres, na maior parte dos planetas, controlam a temperatura local, por exemplo.

Controlam? Pensei que a temperatura num planeta era produto da distância em relação ao seu sol, a atmosfera, etc...

Essas coisas estabelecem os parâmetros. Dentro dos parâmetros, pode fazer-se muita coisa.

Como assim? De que maneira?

Controlando o ambiente. Criando, ou deixando de criar, certas condições atmosféricas.

Percebes, não é só uma questão de onde estão em relação a determinado sol, mas o que colocam entre vós e esse sol.

Vocês colocaram as coisas mais perigosas na vossa atmosfera - e retiraram algumas das mais importantes. Mas estão em negação acerca

disto. Ou seja, a maior parte de vós não o admite. Mesmo quando as mentes mais eminentes entre vós provam, sem margem para dúvidas, o mal que estão a fazer, não o reconhecem. Chamam a essas mentes, loucas, e dizem saber melhor.

Ou dizem que essas pessoas sábias apenas atendem aos seus interesses ou validam um ponto de vista. Mas são vocês que estão a tratar dos vossos interesses. São vocês que procuram validar um ponto de vista.

E o vosso principal interesse são vocês próprios. Toda a evidência, por muito científica, demonstrável ou óbvia que seja, será negada se violar os vossos interesses pessoais.

É uma afirmação bastante dura, e não tenho a certeza de que seja verdadeira.

Ai não? Agora chamas mentiroso a Deus?

Bem, não era exatamente assim que o diria...

Sabes quanto tempo foi preciso para as vossas nações acordarem, simplesmente, em deixar de envenenar a atmosfera com fluoretos de carbono?

Sim... bem...

Bem, nada. Por que achas que levou tanto tempo? Não interessa. Eu digo-te. Levou esse tempo todo porque, parar com o envenenamento, custava às grandes empresas uma grande quantidade de dinheiro. Levou esse tempo todo porque custaria, a muitos indivíduos, as suas conveniências.

Levou esse tempo todo porque, durante anos, muitas pessoas e nações optaram por negar - precisaram de negar - a evidência, para proteger os seus interesses no *status quo*; para deixar as coisas como estavam.

Só quando a taxa de cancros de pele aumentou, de forma alarmante, só quando as temperaturas começaram a subir e os glaciares e as neves começaram a derreter, e os oceanos aqueceram e os lagos e rios começaram a transbordar, é que mais pessoas entre vós começaram a prestar atenção.

Só quando o vosso interesse pessoal o exigiu, é que viram a verdade que as vossas mentes mais eminentes vos tinham apontado, durante anos.

Que tem de mal o interesse pessoal? Pareceu-me que tinhas dito no Livro 1 que o interesse pessoal era onde se devia começar.

Disse, e é. Mas, noutras culturas e sociedades, em planetas diferentes, a definição de "interesse pessoal" é muito mais lata do que no vosso mundo. É muito claro para as criaturas esclarecidas que o que prejudica um, prejudica a maioria, e que o que beneficia uns poucos, *deve* beneficiar todos ou, então, não beneficia ninguém.

No vosso planeta é precisamente o oposto. O que prejudica um, é ignorado por muitos, e o que beneficia uns poucos, é negado à maioria.

Isto porque a vossa definição de interesse pessoal é muito restrita, mal alcançando além do ser individual e os seus entes queridos - e mesmo esses, só quando fazem o que ele manda.

Sim, Eu disse no Livro 1 que, em todas as relações, façam o que é do interesse do Eu. Mas também disse que, quando vês o que é o teu interesse mais elevado, verás que é também o interesse mais elevado do outro - porque tu e o outro são Um.

Tu e todos os outros são Um - e este é um nível de conhecimento que ainda não atingiram.

Perguntas-me sobre tecnologias avançadas e Eu digo-te: Não se pode ter tecnologias avançadas de nenhuma forma benéfica sem se ter raciocínio avançado.

Tecnologia avançada sem pensamento avançado não cria progresso, mas sim, fracasso.

Já tiveram essa experiência no vosso planeta, e estão a ponto de a ter outra vez.

Que queres dizer? De que estás a falar?

Estou a dizer que, no vosso planeta, já uma vez alcançaram as alturas - mais do que as alturas, na verdade - para onde se dirigem agora lentamente. Tinham uma civilização na Terra mais avançada do que a agora existente. E destruiu-se a si própria.

Não só se destruiu a si própria como quase destruiu tudo o mais. Fê-lo por não saber lidar com as próprias tecnologias que desenvolveu. A sua evolução tecnológica avançou tanto em relação à evolução espiritual que acabou por fazer da tecnologia o seu Deus. As pessoas adoravam a tecnologia e tudo o que podia criar e trazer. E assim obtiveram o que trouxe a tecnologia desenfreada - que foi o caos desenfreado.

Literalmente, acabaram com o seu mundo.

Isso aconteceu tudo aqui, nesta Terra?

Sim.

Estás a falar da Cidade Perdida de Atlantis?

Alguns de vós chamam-lhe assim.

E Lemúria? A terra de Mu?

Isso também faz parte da vossa mitologia.

Então é verdade! Já chegámos a esse lugar antes!

Oh, para além dele, Meu amigo. Muito mais além.

E destruímo-nos *mesmo*!

Por que te admiras? Estão a fazer o mesmo, agora.

Eu sei que estamos. Dizes-nos como podemos impedi-lo?

Há muitos livros dedicados ao assunto. A maior parte das pessoas ignora-os.

Dá-nos um título, prometo que não o ignoraremos.

Leiam *The Last Hours of Ancient Sunlight*^{*}.

Escrito por um homem chamado Thom Hartmann. Sim! Adoro esse livro!

Ainda bem. É um mensageiro inspirado. Chama a atenção do mundo para esse livro.

Chamo. Chamo.

Diz tudo o que Eu diria aqui, em resposta à tua última pergunta. Não há necessidade de Eu reescrever esse livro por teu intermédio.

Contém um resumo de muitas das formas em que o vosso lugar na Terra está a ser danificado, e maneiras de impedirem que seja arruinado.

Até agora, o que a raça humana tem feito neste planeta não tem sido muito inteligente. De facto, ao longo de todo este diálogo, tens descrito a nossa espécie como "primitiva". Desde a primeira vez que fizeste esse comentário, tenho-me perguntado como seria viver numa cultura não-primitiva. Dizes que há muitas sociedades ou culturas dessas, no Universo.

Sim.

Quantas?

Imensas.

^{*} As Últimas Horas do Sol Antigo (N. da T.)

Dúzias? Centenas?

Milhares.

Milhares? Existem *milhares* de civilizações avançadas?

Sim. E há outras culturas mais primitivas que as vossas.

O que mais define uma sociedade como "primitiva" ou "avançada"?

O grau em que aplica os seus próprios entendimentos mais elevados.

É diferente daquilo em que vocês acreditam. Vocês creem que uma sociedade deve ser classificada como primitiva ou avançada com base na superioridade dos seus entendimentos. Mas de que servem os entendimentos mais elevados, se os não aplicarem?

A resposta é, não servem para nada. Na verdade, são perigosos.

É sinal de uma sociedade primitiva chamar, à regressão, progresso. A vossa sociedade retrocedeu, não avançou. Grande parte do vosso mundo demonstrava mais compaixão há setenta anos do que hoje.

Há pessoas que vão passar um mau bocado ao ouvir isto. Dizes que és um Deus que não faz juízos, mas há pessoas em toda a parte que se podem sentir julgadas e em falta.

Já falámos nisto antes. Se dizes que vais para Seattle e na verdade vais em direção a San Jose, a pessoa a quem pedes orientações está a fazer juízos se te disser que vais numa direção que não te leva onde dizes que queres ir?

Chamar-nos "primitivos" não é simplesmente dar-nos orientações. A palavra "primitivo" é pejorativa.

Ai, sim? E, no entanto, vocês dizem que admiram tanto a arte "primitiva". E determinada música é frequentemente saboreada pelas suas qualidades "primitivas" - já para não falar de certas mulheres.

Estás a servir-Te de trocadilhos para dar a volta às coisas.

De maneira nenhuma. Estou apenas a mostrar-te que "primitivo" não é necessariamente pejorativo. É o vosso juízo que o torna assim. "Primitivo" é apenas descritivo. Diz simplesmente o que é verdade: Determinada coisa está na fase inicial de desenvolvimento. Não diz mais nada além disso. Não diz nada sobre "certo" ou "errado". Vocês acrescentam esses significados.

Eu não vos "considereei em erro". Limitei-me a descrever a vossa cultura como primitiva. Só "soaria" como errado se tiverem um preconceito em relação a ser primitivo.

Eu não tenho esse preconceito.

Entendam o seguinte: Uma avaliação não é um juízo.

É uma mera observação de O Que É.

Quero que saibam que vos amo. Não faço juízos a vosso respeito. Olho-vos e vejo apenas beleza e prodígio.

Como com a arte primitiva.

Precisamente. Ouço a vossa melodia e sinto apenas exultação.

Como com a música primitiva.

Agora estás a perceber. Sinto a energia da vossa raça como vocês sentiriam a energia de um homem ou de uma mulher de "sensualidade primitiva". E, tal como vós, isso estimula-Me.

Ora é isso que é verdadeiro acerca de vós e de Mim. Não Me desgostam, não Me perturbam, nem sequer Me desiludem.

Vocês estimulam-Me!

Estimulam-Me para novas possibilidades, novas experiências ainda por vir. Em vós, desperto para novas aventuras e para a excitação do movimento em novos níveis de magnificência.

Longe de Me desiludirem, fazem-Me vibrar! Vibro com a maravilha que são. Pensam estar no auge do desenvolvimento humano, e Eu vos digo, estão apenas a começar.

Começam apenas a experienciar o vosso esplendor!

As vossas ideias mais grandiosas ainda não estão expressas, a vossa visão mais grandiosa ainda está por viver.

Mas esperem! Olhem! Reparem! Os dias do vosso desabrochar estão próximos. O caule tornou-se forte e as pétalas, em breve, se abrirão. E eu vos digo: A beleza e a fragrância das vossas flores encherão a terra, e virão a ocupar o vosso lugar no Jardim dos Deuses.

CAPÍTULO 17

A JUAUSTIÇA É UM ATO, NÃO O CASTIGO DE UM ATO

É *isso* mesmo que eu quero ouvir! Foi *isso* que vim aqui experimentar! *Inspiração* e não rebaixamento.

Nunca és rebaixado, a menos que penses que és. Nunca és julgado nem "considerado em falta" por Deus.

Muitas pessoas não "percebem" esta ideia de um Deus que diz "O certo e o errado são coisas que não existem", e que proclama que nunca seremos julgados.

Ora, decidam-se! Primeiro dizem que vos estou a julgar, depois ficam incomodados por não estar.

Eu sei, eu sei. É tudo muito confuso. Somos todos muito...complicados. Não queremos os Teus juízos, mas queremos-los. Não queremos os Teus castigos, mas sentimo-nos perdidos sem eles. E quando dizes, como fizeste nos outros dois livros, "Nunca vos castigarei", não conseguimos acreditar - e alguns de nós quase nos zangamos. Pois se não nos vais julgar nem castigar, o que nos obrigará a andar direitos? E se não há "justiça" no céu, quem desfará toda a injustiça na Terra?

Por que estão a contar com o céu para corrigir aquilo a que chamam "injustiça"? As chuvas não caem dos céus?

Sim.

E Eu digo-vos: A chuva tanto cai sobre o justo como sobre o pecador.

E então o que se passa com "A vingança é Minha, diz o Senhor"?

Eu nunca disse isso. Um de vós inventou-o e o resto acreditou. A "justiça" não é algo que se experimenta *depois* de agir de determinada forma, mas *porque* se age de determinada forma. A justiça é um *ato*, não o castigo de um ato.

Estou a ver que o problema com a nossa sociedade é que procuramos "justiça" depois de ocorrer uma "injustiça", em vez de "fazermos justiça" à partida.

Em cheio! Acertaste mesmo em cheio!

A justiça é uma ação, não uma reação.

Portanto, não esperem que Eu "arranje as coisas no fim" impondo determinada forma de justiça celestial na "*outra vida*". Eu vos digo: Não existe "*outra vida*", mas *apenas* vida. A morte não existe. E a maneira como experienciam e criam a vossa vida, enquanto indivíduos e como sociedade, é a vossa demonstração do que pensam que é justo.

E nisso não consideras a raça humana muito evoluída, pois não? Ou seja, se toda a evolução fosse colocada num campo de futebol americano, onde estaríamos?

Na linha das doze jardas.

Estás a gozar.

Não.

Estamos na *linha das doze jardas* na evolução?

Olha, já passaram das seis para as doze só no último século.

Há alguma hipótese de chegarmos a marcar?

Claro. Se não perderem outra vez a bola.

Outra vez?

Como já disse, não é a primeira vez que a vossa civilização se encontra nesta iminência. Quero repeti-lo, porque é vital que o ouçam.

Já aconteceu antes, no vosso planeta, a tecnologia desenvolvida ser muito maior do que a vossa capacidade de a utilizar de forma responsável. Estão a aproximar-se novamente do mesmo ponto, na história humana.

É de importância vital que compreendam isto:

A vossa tecnologia atual ameaça exceder a vossa capacidade de a usar sensatamente. A vossa sociedade encontra-se na iminência de se tornar um produto da tecnologia, em vez de ser a tecnologia um produto da sociedade.

Quando uma sociedade se transforma num produto da própria tecnologia, destrói-se a si própria.

Por que é assim? Podes explicar?

Posso. A questão crucial é o equilíbrio entre a tecnologia e a Cosmologia - a cosmologia de toda a vida.

O que queres dizer com "a cosmologia de toda a vida"?

Em termos simples, é a maneira como as coisas funcionam. O Sistema. O Processo.

Há um "método na Minha loucura", sabes.

Tinha esperança que houvesse.

E a ironia está em que, quando se entende esse método, quando se começa a compreender cada vez melhor como funciona o Universo, corre-se maior risco de provocar uma rutura. Neste aspeto, a ignorância pode ser uma bênção.

O Universo em si é uma tecnologia. É a suprema tecnologia. Funciona perfeitamente. Por si só. Mas quando se chega lá e se começa a mexer em

princípios e leis universais, corre-se o risco de as infringir. É a penalidade das quarenta jardas.

Um grande revés para a equipa da casa.

Sim.

Então estamos fora da nossa divisão?

Estão a aproximar-se. Só vocês podem determinar quando estão fora da vossa divisão. Determiná-lo-ão com as vossas ações. Por exemplo, sabem o suficiente sobre energia atômica para fazerem explodir o vosso mundo inteiro.

Sim, mas não vamos fazer isso. Somos espertos demais. Impedir-nos-emos.

Ah sim? Continuem a multiplicar as vossas armas de destruição em massa da maneira como têm estado a fazer, e não tarda que vão parar às mãos de alguém que fará do mundo refém - ou que o destruirá a tentar fazê-lo.

Estão a dar fósforos a crianças e ficam à espera que não deitem fogo à casa, quando vocês próprios ainda têm que aprender a usar os fósforos.

A solução disto tudo é óbvia. Tirem os fósforos às crianças. Depois, deitem fora os vossos.

Mas é demais esperar que uma sociedade primitiva se desarme. Portanto, o desarmamento nuclear - a única solução duradoura - parece fora da questão. Nem sequer conseguimos acordar em suspender os testes nucleares. Somos uma raça de seres singularmente incapazes de se controlarem.

E se não se matarem uns aos outros com a vossa loucura nuclear, destruirão o vosso mundo por suicídio ambiental. Estão a dismantelar o ecossistema do vosso planeta e continuam a dizer que não. Como se isso não bastasse, estão a interferir com a própria bioquímica da vida, através

da clonagem e da engenharia genética, sem o fazerem com o cuidado suficiente para que seja um benefício para a vossa espécie, mas ameaçando torná-las no maior desastre de todos os tempos. Se não tiverem cuidado, farão com que as ameaças, nuclear e ambiental, pareçam uma brincadeira de crianças.

Ao desenvolverem medicamentos para fazer o trabalho para o qual os vossos corpos foram destinados, criaram vírus tão resistentes ao ataque que estão em posição de dizimar toda a vossa espécie.

Estou a ficar um bocado assustado. Então está tudo perdido? Acabou o jogo?

Não, mas é um *impasse*. É altura de dizer uma Ave-maria e de o *pivot* ver se há jogadores desmarcados a quem passar a bola.

Estão desmarcados? Conseguem receber isto?

Eu sou o *pivot* e da última vez que olhei, tínhamos camisolas da mesma cor, vocês e Eu. Ainda somos da mesma equipa?

Pensei que só houvesse uma equipa! Quem está na *outra* equipa?

Todo o pensamento que ignora a nossa unidade, toda a ideia que nos separa, toda a ação que anuncia que não estamos unidos. A "outra equipa" não é real, contudo faz parte da nossa realidade, pois vocês fizeram com que assim fosse.

Se não tiverem cuidado, a vossa própria tecnologia - a que foi criada para vos servir - matar-vos-á.

Ouçó, neste preciso momento, gente a dizer, "Mas que pode uma pessoa fazer?"

Podem começar por se deixar dessa história do "que pode uma pessoa fazer?".

Já vos disse que há centenas de livros sobre o assunto.

Parem de os ignorar. Leiam-nos. Atuem de acordo com eles. Dêem-nos a conhecer a outros. Comecem uma revolução. Façam dela uma revolução da evolução.

Não é isso que vem a acontecer há muito tempo?

Sim e não. O processo de evolução tem decorrido desde sempre, é claro. Mas agora esse processo está a tomar outro rumo. Há aqui uma viragem. Agora *aperceberam-se* de que estão a evoluir. E não só de que estão a evoluir, mas como. Agora conhecem *o processo pelo qual ocorre a evolução* - e através do qual *é criada a vossa realidade*.

Antes, eram apenas observadores de como a vossa espécie estava a evoluir. Agora são participantes conscientes.

Mais pessoas do que nunca têm consciência do poder da mente, da sua interligação com todas as coisas e da sua verdadeira identidade como ser espiritual.

Mais pessoas que nunca vivem a partir desse espaço, praticam princípios que invocam e produzem resultados específicos, desfechos desejados e experiências intencionais.

É verdadeiramente uma revolução da evolução, pois cada vez mais pessoas criam conscientemente a qualidade da sua experiência, a expressão direta de Quem realmente São e a rápida manifestação de Quem Escolhem Ser.

É isso que torna este período tão crítico. É por isso que este é o momento crucial. Pela primeira vez na vossa história atualmente registada (embora não pela primeira vez na experiência humana), têm tanto a tecnologia como o entendimento de como a utilizar para destruir o vosso mundo inteiro. Podem verdadeiramente levar-se à extinção.

São exatamente as questões levantadas num livro de Barbara Marx Hubbard intitulado *Conscious Evolution*^{*}.

É isso, é.

É um documento de um alcance assombroso, com visões extraordinárias de como podemos evitar os terríveis desfechos de civilizações anteriores e criar verdadeiramente o céu na Terra. Provavelmente foste Tu quem o inspirou!

Penso que a Barbara diria que dei uma mãozinha...

Disseste anteriormente que inspiraste centenas de escritores - muitos mensageiros. Há outros livros de que devemos estar ao corrente?

Demasiados para enumerar aqui. Por que não fazes a tua própria pesquisa? Depois, faz uma lista dos que te atraíram em particular, e partilha-a com outros.

Tenho falado através de escritores, poetas e dramaturgos desde o princípio dos tempos. Coloco a minha verdade em letras de canções, nas faces de quadros, nas formas de esculturas e em cada batida do coração humano, desde sempre. E continuarei a fazê-lo pela eternidade que há-de vir.

Cada pessoa alcança a sabedoria da forma mais compreensível, ao longo do caminho mais familiar. Cada mensageiro de Deus descobre a verdade nos momentos mais simples, e partilha-a com igual simplicidade.

Tu és um desses mensageiros. Vai e diz ao teu povo que viva em conjunto na sua verdade suprema. Partilhem em conjunto a sua sabedoria. Experimentem em conjunto o seu amor. Porque eles podem existir em paz e harmonia.

^{*} Evolução Consciente. (N. da T.)

Então também a tua será uma sociedade elevada, tal como as que temos analisado.

Então a diferença principal entre a nossa sociedade e as civilizações mais altamente evoluídas algures no Universo é a ideia que temos de separação.

Sim. O primeiro princípio orientador da civilização avançada é a unidade. O reconhecimento da Unidade e da sacralidade de toda a vida. Verificamos assim que, em todas as sociedades elevadas, em nenhuma circunstância um ser tiraria voluntariamente a vida a outro da sua espécie contra a sua vontade.

Em nenhuma circunstância?

Nenhuma.

Mesmo que estivesse a ser atacado?

Essa circunstância não ocorreria nessa sociedade ou com essa espécie.

Talvez não com a espécie, mas se fosse do exterior?

Se uma espécie altamente evoluída fosse atacada por outra, era garantido que o atacante seria o menos evoluído. Na verdade, o atacante seria essencialmente um ser primitivo. Pois nenhum ser evoluído atacaria alguém.

Estou a ver.

A única razão pela qual uma espécie debaixo de ataque mataria outra seria se o ser atacado esquecesse Quem Realmente É.

Se o primeiro ser pensasse que era a sua forma corporal - a sua *forma* física - podia matar o atacante, pois temeria "o fim da própria vida". Se, por outro lado, o primeiro ser compreendesse totalmente que não era o seu corpo, nunca terminaria a existência corporal de outro - pois nunca teria razão para o fazer. Limitar-se-ia a abandonar o corpo e passaria para a experiência do seu eu não-corporal.

Como Obi-Wan Kenobi!

Exatamente. Os autores daquilo a que chamam "ficção científica" conduzem-vos, frequentemente, a uma verdade maior.

Tenho de parar aqui. Isto parece estar em contradição flagrante com o que dizia o *Livro 1*.

O que era?

O *Livro 1* dizia que, quando alguém nos maltrata, não serve de nada permitir que os maus tratos prossigam. O *Livro 1* dizia que, quando se age com amor, deve incluir-se *a si próprio* entre aqueles que se amam. E o livro parecia dizer, faz o que for preciso para parar com o ataque contra ti. Até dizia que não fazia mal reagir ao ataque com a *guerra* - e, citando diretamente: "Não se pode deixar que os déspotas levem a melhor, mas sim fazê-los acabar com o seu despotismo."

Também diz que: "Decidir ser como Deus não significa decidir ser um mártir. E seguramente não significa que decidas ser uma vítima".

Agora estás a dizer que seres altamente evoluídos nunca poriam termo à vida corporal de outros. Como podem estas afirmações estar a par?

Lê outra vez o material do *Livro 1*. Minuciosamente.

Todas as minhas respostas foram dadas, e devem ser consideradas, dentro do contexto que criaste; o contexto da tua pergunta.

Lê a tua declaração no fundo da página 158 do *Livro 1*. Nessa declaração, reconheces não estar a funcionar a um nível de mestria. Dizes que as palavras e ações de outras pessoas te ferem, às vezes. Sendo assim, perguntas qual a melhor forma de reagir a essas experiências de sofrimento ou prejuízo.

Todas as minhas respostas devem ser consideradas dentro desse contexto.

Eu disse, antes de mais, que virá o dia em que as palavras e as ações dos outros não te ofenderão. Tal como Obi-Wan Kenobi, não sentirás qualquer dano, mesmo quando alguém te estiver a "matar".

É esse o nível de mestria que foi alcançado pelos membros das sociedades a que me refiro. Os seres nessas sociedades têm uma noção muito clara de Quem São e de quem não são. É muito difícil fazer com que algum deles experiencie "sofrimentos" ou "prejuízos", ainda por cima, por pôr em perigo o seu corpo físico. *Abandonariam* simplesmente o corpo e deixar-to-iam, se sentisses assim tanta necessidade de o ferir.

O ponto seguinte que frisei na Minha resposta, no *Livro 1*, foi que vocês reagem como fazem às palavras e ações dos outros porque se esqueceram de Quem São. Mas isso não tem importância, como ali digo. Faz parte do processo de desenvolvimento. Faz parte da evolução.

Depois, faço uma afirmação muito importante. Durante todo o vosso processo de desenvolvimento, "têm que trabalhar ao nível em que se encontram. O nível da compreensão, o nível da boa vontade, o nível da lembrança."

Tudo o mais que ali referi deve ser considerado dentro desse contexto.

Disse mesmo, na página 160, "partirei do princípio, no caso desta conversa, de que ainda (...) estás a tentar realizar (tornar 'real') Quem Tu Realmente És."

Dentro do contexto de uma sociedade de seres que não se lembram de Quem Realmente São, as respostas que vos dei no *Livro 1* mantêm-se. Mas aqui não Me fizeste essas perguntas. Pediste-Me para descrever as *sociedades altamente evoluídas do Universo*.

Não só em relação ao assunto em causa, mas em relação a todos os outros tópicos que iremos aqui abordar, seria vantajoso se não encarasses as descrições de outras culturas como críticas da vossa.

Aqui não se fazem juízos. Nem haverá nenhuma condenação se fizerem as coisas de modo diferente - reagirem de modo diferente - dos seres que são mais evoluídos.

Portanto, o que Eu aqui disse foi que os seres altamente evoluídos do Universo nunca "matariam" por raiva outro ser sensitivo. Em primeiro lugar, não sentiriam raiva. Segundo, não poriam termo à experiência corporal de qualquer outro ser sem a permissão desse ser. Terceiro - para responder especificamente à tua questão específica - nunca se sentiriam "atacados", mesmo de fora da sua própria sociedade ou espécie, porque para te sentires "atacado" tens que sentir que alguém te está a tirar alguma coisa - a vida, os entes queridos, a liberdade, a propriedade, os bens - *qualquer* coisa. E um ser altamente evoluído nunca o experienciaria, porque um ser altamente evoluído *dar-te-ia* simplesmente o que pensavas que querias tanto, que estavas preparado para o tomar pela força - mesmo que custasse ao ser evoluído a sua vida corporal -, porque o ser evoluído sabe que pode *recrir tudo de novo*. Daria tudo, com a maior naturalidade, a um ser inferior que não soubesse disso.

Os seres altamente evoluídos, portanto, não são mártires, nem vítimas do "despotismo" de ninguém.

Mas isto vai mais longe. Não só o ser altamente evoluído tem a clara noção de que pode criar tudo de novo, como também tem a clara noção de que *não tem de o fazer*. Tem a clara noção de que não precisa de nada disso para ser feliz, ou para sobreviver. Compreende que não precisa de nada exterior a ele próprio, e que o "ele próprio" que é nada tem a ver com qualquer coisa física.

Os seres e as raças menos evoluídos nem sempre têm esta noção.

Finalmente, o ser altamente evoluído compreende que ela e os seus atacantes são Um só. Vê os atacantes coma uma parte ferida do seu Eu. A sua função, nessa circunstância, é sarar todas as feridas, para que o Todo Em Um possa novamente conhecer-se como realmente é. Dar tudo o que tem seria como dares a ti próprio uma aspirina.

Ena. Que conceito. Que entendimento! Mas preciso de voltar a uma coisa que disseste antes. Disseste que os seres altamente evoluídos...

...vamos abreviar isso para "SAEs" daqui por diante. É um nome comprido para utilizar constantemente.

Ótimo. Bem, dissestes que os "SAEs" nunca poriam termo à experiência corporal de outro ser sem a permissão desse ser.

Isso mesmo.

Mas por que daria um ser permissão a outro para pôr termo à sua vida física?

Poderia haver inúmeras razões. Podia oferecer-se como alimento, por exemplo. Ou servir para outra necessidade - como acabar com uma guerra.

Deve ser por isso que, mesmo nas nossas culturas, há quem não mate um animal para comer ou para utilizar a pele sem pedir autorização ao espírito desse ser.

Sim. É assim que fazem os vossos Índios Americanos, que não apanham uma flor, nem uma erva, nem uma planta, sem fazer essa comunicação. Todas as vossas culturas indígenas fazem o mesmo. Curiosamente, são essas tribos e culturas que vocês designam por "primitivas".

Então, estás a dizer-me que não posso apanhar um rabanete sem pedir licença?

Podes fazer aquilo que quiseses. Perguntaste-Me o que fariam os "SAEs".

Então os Índios Americanos são seres altamente evoluídos?

Como em todas as raças e espécies, alguns são, outros não. É uma coisa individual. Como cultura, no entanto, atingiram um nível muito elevado. Os mitos culturais que animam muita da sua experiência são

muito elevados. Mas vocês forçaram-nos a misturar os seus mitos culturais com os vossos.

Espera aí! Que estás Tu a *dizer*? O Pele-Vermelha era um selvagem! Foi por isso que tivemos de os matar aos milhares e aprisionar o resto nas terras a que chamámos reservas! Ora, ainda agora ocupamos os seus lugares sagrados com campos de golfe. *Temos* de o fazer. Caso contrário podiam honrar os lugares sagrados, *recordar* as suas histórias culturais e executar os seus rituais sagrados, e isso não podemos permitir.

Estou a perceber.

Não, a sério. Se não nos tivéssemos imposto e tentado erradicar a sua cultura, podiam ter afetado a *nossa*! Nesse caso onde iríamos nós parar?

Estaríamos a respeitar a terra e o ar, a recusar envenenar os rios, e então onde estaria a nossa indústria?

Toda a população continuaria provavelmente a andar por aí nua, *sem vergonha* nenhuma, a tomar banho no rio, a viver da terra, em vez de se acotovelarem dentro de arranha-céus, condomínios e vivendas, e de irem trabalhar na selva de asfalto.

Se calhar ainda estaríamos a ouvir ensinamentos da antiga sabedoria à volta duma fogueira em vez de ver televisão! Não teríamos feito progressos nenhuns.

Bem, mas felizmente, sabem o que é bom para vocês.

CAPÍTULO 18

***ESPÉCIES*SISTEMA SUSTENTA TODA A VIDA**

Conta-me mais sobre as civilizações altamente evoluídas e os seres altamente evoluídos. Para além do facto de não se matarem uns aos outros por nenhuma razão, que mais os torna diferentes de nós?

Partilham.

Ora essa, *nós* partilhamos!

Não, eles partilham *tudo*. Com *toda a gente*. Nenhum ser passa privações. Todos os recursos naturais do mundo e do ambiente são igualmente divididos e distribuídos por toda a gente.

Não consideram que uma nação, um grupo ou uma cultura "possua" um recurso natural, simplesmente porque ocupa o local físico onde se encontra esse recurso.

O planeta (ou planetas) habitado por um grupo de espécies é considerado como pertencendo a todos - a todas as espécies desse sistema. Na verdade, o planeta ou grupo de planetas *em si* é considerado um "sistema". É encarado como um sistema integral, não como um punhado de pequenas partes ou elementos, em que qualquer um pode ser eliminado, dizimado ou erradicado sem prejuízo do sistema em si.

O *ecossistema*, como nós lhe chamamos.

Bem, é mais do que isso. Não é só a ecologia - que é a relação dos recursos naturais do planeta com os seus habitantes. É também a relação dos habitantes consigo próprios, uns com os outros, e com o ambiente.

É a inter-relação de todas as espécies da vida.

O "espéciosistema"!

Sim! Gosto dessa palavra! É uma boa palavra! Porque aquilo de que estamos a falar é maior do que o ecossistema. É verdadeiramente o espéciosistema. Ou o que o vosso Buckminster Fuller chamava a noosfera.

Gosto mais de *espéciosistema*. É mais fácil de entender. Sempre me perguntei que raio de coisa era a *noosfera*!

O "Bucky" também gosta da tua palavra. Ele não é agarrado. Sempre gostou de tudo o que tornasse as coisas mais simples ou mais fáceis.

Agora estás a falar com Buckminster Fuller? Transformaste este diálogo numa sessão?

Digamos que tenho razões para saber que a essência que se identificava como Buckminster Fuller está deliciada com a tua palavra nova.

Fantástico. Quer dizer, é fixe - poder saber isso.

É "fixe". Estou de acordo.

Então nas culturas altamente evoluídas é o *espéciosistema* que conta.

Sim, mas não significa que os seres individuais *não* contem. Muito pelo contrário. O facto de os seres individuais *contarem* reflete-se no facto de o efeito no *espéciosistema* estar em primeiro lugar ao considerar qualquer decisão.

Entende-se que o *espéciosistema* sustenta toda a vida, e todos os seres, ao nível ideal. Não fazer nada que prejudique o espéciosistema é, portanto, *uma declaração de que cada ser individual é importante*. Não só os seres individuais com estatuto, influência ou dinheiro. Não só os seres individuais com poder, dimensão ou a presunção de maior autoconsciência. *Todos* os seres, e todas as espécies do sistema.

Como pode funcionar? Como é possível? No nosso planeta, as carências e necessidades de algumas espécies *têm* de ser subordinadas

às carências e necessidades de outras, ou não poderíamos experienciar a vida tal como a conhecemos.

Estão a aproximar-se perigosamente do momento em que não poderão experienciar a "vida tal como a conhecem", precisamente *porque* insistiram em subordinar as necessidades da maior parte das espécies aos desejos de uma só.

A espécie humana.

Sim - e nem sequer a todos os membros dessa espécie, mas apenas a alguns. Nem sequer ao maior número (que poderia ter alguma lógica), mas de longe ao *menor*.

Os mais ricos e poderosos.

Tu o disseste.

Lá vamos nós. Mais um sermão contra os ricos e bem-sucedidos.

Longe disso. A vossa civilização não merece um sermão; não mais do que uma sala cheia de crianças. Os seres humanos continuarão a fazer o que estão a fazer - a si próprios e uns aos outros - até perceberem que deixou de ser para seu bem. Não há sermões que alterem isso.

Se os sermões alterassem as coisas, as vossas religiões teriam sido mais eficazes há muito tempo.

Bem! Hoje acertas em toda a gente, não é?

Não estou a fazer nada disso. Estas simples observações incomodam-te? Então vê bem porquê. Há uma coisa que ambos sabemos. A verdade é muitas vezes incómoda. No entanto, este livro veio trazer a verdade. Como outros livros que eu inspirei. E filmes. E programas de televisão.

Não estou certo de querer encorajar as pessoas a ver televisão.

Para o melhor ou para o pior, a televisão agora é a fogueira da vossa sociedade. Não é o *meio* que vos leva em direções onde dizem não querer

ir, são as mensagens que permitem que lá ponham. Não denuncies o meio. Um dia podes vir tu a utilizá-lo, para difundir uma mensagem diferente...

Deixa-me voltar atrás, se puder ser... posso voltar à minha pergunta original? Continuo a querer saber como pode funcionar um *espéciosistema*, sendo as necessidades de todas as espécies tratadas por igual.

As necessidades são todas tratadas por igual, mas as necessidades em si não são todas iguais. É uma questão de proporção e de equilíbrio.

Os seres altamente evoluídos estão profundamente conscientes de que todas as coisas vivas dentro do que optámos por aqui chamar o *espéciosistema* têm necessidades que têm de ser supridas para que as formas físicas que criam e sustentam o sistema sobrevivam. Também entendem que nem todas essas necessidades são as mesmas, nem iguais, em termos do que exigem do sistema em si.

Utilizemos o vosso *espéciosistema* como exemplo.

Está bem...

Vamos utilizar as duas espécies vivas a que chamam "árvores" e "humanos".

Estou Contigo.

Obviamente, as árvores não requerem a mesma "conservação" diária que os humanos. Portanto, as suas necessidades não são iguais. Mas estão inter-relacionadas. Ou seja, uma espécie depende da outra. Tem que se dar tanta atenção às necessidades das árvores como às dos humanos, mas as necessidades em si não são tão grandes. No entanto, se ignorares as necessidades de uma espécie de coisas vivas, corres riscos.

O livro que referi anteriormente como sendo de importância crucial - *The Last Hours of Ancient Sunlight* - descreve tudo isto magnificamente. Diz que as árvores retiram dióxido de carbono da vossa atmosfera, utilizando a parte de carbono desse gás atmosférico para fazer *hidratos de carbono* -

ou seja, para *crescer*. (Quase tudo o que constitui uma planta, incluindo raízes, caules, folhas - até as sementes e os frutos que a árvore dá - são hidratos de carbono). Entretanto, a porção de oxigénio desse gás é libertada pela árvore. É o "desperdício" da árvore.

Por outro lado, os seres humanos precisam de oxigénio para sobreviver. Sem árvores que convertam o dióxido de carbono, que é abundante na vossa atmosfera, em oxigénio - que não é - a vossa espécie não consegue sobreviver.

Vocês libertam (*expiram*) por sua vez dióxido de carbono de que a árvore precisa para sobreviver.

Estás a ver o equilíbrio?

Claro. É engenhoso.

Obrigado. Então, por favor, deixem de o destruir.

Oh, deixa-Te disso. Plantamos duas árvores por cada uma que abatemos.

Sim, e só leva trezentos anos até que essas árvores atinjam a pujança e tamanho que lhes permita produzir tanto oxigénio como as árvores seculares que estão a abater.

A fábrica de oxigénio a que chamam floresta amazónica pode ser substituída na sua capacidade de equilibrar a atmosfera do vosso planeta em, digamos, dois ou três mil anos. Não tem importância. Estão a desbastar milhares de hectares todos os anos, mas não tem importância.

***Porquê?* Porque é que estamos a fazer isso?**

Desmatam a terra para poderem criar gado para matar e comer. Diz-se que a criação de gado traz maior rendimento aos povos indígenas da região de floresta virgem. Assim, proclamam que tudo isto se destina a tornar a terra *produtiva*.

Nas civilizações altamente evoluídas, contudo, a erosão do *espéciosistema* não é considerada *produtiva*, mas sim *destrutiva*. Assim, os SAEs encontraram uma forma de equilibrar as necessidades *totais* do *espéciosistema*. Optam por fazer isso, em vez de servir os desejos duma pequena parte do sistema, porque se apercebem de que *nenhuma espécie pode sobreviver no sistema se o próprio sistema for destruído*.

Isso parece óbvio. Dolorosamente óbvio.

Essa evidência pode ser ainda mais dolorosa na Terra nos próximos anos, se a vossa espécie chamada dominante não acordar.

Isso percebo. Percebo muito bem. E quero fazer alguma coisa a esse respeito. Mas sinto-me tão impotente. Por vezes sinto-me tão impotente. Que posso fazer para provocar a mudança?

Não há nada que tenhas de fazer, mas há muita coisa que podes ser.

Ajuda-me, então.

Os seres humanos têm tentado resolver os problemas ao nível do "fazer" desde há muito, sem grande sucesso. Isso deve-se ao facto de a verdadeira mudança ser sempre feita ao nível do "ser", não do "fazer".

Oh, fizeram algumas descobertas, é certo, e progrediram nas vossas tecnologias, portanto, nalguns aspetos, tornaram as vossas vidas mais fáceis - mas não está claro que as tenham tornado melhores. E, nas questões mais latas de princípios, têm feito um progresso muito lento. Continuam a enfrentar muitos dos problemas de princípios com que se deparam desde há séculos no vosso planeta.

A Vossa ideia de que a Terra existe para exploração da espécie dominante é um bom exemplo.

É óbvio que não mudarão o que andam a *fazer* até mudarem a vossa maneira de ser.

Têm de mudar de ideias sobre quem *são* em relação ao vosso ambiente e tudo nele, antes de *agirem* de maneira diferente.

É uma questão de consciência. E têm de elevar a consciência antes de poderem mudar de consciência.

Como se faz isso?

Deixem de se calar sobre tudo isto. Falem alto. Façam um tumulto. Levantem as questões. Até podem levantar alguma consciência coletiva.

Só sobre uma questão, por exemplo. Por que não cultivar cânhamo e utilizá-lo para fazer papel? Sabem quantas árvores são precisas para abastecer o vosso mundo de jornais diários? Já para não falar de copos de papel, embalagens de cartão e toalhas de papel?

O cânhamo pode ser cultivado a baixo custo, facilmente colhido e utilizado não só para fazer papel, mas a corda mais resistente, o vestuário mais duradouro, e até alguns dos medicamentos mais eficazes que o vosso planeta pode produzir. De facto, a cannabis pode ser plantada a um custo tão baixo e tão facilmente colhida e tem tantas utilizações extraordinárias, que há um enorme *lobby* a funcionar contra ela. Demasiada gente teria demasiado a perder para permitir que o mundo se voltasse para esta simples planta que pode ser cultivada em quase toda a parte. Isto é só um exemplo de como a ganância substitui o bom senso na condução dos assuntos humanos.

Portanto deem este livro a todos os vossos conhecidos. Não só para que entendam isto como também para que entendam tudo o mais que o livro tem para dizer. E ainda há *muito mais*.

Basta virar a página...

Sim, mas estou a começar a sentir-me deprimido, como muitas pessoas dizem que se sentiram com o *Livro 2*. Vai haver mais conversa sobre como estamos a destruir aqui as coisas e a dar cabo de tudo? Porque não estou certo de estar à altura...

Estás à altura de ser inspirado? Estás à altura de ser estimulado? Porque aprender e explorar o que outras civilizações - civilizações avançadas - estão a fazer devia tanto inspirar-te como estimular-te!

Pensa nas possibilidades! Pensa nas oportunidades! Pensa nos amanhã preciosos ao virar da esquina!

Se acordarmos.

Acordarão! Estão a acordar! O paradigma está a mudar. O mundo está a mudar. Está a acontecer à frente dos teus olhos.

Este livro faz parte disso. Tu és parte disso. Lembra-te, estás na sala para sarar a sala. Estás no espaço para sarar o espaço. Não há mais nenhuma razão para estares aqui.

Não desistas! Não desistas! A aventura mais grandiosa apenas começou!

Está bem. Escolho ser inspirado pelo exemplo e sabedoria de seres altamente evoluídos, e não desencorajado.

Ótimo. É uma escolha sensata, em vista de onde dizem querer ir enquanto espécie. Há muita coisa que podem relembrar ao observar estes seres.

Os SAEs vivem em unidade, com um profundo sentido de inter-relacionamento. Os seus comportamentos são criados por Pensamentos Orientadores - aquilo a que se poderia chamar os princípios básicos de orientação da sociedade. Os vossos comportamentos também são criados pelos vossos Pensamentos Orientadores - ou seja, os princípios básicos de orientação da vossa sociedade.

Quais são os princípios básicos de orientação de uma sociedade de SAEs?

O Primeiro Princípio Orientador é: Somos Todos Um. Todas as decisões, todas as opções, tudo o que se poderia chamar "moral" e "ética" se baseia neste princípio.

O Segundo Princípio Orientador é: Tudo no Um se Inter-relaciona.

Ao abrigo deste princípio, nenhum membro de uma espécie pode impedir ou impedirá alguém de ter acesso a algo simplesmente porque "o tinha primeiro", ou por ser um "bem" seu, ou por "haver pouco". A dependência mútua de todas as coisas vivas no *espéciosistema* é reconhecida e respeitada. As necessidades relativas de todas as espécies de organismos vivos no sistema são sempre mantidas em equilíbrio - porque são sempre tidas em *mente*.

Esse Segundo Princípio Orientador significa que a propriedade pessoal não existe?

Não como entendida por vós.

Um SAE experiencia a "propriedade pessoal" no sentido de ter *responsabilidade pessoal* por cada coisa ao seu cuidado. A palavra mais aproximada para descrever o que um ser altamente evoluído sente sobre aquilo a que chamariam um "bem de estimação" é *administração*. Um SAE é um *administrador*, não um proprietário.

A palavra "posse" e o vosso conceito subjacente não fazem parte da cultura dos SAEs. Não existe "posse" no sentido de algo ser um "pertence pessoal". Os SAEs não *possuem*, os SAEs *acarinham*. Ou seja, conservam, cingem, amam e cuidam das coisas, mas não as possuem.

Os humanos possuem, os SAEs acarinham. Na vossa linguagem, é assim que se pode descrever a diferença.

Antigamente, na vossa história, os humanos pensavam ter todo o direito e possuir pessoalmente tudo o que lhes vinha parar às mãos. Isso incluía mulheres, filhos, terras e as riquezas da terra. As "coisas" e todas as outras "coisas" que essas "coisas" lhes pudessem trazer, também eram

deles. Grande parte desta convicção continua a ser considerada verdadeira na sociedade humana de hoje.

Os humanos ficaram obcecados com o conceito de "propriedade". Os SAEs que observavam isto à distância chamaram-lhe a "obsessão da posse".

À medida que vão evoluindo, compreendem cada vez melhor que não podem, verdadeiramente, possuir nada - muito menos as vossas mulheres e filhos. Muitos de vós, no entanto, ainda estão presos à noção de que podem possuir terra, e tudo o que se encontra nela, debaixo dela e sobre ela. (Sim, até falam de "*direitos aéreos*"!)

Os SAEs do Universo, em contraste, compreendem profundamente que o planeta físico sob os seus pés não é algo que possa ser possuído por um só deles - embora possa ser concedido a um SAE, através dos mecanismos da sua sociedade, um lote de terra para cuidar. Se for uma boa administradora da terra, pode-lhe ser permitido (pedido) para passar a administração aos seus filhos, e destes para os respetivos filhos. Se, em qualquer altura, quer ela quer os seus filhos demonstrarem serem maus administradores da terra, esta deixará de ficar ao seu cuidado.

Bem! Se aqui houvesse esse princípio orientador, metade das indústrias do mundo teriam de renunciar à sua propriedade!

E o ecossistema mundial melhoraria drasticamente de um dia para o outro.

Vês, numa cultura altamente evoluída, uma "empresa" como lhe chamam, nunca seria autorizada a destruir a terra para obter lucros, pois veriam claramente que a qualidade de vida das próprias pessoas que possuíssem ou trabalhassem na empresa seria irrevogavelmente prejudicada. Que lucro existe nisso?

Bem, os prejuízos podiam não se fazer sentir durante anos, enquanto os benefícios se verificam aqui e agora. Portanto isso seria designado por Lucro a Curto Prazo/Prejuízo a Longo Prazo. Mas

quem se importa com o Prejuízo a Longo Prazo, se lá não vai estar para o sentir?

Os seres altamente evoluídos importam-se. Mas também, eles vivem muito mais tempo.

Quanto mais tempo?

Muitas vezes mais. Nalgumas sociedades de SAEs, os seres vivem para sempre - ou enquanto optarem por conservar a forma corporal. Por isso, nas sociedades de SAEs, os seres individuais normalmente ainda estão lá para sentirem as consequências a longo prazo das suas ações.

Como conseguem estar vivos durante tanto tempo?

Claro que nunca estão *não* vivos, tal como vós, mas percebo o que queres dizer. Queres dizer "com o corpo".

Sim. Como conseguem estar no corpo durante tanto tempo? Por que é que é possível?

Primeiro, porque não poluem o ar, nem a água, nem a terra. Não põem produtos químicos no solo, por exemplo, que passam para as plantas e os animais e absorvidos pelo organismo quando consome essas plantas e animais.

Um SAE, na verdade, nunca consumiria um animal e muito menos encheria o solo, e as plantas que o animal come, com produtos químicos, enchendo a seguir o próprio animal de produtos químicos e depois consumindo-o. Um SAE avaliaria corretamente essa prática como suicida.

Portanto, os SAEs não poluem o ambiente, a atmosfera e os seus próprios corpos, como fazem os humanos. Os vossos corpos são criações magníficas, feitas para "durar" infinitamente mais do que vocês lhes permitem.

Os SAEs também manifestam comportamentos psicológicos diferentes, que prolongam igualmente a vida.

Tais como?

Um SAE nunca se preocupa - nem sequer entenderia o conceito humano de "preocupação" ou "tensão". Um SAE também não "odeia", nem sente "raiva", nem "ciúme", nem pânico. Assim, o SAE não produz reações bioquímicas dentro do próprio corpo que o consomem e destroem. Um SAE designaria isso por "consumir-se", e um SAE não se consumiria, da mesma forma que não consumiria outro ser corporal.

Como é que um SAE consegue isso? Os humanos são capazes de controlar as emoções dessa forma?

Primeiro, um SAE compreende que todas as coisas são perfeitas, que existe um processo no Universo que se resolve por si e que tudo o que tem que fazer é não interferir nele. Portanto, um SAE nunca se preocupa, porque um SAE compreende o processo. E, para responder à tua segunda pergunta: Sim, os humanos são capazes de exercer esse controlo, embora alguns pensem que não, e outros simplesmente optem por não o exercer. Os poucos que fazem um esforço vivem muito mais tempo - presumindo que os químicos e os venenos atmosféricos não os matam, e que não se envenenam voluntariamente por outros meios.

Espera aí. Nós "envenenamo-nos voluntariamente"?

Alguns de vocês, sim.

Como?

Como Eu disse, comem venenos. Alguns de vocês bebem venenos. E outros até fumam venenos.

Um ser altamente evoluído considera esses comportamentos incompreensíveis. Não consegue imaginar por que introduzem deliberadamente nos vossos corpos substâncias que sabem que não vos podem fazer nenhum bem.

Para nós, comer, beber e fumar certas coisas é agradável.

Um SAE acha a *vida no corpo* agradável, e não lhe passa pela cabeça fazer qualquer coisa que sabe antecipadamente que a vai limitar ou pôr-lhe termo, ou torná-la dolorosa.

Alguns entre nós não acreditam que comer carne vermelha em abundância e beber álcool, ou fumar plantas, irá limitar ou pôr termo às nossas vidas, ou torná-las dolorosas.

Então as vossas capacidades de observação estão muito entorpecidas. Precisam de ser estimuladas. Um SAE sugeriria simplesmente que olhassem à vossa volta.

Sim, bem... que mais me podes contar sobre como é a vida nas sociedades altamente evoluídas do Universo.

Não existe vergonha.

Nenhuma vergonha?

Nem nada que se pareça com culpa.

E se um ser demonstra ser um mau "administrador" da terra? Disseste ainda agora que lhe tiram a terra! Isso não significa que foi julgado e considerado culpado?

Não. Significa que foi observado e considerado incapaz.

Nas culturas altamente evoluídas, os seres nunca são instados a fazer qualquer coisa para a qual tenham demonstrado incapacidade.

E se *quisessem* fazê-la, mesmo assim?

Não "quereriam" fazer.

Porquê?

A própria incapacidade demonstrada eliminaria esse desejo. É uma consequência natural do seu entendimento de que a sua incapacidade de

fazer determinada coisa teria o potencial de prejudicar outrem. Isso nunca fariam, porque prejudicar o Outro é prejudicar o Eu, *e eles sabem-no*.

Então continua a ser a "auto preservação" que orienta a experiência! Tal como na Terra!

Com certeza! A única coisa diferente é a sua *definição do "Eu"*. Um humano define o Eu de uma forma muito restrita. Falam do *vosso* Eu, da *vossa* família, da *vossa* comunidade. Um SAE define um Eu de forma substancialmente diferente. Fala *do* Eu, *da* família, *da* comunidade.

Como se existisse apenas um.

Existe apenas um. A questão é mesmo essa.

Compreendo.

E assim, numa cultura altamente evoluída, um ser nunca insistiria, por exemplo, em criar filhos, se esse ser demonstrasse consistentemente a si próprio *a sua incapacidade de o fazer*.

Esta é a razão pela qual, nas culturas altamente evoluídas, as crianças não educam crianças. As crianças são entregues aos mais velhos para serem educadas. Isto não significa que as novas crianças sejam separadas dos que lhe deram vida, arrancadas aos seus braços e entregues a estranhos para serem criadas. Não é nada disso. Nessas culturas, os idosos vivem próximo dos jovens. Não são despachados para irem viver sozinhos. Não são ignorados nem os deixam resolver por si o seu destino final. São respeitados, reverenciados e mantidos por perto, como parte de uma comunidade afetuosa, atenta e vibrante.

Quando chega uma nova criança, os anciãos ali estão, no fundo do coração daquela comunidade e daquela família, e criarem a criança é organicamente tão correto como na vossa sociedade é que sejam os pais a fazê-lo.

A diferença é que, embora saibam sempre quem são os "pais" - o termo mais próximo na linguagem deles seria "dadores de vida" - não se

pede a essa criança que aprenda os fundamentos da vida com seres que *ainda estão eles próprios a aprender os fundamentos da vida*.

Nas sociedades de SAEs, os anciãos organizam e supervisionam o processo de aprendizagem, bem como o alojamento, a alimentação e os cuidados com as crianças. As crianças são criadas num ambiente de sabedoria e amor, com uma grande, grande paciência e profunda compreensão.

Os jovens que lhes deram vida normalmente estão afastados num lugar qualquer, fazendo face aos desafios e experienciando as alegrias das suas próprias vidas jovens. Podem passar o tempo que quiserem com as crianças. Podem até viver na Morada dos Anciãos com as crianças, para estarem ali com elas no ambiente do "lar", e para que elas os experienciem como parte dele.

É uma experiência muito unificada e integral. Mas são os anciãos que criam, que assumem a responsabilidade. E é uma honra, pois é atribuída aos anciãos a responsabilidade pelo futuro de toda a espécie. E nas sociedades de SAEs, reconhece-se que isto é mais do que se poderia pedir aos jovens.

Abordei isto anteriormente, quando falámos de como criam as vossas crianças no vosso planeta, e de como o podiam mudar.

Sim. E obrigado por explicares isto melhor, e como funciona. Então, voltando atrás, um SAE não sente culpa nem vergonha, faça o que fizer?

Não. Porque culpa e vergonha são algo que é imposto a um ser a partir do exterior. Depois pode ser interiorizado, sem dúvida, mas inicialmente é imposto a partir do exterior. *Sempre*.

Nenhum ser divino (e todos os seres são divinos) se reconhece ou a alguma coisa que faça como "vergonhosa" ou "culpada" até que alguém que lhe é externo a classifique como tal.

Na vossa cultura, um bebé tem vergonha dos seus "hábitos higiénicos"? Claro que não. Não até lhe *dizerem* para ter. Uma criança sente-se "culpada" por dar prazer a si própria com os seus genitais? Evidentemente que não. Não até lhe *dizerem* para se sentir culpada.

O grau de evolução de uma cultura é demonstrado pelo grau em que classifica um ser ou uma ação como "vergonhosos" ou "culpados".

Não há ações que devam ser chamadas vergonhosas? Uma pessoa *nunca* é culpada, faça o que fizer?

Conforme já vos disse, não existe certo nem errado.

Há pessoas que ainda não compreendem isso.

Para compreender o que aqui se diz, este diálogo deve ser lido na *totalidade*. Retirar qualquer afirmação do contexto pode torná-la incompreensível. Os *Livros 1* e *2* contêm explicações detalhadas da sabedoria acima referida. Estás a pedir-Me para descrever as culturas altamente evoluídas do Universo. Elas já compreendem esta sabedoria.

Está bem. De que outras formas são essas culturas diferentes da nossa?

De muitas outras. Não competem.

Entendem que, quando alguém perde, toda a gente perde. Portanto, não criam desportos nem jogos que ensinam às crianças (e perpetuam nos adultos) a extraordinária ideia de que estar alguém "a ganhar" enquanto outra pessoa está "a perder" é *entretenimento*.

Como disse, eles também partilham tudo. Quando alguém se encontra necessitado, nunca sonhariam reter ou acumular algo que tivessem, simplesmente por ser escasso. Pelo contrário, seria *razão para o partilharem*.

Na vossa sociedade, o preço daquilo que é raro sobe, se é que chegam a partilhá-lo. Dessa forma, asseguram-se de que, se vão partilhar qualquer coisa que "possuem", pelo menos *enriquecem fazendo-o*.

Os seres altamente evoluídos também enriquecem pela partilha de coisas raras. A única coisa diferente entre SAEs e humanos é como os SAEs definem "enriquecer". Um SAE sente-se "enriquecido" por partilhar tudo livremente, sem necessidade de "lucro". Na verdade, esse sentimento *é o lucro*.

Existem vários princípios orientadores na vossa cultura, que produzem os vossos comportamentos. Como Eu disse anteriormente, um dos fundamentais é: *A Sobrevivência dos Mais Aptos*.

Este podia ser considerado o vosso Segundo Princípio Orientador. Encontra-se subjacente a tudo o que a vossa sociedade criou. À economia. À política. Às religiões. À educação. Às estruturas sociais.

Contudo, para um ser altamente evoluído, o próprio princípio é um oxímoro. É contraditório. Uma vez que o Primeiro Princípio Orientador de um SAE é Somos Todos Um, o "Um" não está "apto" até que "Todos" estejam "aptos". A sobrevivência dos "mais aptos" é portanto impossível - ou a única coisa que é possível (daí a contradição) - uma vez que os "mais aptos" não estão "aptos" até estarem.

Estás a acompanhar?

Sim. Nós chamamos-lhe comunismo.

No vosso planeta, rejeitaram descontroladamente todo o sistema que não permita o progresso de um ser à custa de outro.

Se um sistema governamental ou económico exigir uma tentativa de distribuição equitativa, a "todos", dos benefícios criados por "todos", com os recursos pertencentes a "todos" afirmam que esse sistema de governação viola a ordem natural. No entanto, nas culturas altamente evoluídas, a ordem natural *É a partilha equitativa*.

Mesmo que uma pessoa ou um grupo nada tenham feito para o merecer? Mesmo se não tiver havido contribuição para o bem comum? Mesmo se forem maus?

O bem comum é a vida. Se estiveres vivo, estás a contribuir para o bem comum. É muito difícil para um espírito encontrar-se na forma física. Concordar em assumir essa forma é, em certo sentido, um grande sacrifício - mas um sacrifício necessário e até agradável, se o Todo se quiser conhecer experiencialmente e recriar-se de novo na versão mais grandiosa seguinte da visão mais sublime que jamais teve sobre Quem É.

É importante perceber porque é que nós viemos aqui.

Nós?

As almas que constituem o coletivo.

Estou a ficar perdido.

Como já expliquei, existe apenas Uma Alma, Um Ser, Uma Essência. Alguns de vós chamam a isso "Deus". Essa Única Essência "individualiza-se" como Tudo No Universo - por outras palavras, Tudo O Que É. Isto inclui todos os seres sensitivos, ou aquilo que optaram por chamar almas.

Então "Deus" é cada alma que "é"?

Cada alma que é agora, sempre foi e sempre será.

Então Deus é um "coletivo"?

Essa é a palavra que escolhi, por ser a que mais se aproxima de descrever como as coisas são, na vossa linguagem.

Não é um único ser admirável, mas um coletivo?

Não tem de ser nem um nem outro. "Sai da caixa" e pensa!

Deus é ambos? Um único Ser Admirável que é um coletivo de partes individualizadas?

Ótimo! Muito bem!

E por que veio o coletivo à Terra?

Para se expressar na fisicalidade. Para se conhecer na sua própria experiência. Para ser Deus. Como expliquei em pormenor no *Livro 1*.

Criaste-nos para sermos Tu?

Criámos, de facto. Foi *exatamente* por essa razão que foram criados.

E os humanos foram criados por um coletivo?

A vossa própria Bíblia dizia, "*Criemos o homem à Nossa Imagem e semelhança*", antes de alterarem a tradução.

A vida é o processo através do qual Deus Se cria, experienciando assim a criação. Este processo de criação é permanente e eterno. Acontece a todo o "tempo". A relatividade e a fisicalidade são os instrumentos com que Deus trabalha. Energia pura (o que vocês chamam espírito) é O Que Deus É. Essa Essência é verdadeiramente o Espírito Santo.

Por um processo através do qual a energia se transforma em matéria, o espírito encarna na fisicalidade. Isto acontece quando a energia reduz literalmente a sua própria velocidade - mudando de oscilação, ou aquilo a que chamariam vibração.

Aquele Que É Tudo faz isto por partes. Ou seja, partes do todo fazem isto. Essas individualizações do espírito são o que vocês optaram por chamar almas.

Na verdade, há apenas Uma Alma, que se remodela e reforma, ao que se poderia chamar a Reformação. Vós sois todos Deuses Em Formação. (*Informação* de Deus!*)

* Jogo de palavras com os termos "Gods in Formation" (Deuses em Formação) e "God's information" (informação de Deus), que se pronunciam exatamente da mesma maneira. (N. da T.)

É essa a vossa contribuição, e é suficiente só por si.

Em termos simples, ao assumirem a forma física já fizeram o suficiente. Eu não quero, nem preciso, de mais nada. Tornaram possível que aquilo que é comum - o Elemento Comum Único - experimente aquilo que é bom. Vocês próprios escreveram que Deus criou os céus e a Terra, e os animais que pisam a terra, as aves do ar e os peixes do mar e tudo estava muito bem.

O "bem" não existe - não pode existir - experiencialmente sem o seu oposto. Portanto criaram também o mal, que é o movimento de recuo, ou sentido oposto, do bem. É o oposto da vida - e por isso criaram aquilo a que chamam morte.

No entanto, a morte não existe na realidade suprema, é apenas uma trama, uma invenção, uma experiência imaginada, através da qual valorizam mais a vida. Assim, "mal"* é "vivo" ao contrário! São mesmo habilidosos com a linguagem. Introduzem-lhe sabedorias secretas que vocês próprios não sabem que lá estão.

Quando entenderem toda esta cosmologia, compreendem a grande verdade. Então nunca poderão exigir a outro ser que vos dê algo em troca de partilharem os recursos e bens necessários à vida física.

Por muito bonito que isso seja, ainda há pessoas que lhe chamariam comunismo.

Se o quiserem fazer, assim seja. Mas Eu vos digo: Até que a vossa *comunidade de seres saiba ser em comunidade*, nunca experienciarão a Sagrada Comunhão, nem poderão saber Quem Eu Sou.

As culturas altamente evoluídas do Universo compreendem profundamente tudo o que aqui expliquei. Nessas culturas não seria possível deixar de partilhar. Nem seria possível pensar em "cobrar preços" cada vez mais exorbitantes quanto mais rara se tornasse uma necessidade.

* Em inglês "evil" (mal), e "live" (vivo). (N. da T.)

Só sociedades extremamente primitivas o fariam. Só seres muito primitivos veriam a escassez do que é normalmente necessário como oportunidade de maiores lucros. "Oferta e Procura" não norteiam o sistema de SAE.

Isto faz parte de um sistema que os humanos alegam contribuir para a sua qualidade de vida e para o bem comum. No entanto, do ponto de vista de um ser altamente evoluído, o vosso sistema *viola* o bem comum, porque não permite que o bem seja experienciado *em comum*.

Outra característica fascinante que distingue as culturas altamente evoluídas é não existir nelas nenhuma palavra ou som, nem nenhuma forma de transmitir o significado de "teu" e "meu". Os pronomes possessivos não existem na sua língua e, se se falasse apenas em línguas terrenas, só se poderiam utilizar artigos para o descrever. Utilizando essa convenção, "o meu carro" transforma-se em "o carro com que agora estou". "O meu sócio" ou "os meus filhos" passam a ser "o sócio" ou "os filhos com que agora estou".

O termo "com que agora estou" ou "em cuja presença", é o mais próximo que as vossas linguagens chegam de descrever o que designariam por "propriedade" ou "haver".

Aquilo "em cuja presença" estão torna-se a Dádiva. São os verdadeiros "presentes" da vida.

Assim, na linguagem das culturas altamente evoluídas, não se poderia sequer falar em termos da "minha vida", mas apenas poderia transmitir "a vida em cuja presença me encontro".

Isto é algo parecido com o que vocês chamam estar "na presença de Deus".

Quando estão na presença de Deus (tal como estão, sempre que se encontram na presença uns dos outros), nunca pensariam em deixar de dar a Deus aquilo que é de Deus - ou seja, qualquer parte de Aquilo Que É.

Partilhariam, natural e equitativamente, aquilo que é de Deus com qualquer parte daquilo que é Deus.

É este o entendimento espiritual que suporta todas as estruturas sociais, políticas, económicas e religiosas de todas as culturas altamente evoluídas. Esta é a cosmologia de toda a vida, e é somente o fracasso em observar esta cosmologia, em compreendê-la e em viver nela que cria toda a discórdia da vossa experiência na Terra.

CAPÍTULO 19

SERES DE OUTROS PLANETAS

Como são os seres dos outros planetas, fisicamente?

Escolhe o que quiseres. Há tantas variedades de seres quantas espécies de vida no vosso planeta.

Na verdade, ainda mais.

Há seres muito parecidos connosco?

Claro, alguns são exatamente como vocês - com pequenas variações.

Como é que vivem? O que comem? Como se vestem? De que forma comunicam? Quero saber tudo sobre os E.T.s. Então, diz lá!

Compreendo a tua curiosidade, mas estes livros não te estão a ser dados para satisfazer a curiosidade. O propósito da nossa conversa é trazer uma mensagem ao vosso mundo.

Só umas perguntas. E são mais do que curiosidades. Pode haver alguma coisa para aprender. Ou, mais precisamente, relembrar.

Na verdade, assim é mais preciso. Porque não têm que aprender nada, mas apenas *relembrar* Quem Realmente São.

Tornaste-o maravilhosamente claro no *Livro 1*. Esses seres nos outros planetas relembram-se Quem Eles São?

Como deves calcular, todos os seres, noutros lugares estão em diversas fases de evolução. Mas, naquelas que designaste aqui por culturas altamente evoluídas, sim, os seres relembram-se.

Como é que vivem? Trabalham? Viajam? Comunicam?

Viajar, tal como entendido na vossa cultura, não existe nas sociedades altamente evoluídas. A tecnologia avançou muito para além da necessidade de utilizar combustíveis fósseis para acionar motores instalados em máquinas enormes que transportam corpos de um lado para o outro.

Para além do que trouxeram novas tecnologias físicas, também progrediram entendimentos da mente e da verdadeira natureza da própria fisicalidade.

Como resultado da combinação destes dois tipos de avanços evolutivos, tornou-se possível para os SAEs desmontar e voltar a montar os seus corpos segundo a sua vontade, permitindo à maior parte dos seres na maioria das culturas altamente evoluídas "estar" onde quiserem - sempre que quiserem.

Incluindo a anos-luz de distância no Universo?

Sim. Na maior parte dos casos, sim. Essas viagens de “longa distância” através de galáxias são feitas como uma pedra a saltitar por cima da água. Não é feita nenhuma tentativa de atravessar A Matriz que é o Universo, mas antes de “saltitar” sobre ela. Esta é a melhor imagem que se pode encontrar na vossa linguagem para explicar essa física.

Quanto ao que chamam, na vossa sociedade, “trabalho” - esse conceito não existe nas culturas de SAEs. As tarefas são desempenhadas e as atividades empreendidas com base somente no que um ser gosta de fazer e vê como a suprema expressão do Eu.

Isso é fantástico quando se pode fazer, mas como é feito o trabalho humilde?

O conceito de “trabalho humilde” não existe. Aquilo que classificariam como “humilde” na vossa sociedade é frequentemente o mais respeitado no mundo dos seres altamente evoluídos. Os SAEs que desempenham as tarefas diárias que “têm” de ser feitas para que uma sociedade exista e funcione são os que recebem a maior compensação, “trabalhadores” com

as mais altas condecorações ao serviço do Todo. Coloquei a palavra "trabalhadores" entre aspas porque para um SAE não é considerado "trabalho" de todo, mas a forma mais elevada de autorrealização.

As ideias e experiências que os humanos criaram em redor da autoexpressão - a que chamaram trabalho - simplesmente não fazem parte da sociedade de SAEs. "Servidão", "trabalho extraordinário", "pressão" e experiências autocriadas semelhantes não são escolhidas por seres altamente evoluídos que, entre outras coisas, não estão a tentar "subir na vida", "chegar ao topo" ou "ter sucesso". O próprio conceito de "sucesso", tal como o definiram, é desconhecido para um SAE, precisamente porque o seu oposto - *fracasso* - não existe.

Então como é que os SAEs têm a experiência de realização ou conquista?

Não através da construção de um elaborado sistema de valores envolvendo "competição", "ganhar" e "perder", como se faz na maior parte das sociedades e atividades humanas - até (e especialmente) nas escolas -, mas antes por meio de um profundo entendimento do que é o valor real numa sociedade, e da sua verdadeira apreciação.

Conquistar é definido como "fazer o que traz valor", não como "fazer o que traz 'fama' e 'fortuna', quer tenha ou não valor".

Então os SAEs têm um "sistema de valores"!

Oh, sim. Claro. Mas muito diferente da maior parte dos humanos. Os SAEs valorizam o que traz benefícios para Todos.

Nós também!

Sim, mas definem "benefício" de uma maneira tão diferente. Veem maior benefício em atirar uma esferazinha branca a um homem com um taco, ou em despir-se num grande écran prateado, do que em conduzir as crianças a relembrem as maiores verdades da vida, ou em assegurar o sustento espiritual duma sociedade. Assim, honram e pagam a jogadores de bola e estrelas de cinema mais do que a professores e sacerdotes. Fazem

isso tudo ao contrário, dado onde dizem querer chegar enquanto sociedade.

Não desenvolveram poderes de observação muito subtis.

Os SAEs veem sempre "o que é" e fazem "o que funciona". Os humanos, frequentemente, não.

Os SAEs não honram quem ensina ou oficia por estar "moralmente certo". Fazem-no porque é "o que funciona, em face de onde optam por ir enquanto sociedade.

Ainda assim, onde há uma estrutura de valores, deve haver "os que têm" e "os que não têm". Então nas sociedades de SAEs são os professores que são ricos e famosos, e os jogadores de bola que são pobres.

Numa sociedade de SAEs *não* há "os que não têm". Ninguém vive na profunda degradação em que vocês permitiram que muitos humanos caíssem. E ninguém morre de fome, como quatrocentas crianças por hora e trinta mil pessoas por dia, no vosso planeta. E uma vida de "desespero silencioso", como nas culturas de trabalho humanas é coisa que não existe.

Não. Na sociedade de SAEs não existem "desfavorecidos" nem "pobres".

Como evitaram isso? Como?

Aplicando dois princípios fundamentais:

Somos todos Um.

Há o suficiente.

Os SAEs têm uma percepção da suficiência, e uma consciência que a cria. Através da consciência dos SAEs do inter-relacionamento de todas as coisas, nada dos recursos naturais do planeta dos SAEs é desperdiçado nem

destruído. Assim, existe abundância para todos - consequentemente, "há o suficiente".

A consciência humana de insuficiência - de "não haver que chegue" - é a raiz de toda a preocupação, toda a pressão, toda a competição, todo o ciúme, toda a ira, todo o conflito e, por fim, toda a matança no vosso planeta.

Isso, e a insistência humana em acreditar na separação e não na unidade de todas as coisas foi o que criou noventa por cento da infelicidade nas vossas vidas, a tristeza da vossa história, e a impotência dos vossos esforços anteriores para tornarem as coisas melhores para toda a gente.

Se mudassem estes dois elementos da vossa consciência tudo mudaria.

Como? Eu quero fazê-lo, mas não sei como. Dá-me um instrumento, e não somente lugares-comuns.

Ótimo. É justo. Eis um instrumento. "Age como se".

Age como se fossem todos Um. Começa a agir dessa forma amanhã. Vê toda a gente como "tu", apenas a passar um mau bocado. Vê toda a gente como "tu", a querer apenas uma oportunidade. Vê toda a gente como "tu", apenas a ter uma experiência diferente. Experimenta. Amanhã vai e experimenta.

Vê toda a gente com novos olhos. Depois, começa a agir como se "houvesse o suficiente". Se tivesses dinheiro "suficiente", amor "suficiente", tempo "suficiente" o que farias de maneira diferente? Partilharias mais aberta, livre e equitativamente?

Isso é interessante, porque estamos a fazer exatamente isso com os nossos recursos naturais, e somos criticados pelos ecologistas: quero eu dizer, estamos a agir como se "houvesse o suficiente".

O que é realmente interessante é que vocês agem como se as coisas que pensam que vos beneficiam fossem escassas, portanto vigiam com

muito cuidado a vossa provisão - até acumulando essas coisas, com frequência. Mas jogam à vontade com o ambiente, os recursos naturais e a ecologia. Só se pode presumir que não consideram que o ambiente, os recursos naturais e a ecologia vos beneficiam.

Ou que estamos a "agir como se" *houvesse o suficiente*.

Mas não estão. Se estivessem, partilhariam mais equitativamente esses recursos. Contudo, neste preciso momento, um quinto da população do mundo está a utilizar quatro quintos dos recursos mundiais. E não dão sinais de mudar esse equacionamento. Há o suficiente para todos, se pararem de esbanjar tudo impensadamente nuns poucos privilegiados. Se todas as pessoas utilizassem os recursos ponderadamente, utilizariam menos do que fazem algumas pessoas a utilizarem-nos insensatamente.

Use os recursos, mas não *abuse* dos recursos. É só isso que dizem os ecologistas.

Olha, estou deprimido outra vez. Estás sempre a deprimir-me.

És incrível, sabes? Vais a conduzir por uma estrada solitária, perdido e esquecido de como chegar onde dizes querer ir. Chega alguém e dá-te indicações. Eureka! Ficas entusiasmadíssimo, não é? Não. Ficas deprimido.

Espantoso.

Estou deprimido porque não nos vejo a seguir essas indicações. Nem sequer nos vejo a querer segui-las. Vejo-nos a ir direitos a um muro e sim, deprime-me.

Não estás a utilizar os teus poderes de observação. Vejo centenas de milhares de pessoas que aplaudem ao ler isto. Vejo milhões a reconhecerem estas simples verdades. E vejo uma nova força para a mudança a crescer em intensidade no vosso planeta. Sistemas de pensamento estão a ser rejeitados na totalidade. Formas de governo a ser abandonadas. Políticas económicas a ser revistas. Verdades espirituais a ser reexaminadas.

A vossa raça está a *despertar*.

Os reparos e observações nestas páginas não têm de ser fonte de desmotivação. Que os *reconheçam como verdade* pode ser tremendamente encorajador se permitires que isto seja o *combustível que aciona o motor da mudança*.

Tu és o agente da mudança. Tu és quem pode fazer a diferença em como os humanos criam e experienciam as suas vidas.

Como? Que posso eu fazer?

Sê a diferença. Sê a mudança. Personifica a consciência de "Somos Todos Um" e "Há O Suficiente".

Muda o teu Eu, muda o mundo. Deste ao teu Eu este livro e todo o material das *Conversas com Deus*, para que relembrasses mais uma vez como era viver como seres altamente evoluídos.

Já vivemos uma vez dessa maneira, não vivemos? Mencionaste anteriormente que tínhamos vivido assim uma vez.

Sim. Naquilo a que chamariam tempos antigos e antigas civilizações. A maior parte do que aqui tenho descrito foi experienciado antes pela vossa raça.

Agora uma parte de mim quer ficar ainda mais deprimida! Queres dizer que chegámos lá e depois perdemos tudo? Qual é o objetivo deste "andar em círculos" em que andamos?

Evolução! A evolução *não é uma linha reta*.

Têm agora a oportunidade de recriar as melhores experiências das vossas antigas civilizações, evitando as piores. Não têm de deixar egos pessoais e tecnologia avançada destruir a vossa sociedade desta vez. Podem fazê-lo de maneira diferente. Tu - *tu* - podes *fazer diferença*.

Isso podia ser muito estimulante para ti, se o deixares ser.

Pronto. Já percebi. E quando me permito pensar nisso dessa maneira, sinto-me estimulado! E farei a diferença! Diz-me mais! Quero lembrar tanto quanto puder como éramos nas nossas civilizações antigas e avançadas, e como é hoje com todos os seres altamente evoluídos.

Como vivem?

Vivem em núcleos, ou no que o teu mundo chamaria comunidades, mas na maioria abandonaram a versão do que vocês chamam "cidades" ou "nações".

Porquê?

Porque as "cidades" se tornaram demasiado grandes e deixaram de suportar o objetivo dos núcleos, passando a funcionar contra esse propósito.

Produziam "indivíduos amontoados", em vez de uma comunidade em redor de um núcleo.

Neste planeta acontece o mesmo! Há mais sentido de "comunidade" nas nossas vilas e aldeias - até nas grandes áreas rurais - do que na maior parte das grandes cidades.

Sim.

Só há uma diferença, nessa questão, entre o vosso mundo e os outros planetas que estamos a discutir.

Que é?

Os habitantes desses outros planetas aprenderam isto. Observaram mais minuciosamente "o que funciona".

Nós, pelo contrário, continuamos a criar cidades cada vez maiores, apesar de vermos que estão a destruir o nosso próprio modo de viver.

Sim.

Até temos *orgulho* nas nossas tabelas de classificação! Uma área metropolitana passa do décimo segundo para o décimo lugar na lista das maiores cidades e toda a gente acha que é motivo de festejo! As Câmaras de Comércio até o *anunciam!*

É próprio de uma sociedade primitiva encarar a regressão como progresso.

Já tinhas dito isso antes. Estás a deprimir-me outra vez!

Cada vez mais vocês estão a deixar de fazer isso. Cada vez mais recriam pequenas comunidades "planeadas".

Achas, então, que devíamos abandonar as nossas megacidades e regressar às vilas e aldeias?

Não tenho preferência num sentido nem noutro. Estou simplesmente a fazer uma observação.

Como sempre. Então, qual é a Tua observação relativamente à razão pela qual continuamos a migrar para cidades cada vez maiores, apesar de vermos que não é o melhor para nós?

Porque muitos de vós não veem que não é para o vosso bem. Acreditam que agrupar-se em grandes cidades *soluciona* problemas, mas só os cria.

É verdade que nas grandes cidades há serviços, empregos, divertimentos que não se encontram, nem podem encontrar-se, em vilas e aldeias mais pequenas. Mas o vosso erro é chamar a estas coisas valiosas quando, de facto, são nocivas.

Ah! Então *tens* um ponto de vista acerca disto! Descaíste-te! Disseste que cometemos um "erro".

Se te diriges para San Jose...

Lá vamos nós outra vez...

Ora, tu insistes em chamar às observações, "juízos", e às constatações, "preferências", e Eu sei que procuras uma maior precisão nas tuas comunicações e perceções, portanto vou chamar-te a atenção para isto todas as vezes.

Se te diriges para San Jose, ao mesmo tempo que dizes que queres ir para Seattle, está errado que o observador a quem pedes indicações te diga que "cometeste um erro"? O observador está a expressar uma "preferência"?

Acho que não.

Achas que não?

Pronto, não está.

Então o que é que ele está a fazer?

Meramente a dizer "o que é", em face de onde dizemos que queremos ir.

Excelente. Percebeste.

Mas já frisaste este ponto anteriormente. Repetidamente. Por que continuo a voltar à ideia de que Tu tens preferências e fazes juízos?

Porque é esse o Deus apoiado pela vossa mitologia, e atiram-Me para essa categoria sempre que podem. Além disso, se Eu *tivesse* uma preferência, tornava as coisas mais fáceis para vós. Não teriam de pensar nas coisas e chegar às vossas *próprias* conclusões. Teriam apenas de fazer o que *Eu* digo.

Claro que não teriam maneira de saber o que é que Eu digo, uma vez que não acreditam que eu tenha dito alguma coisa durante milhares de anos, portanto não têm alternativa senão confiar naqueles que afirmam estar a ensinar o que Eu dizia nos tempos em que realmente comunicava.

Mas mesmo isto é um problema, porque há tantos professores e ensinamentos diferentes quantos os cabelos na vossa cabeça. Portanto, estão de regresso ao ponto de começo, tendo de chegar às vossas *próprias* conclusões.

Há alguma maneira de sair deste labirinto - e do ciclo de infelicidade que ele criou para a raça humana? "Endireitaremos" isto alguma vez?

Há uma "saída", e "endireitarão". Apenas têm de melhorar as vossas capacidades de observação. Têm de ver melhor o que vos serve. A isto chama-se "evolução". Na verdade, vocês não podem não "endireitar". Não podem falhar. É uma mera questão de quando endireitarão, não de se endireitarão.

Mas não estamos a esgotar o tempo neste planeta?

Oh, se é esse o vosso parâmetro - se querem "endireita as coisas neste planeta, ou seja, enquanto este planeta em particular ainda vos sustenta - então, nesse contexto, é melhor despacharem-se.

Como podemos ir mais depressa? Ajuda-nos!

Estou a ajudar-vos. Para que pensas que serve este diálogo?

Está bem, então ajuda-nos mais. Disseste há pouco que, nas culturas altamente evoluídas, noutros planetas, os seres também abandonaram o conceito de "nações". Por que o fizeram?

Porque viram que o conceito a que vocês chamariam "nacionalismo" funciona contra o seu Primeiro Princípio Orientador: SOMOS TODOS UM.

Por outro lado, o nacionalismo *apoia* o nosso Segundo Princípio Orientador: SOBREVIVÊNCIA DOS MAIS APTOS.

Exatamente.

Separam-se em nações por razões de sobrevivência e segurança - e produzem precisamente o contrário.

Os seres altamente evoluídos recusam-se a juntar-se em nações. Acreditam simplesmente numa só nação. Poder-se-ia dizer que formaram "uma nação, sob Deus".

Ah, inteligente. Mas têm "liberdade e justiça para todos"?

Vocês têm?

Touché.

A questão é que todas as raças e espécies estão a evoluir, e a evolução - o propósito de observar o que vos serve e fazer adaptações comportamentais - parece fazer-se num sentido, afastando-se de outro. Dirige-se no sentido da unidade, afastando-se da separação. Isto não é surpreendente, já que a unidade é a Verdade Suprema, e "evolução" é apenas outra palavra para "movimento no sentido da verdade".

Verifico também que "observar o que vos serve e fazer adaptações comportamentais" se parece suspeitamente com a "sobrevivência dos mais aptos" - um dos nossos Princípios Orientadores!

Parece, não parece?

Então é altura de "observar" que a "sobrevivência dos mais aptos" (ou seja, a evolução da espécie) não é alcançada mas, pelo contrário, espécies inteiras foram condenadas - e até se *autodestruíram* - por chamar "princípio" a um "processo".

Perdi-me.

O processo chama-se "evolução". O "princípio" que orienta o processo é que guia o curso da evolução.

Tens razão. A evolução é a "sobrevivência dos mais aptos". Esse é o *processo*. Mas não confundam "processo" com "princípio". Se "evolução" e "sobrevivência dos mais aptos" são sinónimos, e se reivindicam a "sobrevivência dos mais aptos" como Princípio Orientador, então estão a

dizer "Um Princípio Orientador da Evolução *é a evolução*". Contudo, isso é a afirmação de uma raça que não sabe que *pode controlar o curso da sua própria evolução*. É a declaração de uma espécie que se pensa relegada ao estatuto de observadora da sua própria evolução. Porque a maioria das pessoas pensa que a "evolução" é um processo que "decorre" simplesmente - não um processo que *dirigem*, de acordo com determinados *princípios*.

E assim a espécie anuncia, "*Evoluímos* pelo princípio da... ora bem, *evolução*." Mas nunca dizem o que É esse princípio, porque confundiram o processo e o princípio.

Por outro lado, a espécie para quem se tornou claro que a evolução é um processo - mas um processo sobre o qual a espécie tem controlo - não confundiu "processo" com "princípio", mas *escolhe* conscientemente um princípio que *utiliza para guiar e dirigir o seu processo*.

A isto chama-se *evolução consciente*, e a vossa espécie acaba de lá chegar.

Fantástico, isso é uma noção incrível. Foi por *isso* que deste aquele livro a Barbara Marx Hubbard! Como eu disse, ela chamou-lhe mesmo *Conscious Evolution*.

Claro que chamou. Eu disse-lhe para chamar.

Ah, adoro isto! Mas... gostava de voltar à nossa "conversa" sobre E.T.s. Como é que esses seres altamente evoluídos se organizam, se não é em nações? Como se governam?

Eles não utilizam a "evolução" como Primeiro Princípio Orientador da Evolução mas, em vez disso, *criaram* um princípio, baseado na observação pura. Observaram simplesmente que são todos Um, e conceberam mecanismos políticos, sociais, económicos e espirituais que *sustentam*, em vez de *enfraquecerem*, esse Primeiro Princípio.

Com que se "parece" isso? No governo, por exemplo?

Quando existe apenas um de Vós, como se governa?

Como?

Quando se é o único, como se governa o próprio comportamento?
Quem governa esse comportamento? Quem, além do próprio?

Ninguém. Quando estou completamente só - se estivesse numa ilha deserta algures, por exemplo -, ninguém "exterior a mim" governaria ou controlaria os meus comportamentos. Comia, vestia-me e fazia o que eu quisesse. Provavelmente nem sequer me vestia. Comia quando tivesse fome, e o que me soubesse bem e me fizesse sentir saudável. "Faria" o que me apetecesse, que em parte seria determinado pelo que achasse que tinha de fazer para sobreviver.

Como sempre, tens toda a sabedoria dentro de ti. Disse-te antes, vocês não têm que aprender nada, apenas têm que relembrar.

É assim nas civilizações avançadas? Andam nus, a apanhar bagas e a construir canoas? Soa-me a bárbaros!

Quem pensas que é mais feliz, e está mais próximo de Deus?

Já falámos nisto antes.

Já, sim. É próprio de uma cultura primitiva imaginar que a simplicidade é bárbara, e que a complexidade é muito avançada.

Curiosamente, os que estão muito avançados vêm-no precisamente ao contrário.

No entanto, o movimento de todas as culturas - na verdade, o processo de evolução em si - é no sentido de graus de complexidade cada vez mais elevados.

Num certo sentido, sim. Mas eis a maior Dicotomia Divina:

A maior complexidade é a maior simplicidade.

Quanto mais "complexo" é um sistema, mais simples é o seu modelo. De facto, é extremamente elegante na sua Simplicidade.

O mestre compreende isso. É por isso que um ser altamente evoluído vive em extrema simplicidade. É por isso que todos os sistemas altamente evoluídos também são extremamente simples. Os sistemas de governação altamente evoluídos, os sistemas económicos ou religiosos altamente evoluídos - todos são extrema e elegantemente simples.

Os sistemas altamente evoluídos de governação, por exemplo, não envolvem *governação praticamente nenhuma*, salvo a autogovernação.

Como se um só ser participasse. Como se um só ser fosse afetado.

Que é tudo o que existe.

O que as culturas altamente evoluídas compreendem.

Precisamente.

Estou a começar a encaixar umas coisas nas outras.

Ótimo. Não nos resta muito tempo.

Tens que ir?

Este livro está a ficar muito longo.

CAPÍTULO 20

SE EU SOU TUDO O QUE É, ENTÃO, EU SOU TU

Espera! Aguenta aí! Não Te podes ir embora agora! Tenho mais perguntas sobre os E.T.s! Vão aparecer algum dia na Terra para "nos salvar"? Virão resgatar-nos da nossa loucura, trazendo-nos novas tecnologias para controlarmos as polaridades do planeta, limparmos a atmosfera, captarmos a nossa energia solar, regularmos o clima, curarmos todas as doenças, e trazermos melhor qualidade de vida no nosso próprio pequeno nirvana?

Podem não querer que isso aconteça. Os "SAEs" sabem-no. Sabem que uma intervenção dessas apenas vos subjugaria a *eles*, tornando-os vossos deuses, em vez dos deuses a quem agora dizem estar subjugados.

A verdade é que não estão subjugados a ninguém, e isso é o que os seres de culturas altamente avançadas vos fariam compreender. Portanto, se partilhassem convosco algumas tecnologias, ser-vos-iam dadas de uma forma e a um ritmo que vos permitissem reconhecer os vossos *próprios* poderes e potenciais, não os de outros.

Da mesma maneira, se os SAEs partilhassem convosco alguns ensinamentos, também esses seriam partilhados de uma forma e a um ritmo que vos permitiria ver verdades maiores, e os vossos *próprios* poderes e potenciais, e *não transformar em deuses os vossos mestres*.

Tarde demais. Já o fizemos.

Sim, Eu reparei.

O que nos leva a um dos nossos maiores mestres, o homem chamado Jesus. Mesmo aqueles que não fizeram dele um deus reconheceram a grandeza dos seus ensinamentos.

Ensinamentos que foram substancialmente distorcidos.

Jesus foi um desses "SAEs" - seres altamente evoluídos?

Achas que ele era altamente evoluído?

Sim. Tal como Buda, Lorde Krishna, Moisés, Babaji, Sai Baba e Paramahansa Yogananda, já agora.

De facto.

E muitos outros que não mencionaste.

Bem, no *Livro 2* "sugeriste" que Jesus e esses outros mestres poderiam ter vindo do "espaço", que poderiam ter sido visitantes que partilharam connosco os ensinamentos e sabedorias de seres altamente evoluídos. Portanto, é altura de dar mais um passo em frente. Jesus era um "homem do espaço"?

Todos vocês são "homens do espaço".

Que quer isso dizer?

Não são nativos deste planeta a que chamam vosso.

Não somos?

Não. O "material genético" de que são feitos foi colocado no vosso planeta deliberadamente. Não "apareceu" lá por acaso. Os elementos que formaram a vossa vida não se combinaram através de um processo de *serendipismo* biológico. Houve um plano. Passa-se aqui algo bem maior. Imaginas que os biliões de reações químicas que foram precisas para que a vida, tal como a conhecem, surgisse no vosso planeta ocorreram à sorte? Vês este processo simplesmente como uma cadeia fortuita de acontecimentos aleatórios, que produziram um resultado feliz *por acaso*?

Não, claro que não. Concordo que houve um plano. O plano *de Deus*.

Muito bem. Pois tens razão.

Foi tudo ideia Minha, foi tudo um plano Meu e um processo Meu.

E então - estás a dizer que és um "homem do espaço"?

Para onde é que costumavas habitualmente olhar, quando te imaginas a falar Comigo?

Para cima. Tenho olhado para cima.

E por que não para baixo?

Não sei. Toda a gente olha sempre para cima - para o "céu".

De onde Eu venho?

Suponho que sim.

Isso faz de Mim um homem do espaço?

Não sei, faz?

E se Eu fosse um homem do espaço, isso tornava-Me menos Deus?

Com base no que a maior parte de nós diz que podes fazer, não. Suponho que não.

E se sou um Deus, isso faz de Mim menos homem do espaço?

Tudo depende das nossas definições, julgo eu.

E se Eu não for um "homem" mas sim uma Força, uma "Energia" no Universo, que É o Universo, e que é, de facto, Tudo O Que É? E se Eu for O Coletivo?

Isso é, de facto, o que disseste que eras. Neste diálogo, disseste isso.

De facto, disse-o. E acreditas nisso?

Sim, penso que acredito. Pelo menos no sentido em que penso que Deus é Tudo O Que É.

Muito bem. Pensas que existe o que chamas "homens do espaço"?

Queres dizer seres espaciais?

Sim.

Acredito, sim. Acho que sempre acreditei e agora, aqui, Tu *disseste-me* que havia, portanto com certeza que acredito.

E esses "seres do espaço" fazem parte de "Tudo O Que É"?

Sim, claro.

E se Eu sou Tudo O Que É, isso não faria de Mim um homem do espaço?

Bem, sim... mas por essa definição, Tu também és *eu*.

Bingo.

Sim, mas fugiste à minha pergunta. Perguntei-Te se Jesus era um homem do espaço. E acho que sabes o que quero dizer. Quero dizer, ele era um ser do espaço, ou nasceu aqui, na Terra?

A tua pergunta assume mais uma vez "ou uma ou a outra".

Sai da caixa e pensa. Rejeita "ou uma ou a outra" e considera "tanto uma como a outra".

Estás a dizer que Jesus nasceu na Terra, mas tem "sangue de homem do espaço" por assim dizer?

Quem era o pai de Jesus?

José.

Sim, mas quem se diz que o *concebeu*?

Há pessoas que creem que foi uma conceção imaculada. Dizem que a Virgem Maria foi visitada por um arcanjo. Jesus foi "concebido pelo Espírito Santo, no seio da Virgem Maria".

Acreditas nisso?

Não sei em que acreditar a este respeito.

Bom, se Maria foi visitada por um arcanjo, donde pensas que ele tenha vindo?

Do céu.

Disseste "do céu"?

Disse, do *céu*. Doutro reino. De Deus.

Estou a ver. E não acabámos de concordar que Deus é um homem do espaço?

Não exatamente. Concordámos que Deus é tudo e que, uma vez que os homens do espaço fazem *parte* de "tudo", Deus é um homem do espaço, no mesmo sentido que Deus é nós. Todos nós. Deus é Tudo. Deus é o coletivo.

Muito bem. Então esse arcanjo que visitou Maria veio doutro reino. De um reino celeste.

Sim.

Um reino no mais íntimo do teu Eu, pois o céu está dentro de ti.

Eu não disse isso.

Então, um reino dentro do espaço interior do Universo.

Não, também não diria isso, porque não sei o que significa.

Então donde? Um reino do espaço exterior?

(Longa pausa)

Agora estás a brincar com as palavras.

Estou a fazer o melhor que posso. Estou a usar palavras, apesar das suas terríveis limitações, para chegar tão perto quanto possa de uma ideia, de um conceito das coisas que, na verdade, não podem ser descritas no vocabulário limitado da vossa língua, ou entendidas dentro das limitações do vosso nível atual de perceção.

Estou a tentar abrir-vos a novas perceções, utilizando a vossa linguagem de uma nova maneira.

Está bem. Estás então a dizer que Jesus foi gerado por um ser altamente evoluído doutro reino qualquer, e por isso era humano, mas também era um SAE?

Muitos seres altamente evoluídos têm caminhado sobre o vosso planeta - e muitos caminham agora.

Queres dizer que há "extraterrestres" entre nós?

Verifico que o teu trabalho em jornais e programas de rádio e de televisão te foi muito útil.

Que queres dizer com isso?

Consegues encontrar maneira de sensacionalizar qualquer coisa. Não chamei "extraterrestres" aos seres altamente evoluídos, e não chamei "extraterrestre" a Jesus.

Não há nada de "extraterrestre" em relação a Deus. Não há "extraterrestres" na Terra.

Somos Todos Um. Se Somos Todos Um, nenhuma individuação de Nós é estranha a si própria.

Algumas individualizações de Nós - ou seja, alguns seres individuais - lembram mais que outros. O processo de lembrança (reunir-se a Deus, ou tornar-se, mais uma vez, Um com o Todo, com o coletivo) é um processo a que vocês chamam evolução. Todos vós sois seres em evolução.

Alguns são altamente evoluídos. Ou seja, *re-memoram* mais. Sabem Quem Realmente São. Jesus sabia-o, e declarou-o.

Certo, portanto, parece-me que vamos fazer uma dança de palavras sobre Jesus.

Nada disso. Digo-te tal e qual como é. O espírito do humano a que chamam Jesus não era desta Terra. Esse espírito simplesmente preencheu um corpo humano, permitiu-se aprender enquanto criança, tornar-se homem e autorrealizar-se. Não foi o único a fazê-lo. *Todos os espíritos* "não são desta Terra". *Todas as almas* provêm doutro reino e depois entram no corpo. Mas nem todas as almas se autorrealizam numa determinada "vida". Jesus fê-lo. Era um ser altamente evoluído (o que alguns de vós chamaram um deus), e veio até vós com um propósito, com uma missão.

Para salvação das nossas almas.

Em certo sentido, sim. Mas não da condenação eterna. Isso não existe tal como o conceberam. A sua missão era - é - salvar-vos de não saberem e de nunca experienciarem Quem Realmente São. A sua intenção era demonstrá-lo, mostrando-vos no que se podem tornar. Na verdade, o que *são* - se o aceitarem.

Jesus procurou guiar pelo exemplo. Foi por isso que disse, "Eu sou o caminho e a vida. Segui-me." Não queria dizer "segui-me" no sentido de se tornarem todos seus "seguidores", mas no sentido de que todos *seguissem o seu exemplo e se tornassem um com Deus*. Ele disse, "Eu e o Pai somos Um, e vós sois os meus irmãos." Não o podia ter dito mais abertamente.

Então Jesus não veio de Deus, veio do espaço exterior.

O vosso erro está sem separarem os dois. Insistem em fazer uma distinção, tal como insistem em fazer separação e distinção entre humanos e Deus. E digo-vos, *não há distinção*.

Hummm. Está bem. Podes dizer-me umas últimas coisas sobre os seres de outros mundos antes de terminarmos? O que vestem? Como comunicam? E por favor não digas que continua a ser apenas

curiosidade sem objetivo. Penso ter demonstrado que podemos ter aqui algo a aprender.

Está certo. Resumidamente.

Nas culturas altamente evoluídas, os seres não veem necessidade de se vestirem, exceto quando é necessário para se protegerem de elementos ou condições sobre as quais não exercem qualquer controle, ou quando usam ornamentos para indicar uma "posição" ou distinção.

Um SAE não compreenderia por que cobrem totalmente o corpo quando não precisam - certamente não entenderia o Conceito de "vergonha" ou "modéstia" -, e nunca poderia aceitar a ideia de roupagens para se tornar "mais bonito". Para um SAE não existe nada mais belo que o próprio corpo nu e, portanto, o conceito de usar uma coisa por cima para o tornar mais agradável ou atraente seria totalmente incompreensível. Igualmente incompreensível seria a ideia de viver - e passar a maior parte do tempo - em caixas... a que chamam "prédios" e "casas". Os SAEs vivem no ambiente natural, e só ficariam dentro duma caixa se o ambiente se tornasse inóspito - o que raramente acontece, já que as civilizações altamente evoluídas criam, controlam e cuidam dos seus ambientes.

Os SAEs também compreendem que são Um com o ambiente, que partilham mais do que espaço com os seus ambientes, partilhando também uma relação mutuamente dependente. Um SAE nunca poderia compreender por que danificam ou destroem o que vos sustenta, e só poderia concluir que não compreendem que é o vosso ambiente que vos sustenta; que são seres com capacidades de observação muito limitadas.

Quanto à comunicação, um SAE utiliza como primeiro nível de comunicação o aspeto do seu ser a que chamariam sentimentos. Os SAEs têm consciência dos seus sentimentos e dos sentimentos dos outros, e ninguém faz jamais qualquer tentativa de esconder os sentimentos. Os SAEs considerariam autoderrotista e, portanto, incompreensível, esconder os sentimentos e depois queixar-se de que ninguém compreende como se sentem.

Os sentimentos são a linguagem da alma, e os seres altamente evoluídos compreendem-no. O propósito da comunicação numa sociedade de SAEs é conhecerem-se uns aos outros na verdade. Um SAE, portanto, não pode, nem jamais poderia, compreender o vosso conceito humano de "mentir".

Conseguir fazer o que se quer comunicando uma não verdade seria para um SAE uma vitória tão vazia, que deixaria de ser uma vitória para passar a ser uma derrota avassaladora.

Os SAEs não "dizem" a verdade, os SAEs são a verdade. Todo o seu ser provém de "o que é assim" e de "o que funciona", e os SAEs aprenderam, desde há muito, num tempo para além da memória em que a comunicação ainda se fazia através de sons guturais, que a não-verdade não funciona. Na vossa sociedade, ainda não aprenderam isso.

No vosso planeta, grande parte da sociedade baseia-se no secretismo. Muitos de vós acreditam que é o que se esconde dos outros, e não o que se diz aos outros, que faz as coisas funcionarem. O secretismo tornou-se assim o vosso código social, o vosso código de ética. É verdadeiramente o vosso Código Secreto.

Isto não é verdade para todos vós. As vossas culturas antigas, por exemplo, e os povos indígenas, não vivem por esse código. E muitos indivíduos na vossa sociedade atual recusaram-se a adotar esses comportamentos.

No entanto, o vosso governo rege-se por esse código, as empresas adotam-no, e muitas das vossas relações refletem-no. Mentir - sobre grandes e pequenas coisas – tornou-se de tal forma aceite por tantos que até mentem sobre a mentira. Foi assim que desenvolveram um código secreto do vosso Código Secreto. Como o facto de o imperador ir nu, todos o sabem, mas ninguém fala no assunto. Até tentam fingir que não é assim - e aí estão a mentir a vós próprios.

Já tinhas frisado esse ponto anteriormente.

Estou a repetir neste diálogo os pontos essenciais, os pontos principais, que tens de "apanhar" se queres verdadeiramente mudar as coisas, tal como dizes.

Portanto di-lo-ei outra vez: As diferenças entre as culturas humanas e as culturas altamente evoluídas são que os seres altamente evoluídos:

1. Observam totalmente
2. Comunicam com verdade.

Veem "o que funciona" e dizem "o que é assim". Esta é outra mudança minúscula, mas profunda, que melhoraria incomensuravelmente a vida no vosso planeta.

E não é, a propósito, uma questão de moral. Não existem "imperativos morais" numa sociedade de SAEs, e esse seria um conceito tão intrigante quanto a mentira. É simplesmente uma questão do que é funcional, do que traz benefícios.

Os SAEs não têm moral?

Não como vocês a entendem. A ideia de um grupo estabelecer um conjunto de valores pelos quais cada SAE teria de viver violaria o seu entendimento de "o que funciona", que é que cada indivíduo é o árbitro único e final do que é, ou não, uma conduta apropriada para si. A discussão gira sempre em volta do que *funciona*, numa sociedade de SAEs - o que é funcional e produz benefícios para todos -, e não em volta do que os humanos chamariam "certo" e "errado".

Mas não é a mesma coisa? Não chamámos simplesmente ao que funciona, "certo", e ao que para nós não funciona, "errado"?

Vocês associaram culpa e vergonha a esses termos - conceitos igualmente estranhos aos SAEs - e classificaram um número espantoso de coisas como "erradas", não por não "funcionarem", mas sim porque imaginam serem "inapropriadas" - por vezes nem sequer aos vossos olhos,

mas aos "olhos de Deus". Construíram assim definições artificiais "do que funciona" ou não - definições essas que nada têm a ver com "o que realmente é assim".

Expressar honestamente os sentimentos, por exemplo, é com frequência considerado pela sociedade humana como "errado". Um SAE nunca chegaria a essa conclusão, uma vez que a consciência exata dos sentimentos facilita a vida em qualquer comunidade ou núcleo. Assim, como Eu disse, Um SAE nunca esconderia os sentimentos, nem consideraria "socialmente correto" fazê-lo.

Seria impossível em qualquer circunstância, porque um SAE recebe *vibrações* doutros seres que tornam os seus sentimentos suficientemente explícitos. Tal como consegues "sentir o ambiente" quando entras num compartimento, um SAE sente o que outro SAE pensa e experiencia.

A emissão de sons - aquilo a que chamariam "palavras" - raramente ou nunca é utilizada. Dá-se uma "comunicação telepática" entre todos os seres sensitivos altamente evoluídos. De facto, poder-se-ia dizer que o grau de evolução de uma espécie - ou da relação entre membros da mesma espécie - é demonstrado pelo grau em que os seres necessitam de usar "palavras" para transmitir sentimentos, desejos ou informações.

E antes que faças a pergunta, sim, os seres humanos podem desenvolver, e alguns *já* desenvolveram, essa capacidade. Há milhares de anos, de facto, era normal. Desde aí, regrediram para a emissão de sons primários - "ruídos", na verdade - para comunicarem. Mas muitos de vós estão a voltar a uma forma de comunicação mais pura, mais precisa e mais elegante. Isto é especialmente verdadeiro entre entes que se amam - enfatizando uma verdade primordial: *O afeto cria comunicação*.

Onde existe amor profundo, as palavras são virtualmente desnecessárias. O inverso deste axioma também é verdadeiro: Quanto mais palavras *têm* de utilizar uns com os outros, menos tempo dedicam a gostar uns dos outros, pois o afeto cria comunicação.

Por último, toda a comunicação real é acerca da verdade. E, no limite, a única verdade real é o amor. É por isso que, quando o amor está presente, está presente a comunicação. E quando a comunicação é difícil, é sinal de que o amor não está totalmente presente.

Uma belíssima explicação. Poderia dizer, uma belíssima comunicação.

Obrigado. Resumindo então o modelo de vida numa sociedade altamente evoluída:

Os seres vivem em núcleos, ou no que vocês chamariam pequenas comunidades intencionais. Esses núcleos não estão organizados em cidades, estados ou nações, mas cada um interage com os outros na base da igualdade.

Não existem governos tal como vocês os entendem, nem leis. Há conselhos, ou reuniões. Normalmente de anciãos. E há, traduzindo da melhor forma para a vossa língua, "acordos mútuos", que foram reduzidos a um Código Triangular: Consciência, Honestidade, Responsabilidade.

Os seres altamente evoluídos decidiram há muito tempo que era assim que queriam viver em conjunto. Fizeram essa opção baseada não numa estrutura moral ou numa revelação espiritual que outro ser ou grupo tivesse apresentado, mas sim numa simples observação *do que é assim, e do que funciona*.

E não há mesmo guerras nem conflitos?

Não, principalmente porque um ser altamente evoluído partilha tudo o que tem e dar-te-ia tudo o que lhe tentasses tirar pela força. Fá-lo devido à sua perceção de que tudo pertence a todos, de qualquer maneira, e que pode sempre criar mais do que "deu" se realmente o desejar.

Não existe o conceito de "propriedade" ou de "perda" numa sociedade de SAEs, que compreendem que não são seres físicos, mas seres que estão

sob a forma física. Compreendem ainda que todos os seres provêm da mesma origem e, assim sendo, que Somos Todos Um.

Eu sei que já o disseste... mas mesmo que alguém ameaçasse a vida de um SAE continuaria a não existir conflito?

Não haveria discussão. Ele limitar-se-ia a pousar o corpo - literalmente deixando o corpo a quem o ameaçasse. Depois criaria outro corpo se quisesse, regressando novamente à fisicalidade como um ser completamente formado ou como a criança concebida por um casal de outros seres que se amassem.

Este é de longe o método preferido de reentrada na fisicalidade, já que ninguém é mais respeitado nas sociedades altamente evoluídas que as crianças recém-criadas, e as oportunidades de crescimento são inigualáveis.

Os SAEs não receiam o que a vossa cultura chama "morte" porque sabem que vivem para sempre, e que é apenas uma questão da forma que irão assumir. Os SAEs podem viver num corpo físico por tempo indefinido, porque aprenderam a cuidar do corpo e do ambiente. Se, por alguma razão relacionada com as leis físicas, o corpo de um SAE deixa de ser funcional, o SAE limita-se a deixá-lo, devolvendo alegremente a matéria física ao Todo de Tudo para "reciclagem". (O que vocês entendem como "regressar pó".)

Deixa-me voltar um pouco atrás. Eu sei que disseste que não existem "leis", como tal. Mas se alguém não se comportar de acordo com o "Código Triangular"? Que acontece? *Bum?*

Não. Não há "bum" nenhum. Não há "julgamento" nem "castigo", apenas a simples observação de "o que é assim" e "o que funciona".

É cuidadosamente explicado que "o que é assim" - o que o ser fez - está em desacordo com "o que funciona" e que, quando algo não funciona para o grupo, acabará por não funcionar para o indivíduo, porque o

indivíduo é o grupo e o grupo é o indivíduo. Todos os SAEs "apanham" isto muito rapidamente, normalmente durante o que vocês chamariam juventude e, portanto, é extremamente raro que um SAE maduro aja de forma a produzir um "o que é assim" que não seja "o que funciona".

Mas se agir?

Ele é simplesmente autorizado a corrigir o seu erro. Utilizando o Código Triangular, é-lhe dado conhecimento de todos os desfechos relacionados com algo que ele pensou, disse ou fez. Por fim, é-lhe dada oportunidade de assumir a responsabilidade por esses desfechos tomando medidas corretivas, terapêuticas ou curativas.

E se ele se recusar?

Um ser altamente evoluído nunca se recusaria. É inconcebível. Então não seria um ser altamente evoluído, e estarias a falar de um nível totalmente diferente de ser sensitivo.

Onde é que um SAE aprende isso tudo? Na escola?

Não há "sistema escolar" numa sociedade de SAEs, mas um mero processo de educação pelo qual as crianças são recordadas de "o que é assim" e "o que funciona". As crianças são educadas pelos anciãos, não por quem as gera, apesar de não estarem necessariamente separadas dos "pais" durante o processo; que podem estar com elas sempre que queiram e passar com elas todo o tempo que desejem.

Naquilo a que chamariam "escola" (na verdade, melhor traduzido por "tempo de aprendizagem"), as crianças estabelecem o seu próprio "currículo", escolhendo as competências que gostariam de adquirir, em vez de lhes dizerem o que vão ter de aprender. Assim a motivação encontra-se ao máximo nível, e as competências de vida são adquiridas rápida, fácil e alegremente.

O Código Triangular (não são verdadeiramente "regras" codificadas mas é o melhor termo que se encontra na vossa linguagem) não é algo que

seja "martelado" nos jovens SAEs, mas algo que é adquirido - quase que por osmose - através dos comportamentos que os "adultos" transmitem às "crianças" através do seu *modelo*.

Ao contrário da vossa sociedade, em que os adultos apresentam modelos de comportamento opostos aos que querem que os filhos aprendam, nas culturas altamente evoluídas os adultos compreendem que as crianças fazem o que veem os outros fazer. Nunca ocorreria a SAEs pôr os filhos durante horas em frente a um dispositivo que mostra imagens de comportamentos que gostariam que a sua criança evitasse. Essa decisão seria, para um SAE, incompreensível.

Seria igualmente incompreensível que um SAE o fizesse, para depois negar que as imagens tivessem alguma coisa a ver com os comportamentos subitamente aberrantes da criança.

Direi mais uma vez que a diferença entre a sociedade de SAEs e a sociedade humana se resume a um elemento muito simples, a que chamaremos observação verdadeira.

Nas sociedades de SAEs, os seres reconhecem tudo o que veem. Nas sociedades humanas, muitos negam o que veem.

Veem a televisão estragar os filhos, e ignoram-no. Veem a violência e o "perder" utilizados como "entretenimento", e negam a contradição. Verificam que o tabaco danifica o corpo, e fingem que não. Veem um pai bêbado e violento e toda a família o nega, não deixando que ninguém diga uma palavra a esse respeito.

Observam que durante milhares de anos as religiões fracassaram completamente na mudança dos comportamentos de massas, e também o negam. Veem claramente que os governos fazem mais por oprimir do que por dar assistência, e ignoram-no.

Veem um sistema de cuidados de saúde que é na realidade um sistema de cuidados de doença, que gasta um décimo dos recursos na prevenção

da doença e nove décimos na gestão, e negam que a *motivação do lucro* é o que impede todo o verdadeiro progresso na educação das pessoas em como agir, comer e viver numa forma que promova a saúde.

Veem que comer a carne de animais que foram mortos depois de alimentados artificialmente com produtos carregados de químicos não lhes faz nenhum bem à saúde, mas negam o que veem.

Fazem mais que isso. Tentam processar em tribunal os anfitriões de programas televisivos que se atrevem a discutir o assunto. Sabes, há um livro maravilhoso que explora todo este tópico da alimentação com uma extraordinária perspicácia. Chama-se *Diet for a New America*^{*}, de John Robbins.

As pessoas leem o livro e negam, negam, negam que faça qualquer sentido. E é essa a questão. Grande parte da vossa raça vive em negação. Negam não só as observações extremamente óbvias de toda a gente à sua volta, como as observações dos seus próprios olhos. Negam os sentimentos pessoais e, eventualmente, a sua própria verdade.

Os seres altamente evoluídos - como alguns de vós se estão a tornar - não negam nada. Observam "o que é assim". Veem claramente "o que funciona". Utilizando esses instrumentos simples, a vida torna-se simples. Respeita-se "O Processo".

Sim, mas como funciona "O Processo"?

Para responder a isso tenho que chamar a atenção para uma questão de que já falei - repetidamente, de facto - neste diálogo. *Tudo depende de quem pensam que são e o que estão a tentar fazer.*

Se o vosso objetivo é viver uma vida de paz, alegria e amor, *a violência não funciona*. Isto já foi demonstrado.

Se o vosso objetivo é viver uma vida saudável e de grande longevidade, consumir carne morta, fumar carcinógenos conhecidos e beber

^{*} Dieta Para Uma Nova América. (N. da T.)

quantidades de líquidos que anestesiavam os nervos e entorpecem o cérebro *não funciona*. Isto já foi demonstrado.

Se o vosso objetivo é criarem crianças livres de violência e de raiva, expô-las a imagens explícitas de violência e de raiva durante anos *não funciona*. Isto já foi demonstrado.

Se o vosso objetivo é cuidar da Terra, e gerir sensatamente os seus recursos, agir como se esses recursos fossem ilimitados *não funciona*. Isto já foi demonstrado.

Se o vosso objetivo é descobrir e cultivar uma relação com um Deus afetuoso, para que a religião possa fazer diferença nos assuntos humanos, o ensino de um deus de castigo e vingança terrível *não funciona*. Isto também já foi demonstrado.

O motivo é tudo. Os objetivos determinam os desfechos. A vida resulta da vossa intenção. A vossa intenção revela-se nos vossos atos, e os vossos atos são determinados pela vossa verdadeira intenção. Como tudo na vida (e a própria vida), é um círculo.

Os SAEs veem o círculo. Os humanos não.

Os SAEs reagem ao que é assim; os humanos ignoram-no. Os SAEs dizem a verdade, sempre. Os humanos mentem demasiadas vezes, a si próprios e aos outros.

Os SAEs dizem uma coisa e fazem o que dizem. Os humanos dizem uma coisa e fazem outra.

Lá no fundo, vocês *sabem* que alguma coisa está errada - que tencionavam "ir para Seattle", mas estão em "San Jose". Veem as contradições nos vossos comportamentos, e agora estão verdadeiramente prontos a abandoná-los. Veem claramente tanto o que é *assim* como o que *funciona*, e já não estão na disposição de continuar a suportar divisões entre os dois.

A vossa raça está a *despertar*. O vosso momento de realização aproxima-se.

Não se sintam desencorajados pelo que aqui ouviram, pois está assente a base para uma nova experiência, uma realidade maior, e tudo isto foi uma mera preparação nesse sentido. Estão agora prontos para atravessar a porta.

Este diálogo, em particular, destinou-se a abrir a porta de par em par. Primeiro, a apontar para ela. *Veem?* Ali está ela! Pois a luz da verdade mostrará para sempre o caminho. E a luz da verdade é o que aqui vos foi dado.

Tomem agora esta verdade e vivam-na. Adiram agora a esta verdade e partilhem-na. Adotem agora esta verdade e guardem-na para todo o sempre.

Porque nestes três livros - a trilogia das Conversas com Deus - falei-vos mais uma vez *do que é assim*.

Não há necessidade de ir mais longe. Não há necessidade de fazer mais perguntas, ouvir mais respostas, satisfazer mais curiosidades, dar mais exemplos ou adiantar mais observações. Tudo o que precisam para criar a vida que desejam encontraram aqui, nesta trilogia, como apresentada até aqui. Não há necessidade de ir mais longe.

Sim, tens mais perguntas. Sim, tens mais "mas e se". Sim, ainda não "estás satisfeito" com esta exploração de que desfrutámos. Porque *nunca estás satisfeito com nenhuma exploração*.

Está claro que este livro podia continuar eternamente. E não continuará. A tua *conversa* com Deus continuará, mas este livro não. Porque a resposta a qualquer outra pergunta que pudesses fazer encontra-se aqui, nesta trilogia agora completa. Tudo o que podemos fazer agora é repetir, reamplificar, regressar à mesma sabedoria um sem-número de

vezes. Mesmo esta trilogia foi um exercício desses. Não há aqui nada de novo, simplesmente um regresso à antiga sabedoria.

É bom regressar. É bom voltar a familiarizar-se. É este o processo de relembração de que falei tantas vezes. Não têm que aprender nada. Só têm que lembrar...

Portanto, regressem com frequência a esta trilogia; voltem às suas páginas repetidas vezes.

Quando tiverem uma pergunta que pensem que não foi aqui respondida, releiam as páginas. Verificarão que a vossa pergunta foi respondida. Mas se realmente acharem que não foi, procurem as vossas próprias respostas. Tenham a vossa própria conversa. Criem a vossa própria verdade.

Nisso experienciarão Quem Realmente São.

CAPÍTULO 21

ESTÁS A VIVER UMA ILUSÃO

Não quero que Te vás embora!

Não vou a lado nenhum. Estou sempre contigo. *De todas as formas.*

Por favor, antes de pararmos, só mais umas perguntas. Umas questões finais, para fechar.

Percebes, não percebes, que podes recolher ao teu íntimo em qualquer altura, regressar ao Local da Sabedoria Eterna e encontrar aí as tuas respostas?

Sim, percebo, e estou profundamente grato que assim seja, que a vida tenha sido criada desta forma, por ter sempre esse recurso. Mas isto para mim tem funcionado. Este diálogo foi uma grande dádiva. Não posso fazer só umas últimas perguntas?

Claro.

O nosso mundo está realmente em perigo? A nossa espécie anda a brincar com a autodestruição - com a própria extinção?

Sim. E, a menos que considerem essa possibilidade como muito real, não a podem evitar. Aquilo a que se resiste, persiste. Só aquilo que se aceita pode desaparecer.

Lembrem-se, também, do que vos disse sobre o tempo e as ocorrências. Todas as ocorrências que possam imaginar - de facto, imaginaram - estão a acontecer agora, no Momento Eterno. Este é o Instante Sagrado. É o Momento que precede a vossa percepção. É o que acontece antes de a Luz chegar até vós. É o momento presente, que vos foi enviado, criado por vós, antes de o saberem sequer! Chamam a isto o "presente". E É um "presente". É a maior dádiva que Deus vos fez.

Têm a capacidade de escolher, entre todas as experiências que já imaginaram, a que optam por experienciar agora.

Tu disseste-o, e agora começo, na minha perceção limitada, a compreendê-lo. Nada disto é realmente "real", pois não?

Não. Estás a viver uma ilusão. É um grande espetáculo de magia. E tu estás a fingir que não conheces os truques - apesar de seres tu o mágico.

É importante relembrar isto, caso contrário tornarás tudo muito real.

Mas o que vejo, sinto, cheiro e toco parece muito real. Se isto não é "realidade", então o que é?

Lembra-te que aquilo para que olhas, não estás realmente "a ver".

O teu cérebro não é a fonte da tua inteligência. É simplesmente um processador de dados. Recebe dados através de recetores chamados sentidos. Interpreta essa energia em formação de acordo com os dados anteriores sobre o assunto. Diz-te o que percebe, não o que realmente é. Com base nessas perceções, pensas que conheces a verdade sobre uma coisa quando, na verdade, não conheces nem metade. Na realidade, estás a criar a verdade que conheces.

Incluindo todo este diálogo Contigo.

Seguramente.

Receio que isso vá apenas dar força aos que dizem, "Ele não está a falar com Deus. Está a inventar tudo."

Diz-lhes calmamente que podiam tentar "sair da caixa" e pensar. Estão a pensar "ou uma ou a outra". Podiam tentar pensar "tanto uma como a outra".

Não podes compreender Deus se estiveres a raciocinar no âmbito dos teus valores, conceitos e entendimentos presentes. Se desejas compreender Deus, tens de estar na disposição de aceitar que, de facto,

tens *dados limitados*, em vez de afirmares que sabes tudo o que há para saber sobre o assunto.

Chamo-te a atenção para as palavras de Werner Erhard, que declarou que a verdadeira clareza só pode chegar quando alguém está disposto a ver que:

Há algo que não sei, cujo conhecimento podia mudar tudo.

É possível que estejas tanto "a falar com Deus" como "a inventar tudo". Na verdade, eis a verdade mais grandiosa: estás a inventar *tudo*.

A vida é O processo pelo qual tudo é criado. Deus é a energia - a energia pura e primária - a que chamas vida. Através desta consciencialização chegamos a uma nova verdade.

Deus é um Processo.

Pareceu-me que tinhas dito que Deus era um coletivo, que Deus é O Todo.

E disse. E Deus é. Deus também é O Processo pelo qual Tudo é criado e Se experiencia.

Já te tinha revelado isto antes.

Sim. Sim. Deste-me essa sabedoria quando estava a escrever um pequeno livro chamado *Re-creating Yourself*.

De facto. E agora digo-o aqui, para ser recebido por uma audiência muito maior.

Deus é um Processo.

* Recriar-se a Si Próprio. (N. da T.)

Deus não é uma pessoa, um lugar, uma coisa. Deus é exatamente o que sempre pensaste - mas não compreendeste.

Outra vez?

Sempre pensaste que Deus é o Ser Supremo.

Sim.

E tinhas toda a razão. Sou exatamente isso. Um SER.

Repara que "ser" não é uma coisa, é um processo.

Eu sou o Ser *Supremo*. O Supremo, vírgula, a *ser*.

Não sou o *resultado* de um processo; *sou* O Próprio Processo. Sou o Criador, e sou O Processo *pelo qual sou criado*.

Tudo o que vês nos céus e na terra sou Eu, *a ser criado*.

O Processo da Criação nunca está terminado. Nunca está completo. Nunca estou "pronto". É outra maneira de dizer que tudo está sempre a mudar. Nada fica imóvel. Nada - *nada* - está sem movimento. Tudo é energia, em movimento. Na vossa estenografia terrena, chamaram a isto "E-moção!"*

Vocês são a maior emoção de Deus!

Quando olham para uma coisa, não estão a olhar para "algo" estático que "está ali" no tempo e no espaço. Não! *Estão a testemunhar uma ocorrência*. Porque tudo se move, muda, evolui. *Tudo*.

Foi Buckminster Fuller que disse, "Pareço ser um verbo."

Tinha razão. Deus é uma ocorrência. Uma ocorrência a que chamaram vida. A vida é um Processo. Esse Processo é observável, reconhecível,

* Jogo de palavras com "motion" (movimento) e "emotion" (emoção). (N. da T.)

previsível. Quanto mais se observa, mais se conhece e mais se consegue prever.

Essa para mim é difícil. Sempre pensei que Deus fosse o Imutável. A Constante Única. O Movedor Imóvel. Foi nessa verdade absoluta e inescrutável sobre Deus que encontrei a minha segurança.

Mas essa É a verdade! A Única Verdade Imutável é que Deus está sempre a mudar. É essa a verdade - e *nada podes fazer para a alterar*. A única coisa que nunca muda é que tudo está sempre a mudar.

A vida é mudança. Deus é vida.

Portanto, Deus é mudança.

Mas eu quero acreditar que a única coisa que nunca muda é o amor de Deus por nós.

O meu amor por vocês está sempre a mudar, porque vocês estão sempre a mudar e eu amo-vos *exatamente como são*. Para que Eu vos ame assim, a Minha ideia do que é "amável" tem que mudar quando muda a vossa ideia de Quem São.

Queres dizer que me achas "amável" mesmo que eu decida que Quem Eu Sou é um assassino?

Já vimos tudo isso antes.

Eu sei, mas não consigo *entender*!

Ninguém faz nada inapropriado, em face do seu modelo do mundo.

Eu amo-vos sempre - de todas as *formas*. Não há nenhuma forma de ser vossa que faça com que Eu não vos ame.

Mas castigas-nos, não é? Castigas-nos amorosamente. Condenas-nos ao tormento eterno, com amor no coração e tristeza por teres de o fazer.

Não. Nunca sinto tristeza, porque não existe nada que Eu "tenha de fazer", Quem Me obrigaria a "ter de o fazer"?

Nunca vos castigarei, apesar de poderem optar por se castigarem, nesta vida ou noutra, até deixarem de o fazer.

Não vos castigarei porque não me feriram nem prejudicaram - nem podem ferir nem prejudicar nenhuma Parte de Mim, que *todos vocês são*.

Um de vós pode optar por se *sentir* ferido ou prejudicado, mas quando regressar ao reino eterno, verá que não foi prejudicado de nenhum modo. Nesse momento, perdoará aos que julgava terem-no prejudicado, pois terá compreendido o plano maior.

O que é o plano maior?

Lembras-te da parábola da *Pequena Alma* e o *Sol* que vos dei no Livro 1?

Sim.

Essa parábola tem uma segunda parte. Aqui está ela:

"Podes optar por ser qualquer Parte de Deus que desejes", disse Eu à Pequena Alma. "Tu és a Divindade Absoluta; a experienciar-Se. Que Aspeto da Divindade queres agora experienciar como Tu?"

"Queres dizer que posso escolher?" perguntou a Pequena Alma. E Eu respondi, "Sim. Podes optar por experienciar qualquer Aspeto da Divindade em ti, por ti e através de ti."

"Está bem", disse a Pequena Alma, "então opto pelo Perdão. Quero experienciar-me como o Aspeto de Deus chamado Perdão Total".

Ora isto criou um certo desafio, como podem imaginar.

Não havia ninguém a quem perdoar. Tudo o que criei é Perfeição e Amor.

"Ninguém a quem perdoar?" perguntou, algo incrédula, a Pequena Alma.

"Ninguém", repeti. "Olha à tua volta. Vês alguma alma menos perfeita, menos maravilhosa que tu?"

Com isto, a Pequena Alma rodopiou e ficou surpreendida ao ver-se rodeada por todas as almas no céu. Tinham vindo de todas as partes do Reino, porque tinham ouvido dizer que a Pequena Alma estava a ter uma conversa extraordinária com Deus.

"Não vejo nenhuma menos perfeita que eu!" exclamou a Pequena Alma. "Então a quem tenho de perdoar?"

Nessa altura, outra alma destacou-se da multidão. "Podes perdoar-me a mim", disse esta Alma Amiga.

"O quê?", perguntou a Pequena Alma.

"Entrarei na tua próxima vida física e farei qualquer coisa para tu perdoares", respondeu a Alma Amiga.

"Mas o quê? Que podia um ser de tão Perfeita Luz como tu fazer para que eu te quisesse perdoar?", quis saber a Pequena Alma.

"Oh", sorriu a Alma Amiga, "de certeza que havemos de pensar nalguma coisa".

"Mas por que queres fazer isso?" A Pequena Alma não conseguia imaginar a razão por que um ser tão perfeito quereria diminuir a sua vibração a ponto de conseguir fazer algo de "mau".

"É simples", explicou a Alma Amiga, "faço-o porque te amo. Queres experienciar o teu Eu como Perdoando, não queres? Além disso, fizeste o mesmo por mim".

"Fiz?" perguntou a Pequena Alma.

"Claro. Não te lembras? Já fomos o Todo, tu e eu. Fomos o Alto e o Baixo, o Esquerdo e o Direito. Fomos o Aqui e o Ali, o Agora e o Então. Fomos o Grande e o Pequeno, o Masculino e o Feminino, o Bom e o Mau. Todos nós fomos o Todo.

"E fizemo-lo por acordo, para que cada um de nós se experienciasse como A Parte Mais Grandiosa de Deus. Porque compreendemos que...

"Na ausência do que Não És, O Que És, NÃO é.

"Na ausência de 'frio', não podes estar 'quente'. Na ausência de 'triste', não podes estar 'contente', sem uma coisa chamada 'mal' a experiência a que chamas 'bem' não pode existir.

"Se optas por ser uma coisa, alguma coisa ou alguém contrários a isso têm de aparecer algures no teu Universo para o tornar possível."

A Alma Amiga explicou então que essas pessoas são os Anjos Especiais de Deus, e essas condições as Dádivas de Deus.

"Só peço uma coisa em troca", declarou a Alma Amiga. "Qualquer coisa! Qualquer coisa!", exclamou a Pequena Alma. Ficou muito entusiasmada ao saber que podia experienciar todos os Aspetos Divinos de Deus. Agora compreendia O Plano.

"No momento em que eu te atacar e atingir", disse a Alma Amiga, "no momento em que te fizer o pior que possas imaginar - nesse preciso momento... recorda-te de Quem Realmente Sou."

"Oh, não me esquecerei!", prometeu a Pequena Alma.

"Ver-te-ei com a perfeição que agora observo em ti, e recordarei sempre Quem Tu És."

É... uma história extraordinária, uma parábola incrível.

E a promessa da Pequena Alma é a promessa que te faço. *É isso* que é imutável. Mas tu, Minha Pequena Alma, cumpriste essa promessa para com os outros?

Não. Entristece-me dizer que não.

Não fiques triste. Contenta-te por veres o que é verdadeiro, e alegra-te na decisão de viver uma nova verdade.

Porque Deus é um trabalho em curso, e tu também. E lembra-te sempre disto:

Se visses Deus como Deus te vê a ti, sorririas bastante.

Portanto, vão e vejam-se uns aos outros como Quem Realmente São.

Observem. Observem. OBSERVEM.

Já vos disse - a maior diferença entre vós e os seres altamente evoluídos é que os seres altamente evoluídos observam mais. Se querem aumentar a velocidade a que estão a evoluir, procurem observar mais.

Isso só por si é uma observação maravilhosa.

E queria que observasses que tu, também, és uma ocorrência. Um ser humano. És um humano, vírgula, a *ser*. És um processo. E és, a qualquer "momento", o produto do teu processo.

És o Criador e o Criado. Digo-te estas coisas vezes sem conta nestes últimos momentos que passamos juntos. Repito-as para que as *oijas*, as compreendas.

Este processo que tu e Eu somos é eterno. Sempre ocorreu, ocorre agora e ocorrerá sempre. Não precisa da tua "ajuda" para ocorrer. Acontece" automaticamente". E, quando o deixam, acontece *perfeitamente*.

Há outro ditado introduzido na vossa cultura por Werner Erhard - *a vida resolve-se a si própria no próprio processo da vida*.

Alguns movimentos espirituais entendem-no como "libertar e deixar Deus"^{*}. É um bom entendimento.

Se *libertarem*, sairão do "caminho". O "caminho" é O Processo - que se chama a *própria vida*. Foi por isso que todos os mestres disseram "Eu sou o caminho e a vida". Compreenderam perfeitamente o que Eu aqui disse. Eles são a vida, e são o caminho - o acontecimento em curso, O Processo.

Tudo o que a sabedoria vos pede para fazer é confiar no Processo. Ou seja, confiar em Deus. Ou, se quiserem, confiar em vós próprios, pois Vós Sois Deus.

Lembrem-se, Somos Todos Um.

Como posso "confiar no processo", se o "processo" - a vida - me traz sempre coisas de que não gosto?

Gosta das coisas que a vida te traz sempre!

Reconhece e compreende que tu as estás a trazer a ti próprio.

VÊ A PERFEIÇÃO.

Vê-a em *tudo*, não apenas nas coisas a que tu chamas perfeitas. Expliquei cuidadosamente nesta trilogia a razão por que as coisas acontecem como acontecem, e como. Não precisas de ler outra vez essa

^{*} Let go and let God, em inglês. (N. da T.)

matéria aqui - embora pudesses tirar proveito de a rever frequentemente, até a compreenderes inteiramente.

Por favor - só neste ponto -, um critério resumido. Por favor. Como posso "ver a perfeição" de uma coisa que experiencio como não sendo nada perfeita?

Ninguém pode criar a tua experiência seja do que for.

Outros seres 'podem cocriar, e cocriam, as circunstâncias externas e os acontecimentos da vida que vivem em comum, mas a única coisa que ninguém pode fazer é fazer-te ter uma experiência SEJA DO QUE FOR que não escolhas experienciar. Nisso, és um ser Supremo. E ninguém - NINGUÉM - te pode dizer "como *ser*".

O mundo pode apresentar-te circunstâncias, mas só tu decides o que significam essas circunstâncias.

Lembra-te da verdade que te dei há muito tempo.

Nada tem importância.

Sim. Não tenho a certeza de ter compreendido inteiramente nessa altura. Chegou-me como uma experiência de sair do corpo em 1980. Recordo-a nitidamente.

E de que te recordas?

Que estava confuso de início. Como podia "nada ter importância"? Onde estaria o mundo, onde estaria *eu*, se nada tivesse importância nenhuma?

Que resposta encontraste para essa boa pergunta?

Percebi que nada tinha importância intrinsecamente, em si e de si, mas que eu estava a atribuir significado a ocorrências, fazendo assim com que tivessem importância. Compreendi, então, que "nada tem importância" significa que nada se materializa exceto quando optamos por que se materialize. Depois, esqueci esse discernimento

durante mais de dez anos, até Tu mo trazeres de novo numa fase anterior deste diálogo.

Tudo o que Eu trouxe a este diálogo já tu conhecias. Dei-to anteriormente, todo ele, através de outros que te enviei ou até cujos ensinamentos te fiz chegar. Não há nada de novo aqui, e não tens nada a aprender. Só tens de relembrar.

O teu entendimento da sabedoria "nada tem importância" é rico e profundo, e serve-te bem.

Desculpa. Não posso deixar acabar este diálogo sem chamar a atenção para uma contradição bem patente.

Que é...?

Ensinaste-me que aquilo a que chamamos "mal" existe para que possamos ter um contexto no qual possamos experienciar o "bem". Disseste que O Que Eu Sou não pode ser experienciado se não existir O Que Eu Não Sou. Por outras palavras, não há "quente" sem "frio", nem "alto" sem "baixo", etc...

Está certo.

Até utilizaste isso para me explicar como podia encarar todos os "problemas" como bênçãos, e todos os criminosos como anjos.

Certo outra vez.

Então como é que todas as descrições da vida dos seres altamente evoluídos não contêm praticamente nenhum "mal"? Tudo o que descreveste é o paraíso!

Ótimo. Muito bem.

Ficaste mesmo a pensar nisto tudo.

Na verdade, foi a Nancy que me fez notar isso. Estava a ouvir-me ler parte do material em voz alta e disse, "Parece-me que precisas de perguntar isto antes de terminar o diálogo. Como se experienciam

os SAEs como Quem Realmente São se eliminaram tudo o que é negativo das suas vidas?" Achei que era uma boa pergunta. De facto, fez-me congelar. Bem sei que acabaste de dizer que não são precisas mais perguntas, mas parece-me que tens de tratar desta.

Está bem. Uma para a Nancy. Por sinal, uma das melhores perguntas do livro.

(Pigarreio.)

Bom, é... Estou admirado de não teres apanhado isto quando falámos nos SAEs. Admira-me que não tenhas pensado nisso.

Pensei.

Pensaste?

Somos todos Um, não somos? Ora bem, *a parte de mim que é a Nancy* pensou!

Excelente! E, evidentemente, verdadeiro.

Então e a Tua resposta?

Volto à Minha afirmação original.

Na ausência do que não és, o que és, não é.

Ou seja, na ausência de frio, não podes conhecer a experiência chamada calor. Na ausência do alto, a ideia de "baixo" é um conceito vazio e sem significado.

Esta é uma verdade do Universo. Na verdade, explica por que o Universo é como é, com o seu frio e o seu calor, os seus altos e baixos e sim, o seu "bem" e o seu "mal".

Mas saibam o seguinte: *Estão a inventar tudo*. Estão a decidir o que é "frio" e o que é "quente", o que é "alto" e o que é "baixo". (Saiam para o espaço e vejam desaparecer as vossas definições!) Estão a *decidir* o que é

"bem" e o que é "mal". E as vossas ideias em relação a todas estas coisas foram mudando ao longo dos anos - e até mesmo com o passar das estações. Num dia de Verão, diriam que 42º F era "frio". A meio do Inverno, no entanto, diriam, "Bem, que dia quente!"

O Universo apenas vos fornece um *campo de experiência* - o que se poderia designar por uma *série de fenómenos objetivos*. Vocês decidem *como classificá-los*.

O Universo é um sistema integral desses fenómenos físicos. E o Universo é enorme. Vasto. Incomensuravelmente enorme. Interminável, de facto.

Eis um grande segredo: não é necessário que exista uma condição oposta *mesmo ao vosso lado* para que haja um campo contextual no qual a realidade da vossa escolha pode ser experienciada.

A distância entre contrastes é irrelevante. Todo o Universo fornece o campo contextual dentro do qual existem todos os elementos contrastantes, tornando assim possíveis todas as experiências. É esse o objetivo do Universo. É essa a sua função.

Mas se eu nunca tiver experienciado pessoalmente o "frio", e apenas vir que está "frio" noutra lugar muito distante de mim, como sei o que é o "frio"?

Já experienciaste o "frio". *Já* experienciaste tudo. Se não nesta vida, na anterior. Ou na anterior a essa. Ou numa das muitas outras. *Já* experienciaste o "frio". E "grande" e "pequeno", "alto" e "baixo" e "aqui" e "ali" e todos os elementos contrastantes que existem. Que estão gravados a fogo na tua memória.

Não tens de os experienciar outra vez se não quiseses.

Apenas precisas de os relembrar - saber que eles existem - para invocar a lei universal da relatividade.

Todos vós. Todos vós experienciaram *tudo*. Isto aplica-se a todos os seres do Universo, não somente aos seres humanos.

Não só experienciaram tudo como *são* tudo. São O TODO. São aquilo que estão a experienciar. Na verdade, estão a *causar* a experiência.

Não tenho a certeza de estar compreender totalmente.

Vou explicar-te, em termos mecânicos. O que quero que compreendas é que o que agora estás a fazer é simplesmente relembrar tudo o que és e escolher a parte que preferes experienciar neste momento, nesta vida, neste planeta, nesta forma física.

Meu Deus, fazes com que pareça tão simples!

É simples. Separaste o teu Eu do corpo de Deus, do Todo, do Coletivo e estás a tornar-te outra vez um membro desse corpo. Esse é O Processo chamado "re-membrar".

Ao re-membrares, proporcionas ao teu Eu, mais uma vez, todas as experiências de Quem Tu És. É um ciclo. Repete-se uma e outra vez e chama-se "evolução". Dizes que "evoluis". Na verdade, RE-volves! Tal como a Terra revolve em volta do sol. Tal como a galáxia revolve em torno do centro.

Tudo revolve.

A revolução é o movimento básico de toda a vida. A energia vital revolve. É o que ela faz. Vocês estão num *movimento verdadeiramente revolucionário*.

Como é que *fazes* isso? Como descobres constantemente palavras que tornam tudo tão claro?

Tu é que o tornas claro. Fizeste-o ao sintonizares o teu "recetor". Eliminaste a estática. Criaste uma nova boa vontade para aprender. Essa boa vontade vai mudar tudo, para ti e para a tua espécie. Pois na tua boa

vontade, tornaste-te um verdadeiro revolucionário - e a maior revolução espiritual do teu planeta acaba de começar.

É bom que se apresse. Precisamos de uma nova espiritualidade, *agora*. Estamos a criar uma infelicidade inacreditável à nossa volta.

Isso deve-se a que, embora todos os seres tenham vivido todas as experiências contrastantes, alguns ainda não o sabem. Esqueceram-no e ainda não chegaram à completa lembrança.

Com os seres altamente evoluídos não acontece assim. Não é necessário que tenham a "negatividade" à frente, no seu próprio mundo, para que saibam como é "positiva" a sua civilização. Estão "positivamente conscientes" de Quem São sem terem de criar a negatividade para o provarem. Os SAEs simplesmente veem quem não são, observando-o noutra parte do campo contextual. O teu próprio planeta, de facto, é um dos lugares para onde os seres altamente evoluídos olham quando procuram um campo contrastante.

Ao fazerem-no, recordam-se de como era quando eles experienciaram o que vocês estão a experienciar, e formam assim um quadro de referência através do qual podem conhecer e compreender o que estão a experienciar agora.

Compreendes agora por que razão os SAEs não precisam do "mal" nem da "negatividade" na sua sociedade?

Sim. Mas então por que precisamos nós na nossa?

NÃO PRECISAM. Isso é o que te tenho dito ao longo de todo este diálogo.

Têm de viver num campo contextual dentro do qual existe O Que Não São, para que experienciem O Que São. Essa é a Lei Universal, que não podem evitar. Contudo, estão a viver nesse campo, neste preciso momento. Não têm de o criar. O campo contextual em que vivem chama-se *Universo*.

Não têm de criar um campo contextual mais pequeno nas traseiras da vossa casa.

Isto significa que podem mudar a vida no vosso planeta agora mesmo, e *eliminar tudo o que não são*, sem nunca porem em risco a vossa capacidade de saberem e experienciarem O Que São.

Espantoso! Essa é a maior revelação do livro! Que forma de finalizar! Então não tenho de estar constantemente a apelar ao oposto para criar e experienciar a próxima versão mais grandiosa da visão mais sublime que já tive de Quem Eu Sou!

Certo. É isso que te tenho estado a dizer desde o início.

Mas não foi assim que explicaste!

Não terias compreendido até agora.

Não *tens* de criar o oposto de Quem Tu És e O Que Escolhes para o experienciares. Tens somente de observar que já foi criado - noutro lugar. Tens apenas de te lembrar que existe. Esse é o "conhecimento do fruto da Árvore do Bem e do Mal" que já te expliquei não ser uma maldição, não o pecado original, mas o que Matthew Fox designou por *Bênção Original*.

E para relembrares que existe, para relembrares que tu já experienciaste tudo antes - tudo o que existe - na forma física... tudo o que tens a fazer é olhar para cima.

"Olhar para dentro", queres Tu dizer.

Não, quero dizer exatamente o que disse. OLHA PARA CIMA. Olha para as estrelas. Olha para os céus. OBSERVA O CAMPO CONTEXTUAL.

Já vos disse antes, tudo o que precisam para se tornarem seres altamente evoluídos é de aumentarem as vossas capacidades de observação. Ver "O que é assim" e a seguir fazer "O que funciona".

Então, olhando para outra parte do Universo, posso ver como são as coisas noutros lugares, e posso utilizar esses elementos contrastantes para chegar ao entendimento de Quem Eu Sou precisamente aqui e agora.

Sim. Chama-se "relembrar".

Não exatamente. Chama-se "observar".

O que pensas que estás a observar?

A vida noutros planetas. Noutros sistemas solares, noutras galáxias. Suponho que se reuníssemos tecnologia suficiente, seria isso que observaríamos. É isso que presumo que os SAEs têm a possibilidade de observar neste momento, dada a sua tecnologia avançada. Tu próprio disseste que eles nos observam, aqui na Terra. Portanto, isso seria o que observaríamos.

Mas o que estariam a observar, na verdade?

Não percebo a pergunta.

Então, dou-te Eu a resposta.

Vocês estão a observar o vosso próprio passado.

O quê???

Quando olham para cima, veem as estrelas - tal como eram há centenas, milhares, milhões de anos-luz. O que estão a ver não está lá, de facto. Estão a ver o que lá esteve. Estão a ver o passado. E é um passado no qual vocês participaram.

Diz lá outra vez!!!

Tu estiveste lá, a experienciar aquelas coisas, a fazer aquelas coisas.

Estive?

Não te disse que viveste muitas vidas?

Sim, mas... mas se eu viajasse para um desses lugares a muitos anos-luz de distância? E se eu tivesse a capacidade de ir lá mesmo? De lá estar "precisamente agora", no preciso momento que não consigo "ver" na Terra durante centenas de anos-luz? Que veria então? Dois "eus"? Estás a dizer que veria o meu Eu, a existir em dois lugares ao mesmo tempo?

Claro! E descobririas o que te tenho dito sempre - que o tempo não existe, e que não estás nada a ver "o passado"! Que está tudo a acontecer AGORA.

Tu também estás, "agora mesmo", a viver vidas no que, no tempo da Terra, seria o teu futuro. É a distância entre os teus muitos "Eus" que te permite experienciar identidades separadas, e "momentos no tempo".

Assim, o "passado" que tu re-lembras e o futuro que verias são o "agora" que simplesmente É.

Espantoso! É incrível.

Sim, e é verdade também a outro nível. É como te disse antes: *há apenas Um de Nós*. Portanto, quando olhas para as estrelas, estás a ver o que chamarias o NOSSO PASSADO.

Não consigo acompanhar isto!

Espera. Tenho mais uma coisa para te dizer.

Estás *sempre* a ver o que, nos teus termos, definirias como o "passado", mesmo quando estás a olhar para o que está mesmo à tua frente.

Estou?

É impossível ver O Presente. O Presente "acontece", depois transforma-se numa explosão de luz, formada por energia em dispersão e essa luz atinge os teus recetores, os olhos, e *leva tempo a fazê-lo*.

Enquanto essa luz te alcança, a vida continua, avança. A ocorrência seguinte está a acontecer enquanto a luz da última ocorrência está a chegar a ti.

A explosão de energia chega aos teus olhos, os teus recetores enviam esse sinal para o cérebro, que interpreta os dados e te diz o que estás a ver.

No entanto, não é nada disso que está agora à tua frente. É o que *pensas* que estás a ver. Ou seja, estás a pensar no que viste, a dizer a ti próprio o que é, e a decidir o que lhe vais chamar, enquanto o que está a acontecer "agora" precede o teu processo e aguarda-o.

Em termos mais simples, estou sempre um passo à tua frente.

Meu Deus, isto é *inacreditável*.

Agora ouve. Quanto mais *distância* colocares entre o teu Eu e a localização física de uma ocorrência, *mais essa ocorrência retrocede no "passado"*. Posiciona-te alguns anos-luz para trás e aquilo para que estás a olhar aconteceu há muito, muito tempo.

Mas *não* aconteceu "há muito tempo". A mera distância física criou a ilusão de "tempo", e permitiu-te experienciar o teu Eu como estando "aqui, agora" enquanto estás "ali, então"!

Um dia verás que o que chamas tempo e espaço *são a mesma coisa*.

Então verás que tudo está a acontecer aqui e agora mesmo.

Isto é... é... *extraordinário*. Quer dizer, não sei como interpretar tudo isto.

Quando compreenderes o que Eu te disse, compreenderás que *nada do que vês é real*. Vês a *imagem* do que foi uma ocorrência, contudo mesmo essa imagem, essa explosão de energia, é algo que estás a interpretar. A tua interpretação pessoal dessa imagem chama-se a tua imaginação.

E podes usar a imaginação para criar *qualquer coisa*.

Porque - este é o maior segredo de todos - a tua imaginação *funciona em ambos os sentidos*.

Como?

Não só *interpretas* a energia, como a *crias*. A imaginação é uma função da tua mente, que é um terço do teu ser tripartido. Na tua mente formas a imagem duma coisa e ela começa a tomar forma física. Quanto mais tempo formares essa imagem (e quantos mais DE vocês formarem essa imagem), mais física se torna essa forma, até que essa energia crescente que lhe deram literalmente *explode em luz*, projetando uma imagem de si naquilo a que chamam a vossa realidade. Então "vês" a imagem, e mais uma vez decides o que é. Assim, o ciclo continua. A isto chamei O Processo.

É o que TU ÉS. Tu ÉS este Processo.

É o que Deus É. Deus É este Processo.

Foi a isto que me referi quando disse, *és o Criador e o Criado*.

Reuni tudo para ti. Estamos a concluir este diálogo e expliquei-te a mecânica do Universo, o segredo de toda a vida.

Estou... perplexo. Estou... estarecido. Agora quero descobrir uma maneira de aplicar tudo isto no meu quotidiano.

Estás a aplicá-lo ao teu quotidiano. Não podes *deixar* de aplicar. É isso que está *a acontecer*. A única questão é se o aplicas consciente ou inconscientemente, se estás no efeito do Processo ou se és a sua causa. Em tudo, sê o porquê.

As crianças entendem-no perfeitamente. Pergunta a uma criança "Por que fizeste isso?" e ela responder-te-á "Porque sim".

É essa a única razão para fazer qualquer coisa.

É espantoso. É uma corrida espantosa para um final espantoso deste espantoso diálogo.

A forma mais significativa de aplicares o teu Novo Entendimento é seres o *porquê* da tua experiência, não o seu efeito. E reconhece que *não tens de criar o oposto de Quem Tu És no teu espaço ou experiência pessoais* para conheceres e experienciares Quem Realmente És e Quem Escolhes Ser.

Armado deste conhecimento, podes mudar a tua vida, podes mudar o teu mundo.

E esta é a verdade que vim partilhar com todos vós.

Boa! Fantástico! Percebi. *Percebi!*

Ainda bem. Saibam que há três sabedorias fundamentais que percorrem todo o diálogo e que são:

1. Somos Todos Um.
2. Há O Suficiente.
3. Não Há Nada Que Tenhamos Que Fazer.

Se decidissem que "somos todos um", deixariam de se tratar uns aos outros como fazem.

Se decidissem que "há o suficiente", partilhariam tudo com toda a gente.

Se decidissem que "não há nada que tenhamos de fazer", deixariam de utilizar o "fazer" para resolver os vossos problemas e *passariam* para um estado de ser que faria com que a vossa experiência desses problemas desaparecesse e as próprias condições se evaporassem.

Esta é porventura a verdade que é mais importante que compreendam neste estádio da vossa evolução, e um bom lugar para terminar este diálogo. Lembrem-se sempre disto e façam dele o vosso mantra:

Não há nada que eu tenha que ter, não há nada que eu tenha que fazer, e não há nada que eu tenha de ser; exceto o que sou neste preciso momento.

Isto não significa que "ter" e "fazer" sejam eliminados da vossa vida. Significa que o que experienciarem como tendo ou fazendo *partirá* do vosso ser - não vos *conduzirá* a ele.

Quando partem *da* "felicidade", fazem certas coisas porque são felizes - ao contrário do velho paradigma de que faziam coisas que esperavam que vos fizessem felizes.

Quando partem *da* "sabedoria", fazem certas coisas porque são sábios, não porque estão a tentar chegar à sabedoria.

Quando partem *do* "amor", fazem certas coisas porque são amor, não porque querem ter amor.

Tudo muda; tudo se volta ao contrário, quando se parte de "ser" em vez de procurar "ser". Não se pode "fazer" o caminho até "ser". Quer se tente "ser" feliz, ser sábio, ser amor - ou ser Deus - não se "chega lá" por fazer. E, no entanto, é verdade que farão coisas maravilhosas quando "lá chegarem".

Eis a Dicotomia Divina. O caminho para "lá chegar" é "lá estar". *Estejam* onde querem *chegar*! É tão simples. *Não há nada que tenham de fazer*. Querem ser felizes? *Sejam felizes*. Querem ser sábios? *Sejam sábios*. Querem ser amor? *Sejam amor*. De qualquer modo, é Quem Vocês São.

São os Meus Amados.

Oh! Fiquei sem fôlego! Tens uma forma tão fantástica de dizer as coisas.

A verdade é eloquente. A verdade tem uma elegância que leva o coração a despertar de novo.

Foi isso que fizeram as *Conversas com Deus*. Tocaram o coração da raça humana e despertaram-no.

Agora, conduzem-vos a uma pergunta crítica. Uma pergunta que toda a humanidade deve fazer a si própria. Podem criar, e criarão, uma nova história cultural? Conseguem imaginar, e imaginarão, um novo Primeiro Mito Cultural, sobre o qual se baseiem todos os outros mitos?

A raça humana é inerentemente boa, ou inerentemente má?

Eis-vos chegados a esta encruzilhada. O futuro da raça humana depende do caminho que seguirem. Se vocês e a vossa sociedade acreditarem que são inerentemente bons, tomarão decisões e farão leis construtivas e que ratificam a vida. Se vocês e a vossa sociedade acreditarem que são inerentemente maus, tomarão decisões e farão leis destrutivas e que negam a vida. As leis que ratificam a vida são as que vos permitem ser, fazer e ter o que desejam. As leis que negam a vida são as que vos impedem de ser, fazer ou ter aquilo que desejam.

Os que acreditam no Pecado Original, e que a natureza inerente ao homem é má, alegam que Deus criou leis que vos *impedem* de fazer o que querem - e promovem leis humanas (um número infinito) que procuram fazer o mesmo.

Os que creem na Bênção Original, e que a natureza inerente ao homem é boa, proclamam que Deus criou leis naturais que vos *permitem* fazer o que querem - e promovem leis humanas que procuram fazer o mesmo.

Qual é o teu ponto de vista da raça humana? Qual é o teu ponto de vista do teu Eu? Se ficasses à mercê da tua vontade, vês-te como merecendo confiança? Em tudo? E os outros? Como os vês? Até eles se te revelarem, duma forma ou doutra, qual é o teu pressuposto de base?

Agora, responde a isto. As tuas suposições ajudam a vossa sociedade a *desmoronar-se* ou a *progredir*?

Vejo o meu Eu como merecedor de confiança. Antes não, mas agora vejo. Tornei-me merecedor de confiança, porque mudei de ideias quanto ao tipo de pessoa que sou. Também tenho a clara noção do que Deus quer, e do que Deus não quer. Tenho ideias claras a Teu respeito.

Estas **Conversas com Deus** tiveram um enorme papel nessa mudança, em tornar possível essa modificação. E vejo agora na sociedade o que vejo em mim próprio - não algo que se desmorona, mas algo que progride. Vejo uma cultura humana que desperta finalmente para a sua herança divina, ciente do seu propósito divino e cada vez mais consciente do seu Eu divino.

Se é isso que vês, é isso que vais criar. Estavas perdido, mas foste encontrado. Estavas cego e agora vês. E isso foi uma graça extraordinária.

Por vezes tens-te separado de Mim no teu coração, mas agora estamos novamente unidos, e assim podemos continuar para sempre. Porque aquilo que uniste, ninguém senão tu poderá separar.

Lembra-te disto: És sempre uma parte, porque nunca estás *à parte*. És sempre uma *parte* de Deus, porque nunca estás *à parte* de Deus.

Essa é a verdade do teu ser. Somos um todo. Portanto, agora sabes toda a verdade.

Esta verdade é o alimento da alma faminta. Tomai e comei. O mundo tinha sede desta alegria. Tomai e bebei. Fazei isto em memória de Mim.

Pois a verdade é o corpo, a alegria o sangue, de Deus, que é amor.

Verdade.

Alegria.

Amor.

Os três são intermutáveis. Um leva a outro, não importa a ordem em que surjam. Todos conduzem a Mim. Todos são Eu.

E assim termino este diálogo como começou. Como na própria vida, fecha-se o círculo. Foi-vos aqui dada verdade. Foi-vos dada alegria. Foi-vos dado amor. Foram-vos dadas as respostas aos maiores mistérios da vida. Resta apenas uma pergunta. É a pergunta com que começámos.

A questão não é com quem falo, mas quem escuta?

Obrigado. Obrigado por falares com todos nós. Ouvimos-Te e escutar-Te-emos. Eu amo-Te. E ao terminar este diálogo, sinto-me cheio de verdade, alegria e amor. Sinto-me cheio de Ti. Sinto a minha Unidade com Deus.

Esse lugar de Unidade é o céu. Estás lá agora. Nunca não estás, porque nunca não és Um Comigo.

É isso que quero que saibas. É isso que quero que retires, por último, desta conversa.

E eis a Minha mensagem, a mensagem que Eu procuraria deixar ao mundo:

Meus Filhos, que estais no céu, santificado seja o vosso nome. Vem a Nós o vosso reino, é feita a vossa vontade, assim na Terra como no Céu.

O pão vosso de cada dia vos é dado hoje, e são-vos perdoadas as vossas ofensas, exatamente no grau em que perdoaram a quem vos ofende.

Não vos deixeis cair em tentação e livrai-vos dos males que criastes.

Pois é vosso o Reino, o Poder e a Glória, para todo o sempre.

Amen.

E amen.

Ide, e mudai o vosso mundo. Ide, e sede o vosso Supremo Eu. Compreendem agora tudo o que precisam de compreender. Sabem agora tudo o que precisam de saber. São agora tudo o que precisam de ser.

Nunca foram menos que isso. Simplesmente não o sabiam. Não se lembravam.

Agora lembram. Procurem levar sempre essa lembrança convosco. Procurem partilhá-la com todos cujas vidas tocam. Pois vosso é o destino mais grandioso que alguma vez imaginaram.

Vieram à sala para curar a sala. Vieram ao espaço para curar o espaço.

Não existe outra razão para estarem aqui.

E saibam isto: Eu amo-vos. O meu amor é sempre vosso, agora e para todo o sempre.

Estou sempre convosco.

De todas as formas.

Adeus, Deus. Obrigado por este diálogo. Obrigado, obrigado, obrigado.

E a ti, minha criação maravilhosa. Obrigado. Por teres, mais uma vez, dado a Deus voz - e um lugar no teu coração. E isso é tudo o que qualquer de Nós sempre quis realmente.

Estamos juntos outra vez. E isso é muito bom.

A FECHAR

Esta foi para mim uma experiência extraordinária, como devem imaginar. A apresentação desta trilogia demorou seis anos - quatro deles gastos no último volume. Fiz o melhor que sabia para desimpedir o caminho e deixar O Processo fazer as suas maravilhas. Creio que, na maior parte, o consegui, embora reconheça de imediato não ter sido um filtro perfeito. Alguma coisa do que passou através de mim está sem dúvida distorcida. Seria portanto um erro considerar este escrito - ou qualquer outro - sobre questões espirituais uma verdade literal. Quero desencorajar quem quer que possa ter a ideia de o fazer. Não façam disto mais do que aqui está. Por outro lado, *também não façam menos*.

O que aqui está é uma mensagem importante. É uma mensagem que pode mudar o mundo. Muitas vidas foram já alteradas pela matéria das CCD. Traduzidas para vinte e quatro línguas, e nas listas internacionais de bestsellers durante meses seguidos, encontraram o caminho até às mãos de milhões de pessoas por todo o planeta. Formaram-se espontaneamente grupos de estudos das CCD em mais de cento e cinquenta cidades, número que cresce todos os meses. À data em que escrevo, recebemos quatrocentas a seiscentas cartas por semana de pessoas que ficaram tão emocionadas com o discernimento, a sabedoria e a verdade destas linhas que foram levadas a contactar-me pessoalmente.

Para fazer face a esta reação extraordinária, Nancy e eu criámos uma fundação sem fins lucrativos que publica um boletim mensal que contém respostas a perguntas dos leitores e notícias sobre conferências, retiros, e outras matérias de ensino das CCD. Se quiserem "manter-se em ligação" com a energia desta mensagem, e ajudar a difundi-la a outros, a assinatura desse boletim é uma maneira maravilhosa de o fazer. Parte do valor da assinatura destina-se ao nosso fundo bolseiro, permitindo que os que não o poderiam fazer doutra maneira recebam o nosso boletim gratuitamente. Envie 35 USD (45 USD para assinaturas internacionais), por um ano, para:

Newsletter Subscription
c/o **ReCreation**
*The Foundation for Personal Growth and
Spiritual Understanding*
1257 Siskiyou Blvd., 1150
Ashland, OR 97520
Telefone 541-482-8806
e-mail: recreating@aol.com

Poderá fazer mais ainda se quiser verdadeiramente envolver-se na difusão da mensagem aqui encontrada. Primeiro pode começar por ler mais material

importante sobre os assuntos abordados nesta trilogia. Partindo da sugestão que me foi dada neste diálogo, pesquisei, descobri e recomendo entusiasticamente uma lista de leituras curta, mas poderosa. Chamei-lhe Oito Livros Que Podem Mudar O Mundo.

Não só recomendo estes livros como lhe solicito pessoalmente que os leia. Porquê? Porque creio que a população da Terra se dirige para uma época extraordinária. Serão tomadas decisões nos anos mais próximos que nos conduzirão e nortearão durante décadas. As escolhas com que a comunidade humana se depara são enormes e as escolhas do amanhã serão ainda mais significativas à medida que as nossas opções se tornarem cada vez mais limitadas.

Todos nós teremos um papel na tomada dessas decisões. Não ficarão para outros. Nós somos os outros. As decisões de que falo não podem ser, nem serão, tomadas por nenhuma estrutura política, a elite de influência nem gigantes empresariais. Serão tomadas nos corações e nas casas de indivíduos e famílias em todo o mundo.

Que ensinaremos aos nossos filhos? Onde gastaremos o dinheiro? Que sonhos, aspirações, carências e desejos serão os nossos maiores objetivos, as nossas principais prioridades? Como trataremos do ambiente? Qual a melhor forma de permanecer saudável, e como melhorar a nossa dieta? Que pediremos aos nossos líderes - e o que exigiremos? Como saberemos quando a vida correr bem? Qual será a nossa medida do sucesso? Como aprenderemos a amar? O impacto total dessas escolhas pessoais criará o que o cientista e escritor Rupert Sheldrake chama um "campo mórfico" - uma "ressonância" que dá o tom da vida à escala mundial.

Assim, é importante - de facto, crucial - que o papel de cada indivíduo seja consciente. As nossas opções não podem ser feitas no vácuo. E, por muito bem informados que julguemos que estamos (e, francamente, porque alguns de nós não estamos), creio que advirá um profundo benefício da leitura destes livros, ou não gastaria este tempo a chamar a vossa atenção para eles.

Sei que há muitos títulos maravilhosos, e é óbvio que a lista podia ser muito maior. Estas são as minhas opções pessoais, alguns escritos por pessoas que cheguei a conhecer, outros por pessoas que nunca conheci, mas todos livros muito poderosos, significativos e importantes.

Espero que leia estes Oito Livros Que Podem Mudar o Mundo:

1. *The Healing of America*, de Marianne Williamson.

Um livro ardente, cheio de noções contundentes e soluções corajosas, fornece alimento rico a quem quer que pense seriamente sobre quem somos e onde queremos ir, como indivíduos, como nação e como espécie. O último trabalho duma mulher de coragem e envolvimento social invulgares, este livro clama por quem procura um mundo mais novo.

2. *The Last Hours of Ancient Sunlight*, de Thom Hartmann. Um livro que o chocará e despertará... e talvez até lhe provoque ira. O que não fará é deixar o leitor indiferente. Não conseguirá experienciar a sua vida, e a vida neste planeta, da mesma maneira - e será bom para si e para o planeta. Um "agitador". Fácil de ler, urgente e poderoso.

3. *Conscious Evolution - Awakening the Power of Our Social Potential*, de Barbara Marx Hubbard. Um documento de surpreendente visão e alcance - eloquente, constrangedor e sensato na sua descrição de onde estamos e para onde vamos como homo sapiens - arrasta-nos para um novo nível de consciencialização das nossas possibilidades. Um apelo inspirador à nossa natureza superior ao aproximarmo-nos da época de cocriação do novo milénio.

4. *Reworking Success*, de Robert Theobald, a quem já chamaram um dos dez futuristas mais importantes e influentes do nosso tempo. Um livro pequeno com uma mensagem enorme: se não revirmos o que chamamos "ganhar" nesta cultura, a própria cultura não durará muito mais. As nossas ideias antigas do que é "bom" para nós estão a destruir-nos.

5. *A Visão Celestina*, de James Redfield. Oferece um mapa dum novo futuro possível, um caminho para um amanhã maravilhoso, basta que o sigamos. As verdades mais simples e mais profundas são-nos apresentadas como instrumentos a utilizar na criação da vida com que há tanto tempo sonhamos. Subitamente, o sonho está ao nosso alcance.

6. *The Politics of Meaning*, de Michael Lerner. Terra a terra, mas extraordinariamente inspirador, é um apelo eloquente à sanidade, à compaixão e ao amor simples e humano na política, na economia e no mundo empresarial. Contém ideias admiráveis e visões maravilhosas de como o mundo podia funcionar, se conseguíssemos que a estrutura do poder se importasse verdadeiramente - com sugestões sobre como poderíamos fazer com que isso acontecesse.

7. *The Future of Love*, de Daphne Rose Kingma. Uma exploração fascinante de uma nova forma de nos amarmos uns aos outros - uma forma que reconhece o poder da alma nas relações íntimas. Profundamente perspicaz e ousadamente refrescante, este livro afasta-se da tradição e dá um passo extraordinário para a possibilidade de dizer sim ao desejo mais verdadeiro e grandioso do nosso ser: amar totalmente.

8. *Diet for a New America*, de John Robbins. Um tema simples tratado com grande impacto: a alimentação. É uma revelação. Os venenos que comemos e a má qualidade dos nutrientes são explorados de uma forma que mudará para sempre a sua perspetiva em relação ao que introduz no corpo. Este livro desafia o pressuposto de que é benéfico consumir carne de animais mortos, e apresenta provas surpreendentes dos benefícios económicos e em termos de saúde de deixar de comer carne.

Todos estes livros apresentam um projeto para amanhã. As semelhanças de enunciado são surpreendentes. É difícil acreditar que estes autores não se sentaram em conjunto, concertando o que iriam dizer e como o iriam dizer. É evidente que tal não aconteceu, sendo espantoso o grau de sincronia.

A visão destes oito escritores é tão clara, tão estimulante e apresenta uma perspetiva da sociedade civilizada tão melhor do que a nossa realidade diária atual que o leitor quererá saber imediatamente o que pode fazer para que as coisas andem.

Felizmente para todos nós, Marianne, Thom, Barbara, Robert, James, Michael, Daphne e John deram sugestões específicas e sólidas sobre onde ir a partir daqui. Os livros encontram-se, todos eles, cheios de ideias sobre o que pode fazer, agora, para melhorar as coisas e criar uma mudança a longo prazo no nosso mundo.

Gostaria também de vos dar conhecimento de três organizações que se empenham, neste momento, ativa e vigorosamente, no trabalho para o qual nos chama a trilogia das **Conversas com Deus** e numa campanha de base que procura soerguer moralmente o mundo. O leitor poderá ter interesse em conhecer melhor estes grupos para ver se concorda com as suas filosofias e se já instalaram um mecanismo através do qual as suas próprias visões e escolhas se possam realizar.

Na área da espiritualidade: *The Emissaries**.

Trata-se de uma associação de pessoas de muitos países cujo interesse primordial é harmonizar-se inteiramente com a forma como a vida funciona em todos os aspetos da experiência diária e procurar revelar o carácter de Deus na vida prática. O grupo acredita que quando isso é praticado consistentemente e em concertação com outros, a revelação coletiva de carácter divino daí resultante dá um sinal à humanidade, apelando ao despertar e ao regresso à verdadeira identidade.

O termo descritivo "emissário da luz divina" refere-se a quem quer que expresse consistentemente um espírito firme, verdadeiro e afetuoso. Nisto está

* Os Emissários (N.daT.)

implícita a aceitação da responsabilidade de enfrentar e prescindir de atitudes e pressupostos que limitem a libertação do potencial espiritual inerente.

É claro que há milhares de pessoas cuja presença, onde quer que estejam e não tendo nunca ouvido falar dos *The Emissaries*, é genuinamente radiosa e inspiradora. Nessa medida são emissários da luz divina e as suas vidas contêm autoridade e poder. Através de associação deliberada e atividades tais como cursos por correspondência, seminários, harmonização e reuniões semanais regulares, os *The Emissaries* facultam um contexto continuado para a partilha de trabalho espiritual e criativo. Podem ser contactados através de:

The Emissaries

5569 North County Road, 29
Loveland, Colorado 80538
Telefone 970-679-4200
e-mail: sunrise@emnet.org

Na área da política: *The Natural Law Party**:

Fundado em 1992 para preencher um vazio na estrutura política dos Estados Unidos, o *Natural Law Party* estabeleceu-se, entretanto, em muitos países do mundo. O partido acredita que, para continuar o progresso humano e florescer como comunidade planetária, devemos alimentar a nossa aliança com a "lei natural", que é descrita como "as leis da natureza - princípios metódicos que regem a vida em todo o Universo físico."

Diz o candidato a Presidente dos Estados Unidos, do *Natural Law Party*, nas últimas eleições, o físico John Hagelin, "Infelizmente é verdade que muitas das nossas instituições, tecnologias modernas e padrões de comportamento violam cada vez mais as leis da natureza. Os medicamentos com efeitos secundários perigosos, os pesticidas químicos, os fertilizantes e as culturas genéticas, e mesmo algumas das nossas instituições financeiras, estão a plantar as sementes de epidemias, guerra de classes e desastres ambientais futuros". Claro que as **Conversas com Deus** chamam repetidamente a atenção para as mesmas questões.

O *Natural Law Party* oferece uma plataforma política para abordar estas questões. Pode ser contactado nos Estados Unidos através de:

The Natural Law Party

1946 Mansion Drive
P.O. Box 1900
Fairfield, IA 52556
Telefone 515-472-2040

* Partido da Lei Natural (N. da T.)

endereço online: www.natural-law.org

Na área de ativismo espiritual-político nos Estados Unidos: *American Renaissance Alliance**:

Trata-se de uma organização em cuja criação estou pessoalmente associado à escritora, conferencista e visionária Marianne Williamson, que observa que "à medida que o poder do espírito se eleva dentro de nós, assim cresce o nosso desejo de prestar serviço ao mundo. Os processos de democracia podem facilitar esse serviço, dando a todos os cidadãos a oportunidade de expressarem os seus valores espirituais no domínio político".

O amor, a misericórdia, a paz e a justiça estarão na vanguarda da nossa paisagem política global quando um número suficiente de pessoas decidir colocá-los lá. Nos Estados Unidos, a *American Renaissance Alliance* oferece um contexto organizado para pesquisa filosófica e ação política, reunindo pessoas que comungam das mesmas ideias ao serviço do bem comum. O nosso propósito é alicerçar o poder espiritual no âmago da democracia americana, como testemunho poderoso do amor de Deus dentro de todos nós.

Marianne e eu prevemos que em várias cidades por todos os Estados Unidos, duas ou mais pessoas se reunirão para rezar pela paz e trabalhar pela justiça. Como escreve Marianne na nossa brochura "Dedicada à ideia de que a força da alma é mais poderosa que a força bruta, a *Alliance* proclama ativamente a visão de uma América liberta das garras da ganância, ancorada na paz e evoluindo para mais amor. Acreditamos ser este o nosso destino enquanto espécie global, também, e apoiaremos organizações semelhantes que sejam criadas em todo o mundo.

"A *American Renaissance Alliance* não é uma organização política tradicionalmente orientada para questões. Pensamos que *as questões não são a questão*. A grande maioria dos problemas da América provém de uma origem subjacente: o afastamento do cidadão comum do processo político do seu país. O mesmo é verdade em todo o mundo."

Creio que a mensagem nas **Conversas com Deus** contém não só um convite explícito, como uma chamada de ação. Espero que seja ouvida por pessoas em toda a parte. Nos Estados Unidos, onde vivo, Marianne Williamson e eu esperamos que a nossa *American Renaissance Alliance* forneça um modelo que possa ser copiado em todo o mundo. Mais uma vez, como diz Marianne, é "um modelo de uma organização não partidária que sustenta a importância política de valores conservadores generosos bem como de valores liberais generosos. O nosso desejo não é limitar, mas sim libertar, o poder político de cada indivíduo de acordo com a sua própria consciência e em suporte das suas

* Aliança da Renascença Americana (N. da T.)

convicções. Em suma, procuramos ajudar as pessoas a porem as suas almas ao serviço do mundo que as rodeia".

Se estiver interessado em obter mais informações sobre o trabalho que Marianne e eu estamos a fazer relacionado com a política holística e os seus princípios ativos, ou se quiser associar-se a nós, queira contactar:

The American Renaissance Alliance

P.O. Box 15712

Washington, D.C. 20003

Telefone 202-544-1219

endereço on line: www.renaissancealliance.org

Finalmente, reparou com certeza nas repetidas referências feitas nesta terceira parte da trilogia das CCD ao "que funciona". Foi sublinhado por diversas vezes ao longo do diálogo que os seres altamente evoluídos observam consistentemente "o que é assim" e "o que funciona".

Na nossa sociedade, começam a surgir esforços no sentido de observar mais de perto programas e empreendimentos que abordam muitos dos problemas com que nos confrontamos. Um dos que conheço pessoalmente é a Campanha para Soluções Positivas, uma iniciativa para ajudar a construir uma nova civilização baseada no que já funciona.

O objetivo da campanha é pesquisar, mapear, interligar e comunicar esses avanços e encorajar a sua multiplicação. Quando esses avanços forem adaptados e adotados em maior escala, economizaremos bilhões de dólares e melhoraremos a qualidade de vida de milhões de pessoas. Participo ativamente nesta campanha e espero por seu intermédio construir apoios que permitam que as pessoas tragam o melhor do que funciona até às suas comunidades e criar projetos que contribuam para curar o nosso mundo e fazê-lo evoluir.

A diretora da Campanha para Soluções Positivas é Eleanor Mulloney LeCain, que trabalha com as futuristas Barbara Marx Hubbard, Nancy Carroll e Patricia Ellsberg. A Campanha é um projeto da fundação sem fins lucrativos de Barbara. Indivíduos, grupos, organizações e instituições são convidados a introduzir projetos em funcionamento neste website, facultando um meio de partilhar o que sabem e de aprender com os sucessos de outros. O website pode ser visitado no endereço <http://www.cocreation.org>.

Pode ainda formar um pequeno grupo na sua comunidade, igreja, organização ou entre amigos, e iniciar o processo de sinergia e cocriação. Faça a si próprio as seguintes perguntas: 1) Qual é a minha paixão de criar neste momento? Onde está o "sumo" para mim? 2) Quais são as minhas necessidades? Onde me sinto bloqueado em dar o passo seguinte? 3) Que recursos quero partilhar livremente com outros? 4) O que sei que já está a funcionar, na minha

vida, no meu trabalho e no mundo? Depois, introduza os seus projetos, e outros que saibam que estão a funcionar, no website.

Para obter mais informações sobre esta iniciativa queira contactar:

The Foundation for Conscious Evolution

P.O. Box 6397

San Rafael, CA 94903-0397

Telefone 415-454-8191

e-mail: fce@peaceroom.org

Espero que esta informação vos possa ser útil. O meu objetivo aqui foi facultar-vos um arranque, se quiserem, na ativação da mensagem das CCD: Sei que nem todos concordarão com todos os autores e organizações aqui mencionados. Não faz mal. Se tudo o que fizerem for obrigar-nos a parar para pensar, ter-nos-ão prestado um serviço extraordinário.

Agora, ao terminar este diálogo em três livros, quero dizer obrigado. Obrigado pela tolerância de permitirem o fluxo livre de ideias que chegaram por meu intermédio. Tenho a certeza que nem todos terão concordado com tudo o que aqui foi escrito. Também não tem importância. De facto, é preferível. Não me sinto à vontade com nada que seja engolido inteiro. E a maior mensagem das **Conversas com Deus** é que podemos, cada um de nós, empreender o nosso próprio diálogo com a Divindade, contactar a nossa sabedoria interior e descobrir a nossa verdade mais íntima. É aí que está a liberdade. É aí que está a oportunidade. É aí que se realiza o objetivo principal da vida.

Temos agora oportunidade, vocês e eu, de nos recriarmos de novo na versão mais grandiosa da visão mais sublime que alguma vez tivemos sobre Quem Nós Somos. Temos a oportunidade de mudar as nossas vidas e de mudar verdadeiramente o mundo.

Dizem-me que foi George Bernard Shaw que disse pela primeira vez, "Há quem veja o mundo como ele é e pergunte *Porquê?* E há quem veja o mundo como poderia ser e pergunte 'Por que não?'" Hoje, ao acabarmos - vocês e eu - esta caminhada em conjunto através da trilogia das CCD, convido-os a pegarem na vossa mais sublime visão de vós próprios e do mundo, e a perguntarem, Por que não?

Benditos sejam.

Neale Donald Walsch